A
HISTÓRIA DIVINA DE JESUS CRISTO
LUZ, VERDADE E VIDA

Esta é a Vontade Presente de Deus:
"Que todas as igrejas se unam em uma única"

CRISTO RAUL E &S

Ao vencedor, darei uma pedrinha branca, e nela estará escrito um nome novo, que ninguém conhece, a não ser aquele que o recebe. Eu o farei coluna no templo do meu Deus, e ele nunca mais sairá de lá; e nele escreverei o nome de Deus, o nome da cidade do meu Deus, a Nova Jerusalém, que desce do céu do meu Deus, e o meu novo nome.

Ap. 3,12

Esta é a Vontade Presente de Deus:

"Que todas as igrejas se unam em uma única e só"

PRÓLOGO

LIVRO PRIMEIRO. VIDA E TEMPOS DO SENHOR YAHVÉ, DEUS PAI

LIVRO SEGUNDO. O CORAÇÃO DE MARIA,

LIVRO TERCEIRO. A CRIAÇÃO DO UNIVERSO SEGUNDO O GÊNESIS

PRÓLOGO

Este livro teve seu início em um livrinho, “Luz, Verdade e Vida”, escrito na prisão militar de Ferrol do Caudillo, na Galícia, Espanha, no final de 1978, durante os dias da transição episcopal em Roma entre João Paulo I e João Paulo II. Aquele que me abriu a porta de sua onisciência sabia que, da ignorância ao conhecimento de todas as coisas, aquele livrinho teria de percorrer um caminho, estreito e longo, até adquirir a forma que hoje possui; caminho que ninguém mais senão seu autor teria de trilhar. Seu Autor, eu, Cristo Raúl, abandonei o Quartel da Marinha com aquele “livrinho”, escrito à mão, que me seria dado para comer, e que eu comi. Aquele “livrinho” que teve um sabor mais doce para minha alma do que todas as riquezas deste mundo, com o passar do tempo viria a ter um sabor mais amargo do que o veneno mais ácido. Mas a Criatura que vive do Amor daquele que a gera só conhece seu destino quando os ventos e as tempestades se intensificam, a terra range, as águas se levantam e chove forte sobre um edifício que, apesar de sua fragilidade externa, foi fundado sobre a Rocha.

Este Livro, de fato, contém o Conhecimento de todas as coisas: as do Céu, as dos Céus e as da Terra. O Rei e Senhor do Universo é quem dá e, vendo que Sua Obra é boa, é Ele quem envia Seu filho.

Passado, Presente e Futuro: eis as linhas ao longo das quais o espírito da Inteligência, à Imagem e Semelhança da Inteligência Divina, move o Autor por meio dos livros que compõem esta obra. Os fatos ocorreram da seguinte maneira:

Em um daqueles dias, durante a última encruzilhada entre milênios, um jovem de 20 anos invocou o Filho de Deus. Subiu a uma montanha, deixou o mundo e todos os seus valores para trás e se colocou diante de Deus com um mar de perguntas queimando seu ser. Naquele dia, Raúl deu o salto para o outro lado da Dúvida. Além da Dúvida, ele se colocou diante de seu Criador.

Para Raúl, o tempo da Dúvida havia passado. Deus existe com a mesma certeza com que existem o Sol e as estrelas. Assim, jogando no chão o fardo da opinião dos especialistas, ele subiu àquela montanha e libertou seu pensamento.

E digo que foram muitas as horas em que aquele jovem ergueu a voz ao Céu. O firmamento, o sol, a terra, o mar foram testemunhas de suas palavras. Só eles sabem com que palavras ele invocou seu Criador.

Por fim, ele caiu no chão, sem forças. No alto daquela montanha, Raúl permaneceu como se estivesse morto por algum tempo.

Quando se levantou, Raúl voltou para casa e esperou que se cumprisse o que está escrito: “A quem clama, será aberto”. E assim foi. O Filho de Deus o ouviu e lhe abriu. Então se cumpriu em seu ser o que está escrito: “A quem crer, das suas entranhas jorrará uma fonte de águas vivas”.

Depois disso, Raúl seguiu seu caminho e, caminhando, conheceu uma pessoa muito especial. Chamavam-no de “Profe”. Quando jovem, o Profe partiu para as Américas. Após décadas, voltou à pátria cheio de glórias, títulos honoris causa e tudo mais, fruto do que havia

semeado nas universidades latino-americanas. Já em sua cidade natal, o Profe não demorou a descobrir que, para servir a Deus, não é preciso ir tão longe; basta virar a esquina, olhar ao redor e ver ovelhas perdidas por todos os cantos. Comovido com o destino daquela juventude — Deus sabe por quem condenada a morrer sob os efeitos do veneno das quatro letras amaldiçoadas: AIDS —, o Prof abriu uma mansão no centro de sua cidade natal, Málaga, e colocou seus quartos à disposição dos jovens que, como cães sem dono, se espalhavam pelas ruas. Naquela Casa, o Prof e Raúl se conheceram.

Com o tempo, Raúl voltou a seguir seu próprio caminho. E o outono e o inverno daquele ano (1976) passaram. Na primavera seguinte, o Profe e Raúl se reencontraram em Madri. O fato de o Profe estar em Madri se devia a que lhe haviam diagnosticado uma doença no cérebro. Seus inimigos diziam que aquilo era um castigo de Deus, por ter esbanjado sua fortuna naqueles leprosos sem salvação. Certamente, a operação custava uma fortuna, que o Profe não tinha, pois, de fato, ele a havia gasto naquelas ovelhas perdidas, e agora o pobre andava mendigando ajuda. O homem vagava por Madri, de porta em porta. Quando voltou a encontrar Raúl, ele já havia perdido a conta. Os amigos dos velhos tempos de glória! O fato é que aquele homem também não se desesperava. O que ele realmente sentia era solidão.

“E você, Raúl? Não me diga, você não compareceu ao seu compromisso com o exército. E agora anda por aí à aventura, um dia aqui, no outro ali”.

Ele era incrível. Estava na casa dos cinquenta. De estatura mediana, rosto alegre, traços latinos. Conversa divertida. Sempre parecia sorridente, “na adversidade, boa cara”, dizia. Não fumava, não bebia. Não era casado. A grande paixão de sua vida, a única que ele já teve, era Cristo, e ele confessava isso como alguém que tem imenso orgulho de possuir o tesouro mais fabuloso do mundo.

As semanas seguintes se dissolveram no rio do tempo. O professor seguiu sua via crucis, de porta em porta. Enquanto isso, o mal continuava crescendo em seu cérebro. E ele carregava sua cruz nas costas, sem outro consolo além daquele que conseguia encontrar na companhia de um rapaz. Raúl ficou impressionado com a tragédia e a grandeza daquele homem. Muitas foram as histórias que o impressionaram ao longo de sua curta existência; nenhuma teve um efeito tão decisivo em sua vida. E aconteceu o que tinha que acontecer. Numa noite daquele verão, depois de tanto percorrer as avenidas de Madri, Raúl voltou para o quarto que dividia com o Profe. No firmamento, a Lua Cheia exibia sua graça; o véu de sua luz fez com que ele fechasse os olhos. Pouco depois, uns gemidos o acordaram. Achando que vinham do Profe perdido em seus sonhos, Raúl continuou dormindo. Por fim, abriu os olhos e viu o Profe sentado na beirada da cama, com o olhar perdido no infinito. Um fio de sangue escorria por seu queixo. O Professor falava sozinho. Raúl deixou o homem falar. Meu Deus, a dor que estava matando o Professor não era sua doença, nem o fato de descobrir que seus amigos se desentenderam de seu problema. A maior dor que sua alma sentia era não saber por que Deus o havia abandonado.

“É esse o preço de uma vida de serviço, Senhor? É essa a minha recompensa?”, lamentava-se, em sua ignorância, aquele doutor em teologia com mais conhecimentos do que Santo Agostinho e São Tomás juntos.

Chegou o verão de 77, e Raúl mudou-se para Ibiza. Nem tudo neste mundo precisa ser trabalho, aventuras, erros e acertos. Quando Deus criou os Céus e a Terra, Ele aplainou montanhas e traçou prados verdes às margens de belos rios, para que o ser humano se desnudasse e se dedicasse a praticar o esporte de viver a vida. Naquela época, Raúl costumava ficar nas falésias do outro lado das muralhas do castelo, olhando para o mar. Foi então que, no campo de suas reflexões e meditações, o Filho de Deus semeou em seu coração um desejo maravilhoso: desfrutar de inteligência sem limites para conhecer todas as coisas. E, como uma

semente em solo fértil que se torna árvore, aquele desejo deu fruto em sua alma. Assim, num desses dias, Raúl levantou-se, abriu os braços para o Céu e pediu ao Filho de Deus o que mais desejava ter neste mundo:

"O Espírito de Yavé: Espírito de Inteligência sem limites para conhecer todas as coisas".

Sua fé e sua confiança, fundamentadas na Palavra e na Glória do Filho de Deus, sem que Raúl tivesse a menor dúvida de que foi Ele quem semeou para colher Nele, conforme está escrito: "Quem é aquele que primeiro dá para depois ter que reclamar com Deus?", Raúl seguiu meu caminho na esperança de receber uma resposta. E assim foi. E assim foi; pouco depois, o Filho de Deus lhe revelou sua resposta: "Você saberá tudo, você conhecerá todas as coisas", disse-lhe Ele. Isso aconteceu no coração da Europa, na nação chamada Bélgica.

Ele havia batido e a porta se abriu para ele; havia pedido e lhe foi dado. Com a confiança depositada na veracidade do Filho de Deus, Raúl continuou seu caminho. Então, levantou-se um vento muito forte. A serviço de seu Criador, toda a criação agarrou o jovem pelos cabelos, levantou-o e, quando ele abriu os olhos, viu-se debaixo da terra. No dia seguinte, ele se viu na casa dos pais, com sua velha Bíblia nas mãos e uma pergunta na mente: como Deus criou a Luz, o Firmamento, em uma palavra: o Universo?

Durante as semanas seguintes, Raúl tentou decifrar o Hieróglifo de Moisés. Tudo em vão. Por mais que ele analisasse o Texto, não encontrava a Chave que lhe permitisse abrir o Selo da Porta do Gênesis. Mas um dia, voltando de Málaga, a Bela, enquanto admirava aquele firmamento outonal pelas janelas do ônibus, Raúl viu em suas mãos a Chave da Luz.

Ele desceu do ônibus correndo e abriu a porta de casa. Sua mãe olhou para ele com expectativa.

"Vou ser escritor, mamãe", disse-lhe o filho sem pensar duas vezes.

"Lembre-se dos seus irmãos quando ficar famoso", respondeu ela.

Aquela mulher não sabia ler nem escrever. Que mulher! Quão grande é o mistério da maternidade humana! Os sábios quebram a cabeça buscando a fórmula para a produção em massa de Einsteins, Newtons e outros, e aí vem a Natureza e ri da Ciência, fazendo com que uma analfabeta crie a pedra filosofal. Assim, superanimado com o que seu Deus acabara de lhe dar, Raúl pegou papel e lápis e começou a balbuciar as primeiras palavras de inteligência sem medida que preenchem este livro.

Criação do Universo

O Texto diz:

No princípio, Deus criou os céus e a Terra. A Terra estava confusa e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, mas o Espírito de Deus pairava sobre a superfície das águas. Deus disse: "Haja luz".

O que aconteceu imediatamente foi o seguinte:

1º: Multiplicação controlada da densidade por unidade cúbica astrofísica do campo gravitacional terrestre. A origem dessa multiplicação controlada é a natureza do Ser Divino.

2º: Aceleração vertical das rotações operacionais do transformador geonuclear da Terra. Daí derivou-se a aceleração rotacional do Globo em torno de seu eixo e a implosão astrofísica do Núcleo, na origem do calor do Planeta.

3º: Elevação termodinâmica global do corpo geofísico, que, a partir do Manto, se estendeu até a superfície e produziu a fusão da crosta primária.

4º: Liquefação da Crosta Primária sob os efeitos da fusão do Globo externo e formação da Atmosfera Primitiva.

5º: Uma vez concluída a transformação do combustível gravitacional em calor, a Terra voltou às mãos da Natureza, ajustando-se às novas mudanças de acordo com a lei da inércia:

A. Desaceleração das rotações operacionais do transformador geonuclear.

B. Queda da velocidade de rotação do planeta.

6º: O declínio contínuo da temperatura geofísica até seu antigo estado inicial — que nunca mais seria alcançado — provocou a solidificação da Crosta Secundária e a formação do anel litosférico. O resfriamento de fora para dentro do Globo transformou o anel litosférico em uma barreira que impedia a transferência de calor do Núcleo para a Atmosfera. Assim, termicamente isolada do Núcleo, a temperatura da Atmosfera despencou à velocidade vertiginosa imposta pelo isolamento. Seu volume congelou. O resultado foi a sublimação da atmosfera e sua transformação no manto de gelo que cobriu a esfericidade do planeta, do polo norte ao polo sul, durante a tarde do primeiro dia. Esse manto de gelo é a Luz no Verbo do Primeiro Dia.

Aos 21 anos, Raúl não conseguia conter sua admiração pelo Criador do Hieróglifo do Gênesis, cujo Selo permaneceu impenetrável diante de todos os gênios de todos os tempos. Sua Onisciência e sua Sabedoria Salvadora o deixavam maravilhado. E, enfim, nesse estado de excitação intelectual sem medida, Raúl se encontrava quando foi convocado para cumprir suas obrigações militares.

Em novembro daquele mesmo ano, ele ingressou na Marinha. Durante o inverno, a primavera e o verão seguintes, o Filho de Deus lhe mostrou tudo o que dizia respeito ao Direito Divino, à Justiça da Salvação e aos fundamentos da Redenção. Em suma, o alimento sobre o qual Ele havia dito: “Eu tenho um alimento que vocês não conhecem”.

Pois bem, o verão passou e chegou o outono. Um dia daquele outono, ele foi levado para a prisão militar para cumprir uma pena de dois meses e um dia, como punição por seu período como fugitivo. Enquanto estava na cela, o Filho o apresentou ao Pai.

A ESPERANÇA DE SALVAÇÃO UNIVERSAL DA HUMANIDADE

A razão que levou Deus a escolher Seu Filho para o “Dia de Yahweh” reside na necessidade do Criador tanto de virar a página das guerras do passado quanto de erguer um muro indestrutível, contra cuja solidez se fará em pedaços a repetição de uma queda no abismo da guerra.

O amor de Deus por Sua criação foi o calcanhar de Aquiles no qual a morte cravou suas presas, injetando no corpo de um filho de Deus o veneno da inveja contra o Rei dos Céus. Nessa loucura suicida e assassina, um filho de Deus, chamado Satanás, concebeu a absoluta insensatez de acreditar que poderia tentar o próprio Rei dos reis com o fruto proibido da ciência do Bem e do Mal.

Deus acreditava que a dúvida sobre a Divindade de seu Primogênito havia sido dissipada assim que o poder de sua Palavra foi revelado. Todos os filhos de Deus, criados antes da Criação de nossos Céus e de nossa Terra, foram convidados a regozijar-se no Ato da Criação d , nosso Universo, primeiro como espectadores privilegiados, vendo com seus próprios olhos e ouvindo com seus próprios ouvidos a Natureza Todo-Poderosa e Onisciente do Unigênito, diante do som da cuja Voz as estrelas dos céus se apressam a ocupar seu lugar na Árvore das Constelações, e, finalmente, como participantes no projeto da Formação do Homem à imagem e semelhança dos filhos de Deus.

O evento da Queda do Homem nos revela a natureza do objetivo da inveja do Judas dos Céus; Satanás queria sentar-se no Trono do Rei dos reis dos Céus.

Deus sabia que a traição estava à espreita; por isso, estabeleceu a Lei contra ela: o preço da Transgressão seria o Exílio Eterno. Satanás havia arrastado, em duas ocasiões, a Casa de Deus para o campo de batalha. Deus considerou oportuno ter misericórdia e culpar a si mesmo. No entanto, precisava pôr fim ao amor de Satanás pelo Poder. Não pode haver outra medida definitiva: declarar guerra a um filho de Deus é declarar guerra a Deus, seu Pai.

Mas a Morte não se rendeu. E foi declarada a Terceira Guerra Universal. Uma guerra até a morte, que seria travada na Terra.

A Lei é muito clara: “Pela mão de um homem, exigirei o sangue derramado”. Portanto: “Pela mão de um filho de Deus, Deus exigirá o sangue de um de seus filhos”.

Tudo aconteceu exatamente como a Morte quis. Alguém imaginava que o filho de Eva sairia com vida de um duelo à morte contra seu campeão?

Os Rebeldes procuraram legitimar sua concepção do Reino de Deus como um Olimpo de deuses, livres para brincar de guerra a qualquer momento; todos e cada um deles deuses, dotados de impunidade absoluta para governar o Império com total liberdade.

Os termos da Lei são para toda a eternidade: “NÃO comas, pois morrerás”.

“A Palavra de Deus é Deus”. Deus não pode negar a si mesmo.

Ontem como hoje, a escolha está diante dos olhos de todos os cidadãos do Seu Reino: viver em uma civilização fundamentada na Verdade, na Paz e na Justiça, ou viver em um inferno gerado pelo Ódio, pela Corrupção e pela Guerra.

A decisão foi tomada pelos filhos rebeldes de Deus antes de utilizarem a Mentira com a qual o Primeiro Rei da Terra foi traído e dado como morto.

A resposta de Deus foi definitiva. Não há Império; não há Federação de Príncipes governando a plenitude das nações pela Lei da Corrupção.

O Império estava morto; seu Rei dos reis e Senhor dos senhores tinha que morrer com ele.

SIM: para renascer como Rei Universal Eterno, Único Pontífice Universal, Cabeça Divina da Igreja Católica, Sua Esposa, Juiz Todo-Poderoso cuja Palavra é Deus.

O Espírito Santo, contra quem a Morte lançou seu veneno, revelou-se em carne e osso para que todos os povos, do Céu e da Terra, pudéssemos ver sua Personalidade e compreender por que Deus não pode tolerar em sua Criação a existência da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal; seu fruto: a Mentira, a Corrupção, a Guerra, é abominável a Deus Criador, Pai de Jesus Cristo.

Em Jesus, a Lei se consumou. Por meio de um filho de Deus, o sangue de outro filho de Deus foi redimido. Por meio de um filho de mulher, o sangue de todos os homens ganhou vida.

Visto que todos e cada um dos filhos de Deus foram criados do barro, dentre eles havia apenas UM que pudesse cumprir a Lei: “JESUS CRISTO, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, não criado, gerado no Ser incriado do Senhor YAVÉ, Deus Pai”.

Acaso Deus não predisse sua glória: “Farei um milagre no qual não acreditareis até que o vejais: uma Virgem dará à luz o Salvador, em cuja palavra residirá a salvação do mundo”.

“Eu o glorifiquei e o glorificarei novamente”. Juiz universal: “Tu julgarás a humanidade com o Poder de Deus para curar todas as almas”.

Meu Deus, minha alma transborda do meu corpo, meu coração não consegue suportar o som do batimento da minha adoração pela tua Salvação! Tu deste à humanidade como Juiz Aquele cujo coração não consegue dizer “não” àqueles que o amam.

Meu Senhor, minha alma não encontra palavras para glorificar o Teu Coração! Na Tua palavra está a Absolvição Universal de um mundo lançado a uma guerra que nunca buscou; no Teu Poder está a Regeneração de todas as almas. Que a Tua Glória brilhe sobre os vivos e os mortos.

De fato, um homem pecou, e seu pecado, sujeito ao efeito dominó, se espalhou por toda a superfície da Terra. Assim, ao elevar Seu Filho ao Trono do Juízo Universal, Ele o glorificou novamente, concedendo-lhe todos os poderes do Presidente da Suprema Corte de Seu Reino, entre os quais está a Absolvição Universal da Humanidade com base no Direito à Redenção por Ele mesmo conquistado. Pois, ao nos oferecer a Justiça da Fé, todos os povos nascidos antes de Cristo ficaram privados de Sua Graça; e, no entanto, fomos todas as nações as que fomos entregues à Morte pelo pecado de um único homem. Assim, tendo vivido sob a mesma ignorância que nos tornou a todos merecedores da Graça, em razão da Necessidade da Morte de Cristo, nossos pais ficaram privados da Salvação. Mas Deus, em sua maravilhosa Justiça, ao elevar seu Filho à Presidência da Suprema Corte de Justiça de seu Reino, concedeu-lhe o Poder infinito de Deus para proferir sentença segundo o espírito e a verdade. Ele pode ajustar seu veredicto final à profecia com base em nossa maldade, ou à paz que Ele oferece como recompensa à nossa fé por acreditarmos que Ele pode restaurar todas as almas à sua condição natural de bondade. Nossa bondade está em acreditar que o ser humano jamais se teria afastado de seu Criador se a traição da Serpente não tivesse se interposto entre Deus e o Homem. Nossa vitória: escrever nas páginas da História Universal aquilo em que acreditamos, com nossos atos dando corpo à argumentação da Defesa.

A UNIFICAÇÃO DAS IGREJAS

Naquela época, faleceu um Bispo de Roma. Outro o sucedeu. Trinta e três dias depois, seu sucessor faleceu. Ao falecido, sucedeu-se João Paulo II.

Naqueles mesmos dias, o Filho de Deus me revelou a Vontade Presente de seu Pai:

“Esta é a Vontade presente de Deus — disse-me Ele —: que todas as igrejas se unifiquem em uma única e só”.

Imediatamente, o Filho de Deus me instruiu sobre a natureza do espírito participativo do Verbo, no qual todos os filhos de Deus encontram seu crescimento. Pois, ao caber a Deus a ação e ao abrir a Participação a seus filhos, Ele dota suas criaturas de todos os meios

necessários para sua realização. Daí que a Obediência seja o princípio do crescimento sobrenatural de seu Reino.

Assim, eis a Justiça do Senhor:

A Santa Madre Igreja Católica proferirá a Sentença de Excomunhão contra todas as igrejas que, enganadas por Satanás, o Semeador Maligno, o "deus oculto" da Reforma, se separaram do Tronco da Árvore das igrejas, a fim de que retornem à Casa do Senhor e recebam o Batismo da Vida Eterna. Aquelas que seguirem o caminho das "virgens insensatas", quando chegar a hora, o Senhor fechará a Porta, e elas serão entregues às trevas.

Não há Batismo Redentor fora do Batismo de Cristo administrado pela Esposa do Senhor Jesus; o excomungado não pertence nem pode se unir à Cidadania do Reino de Deus sem receber o Batismo Apostólico administrado pela Esposa do Salvador. Fora da Comunhão Católica, não há cristianismo, pois o cristão não vive do Conhecimento; ou será que Satanás não sabe que Jesus é o Filho de Deus? O cristão vive da Fé.

JESUS CRISTO,

Cabeça UNIVERSAL da Igreja

Todos os bispos das igrejas da Plenitude das nações católicas, sem exceção, se reunirão em suas nações para a Adoração do Filho de Deus como Cabeça Universal das igrejas, declarando Jesus Cristo "Sumo Pontífice Divino", que com seu Todo-Poder e Sabedoria sustenta sua Casa e seu Reino.

Cada igreja de cada nação se reunirá em congregação para realizar a Adoração do Filho de Deus em união com o Chefe dos Bispos do Senhor Jesus na Terra; uma Congregação Nacional, porta-voz do Episcopado Nacional, permanecerá em Roma até a consumação do Concílio de Adoração do Senhor Jesus pela Plenitude das Nações Cristãs.

A Congregação Universal dos Bispos da Plenitude das Nações declarará Jesus Cristo, Deus Filho Unigênito: "Rei Universal Eterno da Humanidade". A igreja que se recusar à Adoração Universal do Rei será cortada da Árvore da Vida.

Todos os sacerdotes e bispos das nações católicas se reunirão nas capitais de suas províncias, juntamente com seus fiéis, para a Adoração do Filho de Deus no Dia da Proclamação do Rei Jesus Cristo pela Plenitude das Nações.

Os bispos e pastores das igrejas que não atenderem ao Chamado do Senhor serão riscados do Livro da Vida; eles não são igreja, e o povo que os segue fica exposto ao Julgamento de Deus.

Na Adoração que decorre da Obediência à Vontade de Deus, todo anátema e sentença contra a declaração de separação das igrejas será revogado pela Unidade restabelecida em Jesus Cristo. A Congregação Permanente, em união com seu Chefe Supremo, Jesus Cristo, permanecerá em Roma até que a Unidade Universal se consuma

JESUS CRISTO,

Rei Universal Eterno

A Congregação Permanente Universal dos Bispos da Plenitude das Nações, seguindo a Proclamação que ocorreu no Céu: Jesus Cristo, "Rei Universal Eterno", proclamará a Coroação de Jesus Cristo sobre todas as Nações do Reino de Deus na Terra, convocando as casas monárquicas que, secularmente, exercem poder real sobre as nações cristãs, a depositar aos pés do Senhor suas coroas e cetros; ficando, por meio da obediência, absolvidos do crime de rebelião contra a Coroa do Rei Universal que pesa sobre suas casas, passando livremente para a vida privada cristã como cidadãos do Reino de Deus.

A Proclamação, assim como a Adoração, será realizada pelos povos em sua plenitude, nas capitais provinciais das nações cristãs, liderados por seus bispos, padres e pastores, proclamando em voz alta o povo sua condição de cidadão do Reino de Deus, sujeito à obediência ao Rei Eterno, Jesus Cristo.

As casas monárquicas que exercem a coroa sobre as nações cristãs e que se recusarem a depositar seus diademas e cetros aos pés do Trono de Deus serão declaradas em rebelião contra o Reino de Deus; seus membros serão declarados fora da Igreja e sua entrada na Propriedade do Senhor será proibida para todos os efeitos.

Os governos cristãos declararão abolidas as monarquias; se os governos das nações cristãs se levantarem em rebelião contra o Rei, os exércitos do povo cristão se levantarão para depor os rebeldes e depositarão aos pés do Senhor a coroa e o cetro, proclamando a adesão eterna da nação ao Reino de Deus, apagando de suas bandeiras os emblemas rebeldes e inscrevendo o Sinal da Vitória, a Cruz da Ressurreição.

A Plenitude das Nações Cristãs realizará uma Proclamação Universal no dia designado, para que sua voz ressoe em uníssono por toda a Terra e seja ouvida no Céu, a fim de que o Juiz Universal tenha misericórdia das nações da Terra no Dia do Juízo Final.

Ao encerramento do Concílio Universal, com a Unidade Cristã restabelecida, em dia designado pela Congregação dos Bispos, a Plenitude das Nações Cristãs se reunirá em torno de seus Bispos, em suas cidades, para proclamar em voz alta a Glória de seu Rei e Senhor, Jesus Cristo.

Ao término de sua visita, o Filho de Deus me disse: "EU SOU A RESPOSTA".

De fato: "E Deus criou o homem à sua imagem e semelhança"

O VENCEDOR

Aconteceu então que, à medida que o Natal de 1978 se aproximava, uma pergunta foi ganhando espaço em meu espírito; e, à medida que ocupava cada vez mais espaço em meus dias, também tomava conta de minhas noites, a ponto de eu nem ousar fechar os olhos.

A questão que se instalara em meu ser tinha sua raiz na Esperança da Salvação Universal que Deus e seu Filho me haviam mostrado. O que eu estava disposto a dar por essa Absolvição Universal?

Minha alma!! Foi a minha resposta.

"Atravesse essa porta", pediu-me o Filho de Deus.

E eu atravessei a porta da Deserção.

Parei em Madri, com aquele livrinho, “Luz, Verdade e Vida”, escrito à mão durante aqueles dois meses e um dia na prisão.

De Madri, segui para Saragoça. Naquele Natal, eu costumava sentar-me para meditar na Praça do Pilar.

Naqueles dias de profunda meditação existencial, minha alegria tornou-se infinita quando Deus me deu uma “pedrinha com um nome escrito que somente quem a recebe conhece”. Eu li: “Cristo Raúl De Yavé e Sião”.

A REVOLUÇÃO MUNDIAL DA ESTRELA DA MANHÃ

Assim, passando de Saragoça para Paris e de Paris para Madri, nos anos de 79 e 80; Cristo Raúl se preparava para voltar a Paris quando “seu Pai que está nos céus” o deteve. Uma filha de Deus, chamada Ana, havia sido atacada pela Morte; a Morte já se preparava para levá-la, tirando-lhe a Resposta que ela trazia consigo para Cristo Raúl, a saber, Deus concedeu sua bênção à Revolução Onisciente Mundial, que, tocando todos os ramos da árvore do conhecimento, fará com que a Sociedade da Plenitude das Nações salte de um modelo fundado na Antiguidade e retomado pela Modernidade para uma Sociedade fundada sobre os Princípios Eternos e Inabaláveis sobre os quais Deus ergueu seu Reino.

Cristo Raúl estendeu a mão a Ana, libertou-a do abraço da Morte e, assim como a pomba atingida pela flecha de um inimigo, ferida de morte, mas não letalmente, uma vez curada de seu ferimento, abre suas asas e retorna ao céu em liberdade, assim Ana seguiu seu caminho até a Hora em que a Vontade de Deus enchesse a Terra e, convocando seus filhos para a Batalha Final, voltasse a reuni-los. Eis, então, algumas das coisas que devem acontecer nos anos que se seguem.

Unificação de todas as igrejas cristãs em torno do Tronco Católico;

Dissolução da Federação Russa e conversão de Moscou;

Queda de Bruxelas e Berlim;

Extinção das religiões: islamismo e hinduísmo;

Independência do Tibete e desmembramento da China e da Índia em muitos Estados com suas nações;

Extinção do ateísmo científico e revolução nas ciências médicas e nas ciências da energia;

Queda do Corpo de Segurança da ONU e criação da Árvore da Plenitude das Nações, com jurisdição universal contra a guerra e as ditaduras;

Abolição de todas as coroas, europeias, africanas e asiáticas;

Criação da Comunidade dos Estados Latino-Americanos e divisão do Brasil em diferentes estados com suas nações;

Criação de um Corpo Judicial-Policial Mundial de Combate ao Crime e às Organizações Criminosas Internacionais;

Revolução Agrícola Mundial: Extinção das plantas de tabaco, cocaína e maconha; controle das plantas de café, videira e papoula;

Reflorestamento do planeta;

Fim do comunismo, em todas as suas formas, políticas e ideológicas;

Aderência do Estado de Israel à Aliança Militar da Plenitude das Nações Cristãs;

Aderência dos Estados Unidos da América ao Tribunal Penal Internacional;

Abandono das fontes de energia destrutivas do planeta: petróleo, carvão e gás;

Evolução dos Estados para administrações sujeitas ao dever de cumprimento dos direitos da família;

Evolução do dinheiro metálico e em papel para o dinheiro digital e a submissão de sua circulação ao Poder Judiciário;

Acesso livre de todos os homens ao ensino superior e aos meios de desenvolvimento de suas capacidades criativas;

Criação de três comunidades africanas internacionais: África Branca ou do Sul; África Negra ou Central e África Mediterrânea: livres dos monopólios e das oligarquias europeias, asiáticas e americanas.

A HISTÓRIA DIVINA

Depois de me isolar entre livros durante os três anos seguintes, Deus me deu uma esposa. Eu, Cristo Raúl, peguei minha esposa e meu filho e me mudei para Creta, onde, por volta de 1986, movido pelo Espírito, joguei minha velha Bíblia no fogo. Surgindo daquele fogo, o Filho de Deus me mostrou a História da Não-Criação, do Infinito, da Eternidade e do Deus que, desde o Princípio sem princípio da Não-Criação, foi a Causa Metafísica do Cosmos e, posteriormente, tendo sido formado pela Sabedoria, conforme está escrito: “Eu sou Deus, só eu fui formado, e depois de mim não haverá outro”, tornou-se a Causa Física do Novo Cosmos: sua Criação.

“Escreva tudo o que lhe for mostrado”, disse-me meu Deus. Eu, Cristo Raúl, assim o fiz.

PRIMEIRO LIVRO

VIDA E TEMPOS DO SENHOR YAVÉ, DEUS PAI

Eu sou o Princípio e o Fim

CAPÍTULO I

HISTÓRIA DA NÃO-CRIAÇÃO. INFÂNCIA DE DEUS

I

A Eternidade, o Infinito e Deus nasceram juntos. Não houve um Antes e um Depois. Nem os três membros da Trilogia Não Criada nasceram da maneira como os seres humanos entendem o ato de nascer.

O Infinito tem pai? Que mãe daremos à Eternidade? Que data de nascimento colocaremos na certidão de nascimento de Deus? Que idade atribuiremos a um Ser que é uma só coisa com o Espaço, o Tempo e a Matéria? Como falaremos da idade do universo sem referi-la a um fragmento da linha da existência de Deus no Infinito e na Eternidade? E qual será a altura da montanha de acontecimentos criada por um Ser que vive desde a eternidade?

Um cosmos sem origem, indestrutível por natureza, inteligente por vocação, aventureiro nato, amante incorrigível da Vida e de seus mundos, cuja vida é uma aventura perpétua pelos mares desconhecidos das galáxias. Com que palavras poderíamos desenhar na tela de nosso entendimento a imagem desse Ser Divino em constante navegação pelo oceano das galáxias?

Que fronteiras daremos ao seu universo? Que propriedades ao seu espaço-tempo? Quantas páginas abrangeriam as crônicas de suas aventuras?

Lá vai Ele. As estrelas se afastam ao som de sua voz; as constelações, ao vê-lo passar, o saudam. O leão de Mercúrio corre pela planície entre campos de planetas de todas as cores atípicas, singulares, esguios, sutis; seu Grande Espírito o alcança e grita: “Voe, criatura, siga-me até os confins do universo”. Uma galáxia como um lago de luz caramelo, com o amanhecer de Júpiter em seu núcleo, encerra em suas águas golfinhos com óculos infravermelhos saltando de sistema sideral em sistema sideral; de repente, eles avistam o Grande Espírito, Ele, Deus, aproximando-se correndo ao lado do leão de Mercúrio, e lançam-se em sua perseguição pelos espaços onde habita o Orto.

Com que olhos Deus verá as cores de um campo de energia que, com seus braços, abrange dez mil constelações? Com que cabelos soltos ao vento das galáxias Ele sentirá a brisa que percorre os espaços infinitos? Com que mãos e pés o Grande Espírito escala os cumes luminosos dos universos invisíveis, paralelos, perdidos, poentes, fugitivos? Como o tempo que leva para alcançar a planície do outro lado dos aglomerados estelares mais remotos afetará Deus? Em quais direções estelares seu coração espalhará suas alegrias quando se encontrar do outro lado das margens de um cinturão de galáxias? Como seu coração reage ao sentir o nascimento da vida nas profundezas do mar das constelações submersas?

A pérola da vida em sua ostra sideral. Um mundo, outro mundo, uma nova civilização com suas singularidades típicas, com suas particularidades próprias, outro desafio do barro primordial ao fogo criador e destruidor de todas as coisas. Ele, Deus, avança pelas ondas dos mares cósmicos descobrindo novos mundos; de aglomerado estelar em aglomerado estelar, leva a alegria do aventureiro imortal a costas desconhecidas. Abre as asas de seu Grande Espírito e lança-se a velocidade infinita pelas planícies cósmicas; sente o impulso do vento que percorre os espaços sutis e ora brinca com a luz, fazendo dela seu cavaleiro e ele seu corcel brilhante; ora a transforma em um raio que recolhe em sua aljava, de onde as flechas luminosas

são disparadas para o céu nevado, cravam-se no coração de uma estrela nova e a transformam em supernova. Ele tem a Eternidade à sua frente; ao seu redor se estende o Infinito. Aquele era Seu mundo, Seu universo, Seu paraíso original. Não teve princípio, não teria fim. Para onde quer que Seu Espírito se voltasse, as estrelas e seus mares luminosos estendiam suas margens.

Quantos sistemas estelares podem ser percorridos em uma eternidade? Quantas páginas calcularemos para o livro de Sua vida? Quantos galhos contaremos na árvore de Sua experiência? Quantos mundos, quantas raças, quantas civilizações Deus conheceu antes de revolucionar a estrutura de Seu mundo e converter a realidade cósmica em Sua própria Criação? Qual é o volume de Sua memória? Quantas lembranças Sua mente armazenou antes de provocar, naquele Seu universo não criado, a transformação final da qual nós somos o fruto?

II

De fato, a Não-Criação foi a Infância de Deus. Tudo o que Ele, Deus, conhecia e havia sido, sempre esteve ali. As formas mudavam, mas Deus, Ele, não se lembrava de que antes tivesse havido outra coisa. E não se lembrava porque não havia havido. Ou seja, antes da Criação veio a Não-Criação, mas antes da Não-Criação não houve outra coisa. O Infinito, a Eternidade, Deus, eram os membros da Trilogia Cósmica. Tudo passava, tudo fluía: a vida e a morte dos mundos, o nascimento, o desaparecimento e o renascimento das galáxias. Sempre fora assim: as formas desapareciam, mas a essência permanecia. A Morte reduzia a pó tudo o que vivia, mas do pó cósmico a fênix da vida renascia sempre. As folhas caíam dos galhos da Árvore da Vida quando soprava o vento da Morte; os galhos ficavam nus, frágeis em sua nudez, mas, no fim, o fogo da vida renascia na seiva dos universos e se revestia novamente com frutos mais belos, esplêndidos e generosos. Meu Deus, como Ele amava Seu mundo! O Infinito e a Eternidade o tinham encantado com Sua Sabedoria. Eles eram para Ele pai e mãe; e Ele era para eles a razão pela qual tudo permanecia em constante movimento.

Como entrar, então, por onde entrar para passar e contemplar a memória daquele que era a razão, a causa, o sentido da existência de todas as coisas? E se tivéssemos que comparar cada universo com a célula de uma árvore, como calcular no papel o número da Árvore da Vida? Ou como adivinhar os nomes com os quais era conhecido aquele que permanecia para sempre enquanto todas as coisas passavam? E como sentir a experiência divina daquele que vagava de universo em universo, levando consigo a alegria da existência a todos os mundos por onde passava?

Para onde ir, para onde não ir? Que pergunta! Para onde o vento soprar, para onde a luz da aurora de um novo universo anuncie seu nascimento, para os confins do outro lado do Orto, onde a aventura espreita, onde nunca se esteve antes. Porque o mais belo está sempre por vir, porque o mais belo é sempre o que ainda não foi visto; vamos em frente, que os sóis celebrem a festa e dancem a dança das abelhas mágicas! Deus voa nas asas da águia das estrelas, aproxima-se montado no cavalo dos universos distantes, aproxima-se ao trote, desce às margens do rio da Vida, dá de beber ao seu corcel, olha para o horizonte e sorri porque, sobre os altos cumes dos aglomerados distantes, descobriu o brilho de uma estrela de neve. Nada O detém. Seu pulso nunca perde o controle. Ele não conhece o medo. Nem conhece outra coisa além da alegria da aventura. Não sabe o que é inveja, nem o mal. Nunca esteve em nenhuma guerra. Ele não precisava conhecer a verdade, porque não conhecia a mentira.

A verdade era Ele, Deus; a verdade era o Infinito, a verdade era a Eternidade. A verdade eram as cores do arco-íris brilhando sob um sol de verão impetuoso. A verdade era um campo florido na primavera. A verdade era um mundo nascente sob um sol de diamantes lapidados, três luas orbitando ao redor do planeta-mãe, um enxame de naves partindo para um passeio

pela galáxia e p a origem, e depois o silêncio das almas que retornam ao barro primordial da Vida. Como não se maravilhar, como não rir, como passar direto e recusar o convite da Vida para participar de sua aventura! Aquele que era incriado tornava-se personagem, deixava-se inscrever no registro da história sonhada e ali se deixava maravilhar pelo gênio criador da Sabedoria.

Assim Ele passou Sua Infância. Assim foi a infância de Deus.

III

Mas um dia despertou n'Ele, Deus, um desejo. Naquele dia, Deus teve um desejo. E esse desejo trazia em seu âmago a marca completa do coração em cujo peito Ele nasceu.

Vejamos: a Sabedoria era sua irmã; Ela movia todas as coisas por Ele, por Ele Ela convertia a energia em matéria e a lançava ao espaço, iluminando as distâncias com aqueles fogos de artifício na origem de novos universos; depois, semeava a semente da vida nos novos campos estelares e os universos se enchiam de criaturas. Ao fim dos tempos, a Vida cedia seu lugar às ondas da Morte. E todas as criaturas desapareciam do universo como castelos em uma praia varrida pela maré. Sim! Todas, sem exceção, desapareciam entre os dedos do tempo como água, como poeira do deserto. Tal era o destino de todas as criaturas durante a Não-Criação. Sempre fora assim. A Vida e a Morte faziam parte do sistema cosmológico não criado. Somente por Deus e para Deus o barro cósmico ganhava forma; a Sabedoria inspirava o sopro da vida no barro dos mundos, transformando-o em seres animados. Mas apenas por um tempo. Na hora certa, a Vida dava lugar à Morte, e suas ondas secavam aquele barro primordial do qual todas as criaturas haviam sido formadas. O pó voltava ao pó. Cinzas às cinzas. Somente Ele, Deus, era indestrutível. Então Ele, Deus, disse a Si mesmo:

Não seria maravilhoso que todas as criaturas de Seu universo nascessem para desfrutar da Imortalidade? Não seria incrível que, ao retornar de Suas viagens por aqueles mares remotos e desconhecidos, com o coração repleto de aventuras fabulosas, Ele voltasse a encontrar-se, como quem volta para casa, com Seus queridos amigos?

Sim, imortalidade para todas as criaturas do Universo! Esse foi Seu sonho. Tal foi Seu desejo. Um desejo belíssimo.

E Ele o teve com tanta intensidade que, com os olhos abertos, Deus já viu Seu universo transformado em um paraíso habitado por mundos incontáveis. Povos de galáxias e planetas distantes compartilhando, à mesa dessa Civilização das civilizações, o mesmo pão, as conquistas e os avanços de suas sociedades originais. Um universo cheio de vida e cor. Como enxames de passarinhos percorrendo as florestas a céu aberto, como multidões de criaturas cavalgando pelas planícies. E Ele correndo, voando com eles, abrindo-lhes horizontes, traçando-lhes novas rotas pelas estrelas. No sonho que Seu desejo Lhe inspirava, Deus já Se via mergulhando nas profundezas do oceano cósmico em busca de novas pérolas. E a Sabedoria, Sua irmã, Sua companheira de aventuras, deixando-Lhe pistas entre as estrelas, maravilhando-O com uma nova vitória sobre a capacidade divina de ser surpreendido. Ela tornaria Seu sonho realidade. A filha do Infinito e da Eternidade revestiria de imortalidade todos os seres vivos.

Esse foi o desejo que cresceu no coração de Deus. A questão é: esse sonho poderia se tornar realidade?

Bem, quanto a Ele, Ele não tinha nenhuma dúvida a esse respeito. Sua fé no poder da Sabedoria Criadora para superar o desafio que Lhe era apresentado — a criação da vida imortal —, Sua fé não conhecia a dúvida. De qualquer forma, a questão estava lá, e suas implicações

não eram menos vastas e profundas; afinal, que consequências provocaria no Sistema Cósmico Não Criado tal transformação de estado? Naturalmente, Deus estava além das implicações e de suas consequências. Sua fé na Sabedoria Criadora era tão cega que, em nenhum momento, Lhe ocorreu duvidar de Seu Poder para realizar tal transformação de estado. Ele colocou a mão na massa. Ora, por onde começar a tornar seu sonho realidade? Pela imortalidade da espécie como primeiro estágio rumo à imortalidade do indivíduo, por exemplo? Claro que sim. Perfeito!

IV

O que Deus viveu daquele momento em diante, o que Deus fez a partir daquele dia — será que podemos imaginar, compreender, recriar isso? Um Ser extraordinário ergue-se entre as estrelas; Seu propósito é unir todos os mundos que surgem e desaparecem no espaço e no tempo e criar uma Civilização das civilizações que superará todos os problemas que o desafio da Imortalidade lhes sugeria. Juntos, todos os mundos em um Todo Universal, essa Civilização das civilizações se abriria para o cosmos das galáxias que se estendem até o Infinito. Deus estaria à frente desse Império Cósmico. Ele guiaria os primeiros mundos ao encontro dos últimos, uniria todos eles, ensinaria-os a serem livres, a desfrutar das maravilhas do universo. E sempre haveria mais. A experiência que Deus tinha de Seu encontro com mundos de todos os tipos Ele colocou a serviço de Seu sonho. E, apaixonado por Seu sonho — a Imortalidade para todas as criaturas —, Ele colocou a mão na massa. Abriu rotas entre as estrelas e portas entre as constelações, descobriu novos mundos e estendeu sobre suas civilizações Seu Cetro, concedeu aos reinos que foram se formando Cartas Magnas. Ele direcionou suas evoluções tecnológicas para o encontro na terceira fase, integrou todos os reinos assim formados em um Império e uniu a Sua Pessoa a Coroa. Ele próprio integrou-se àquele Mundo de mundos como o Rei dos reis e Senhor dos senhores, em cuja Palavra todos os povos tinham sua garantia de crescimento e coexistência pacífica e livre. Sua Palavra era o Verbo, e o Verbo era Deus.

V

E assim foi. Com o tempo, aquele Império Universal cresceu e estendeu suas fronteiras até as estrelas mais remotas dos céus não criados.

Como retratar na tela de nossa imaginação as propriedades e a natureza daquela Civilização das civilizações que espalhou sua glória pelo mar das estrelas? Que biblioteca sobre as origens e a história do Império, no qual Deus havia transformado a Não-Criação, chegou a se formar com o tempo? De quantas histórias particulares compunha-se sua história universal? Qual foi o número das ciências que os sábios daquele Império dominaram, registraram e cultivaram?

A Sabedoria, invisível e bela, amorosa e alegre, de seu trono luminoso e transparente, estendia sua proteção e inteligência sobre todas as suas criaturas, e em todas as coisas sua alma maravilhosa se manifestava, movendo tudo com um único propósito: revelar a Deus as leis que regem o Universo. Este, Seu universo, encheu-se de mundos alegres e aventureiros com uma única preocupação na vida: desfrutar do tempo de existência que a cada indivíduo havia sido concedido. Pois, embora a vida fosse bela, magnífica, impressionante, e a vontade de viver nunca se esgotasse, o fato é que o tempo era limitado e a passagem das criaturas pelo mundo, efêmera. Como as nuvens da primavera que, sobre seu túmulo de maio, choram seus últimos dias diante do berço do verão; como o curso do rio que atravessa a terra de leste a oeste, mas se aproxima do oceano com sede insaciável; assim era a vida de todos os seres daquele Império que Deus havia erguido com Suas próprias mãos e tanto amava. A dor do último abraço, a

perda do amigo que desapareceu enquanto você estava viajando, a lágrima que você não enxugou daquele rouxinol que morreu com a tristeza de não ter expirado em seus braços, ó Senhor, o murmúrio terno de um príncipe a quem você amou com o sentimento de um irmão e que se desvaneceu nas brumas de sua inocência, presenteando-lhe beijos, bênçãos e amor pelos dias que lhe concedeste, por teres dado a ele a oportunidade de te conhecer, por teres feito da vida dele uma história digna de ser vivida, mesmo que o fôlego estivesse sujeito à lei do silêncio final. Ah, o estalo da rosa quando suas pétalas morrem entre os dedos da tempestade. O anúncio do fim da felicidade perfeita, escrito com sangue sobre um futuro indefeso contra a flecha que, certeira, busca seu peito. Ferra seu âmago, dilacera seu pensamento; a lança chega até o coração.

VI

Um dia, a Morte despertou de seu letargo e reivindicou para si a coroa e o cetro. Quero dizer, se te disserem que Aquele de quem se diz ser Deus não pode realizar Seu desejo, então o que você responde?

Se você for sábio ou simplesmente aspirar à sabedoria, responderá que aquele desejo divino — a imortalidade para todas as criaturas — implicava uma revolução estrutural cujas consequências atingiriam o próprio Deus. Se você for daqueles que sempre optam pelo caminho mais fácil e escolher a opção dos ignorantes, responderá que esse Ser não pode ser o verdadeiro Deus, pois para um Deus Verdadeiro nada é impossível.

Pois foi isso que aconteceu. Com o tempo, Deus superou a primeira fase de Seu Desejo e transformou Seu universo em um Império de Mundos com origens nas mais diversas estrelas dos sistemas solares mais remotos. Ele estava avançando em direção à última fase de Seu projeto — a imortalidade para o indivíduo — quando surgiu a dúvida. Quero dizer, os Mundos haviam alcançado a Imortalidade e contavam seus anos em milhões que nunca acabam, mas o indivíduo continuava sendo mortal. E foi aí que surgiu o problema. Enquanto o indivíduo nascia para morrer, e a Imortalidade não se encaixava na estrutura formal de sua lógica, a vida não sofria a Morte. Mas, ao tomar conhecimento de que existia a possibilidade da Imortalidade e ao descobrir que a origem dessa possibilidade estava no Rei dos reis e Senhor dos senhores daquele Império das estrelas, Ele, Deus, a ideia de viver imortalmente e ter que morrer irremediavelmente provocou, na estrutura mental de uma parte dos vivos, um choque violento.

“Pois se Ele é o Deus Verdadeiro, e a um Deus Verdadeiro nada se pode negar, pois para Ele tudo é possível, como é que, desejando a Imortalidade, nos vemos sujeitos à Morte?”, perguntaram-se os ignorantes, por serem ignorantes violentos.

Essa questão tão elementarmente lógica, tão racionalmente simples, foi o terreno fértil onde se desenvolveu a Dúvida. E a Dúvida levou à Negação da existência de Deus. E na essência dessa Negação incubou-se o vírus da Guerra.

Visto que o Rei dos reis e Senhor dos senhores do Império das estrelas não era Deus em toda a extensão teológica e existencial da palavra, certamente haveria alguma forma de destruí-lo. A única coisa a fazer era buscar a arma que o destruísse.

VII

Aquela Guerra Universal ocorreu antes da criação do nosso Cosmos. Aquela Guerra Apocalíptica teve sua origem na Dúvida, e a Dúvida conduziu a todos à Destruição. Foi uma guerra que dividiu todos os mundos e os colocou em confronto até a morte. A parte violenta, a parte que negava a existência de Deus e considerava morto o Rei dos reis assim que descobrisse

a arma definitiva, essa parte escolheu o destino dos ignorantes, amou a loucura de um m dos tolos e empreendeu uma evolução por caminhos tortuosos rumo à transformação do ser em uma nova espécie de criatura infernal, viciada no Poder, apaixonada pela Guerra, com sua vontade como lei, e sua lei além do bem e do mal. Eles descobriram a Ciência do bem e do mal e a levaram às suas últimas consequências. A parte escolhida pelos sábios, a Fé, o amor à Verdade, mesmo que não pudessem compreendê-la; essa parte amou a Deus e se recusou a aceitar o argumento do ateísmo materialista dos violentos. Eles concordavam que o argumento dos ignorantes abria uma brecha na Fé Universal quanto à origem do Império dos Mundos, pois certamente não se podia entender que a Morte não se ajoelhasse diante de Deus. E, no entanto, quem eram eles? Exatamente, quem eram eles para compreender como esse conflito entre a Vida e a Morte — que Deus havia provocado com Seu desejo — estava afetando a estrutura da Realidade Universal? É claro que não; os sábios, pacíficos por serem sábios, nunca aceitaram a validade do argumento que fundamentava o ateísmo científico dos violentos. O que se escondia por trás daquela negação irracional da Existência de Deus senão uma paixão incontrolável pelo Poder? Para onde os apóstolos do ateísmo queriam levá-los era para uma guerra universal, da qual, contra toda a sabedoria, esperavam sair vitoriosos para impor a todos um status quo demoníaco. E não se devia mais falar nisso. Essa era a verdade e, por mais que os Pais da Dúvida inventassem argumentos com toda a habilidade científica para distorcer as coisas, essa era a luz da verdade que brilhava no fundo de seus sistemas de pensamento. Que diferença havia entre a Dúvida e a Loucura? A ignorância para compreender a natureza do conflito cósmico que, em sua inocência, Deus havia provocado: os Pais da Dúvida, por meio do Método, revestiram-na de ciência; depois, fizeram da ciência uma nova religião, o Ateísmo Científico; e, por fim, declararam guerra à Fé. Esta, porque conhecia Deus e, embora em seu coração não pudesse compreender a natureza do conflito que Seu desejo havia provocado na Não-Criação, sabia que aquela guerra seria o princípio do fim de todas as coisas. Esse argumento dos sábios, pacíficos por serem sábios, não serviu de nada para os senhores da Guerra.

A Dúvida era a verdade,

a Dúvida estava neles,

eles eram a Verdade.

Com tal estrutura lógica, corrompendo a Lógica a ponto de distorcê-la e transformá-la em uma irracionalidade típica de bestas demoníacas, assim responderam os maus aos bons.

VIII

Quando Ele, Deus, descobriu o que estava acontecendo, Seus olhos ficaram paralisados nas órbitas. E ficaram congelados nas órbitas porque Ele não entendia nem conseguia compreender o que estava acontecendo.

Aquilo era a Guerra? Qual era sua origem e qual seu objetivo? O que buscavam os inimigos de seu Império, e que força misteriosa habitava em seus corações rebeldes e incorrigíveis?

O Poder. O exercício do Poder havia se transformado na loucura do Poder. O Poder enlouquecia quem o exercia. Ah, a loucura do Poder. Como era possível que uma criatura nascida para ser um sopro da matéria ousasse levantar a voz contra Deus? Seria essa loucura pelo Poder um dos efeitos da Ciência do bem e do mal?

IX

No início, foi como um incêndio que surge: você o apaga e acredita que o problema já está resolvido. Mas você se vira e vê outro incêndio crescendo e devorando alguma outra parte do seu mundo. Você corre, chega, apaga esse também e, mais uma vez, acredita que isso nunca mais vai acontecer, porque todo mundo vê que o fim a que conduz todo aquele que cai nas redes da Ciência do Bem e do Mal é retornar ao pó de onde foi tirado. Não há piedade, não há destino. Nenhuma lágrima é suficiente para apagar esse fogo.

A violência na oposição entre o Bem e o Mal cresce na mesma progressão geométrica que os incêndios que ela cria ao seu redor. Mal você apaga um, surge outro, duas vezes maior, mais adiante. Você apaga esses, e a progressão geométrica segue seu curso. Mais dois incêndios surgem mais adiante. Você corre até lá, apaga-os e surgem o dobro mais adiante, à distância. Quando você percebe, a própria progressão geométrica já o cercou e você se encontra em um Inferno. Suas chamas estão devorando tudo o que você construiu com suas próprias mãos. Você se opõe, resiste, declara a guerra final aos seus inimigos, porque você é o inimigo, o alvo que o Inferno busca. Os mundos são apenas peões em um jogo que te escapa, mas que é tão real quanto a destruição em massa dos mundos que um dia foram o orgulho dos teus olhos. Em que se transformaram esses mundos? Em pó vagando como nebulosas sem rumo, que carregam em suas entranhas tudo o que restou daquilo que um dia amaste.

Foi assim. Aquele Império dos Mundos, que teve o Deus do Infinito e da Eternidade como Fundador e Rei dos reis, pereceu na guerra de seu próprio apocalipse

X

A rapidez com que percorri a memória da formação e destruição daquele Império não deve cegar a inteligência na hora dos cálculos aos quais submeti os limites do meu pensamento. O que foi não pode ser mudado; apenas o que será foi colocado em nossas mãos, e se já é difícil conduzir o curso do que é em direção ao que será, como ousar penetrar em coisas que existiram antes do nascimento da primeira galáxia que preenche nosso Cosmos!

O fato foi que, com o gosto na boca de quem comeu um doce e teve o bolo explodindo no estômago, Deus se viu sozinho sobre as cinzas daquele cemitério que a Ciência do Bem e do Mal havia deixado em seu rastro. Aquela árvore da Ciência do Bem e do Mal ofereceu a Deus seu fruto, e Deus não o colheu. Ele não estendeu a mão. A Morte o tentou, e Ele não se deixou enganar. Por nada neste mundo Ele estava disposto a se tornar um Deus dos deuses, todos fora da lei, todos imunes ao braço da justiça. Antes a destruição do que ver seu Império transformado no Reino do Inferno.

CAPÍTULO SEGUNDO
A SABEDORIA E A CIÊNCIA DA CRIAÇÃO

XI

Naquelas cinzas, de fato, foi enterrada a Infância de Deus. Mas aquele que havia saído por conta própria das chamas da destruição de seu Império era agora um guerreiro que havia vencido sua Primeira Batalha e, ao longo do caminho, descobrira a Ciência da Criação. Enquanto seus inimigos buscavam a arma definitiva que o destruísse, Deus descobriu os segredos da matéria, do espaço e do tempo, e, ao abrir essa porta, encontrou a Sabedoria.

XII

Ele a amou desde o primeiro dia. E Ela não se recusou a Ele, não lhe deu as costas, a Sabedoria não fugiu de seu Senhor. Ele foi para Ela, desde o Princípio sem princípio da Não-Criação, a causa metafísica de sua existência, a razão pela qual Ela, a filha do Infinito e da Eternidade, fazia tudo. Ele era para Ela, desde o Princípio sem princípio da Não-Criação, o Deus que exigia cada vez mais dela, que a desafiava continuamente com sua alegria e sua vontade de viver. Ele era para Ela, desde o Princípio sem princípio da Não-Criação, sua fonte de inspiração. Era em Seu coração que Ela, a filha do Infinito e da Eternidade, olhava para ver os milhares de reflexos do Futuro. Seu desejo era sua musa; Sua capacidade de sonhar era, para Ela, uma oficina de projetos. Quando Ele irrompeu na estrutura da Realidade, colocando sobre a mesa o Seu Desejo, Ela soube que, daquele momento em diante, nada mais seria nem poderia ser igual. Antes que Ele visse a primeira chama, Ela já havia visto o Inferno; antes que Ele sentisse o cheiro da primeira fumaça, Ela já havia visto o cemitério sobre o qual seu guerreiro indestrutível caminharia descalço. Inevitável o fim do Seu sonho, Ela articulou a garganta dos sábios para dirigir a Deus palavras de Ciência. Pois para o dia em que Ele caminhasse sobre as cinzas do seu sonho, para esse Dia, Ela já Lhe teria entregue todos os segredos da Ciência da Criação. Ela iria ensiná-lo a criar uma galáxia. Ela iria ensiná-lo a criar um enxame de estrelas, a articulá-las em redes moleculares, a cobrir regiões inteiras com mares gravitacionais flutuando entre galáxias, cadeias de montanhas cujos picos são percorridos por rios de astros que correm pelas gargantas dos abismos siderais e desaguam nas costas das constelações. Ela iria ensiná-lo a cultivar a árvore das espécies. Ela iria entregar-lhe seu Poder, ela iria entregar-lhe seu ser.

XIII

E foi assim que o Guerreiro deu lugar ao Sábio.

O Infinito e a Eternidade transformaram seu corpo, o universo, em um laboratório de aprendizado para Deus, e deram-Lhe como Mestra sua filha, a Sabedoria. Ela conduziu Seu pensamento através dos átomos, guiou Seu braço até o núcleo das estrelas. Ensinou-Lhe a capturar um feixe de raios cósmicos, revelou-Lhe quais são as leis que regem seu movimento em um campo de energia; ensinou-Lhe a manipular esse campo de energia criadora de acordo com os efeitos almejados. Mostrou-Lhe qual é a série de leis gerais e particulares que regem a relação entre a matéria e a energia. Ela revelou a Ele a origem das supernovas, as causas pelas quais as galáxias se atraem, se repelem, se unem, se dividem, se transformam, mas nunca se

destroem. Deus correu contra a luz e venceu o raio cósmico em pleno voo intergaláctico. Deus acelerou o ritmo dos astros até o limite de suas revoluções para ver o que aconteceria se duplicasse a densidade de seu campo gravitacional. Deus mergulhou no microcosmo e, sobre um rastro prateado, acompanhou o salto da energia de uma dimensão para outra.

Quanto mais Deus aprendia sobre as forças que movem o universo e suas leis, mais desfrutava de seu crescimento em inteligência. Sua inteligência não conhecia limites, sempre queria mais, e nenhum problema lhe escapava. Bastava que ele concentrasse o olhar para que seu pensamento encontrasse a resposta. A Sabedoria limitava-se a colocar o objeto diante dele e a direcionar seu pensamento para a solução correta. Ela estimulava seu conhecimento e o conduzia de ciência em ciência até o limite que somente Deus poderia alcançar: o conhecimento de todas as ciências, a Onisciência Criadora.

Depois, a Sabedoria abriu para seu Senhor a porta para o tema da criação da vida.

Quais condições sistemológicas é necessário criar para obter esta ou aquela espécie. Quais são os processos de seleção natural que devem ser seguidos para que a força vital dirija seus passos em uma direção definida e não em outra.

Dela, Deus aprendeu todos os segredos da criação e do cultivo da Árvore da Vida. Sob sua orientação, Deus criou mundos seguindo o método da experimentação. E quando seu domínio sobre todas as leis e forças do universo o transformou naquele que ele era, o Senhor!, ele deu o passo em direção à fronteira inconquistável: a criação da vida à sua imagem e semelhança.

XIV

Mas, durante o período de formação de sua Inteligência Criadora, uma ideia específica foi ganhando espaço na mente de Deus. Enquanto Ele estava ocupado com o domínio da Ciência da Criação, foi apenas um pensamento esporádico que lhe passou pela cabeça, que Ele afastou de si sem dar mais importância.

A Ideia que se instalou em seu ser é a seguinte:

Será que Ele era o Único Membro de Sua Família? Quero dizer, como Ele poderia saber que, em algum lugar do outro lado do Orto, onde habita o Infinito, não havia Alguém como Ele, um Ser de Sua Natureza Não Criada que, naquele mesmo momento, poderia até estar passando por onde Ele havia passado?

Esse era o pensamento que lhe vinha à mente e, uma e outra vez, Ele o afastava de si. Apesar de Ele constantemente lhe dar as costas, à medida que o Senhor ia nascendo em seu Ser, a questão foi ganhando força. Era verdade que Deus não havia encontrado seu Igual e estava convencido de que Ele era o Único Membro de sua Família. Se a alguém Ele chamava de Pai, era ao Infinito; se a alguém Ele podia chamar de Mãe, era à Eternidade; se sentia alguém como Esposa, era a Sabedoria.

Isso o poupava da verdade de nunca ter estado do outro lado do Orto da Não-Criação? E se ele nunca tivesse estado lá, como poderia afirmar que aquele pensamento que se instalara em sua mente não era o chamado daquele Igual?

Havia apenas uma maneira de saber. Lançar-se a percorrer os espaços infinitos.

Que Deus estava nele, porque ele era Deus, já havia ficado claro. Mas ele era o único Deus vivo?

XV

Sem pensar duas vezes, Deus abandonou tudo. Ali, naquele momento, Ele deu por encerrado seu aprendizado do domínio da Ciência da Criação. E lançou-se à aventura, em busca da resposta à pergunta que se instalou em seu peito e se recusava a ser jogada na lixeira de reciclagem.

Será que ELE era o único membro de sua família? Será que Ele era o Único Deus que a Eternidade e o Infinito conheciam?

XVI

Até que ponto a experiência pode permitir que a inteligência compreenda a história que Deus viveu ao romper as fronteiras do Orto da Não-Criação? Que tipo de compreensão devemos possuir para ter uma ideia dos sentimentos de um Deus Vivo percorrendo planícies de um espaço que lhe era desconhecido, em busca daquele outro Ser de sua mesma natureza não criada e eterna? Que tipo de matemática do tempo devemos manejar para calcular os milhões de milênios que essa aventura durou? Que estrutura literária deve encarnar-se nas mãos de um historiador de todas as coisas belas, para que de seus dedos jorrem rios de lendas e visões de paisagens além da fantasia de cem mil universos unidos no coração de uma pérola? Como diremos que Deus viveu isso ou aquilo? Como a imaginação do poeta das coisas alegres ousará compor uma ode à conquista dos horizontes que não se veem, mas que ressoam nos ouvidos de seu conquistador como arpejos de baladas mágicas afastando tristezas? Podemos dizer à aurora: Torna-te mulher e beija-me. Já dissemos alguma vez à estrela da manhã: "Venha e me abrace"? Que emoções viverá a alma que desfruta do amor da Lua e, em suas asas, navega por sonhos de cristal líquido em busca das margens da felicidade perfeita? Como poderemos entrar na mente de um Ser que se move à velocidade de seu pensamento e cujo coração é forte como um sol?

XVII

Sem medo, indestrutível por natureza, com o autoconhecimento forjado em uma batalha que feriu sua alma com feridas profundas e lacerantes, o Guerreiro despertou de seu descanso na tenda da Sabedoria, despediu-se dela com um beijo de alegria resplandecente e recebeu dela esta despedida: "Tu-Deus, aquele que procuras, meu Amado, está em ti". Novamente forte, mais forte do que nunca, curado de suas feridas com o bálsamo do amor puro, o Guerreiro precisava descobrir a resposta por si mesmo; e lá subiu às cordilheiras do Tempo e, das fronteiras de seu universo, avistou finalmente as terras onde habita o Infinito. Sorridente, com o vento da Eternidade em seus cabelos, seus músculos firmes, suas pernas fortes como colunas, seus olhos brilhantes de emoção e mais uma vez maravilhado com a beleza que se abria a seus pés, aquele que era Deus, guerreiro indestrutível, aventureiro apaixonado pela existência, o protegido da Eternidade e do Infinito, lançou-se ali, nas asas dos ventos eternos, à conquista dos horizontes virgens.

XVIII

Quanto tempo durou aquela aventura? Uma eternidade é uma medida matemática que cabe em nossos manuais de física? Ousaremos retratar a mais humilde das aventuras vividas por aquele guerreiro indestrutível na tela de nossas visões mais futuristas?

Por fim, após uma eternidade, Deus descobriu que o mundo do outro lado do Orto, onde habita o Infinito, se resumia a uma linha em forma de grande montanha, de cujo cume ele podia contemplar com seus olhos todo-poderosos a verdade que buscava: Ele era o Único Deus que a Eternidade e o Infinito haviam conhecido e considerado como Senhor desde o Princípio sem princípio da Não-Criação.

Mas nessa verdade, que pode soar-vos como algo conhecido, nessa declaração formal, pulsava uma tristeza.

Pois, à medida que a Imensidão de seu Mundo se revelava cada vez mais a Deus, à medida que a definição de seu Ser e as do Infinito e da Eternidade se fundiam em uma única coisa, tornando-se uma realidade indivisível, inseparável, indestrutível, à medida que sua Natureza se revelava em toda a sua imensidão sobrenatural, não criada e eterna, na mesma medida crescia aquele desejo de saber se existia, do outro lado do horizonte desconhecido, Seu Igual, Seu Irmão, Seu Amigo; na mesma medida em que crescia no Sábio o conhecimento sobre sua própria natureza incriada e eterna, na mesma medida crescia em Seu peito aquela luzinha recôndita que, no início, pulsava com o ritmo de uma ideia minúscula.

E assim, no momento em que o Único Deus Vivo se encontrou no cume do Monte do Infinito e da Eternidade, aquele desejo de conhecimento havia se transformado em um desejo cada vez mais forte de encontrá-lo e abraçá-lo, olhar-lhe nos olhos e dizer-lhe: “Finalmente, há quanto tempo venho te procurando, meu Igual, meu Irmão, meu Amigo”.

XIX

Aquele que se encontrava de pé no cume do Monte do Infinito e da Eternidade, onde encontrou a Sabedoria esperando por ele para lhe dar o “Olá” com as mesmas palavras com que lhe dera o “Adeus”, aquele Guerreiro, Sábio, Deus Único, membro de sua Casa e Família, percebeu que aquela luzinha pulsava agora em seu peito com a força de um sol que não parava de crescer. O que ele não teria dado naquele momento por ter encontrado Seu Igual, aquela pessoa com quem rir de igual para igual e, juntos, lançar-se à aventura da Vida pelas planícies que se estendiam aos pés do Monte sobre o qual ele se encontrava!

Mas não, Deus estava sozinho. Ele era o único membro de sua Família. Jamais teria aquele Alguém a quem dizer: “Guerreiro, vamos fazer uma corrida”. Jamais desfrutaria do prazer de ser tratado de igual para igual por aquela outra pessoa divina que precisasse dele tanto quanto ele precisava dela. Mas já basta. Acaso Ele não era Deus? Por que, então, estava angustiando o coração? Ele daria vida a esse Irmão, a esse Amigo nascido para olhá-Lo de cara a cara, para rir com Ele como os irmãos riem e conversar como os amigos conversam, com liberdade, com carinho, com independência de julgamento. Acaso Ele não era o Senhor? Será que havia se esquecido de como criar um universo, de como cultivar a Árvore da Vida? A Sabedoria não estava ao seu lado, sussurrando em seu ouvido:

“Tu-Deus está em ti. Meu amado, aquele que procuras está em ti”.

XX

O Guerreiro Divino sorriu novamente; vestiu o Manto do Sábio e, acreditando saber o que significavam as palavras da Filha do Infinito e da Eternidade, disse a si mesmo: “Então, vamos mãos à obra”. Imediatamente, Deus transformou a Montanha do Infinito e da Eternidade em um Monte de terra mágica, crescendo à velocidade do olhar de seu Criador até as fronteiras que nunca são alcançadas. Como se fosse um continente crescendo a partir de seu centro, e esse centro um Monte que cresce em altura na mesma velocidade com que sua

superfície se expande na planície, maravilhando quem o vê porque, não importa onde você esteja, seu Cume é visível de todos os confins, Deus chamou de “ ” aquele Monte nascido para ser o centro de sua Criação Universal: “Sião”. E a esse continente dotado de sua natureza, como se o Infinito e a Eternidade renascessem a partir da Montanha de Deus e tivessem disparado até atingir os limites naturais de seus corpos, a esse Continente no coração do Cosmos Ele chamou de “o Céu”. Ele deu à Sabedoria sua terra como reino, para que no Céu ela criasse raízes e, de suas entranhas, oferecesse ao Irmão, ao Amigo por quem seu Coração suspirava.

CAPÍTULO TERCEIRO
A ORIGEM DOS DEUSES

XXI

Esta é a origem dos deuses do Céu. Eles nasceram aos pés do Monte de Deus.

Ele lhes deu seus nomes e lhes revelou o Seu. Seu nome era Yavé, Ele era Deus e eles eram seus Irmãos. Eles eram os Irmãos de Yavé, o Primogênito dos deuses. Nascidos imortais e indestrutíveis, Yavé, o Deus, viveu com seus Irmãos um tempo maravilhoso. Seu coração se saciou da companhia de seus iguais. Sua alma desfrutou de sua vitória com a intensidade do guerreiro que dança a dança dos heróis após a derrota do inimigo. Seu inimigo era sua solidão; eles eram Sua vitória viva sobre o inferno que um dia Ele viria a ver avançar a partir daquela solidão que se incrustara em seu coração. Deus dançou com seus irmãos ao fogo da alegria, como Davi pelas ruas de Jerusalém no dia seguinte à derrota de Golias. Para seus irmãos, o Deus Yavé construiu uma cidade no topo de seu Monte. Ele a cercou de muralhas, cada uma composta por um bloco inteiro, cada bloco de uma cor, cada cor com o brilho de uma pedra preciosa. Como se tivessem vida própria, ou uma estrela em seu interior que pulsasse suas luzes em direção às fronteiras que nunca terminam, dessas muralhas partem sóis que colorem o Céu e o transformam no Paraíso das Maravilhas. Dentro dessas muralhas divinas, construiu-se para Si e para seus Irmãos uma Cidade, e chamou-a de Jerusalém. Eles, os Irmãos de Yavé Deus, eram os deuses de Sião, aqueles que vivem na Cidade de Yavé, a Jerusalém Eterna, entre cujas muralhas indestrutíveis tem sua residência Yavé Deus, o Primogênito dos deuses.

XXII

De suas muralhas, os Irmãos de Deus viram crescer a explosão de vida que jamais para nem se detém e reveste o Paraíso de Deus de florestas encantadas, de cordilheiras altas como o Himalaia, repletas de águias gigantes com ossos de gelo metálico, leves como penas e sólidas como o aço.

A fantasia divina transbordante que por tanto tempo dormira no coração do Guerreiro despertou sublime e, chamando a Sabedoria, partiu com Ela para pintar na tela celeste paisagens além da fantasia de nossos gênios mais ilustre. Com a inspiração do Criador em ascensão devido à pressão da felicidade que estava experimentando, Deus concebeu em sua mente uma Nova Criação. Ele tomou os deuses e os guiou para o outro lado do horizonte do Céu, além das fronteiras em constante expansão do Paraíso. Como quem convida a sentar-se e contemplar um espetáculo maravilhoso, Deus inaugurou a Criação do Novo Cosmos.

XXIII

Eis o Princípio da Criação do Campo das galáxias que circundam o Universo dos Céus, a Região Local, cujo Coração é o Céu, Mundo nascido para abrigar em sua terra a Árvore da Vida, e em torno do qual os Céus da Região Local estendem o oceano de seus continentes de estrelas.

Pronto para dar início à Criação do Novo Cosmos, do Braço Criador Divino nasceram rios de energia que, estendendo-se pelas regiões exteriores do Universo dos Céus dos céus, transformaram o Espaço em um espetáculo de fogos de artifício, onde cada explosão marcava o fim de uma galáxia.

À Noite seguiu-se o Dia; o amanhecer foi uma nova explosão de fogos de artifício à plena luz da aurora da Nova Era que se abrira; e cada explosão marcou o Início de uma Nova Galáxia.

Tal é a Origem do Novo Cosmos. Deus transformou toda a matéria não criada que circundava seu Mundo em energia; em seguida, transformou toda essa energia em Nova Matéria. Tal é a origem das Galáxias que atualmente existem e circundam a Região Local.

Deus criou, portanto, o Cosmos para que continuasse crescendo eternamente. Esse crescimento é comparável a uma onda que, expandindo-se pela Eternidade, sem perder a energia original, duplica seu raio pelo quadrado da velocidade da luz que irradia em direção ao Infinito.

Esse rio de energia cósmica deságua no campo de espaço-tempo que envolve toda a Criação; campo criador no qual, ao entrar a energia produzida pelo campo das galáxias, inicia-se sua jornada em direção às estrelas. Essa é a origem das estrelas.

Quando as estrelas nascem — sendo invisíveis o raio e o oceano pelo qual a energia navega do microcosmo ao macrocosmo —, elas anunciam seu nascimento com uma explosão de luz.

Como o nascimento das estrelas ocorre em enxames, fala-se de um Big Bang; mas seria mais correto falar do acender e apagar de uma lâmpada, pois não há destruição, mas sim criação. E, mais do que de explosão, de implosão.

Erro ainda maior é concentrar a criação da Matéria em um único momento no Tempo e no Espaço. Não houve um Big Bang; houve muitos; e nunca faltarão, pois o processo de transformação da energia cósmica em matéria astrofísica é constante, autônomo e se estende até o Infinito pela Eternidade, tendo sempre em Deus a Fonte da qual se alimenta o Oceano do espaço-tempo na origem da Criação do Novo Cosmos.

XXIV

Mas, ao término desse Princípio da Criação de todas as coisas, esse movimento esteve prestes a perecer e a ser destruído para sempre.

Quando Deus Criador, Senhor da Matéria, do Espaço e do Tempo, terminou de colocar em movimento esse processo de criação de galáxias, feliz com a alegria do artista, do gênio consciente de ter maravilhado seu público, e louco de alegria por dizer aos seus Irmãos:

“Venham, vamos seguir o rastro de um raio de luz até as fronteiras do nosso universo; acompanhem-me, vamos seguir o rastro da águia de Andrómeda pelas montanhas de Órion”, quando seu coração já batia com a felicidade perfeita, o Dia da Origem de todas as coisas deu uma guinada e se transformou no dia mais difícil de Sua existência.

O que encontrou como resposta ao Seu convite nos lábios dos deuses, seus irmãos?

Nos lábios dos deuses pairava, pesada como uma laje, a verdade que acabavam de descobrir:

“Yavé Deus, o Único e Verdadeiro Deus Vivo”.

Eles eram seus Irmãos porque, em sua necessidade por esse Igual, Yavé Deus havia se entregado de tal forma para vencer a Solidão que um dia o cercou com seu Inferno, que, ao ultrapassar a última fronteira — a criação da vida à Sua imagem e semelhança —, Ele creu ter encontrado a Vitória Final que lhe vinha sendo negada.

XXV

Ele os tratou como verdadeiros irmãos e verdadeiros deuses; os adotou como irmãos com a sinceridade e a entrega de quem dá tudo e esquece todos os momentos ruins, mergulhando nos bons que estão por vir, sem medo algum de ser atingido novamente pelas tempestades que descarregaram sobre sua solidão seus raios e trovões. Mas agora que haviam descoberto em Yavé o Único e Verdadeiro Deus Vivo: como poderiam se enganar acreditando ser o que nunca haviam sido?

Eles eram Criaturas. Apenas isso, Criaturas.

Eram Criaturas como aquelas galáxias que Ele estava criando; como o próprio Céu que as gerou, como o Universo que acabara de nascer.

Como poderiam voltar a olhá-Lo com os olhos de quem se acredita Igual, outro membro de Sua Família? Como impedir que seus joelhos se dobrassem e adorassem seu Senhor e Criador? Eles não sabiam que, assim que Yavé Deus posse os olhos sobre eles, Sua alma se partiria ao ver em seus olhos o fracasso do Guerreiro que buscou neles o Irmão que nunca teve e nunca teria? Como poderiam eles seguir o Único e Verdadeiro Deus Vivo pelos espaços cósmicos cuja imensidão não compreendiam e cujas forças só podiam ser desfrutadas por Aquele que havia nascido entre eles?

A Origem dos deuses, sua origem, a origem dos Irmãos de Yavé, era essa, e agora eles sabiam disso. Sua origem foi a necessidade que Ele, o Deus Não Criado, teve de vencer a Solidão que se apoderara do Sábio Todo-Poderoso que acabavam de ver em ação. Eles haviam sido a vitória Dele; e agora eram o Seu fracasso. Como levantar a cabeça e ousar abrir a boca? O que iriam dizer a Ele: “Desculpe, Senhor e nosso Criador, mas nós Te compreendemos”?

XXVI

E assim foi. Quando Yavé Deus, o Primogênito dos deuses, inaugurou a Criação das galáxias e voltou o rosto para Seus Irmãos, quando foi abrir a boca para convidá-los a navegar pelo Cosmos, encontrou Seus Irmãos de joelhos, sem ousarem olhá-Lo nos olhos e já sofrendo o que sabiam que iria acontecer. E sabiam disso porque O conheciam tão bem, O amavam tanto que sabiam que Ele reagiria como iria reagir, como reagiu, como estava reagindo. “Yavé Deus, Senhor e Único Deus Verdadeiro!”, foi a declaração que brotou de seus lábios. Nessas quatro palavras estava contido todo o mistério de seu passado, de sua vida, de seu presente, de seu futuro: Único e Verdadeiro Senhor Deus Vivo.

XXVII

Yavé Deus olhou para o interior de seus Irmãos e viu em suas mentes como você e eu vemos através do vidro. Deus não disse nada. Não deixou transparecer nenhuma emoção. A ilusão desfeita do gênio que conclui sua obra e aguarda a aclamação alegre de seu público incondicional e dedicado transformou-se na tristeza daquele que descobre, na sala, o silêncio absoluto. Sem saber como reagir, a não ser apenas dar meia-volta e desaparecer do palco sem deixar vestígios de sua existência, Yahweh, Deus, perdeu-se nas distâncias, do outro lado do

Cosmos recém-criado. E à medida que Sua solidão eterna e infinita — contra a qual Ele havia erguido todo esse espetáculo maravilhoso — se afastava do palco de Sua Criação, começou a crescer em Seu Ser como uma estrela semeada em Sua alma pelo próprio Inferno. Quanto mais ardia o fogo de Sua Solidão Eterna, mais rapidamente Yavé Deus se afastava de tudo o que amava. Quanto mais rápido corria fugindo de seu destino, mais ardia em Seu Ser aquela estrela dos abismos. Quanto mais ardia seu fracasso, mais a raiva, a ira, a impotência e a frustração se apoderavam de Seu ser. Quanto mais cresciam essas emoções incontroláveis, mais Seu Grande Espírito acelerava sua corrida para além dos espaços infinitos.

XXVIII

E enquanto navegava sem controle, fugindo de seu próprio destino, a tempestade se desencadeou em seu coração. A Eternidade, o Infinito, a Sabedoria, por que permitiram que ele chegasse a essa situação? Por que, no dia em que teve seu primeiro sonho, não o apagaram de sua mente? Que pecado havia cometido para ter sido expulso de seu paraíso não criado para o inferno de uma criação que era para ele uma prisão? Quem ou o que o havia condenado a essa prisão perpétua? O que ou quem havia assinado sua sentença de solidão eterna? Qual era seu crime? No dia em que sonhou com a imortalidade para todas as criaturas, por que não arrancaram aquele pensamento de sua mente? Tão grave foi seu delito a ponto de ter sido expulso de seu paraíso e condenado dessa maneira? De que lhe adiantava ter descoberto o Criador em Seu Ser se, com essa descoberta, lhe coube essa sentença? Toda a Sua vitória se reduziu a uma ilusão? De que lhe adiantava ser quem era se não tinha ninguém com quem desfrutar de Seu Ser, e nunca teria? Com quem iria rir quando seu coração explodisse de alegria? Com quem Ele iria navegar pelas galáxias na aventura da descoberta de novas fronteiras? Com quem Ele falaria de igual para igual, se até mesmo os deuses se ajoelhavam em silêncio, incapazes de dirigir-Lhe a palavra de igual para igual? Uma angústia tão devastadora e mortal tomou conta de Seu Ser que Yavé, Deus, creu que enlouqueceria de dor.

XXIX

Desesperado, enlouquecido pela dor, Ele deu rédea solta à sua tragédia, e de Seu Braço todo-poderoso e onipotente se espalharam pelos espaços projéteis de energia destrutiva, reduzindo a escombros toda a matéria que encontravam em seu caminho.

“Prisão? Não, cemitério”, gritou o Senhor Deus à Eternidade e ao Infinito quando a explosão de sua dor se tornou incontrolável.

“Não querem a minha morte? Eu mesmo cavarei meu túmulo”.

Enlouquecido pela dor, sentindo-se derrotado e abatido, incapaz de triunfar sobre Sua Solidão, daquele mesmo Braço que, há pouco, havia lançado campos de energia transformadores do antigo universo em Novos Céus repletos de cores e sons — como aquele que, com sua magia, transforma o deserto em um jardim paradisíaco repleto de aves exóticas e de todo tipo de criaturas fantásticas —, daquele mesmo Braço mágico saíram, naquela Hora terrível, raios de energia destrutiva que agarraram a própria luz e a retorceram até destruí-la sob o peso de sua velocidade infinita.

O Guerreiro e o Sábio, como possuídos pela dor insuportável da derrota, estavam empenhados em destruir o indestrutível, em destruir a si mesmos e, em sua destruição, enterrar com Ele o Infinito e a Eternidade — um cemitério digno para um Deus, um túmulo à sua medida.

XXX

Como compreender aquela Hora de catarse libertadora que Deus viveu aos gritos? Como ousar imaginar a natureza dos campos de energia de antimatéria que, em Sua dor, Deus espalhou pelos espaços ultracósmicos? Como descrever que, em Sua dor inimaginável, a lembrança do amor tão grande que Seus Irmãos Lhe haviam inspirado triunfasse sobre Sua tortura e que os raios de Seu desespero não atingissem o Mundo que Ele havia construído apenas por eles e para eles? Com quais números e que tipo de medidas calcularemos o tempo e a intensidade daquela Hora de catarse libertadora? Quantos quilos de energia destrutiva Deus poderia gerar antes de cair exausto, como morto, aos pés da filha do Infinito e da Eternidade?

Como morto, sem vontade de respirar, sem forças para abrir os olhos, sem desejo de voltar a despertar.

Quanta matéria teria de ser queimada e reduzida a trevas antes que o cansaço atingisse Seu Braço e Seu Ser caísse exausto sobre o cemitério que havia erguido ao seu redor? Que altura deveria atingir a cova entre cujas paredes tenebrosas um Deus seria enterrado? Que peso daremos à laje para a cova de um Deus? Por quanto tempo o Senhor Deus cavou para si mesmo Seu túmulo? Quando, em que momento toda a Sua dor se transformou em trevas flutuando nos espaços ultracósmicos, e Deus caiu como morto, sem forças, rendido pela catarse liberada?

XXXI

De fato, Deus, aquele maravilhoso Primogênito dos deuses, aquele guerreiro e rei de um império que, em sua época, abrangia mundos incontáveis, aquele sábio que se deleitava em descobrir todos os segredos da Ciência da Criação, aquele aventureiro que navegava pela terra do outro lado do Orto do Infinito, aquele Deus da Eternidade que competia em corridas com as criaturas do paraíso da Não-Criação, aquele Ser jazia como morto aos pés de sua Amada, a Sabedoria, sua Esposa.

Ela seria a primeira coisa que Ele veria ao abrir os olhos.

XXXII

Por quanto tempo permaneceu como morto Aquele que, em sua Inocência, era mais amado do que cem mil universos? Como poderíamos dizer: “Ele permaneceu como morto por tanto tempo”?

Deus não tinha forças para continuar vivendo, nem queria se levantar! O que O esperava: a solidão eterna? Mas, por fim, abriu os olhos. Seu olhar flutuava sobre o horizonte, seu pensamento vagava sem rumo. Então, Ele a encontrou ali.

Deus abriu os olhos e a encontrou ali, a filha do Infinito e da Eternidade, ao seu lado, sussurrando-lhe ao ouvido suas palavras de amor: “Tu és, Meu Amado, o Deus Verdadeiro. ‘TU, Deus, nosso Filho, estás em Ti’”.

Então, dos lábios divinos saíram estas palavras de vida: “Deus verdadeiro, nascido de Deus verdadeiro, GERADO, não criado, INCRIADO, da mesma natureza que o Pai...”

CAPÍTULO QUARTO
CRIAÇÃO E HISTÓRIA DO IMPÉRIO DE DEUS

XXXIII

Vocês nunca viram a borboleta branca pulando alegremente de flor em flor, cantando alegremente a cada segundo de suas vinte e quatro horas de existência? Vocês nunca se encantaram com o canto do pássaro canoro entre as grades de sua gaiola, perguntando-se o que fariam no lugar dele? Vocês já pararam alguma vez para contar as estrelas que cabem em um recanto do porto, quando o sol espalha flechas douradas sobre as águas do meio-dia, capazes de apaixonar a pedra dura que alguns de nós temos por coração?

Como é belo ver feliz novamente quem se encontrou perdido nos desertos de sua solidão insuportável! Por que um homem tem que medir a imensidão dos céus com o metro da altura de seu corpo? Quantos anos-luz ao redor abrange a alma que sorri feliz entre pássaros cantores e borboletas voando de galáxia em galáxia, sem medo da eternidade e do infinito?

É Ele, Ele retorna; as estrelas se erguem sobre suas colunas, as galáxias batem palmas, os deuses cantam a dança da vitória à luz da fogueira onde a Fênix renasceu de suas cinzas para nunca mais ser pasto de suas chamas.

Deus disse apenas estas palavras aos seus Irmãos:

“Este é Jesus, meu Filho Amado”.

E nessas cinco palavras estava contido todo o mistério do Futuro de toda a Criação. Os deuses se ajoelharam e viveram a felicidade de Deus Pai com a mesma intensidade com que viveram a tragédia do Irmão que partiu. Bastava-lhes ver Sua Felicidade para saber que Aquele era seu Igual, VOCÊ, Deus, o Companheiro que Ele, Deus, buscou neles e não conseguiu encontrar.

XXXIV

Então, passado esse tempo de felicidade, do coração da Vitória de Deus Pai, o Espírito do Criador despertou em Deus. Deus Pai tomou Seu Filho Unigênito, Jesus, deixou Seu Mundo nas mãos de Seus Irmãos, os deuses, e, transformando o Cosmos em um campo de matéria-prima, criou o Oceano dos Céus. Nesse Oceano de estrelas, o Espírito Criador semeou a semente da Árvore da Vida. E em algum lugar daquele Universo nasceu um mundo, com seu Reino, o primeiro dos Povos que habitariam para sempre no Paraíso que Deus criou para seu Filho.

Deus cultivou a Civilização do mundo daquele Primeiro Dia da Primeira Semana da Criação, deu-lhe, como sistema social, uma constituição monárquica e gerou, em seu rei, um irmão para seu Filho. Em seguida, tomou o Reino do Primeiro Dia da Primeira Semana da Criação e o conduziu à sua Morada no Paraíso de Deus.

Ao chegar esse Primeiro Reino ao Paraíso, seu povo descobriu que o Céu é um espelho que reflete todas as etapas da evolução da vida, desde os primeiros estágios da Pré-história até o alvorecer da História.

Os deuses chamaram-na então de Terra das Maravilhas.

E assim foi: esse Acontecimento ocorreu cinco vezes. Cinco vezes o Criador semeou a semente da Vida no Universo dos Céus. Cinco mundos nasceram entre as estrelas do Universo, cada mundo com sua Civilização, cada Povo com suas características ontológicas próprias, cada um um reino com sua constituição social própria, com seu rei à frente. Ao final do Quinto Dia da Primeira Semana da Criação, o Paraíso de Deus havia se transformado em um Império. Deus estava sentado na Cúpula do Poder como seu Juiz Universal Supremo, e à sua direita, o Rei dos reis e Senhor dos senhores de seu Império, seu Filho Primogênito, Jesus, Deus Unigênito.

Durante aqueles Cinco Dias da Primeira Semana da Criação, o governo de seu Império foi deixado por Yavé Deus nas mãos de seus Irmãos e Filhos. A História desse Império está escrita no Livro que trata das Origens e da História do Céu. No dia em que chegar a nossa vez de subir ao Mundo de onde desceu Jesus Cristo, teremos a oportunidade de conhecer tudo sobre a criação dos Cinco Mundos que formavam o Império do Paraíso antes da Criação do nosso Mundo, o Sexto no Tempo. Nomes, linhas evolutivas, constituição astronômica, constituição social, etc. Todas essas coisas estão escritas nos livros que tratam das Crônicas do Império de Deus.

XXXV

Aconteceu, então, que no Quarto Dia da Primeira Semana da Criação, um daqueles Príncipes do Império de Deus descobriu uma semente.

Era a semente da árvore do Conhecimento do bem e do mal.

Sua primeira manifestação foi a Dúvida. Sua consequência final, seu fruto, a Guerra — fruto que muito em breve todos os reinos do Império teriam tempo de provar.

Que Jesus, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, era Deus, o Filho Unigênito, isso todos os cidadãos do Império de Deus sabiam.

Acreditar nisso ou não era outra questão. Mas, fosse questão ou não, a Dúvida era algo que jamais passou pela cabeça de nenhum filho de Deus.

O fato era que Deus e seu Filho iam e vinham do Império para o Universo e do Universo para o Império, e entre a ida e a volta se passavam milhões de anos. Naquele Quarto Dia da Primeira Semana da Criação, um dos Príncipes viu na dúvida sobre a veracidade da Unigenitura de Jesus, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, a porta para reconfigurar a estrutura do Império do Céu de acordo com seu pensamento. Por que ele, Satanás, filho de Deus, não poderia receber a regência do Império durante os Períodos Criacionais?

Esse era um pensamento que nunca havia ocorrido a ninguém sequer considerar. E que, curiosamente, encontrou ouvidos receptivos. E cresceu. Assim, surpreendidos pela Rebelião daquele filho de Deus e de seus aliados, o Paraíso se transformou em um inferno.

Depois que os rebeldes se uniram no que foi chamado de Eixo do Dragão, os exércitos do Dragão lançaram-se à conquista do Trono do Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Foi a Primeira Guerra Mundial do Céu.

Com Satanás à frente do Eixo do Dragão, seus exércitos arrasaram as fronteiras dos reinos vizinhos e avançaram em direção a Sião para conquistar o Trono do Rei dos reis.

Atônitos, maravilhados com o que estavam vendo, incapazes de reagir diante da surpresa, os Irmãos e os filhos de Deus, que se recusaram a aceitar sequer a possibilidade de

uma reconfiguração semelhante; das muralhas da Cidade de Deus, os Príncipes da Casa de Yavé e de Sião, da “ ”, contemplaram o avanço das forças do Dragão e a debandada dos Povos do Império em direção à Jerusalém dos deuses.

De fato, nada do que os Irmãos e os filhos de Deus lhes disseram para que baixassem as armas entrou na cabeça de Satanás e dos seus. Assim, superando a surpresa inicial, o contra-ataque prevaleceu.

Os deuses abriram o Selo de suas origens e os Príncipes se alimentaram de suas forças. Os Príncipes Gabriel, Miguel e Rafael revestiram-se da invencibilidade dos deuses, arrasaram o inimigo, repeliram-no até seus reinos, sitiaram-no em suas fortalezas, capturaram-no e o aprisionaram em seus palácios até que o Juiz da Criação retornasse e proferisse a sentença.

Aconteceu então que, quando o Pai e o Filho retornaram dos Céus da Criação, trazendo de mãos dadas um novo Reino para o Paraíso, os filhos de Deus saíram ao seu encontro, mas entre eles não estava Satanás.

Bastou um olhar de Deus para descobrir o motivo. Mas, querendo deixar tudo como uma lição aprendida e sem querer, sob nenhuma circunstância, que seu Filho descobrisse a existência da Ciência do bem e do mal, ordenou que todos os seus filhos se apresentassem diante Dele para a celebração da Festa de Boas-Vindas do Reino do Quarto Dia da Primeira Semana da Criação.

E foi assim que as coisas ficaram.

Como era de se esperar, o Império se vestiu a rigor para a Festa de Boas-Vindas. O Reino do Quarto Dia da Primeira Semana da Criação ocupou sua Morada no Império do Filho de Deus; seu Rei foi apresentado à Família dos deuses.

Alegria, portanto.

A lembrança do Dragão acendendo a Guerra com seu sopro transformou-se na lembrança de um pesadelo que se foi e nunca mais voltaria.

Alegria no perdão.

Assim, amanheceu o Quinto Dia da Primeira Semana da Criação. Mais uma vez, Deus e seu Filho deixaram a Regência de seu Império nas mãos dos Membros da Casa “de Yavé e Sião”.

E, após milhares de anos, o inacreditável voltou a acontecer.

Como um burro que nunca aprende a lição, Satanás voltou a agir nas sombras. Encontrou aliados e eles se uniram para despertar o Dragão.

Tomada a decisão, com o plano de conquista do Império sobre a mesa, a nova guerra — a Segunda Guerra Mundial do Céu — teve início.

Mais uma vez, os deuses e os príncipes do Céu foram pegos de surpresa.

Meu Deus, como explicar que essa nova rebelião tivesse explodido na cara deles! Mesmo que vencessem — e não tinham nenhuma dúvida quanto à vitória —, a incapacidade da Casa de Deus de manter a paz ficaria para sempre comprovada.

A reflexão tomou conta de todos.

O que estava acontecendo?

Como era possível que simples criaturas de barro ousassem pôr em dúvida a Veracidade do Filho Unigênito de Deus?

Ou simplesmente ousassem sonhar em obrigar Deus a fazer sua vontade e dar luz verde à transformação do Império em um Olimpo de deuses sujeitos a uma lei de imunidade diante das leis do Céu?

XXXVI

E assim foi: a Segunda Guerra Mundial do Céu terminou da mesma maneira. O Dragão foi neutralizado, acorrentado e mantido sob custódia até o retorno do Juiz do Império.

Mas aquela foi uma vitória amarga. Uma vitória que não teve o sabor do triunfo para os vencedores. Eles haviam falhado pela segunda vez com Aquele que, durante Sua ausência, lhes entregou a regência universal. O que aconteceria ao Seu retorno? Como explicar o que eles próprios não conseguiam compreender?

Por fim, Deus e Seu Filho retornaram do Oceano das Estrelas. Traziam consigo um novo Reino, como sempre, com seu Príncipe à frente.

Com aquela alegria do Pai que acaba de dar à luz um novo filho, do Filho que saúda o nascimento de um irmãozinho, o Pai e o Filho voltaram para Casa.

Aqui, aconteceu novamente o mesmo. Por um instante, o Filho percebeu no tom de voz do Pai, ao dar a ordem para que todos os Seus filhos se apresentassem diante Dele, algo... algo misterioso. Mas não passou disso.

E, mais uma vez, Deus perdoou os rebeldes.

No entanto, Ele sabia que era urgente tomar medidas revolucionárias. Não podia permitir que uma Terceira Guerra Mundial eclodisse durante sua ausência do Céu.

Ou Ele reconfiguraria a estrutura de Seu Império, ou, mais cedo ou mais tarde, Sua Criação se tornaria um Olimpo de deuses brincando de guerra com a responsabilidade de quem tem imunidade total e absoluta perante as leis.

Ele não podia permitir que isso acontecesse. Assim, parou para buscar a resposta que os fatos exigiam.

E assim foi feito.

Deus encontrou a resposta.

Os acontecimentos exigiam que ele abrisse sua Criação a todos os seus filhos. Assim, na próxima vez que o Espírito do Criador estendesse suas asas sobre o Universo, todos os seus filhos o acompanhariam.

A partir do Sexto Dia, a Criação seria transformada em um Espetáculo aberto a todos os mundos. E, além disso, todos os seus filhos participariam do processo de formação dos Novos Mundos.

Essa foi a primeira medida no sentido de fechar o caminho pelo qual, com o passar do tempo, o Paraíso de Deus se tornava, para suas criaturas, uma prisão. Maravilhosa e tudo o que você quiser, mas uma prisão.

Quanto ao motivo pelo qual os Povos de sua Criação não conseguiam conceber sua existência como uma Árvore da qual eles eram os Galhos, Deus concebeu a Criação de um Novo Povo, formado por todos os seus filhos, e no qual, ao se realizar a fusão de todas as suas Civilizações em Uma Nova e Única, uma vez realizada sua entrada no Paraíso, esse Novo Povo funcionaria como a argamassa necessária para que os tijolos se unissem e formassem um edifício compacto, sólido e indestrutível.

A projeção das Cinco Civilizações dos Reinos existentes sobre a Vida Humana operaria, em sua fusão, o Nascimento dessa Nova Civilização que, espalhando-se pelo Paraíso, os uniria a todos na alma dessa Nova Civilização, na qual se refletiam e viviam todas e cada uma das existentes. Criado não para o Poder, mas para ser o corpo do espírito da Sabedoria em sua Criação, o Povo Humano realizaria a Fusão sem a qual a Dúvida, mãe da Guerra, havia sido possível.

Quanto à dúvida sobre se o Rei dos reis e Senhor dos senhores do Império do Céu era Deus, o Filho Unigênito, com seus próprios olhos eles iriam vê-lo.

Assim, ao nascer o Sexto Dia da primeira Semana da Criação, Deus tomou todos os seus filhos e os conduziu ao lugar de Origem, o Universo.

Deus criou os Céus e criou a Terra.

Criou a Terra além das fronteiras das galáxias.

E a criou ali para que seus filhos vissem o que havia além do Cosmos, o Abismo coberto por aquelas Trevas às quais o Único Deus Verdadeiro reduziu o Cosmos Não Criado naquela Hora que precedeu o Nascimento do Pai e do Filho.

Ao mesmo tempo, esclarecia a incógnita sobre o que há além das fronteiras do campo das galáxias. Com esse gesto, Deus dizia a seus filhos o que aconteceria a qualquer um que ousasse desenterrar novamente o machado de guerra. A pena contra o Rebelde seria o exílio nas Trevas, de onde jamais retornaria, e onde, por toda a eternidade, haveria o rangido de ossos e o bater de dentes.

Então, uma vez montado o cenário, todos os espectadores se sentaram. Deus olhou para seu Filho, que avançou e, abrindo a boca, disse:

“Haja luz”.

E A LUZ SE FEZ HOMEM...

PARA AQUELE QUE QUER VIVER

VIVA PARA SEMPRE

LIVRO SEGUNDO

O CORAÇÃO DE MARIA

Quando seus pais o viram, ficaram surpresos, e sua mãe lhe disse: Filho, por que agiste assim conosco? Sabe que teu pai e eu, angustiados, andávamos procurando por ti. E Ele lhes disse: Por que me procuravam? Vocês não sabiam que eu devo ocupar-me das coisas do meu Pai? Eles não compreenderam o que ele lhes dizia. Ele desceu com eles, voltou para Nazaré e estava sujeito a eles, e sua mãe guardava tudo isso em seu coração...

CAPÍTULO I:

"O PRIMEIRO E O ÚLTIMO"

HISTÓRIA DA SAGRADA FAMÍLIA

CAPÍTULO II:

"O ALFA E O ÔMEGA"

VIDA E ÉPOCA DOS PRECURSORES

Nos dias do Bicentenário da Revolução Francesa, em Paris, o Filho de Deus me inspirou esta *história*. Comecei a trabalhar nela imediatamente. Deixei Paris, voltei para o Sul, me isolei entre livros e me propus a começar pelo início, ou seja, descobrir a que se devia aquele vazio documental pelo qual a confusão encontrou uma porta de acesso ao cerne do problema e gerou aquela montanha de livros que, usando o Herói dos Evangelhos como pretexto, deram vida a personagens de tinta sem qualquer contato com o Verdadeiro Filho de Maria: a Virgem de Nazaré.

A necessidade de viajar até os tempos do Nascimento me levou à Biblioteca do Museu Britânico.

Com a chegada da primavera seguinte, parei de procurar nos livros o que não poderia encontrar neles. Fiz as malas e parti para Jerusalém. Atravessei a Europa à luz de uma estrela brilhante e cruzei o mar sobre as ondas de uma Pomba Prateada. Terra Santa!

... "terra", ... grita do Farol o Colosso de Haifa: "Bem-vindo à Terra Santa"

Desci até Nazaré. Visitei o Templo da Anunciação. Após uma breve parada em Tel Aviv, segui meu caminho para a Cidade Santa.

Quando cheguei a Jerusalém, a cidade vivia em estado de exceção. O Iraque acabara de invadir o Kuwait. O discurso antissionista do novo herói do Islã, utilizando o ódio universal do mundo muçulmano contra os judeus como elo de união à causa do fundamentalismo do mundo árabe, exigia — segundo jornais paramilitares israelenses — o uso de armas nucleares, especialmente a bomba de nêutrons.

Enquanto o Iraque provocava ondas de aplausos nos territórios palestinos, entre a multidão, um homem-anúncio vestido de profeta passeava pela Rua David, arrastando um cartaz apocalíptico: "O fim do mundo se aproxima, venham tomar uma cerveja. Pub do Profeta".

Foi uma viagem muito instrutiva. Subi novamente nas asas da Pomba de Prata e naveguei pelas águas do Grande Mar de volta ao Velho Continente.

Peguei rumo a Londres. Me instalei em Finsbury Park, fechei a porta, liguei minha velha máquina e me sentei decidido a não sair do estúdio até conseguir a História pela qual vinha lutando nos últimos anos.

Foi um outono muito longo, mas muito frutífero. Um dia de novembro daquele ano, cheguei à meta. A meta pela qual corri todos esses anos foi o Tesouro que a Mãe guardava em seu coração: "o Coração de Maria".

Como Maria conheceu José, quem eram Zacarias e Isabel, quem eram, na verdade, os famosos irmãos e irmãs de Jesus. Tudo, absolutamente tudo, Ela sabia tudo sobre seu Filho. Ela havia vivido tudo isso e guardado tudo em seu Coração. E continuava exatamente onde estava.

O que eu vi no Coração da Mãe é o que vocês vão ler a seguir.

PRIMEIRO CAPÍTULO

O PRIMEIRO E O ÚLTIMO

Genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão... filho de Davi... filho de Zorobabel, filho de Abiud, de Eliacim, de Azor, de Sadoc, de Aquim, de Eliud, de Eleazar, de Matã, de Jacó...

MARIA DE NAZARÉ

A Virgem nasceu em Nazaré, bem no coração da Galiléia. Como todos sabem muito bem graças aos Evangelhos Canônicos, o pai da Virgem era Jacó, e sua mãe era Ana. Jacó de Nazaré, pai de Maria, faleceu quando Maria ainda era muito jovem. Certa vez, o pai da Virgem partiu para o Céu. E não voltou mais. Isso ocorreu durante os anos do reinado de Herodes.

O falecido deixou aqui na Terra órfãos, um órfão e uma viúva. Do ponto de vista das coisas humanas, Jacó, filho de Matã, filho de Salomão, filho do rei Davi, partiu para a morte em um momento ruim. A morte, é claro, nunca chega em um bom momento. De qualquer forma, dentro do mal, Jacó de Nazaré partiu para a morte no melhor dos momentos possíveis.

Aquelas grandes secas que, por tantos anos, assolaram as províncias do Oriente Médio finalmente haviam passado; as famosas vacas gordas que, por um momento, pareceram que nunca mais voltariam, estavam retornando, cada uma mais rechonchuda que a outra; elas haviam voltado e exibiam sua abundância pelos campos de todas as províncias do Antigo Levante, quando gregos e romanos.

O horizonte luminoso, ansiado, implorado, desejado e pedido — de Templo a Templo em procissões multitudinárias — havia se aproximado, como não poderia deixar de ser, também das colinas de Nazaré. Seus resplendores já começavam a brilhar nos olhos de seus habitantes com o brilho da estrela das orações atendidas, a luz do desejo concedido. Pastores da Galiléia, pescadores do Mar dos Milagres, agricultores dos vales do Jordão, artesãos da região que viviam nas trevas do desespero, todos juntos saíram às ruas para celebrar os anos de abundância. Finalmente haviam chegado!

A Casa da Virgem desfrutou da alegria geral com a intensidade de quem passou por momentos difíceis, tão difíceis quanto os demais, não tão difíceis quanto os de outros, nem muito melhores do que a maioria das pessoas que realmente passou por momentos muito difíceis durante aqueles longos anos. Foram tantos!

Não foi apenas aquela seca. Foram também aqueles terremotos que devastaram o Oriente Médio, semeando a fome desde as montanhas do Líbano até as costas do Mar Vermelho. E mais. Sim. Muito mais. Por si só, aqueles anos de desesperos terríveis já eram

terríveis, mas a política fiscal de Herodes, o Carniceiro de Jerusalém, agiu como um machado, cortando todas as cabeças que conseguiam se manter à tona. Sob o reinado de Herodes, o Grande, continuar respirando tornou-se um crime. O direito à liberdade de expressão foi proibido. A qualidade sagrada que distingue o homem dos animais foi penalizada, e seu exercício condenado: na melhor das hipóteses, ao exílio; à pena capital, nos demais casos. Tantas fortalezas Herodes construiu, tantas forcas se contaram no reino de Israel. De todos os ofícios, a prostituição é o mais antigo, mas o único que, durante os dias de Herodes, o Grande, nunca saiu de moda foi o do carrasco. Que ironia: enquanto o Dia do Juízo Final chegava — ou não —, os filhotes da família do tirano construíam palácios com blocos de mármore! E fortalezas dignas de um imperador, além de quartéis e guarnições militares contra uma possível insurreição, daquelas capazes de derrubar até mesmo as próprias muralhas do Inferno.

Nem mesmo os faraós!

O faraó de Moisés era mau; os Herodes eram piores. E, enquanto isso, enquanto o tirano devorava um filho ou um irmão, o povo continuava passando por calamidades físicas e espirituais das quais, quando passam... a gente nem quer mais se lembrar. Quem se lembraria daqueles anos de vacas magras quando os dois mil anos tivessem passado? No entanto, a esquizofrenia construtora do Carniceiro de Jerusalém, a esquizofrenia do Tirano de Israel, sim seria lembrada pela História: Herodes, o Grande! A esse assassino só faltava isso: que lhe concedessem licença para matar à sua vontade. Seus filhos, seus irmãos, sua esposa, seus amigos, seus inimigos, fossem ou não inocentes. Permissão do próprio César para violar todas as leis do Direito Romano.

Sob o reinado daquele Herodes, chegou um momento em que bastava mover os lábios pedindo justiça para cair nas garras de sua paranóia assassina. Os romanos — seja dito — cometeram muitos erros; de todos eles, o fato de Otávio César Augusto ter permitido que a coroa dos judeus fosse entregue a um palestino foi uma falha que até mesmo o próprio Juiz do Universo terá dificuldade em perdoar.

Mas voltemos ao tema da Vida da Virgem e de sua Família. Jacó de Nazaré, pai de Maria, acabara de falecer.

Justamente porque Ana, a viúva de Jacó de Nazaré, e suas filhas mais velhas, Maria e Joana, já haviam conseguido quase esquecer o tipo de batalha que aquele homem tão querido por elas teve de travar contra as intempéries daquele verão interminável, compreende-se que sua perda, agora que a luz da esperança começava a gerar, nos úberes das vacas do estábulo, o ouro da abundância, fosse para a viúva Ana, mãe da Virgem, infinitamente mais insuportável e dolorosa do que a perda de seu marido.

Ana e Jacó de Nazaré superaram todas as adversidades com coragem e responderam aos tempos difíceis com a serenidade de quem caminha sob a paz de Deus. Também Jacó de Nazaré e Ana sonharam com os dias de abundância durante todos os dias dos últimos anos, como todo mundo; e riram dos tempos difíceis, dando à luz seis filhos.

Acontece que, em vez de permitir que os tempos difíceis abrissem a menor brecha entre eles, Jacó e sua esposa se uniram com ainda mais força, se é que isso era possível, no abraço do amor que os deixava maravilhados por estarem juntos. Maria foi a primogênita de Jacó, o falecido; depois veio Juana. Seguiram-se gêmeas, depois outra menina, e encerrou o rio da vida o menino da casa, chamado Cleofás, um bebê ainda em fase de amamentação quando seu pai faleceu.

“Agora que o sol volta a brilhar, minha filha, o Senhor me deixa sozinha com meus seis filhos. Quem vai me ensinar a viver sem o seu pai, Maria?”, assim a mãe da Virgem derramava

a alma que sangrava. A menina recolhia no colo as lágrimas daquela mãe a quem amava tanto. Como qualquer menina que se tivesse perdido em uma floresta de pessoas estranhas, a viúva chorava com o coração partido. No coração de Maria, porém, a presença de seu pai simplesmente havia adormecido.

Maria ainda podia ver, sentir, cheirar e ouvir seu pai, todo sorridente, enquanto respondia a ela e à sua irmã Juana as perguntas sobre o Senhor de Moisés, YAVÉ, DEUS.

Maria ainda conseguia vê-lo lidando com os ceifeiros, os horticultores e os pecuaristas da vila com a alegria e a força de um homem respeitado, estimado e considerado honesto de um extremo ao outro da região. Seu pai era um homem daqueles que olham de frente, diretamente nos olhos, sem rodeios. Nos olhos de Jacó de Nazaré, podia-se perceber a sinceridade que suas palavras transmitiam.

Quando chegaram os anos de escassez, o pai de Maria mostrou-se à altura da situação. Como o campo já não produzia o suficiente para pagar salários extras, Jacob de Nazaré assumiu o fardo de extrair de seus campos, mesmo que fossem apenas alguns sacos de amêndoas, algumas arrobas de azeite, algumas medidas de trigo, alguns quintais dos famosos vinhos da Casa. O que fosse, desde que mantivesse os ossos de suas filhas saudáveis e fortes. Suas duas filhas mais velhas, Maria e Juana, sabiam tão bem quanto sua viúva contra que tipo de sol estéril aquele homem teve de lutar! Graças a Deus, embora pequenas, Maria e Juana deram uma mãozinha com as azeitonas no inverno, com as amêndoas, com os figos e o trigo no verão, com os animais no outono, verão, inverno e primavera. O que a senhora Ana, viúva de Jacó de Nazaré, não daria agora para voltar a acordar de madrugada e preparar para o pai de suas filhas o leite, o pão e a água!

Maria sabia disso muito bem; ao ver seu pai de pé novamente ao amanhecer, despedindo-se das filhas com aquele sorriso tão característico nos olhos, sua mãe daria a própria vida. Mas já não havia mais nada a fazer para que a engrenagem do tempo voltasse atrás. Agora era preciso viver, escolher entre o marido falecido e os filhos vivos.

Das duas meninas, María e Juana, Juana era a mais nova, um ano mais nova que María. María era a mais velha, a mais importante da Casa. Mistérios da vida: era ela, Juana, a mais nova das duas, que mais se adaptava à vida no campo; talvez porque Juana tivesse herdado do pai o gosto pelo aroma das árvores em flor e o prazer de contemplar as cores do horizonte ao amanhecer.

Ao observá-las, as duas irmãs, qualquer um teria acreditado que, pelo físico, seria María quem mais gostaria de sentir o vento nos cabelos ao cair da tarde; no entanto, era em Juana, a mais nova, de corpo quase tão pequeno quanto o da mãe, que o pai derramou o amor pelo vermelho da terra viva. Em María, a força da vida vinha de sua mãe. Sua mãe lhe legou toda a sua habilidade para a costura e a confecção. O que importava para María era a família, a casa.

Assim, quando chegaram os tempos difíceis, e as vacas ficaram todas magras, e o dinheiro ficou curto, e as necessidades a serem supridas começaram a se multiplicar até seis vezes em apenas dois anos, María revelou-se uma costureira nata. Na idade em que se diz que se está na primavera da vida, a filha mais velha de Jacó de Nazaré tanto remendava um vestido e o deixava como novo num piscar de olhos, quanto tricotava para suas irmãs um casaco de lã em questão de dias, sem nunca deixar de ser o braço direito de sua mãe. E um exemplo de filha para sua irmã Juana. Nesta — como já disse — havia se revelado uma capacidade inata de aprender com o pai o significado dos impactos dos ciclos lunares na agricultura, por que os coelhos comem alface, como cresce de verdade um tomate de verdade, por que se podam as oliveiras para que não façam sombra e alterem o sabor do azeite. Enfim, milhares de coisas.

O fato é que a Juanita, além de ser a menina dos olhos do pai, sentia-se o outro braço da irmã María, e uma para o pai e a outra para a mãe, e as duas juntas na alegria, quando se intensificaram os ventos do sul e as gotas frias, as secas e as tempestades de inverno no verão, os calores do verão no inverno e as chuvas que vinham e iam num piscar de olhos, quando a tempestade pôs os homens à prova, tentando levar para o Paraíso aqueles que lhe mostrassem um rosto alegre; naquela época, as duas irmãs se uniram mais do que nunca. Aqueles anos difíceis obrigaram as duas irmãs a trabalhar duro. Foi um dever que elas assumiram em silêncio, escrito com sangue, batendo no mesmo ritmo do coração de seus pais. Cada uma deixou sua alma se abrir aos seus dons particulares e agiram seguindo o curso do mistério da vida em cada pessoa.

Os olhos da mais velha, a visão de Maria, eram feitos para descobrir a agulha no palheiro; nunca falhavam ao passar a linha pelo buraco da agulha, sem sequer olhar! Os olhos de sua irmã Juana precisavam de horizonte, de campo, de céu aberto. Em vez de brigarem, as irmãs agradeceram ao Deus de seus pais por sua sabedoria eterna e sua bondade infinita. Aos olhos de ambas, seu pai era um homem maravilhoso.

“Por que dizemos que a sabedoria do Senhor é eterna e sua bondade infinita?”, perguntava Jacó de Nazaré às suas duas filhas mais velhas. “Porque, com suas respostas, ele nos maravilha e, com sua bondade, ilumina nossos rostos”, respondia aquele pai às duas meninas, com um sorriso nos olhos, olhinhos que eram a alegria de seu rosto!

Suas filhas se olhavam, sorrindo para ele. Quanto elas amavam o homem que Deus lhes dera como pai! Seu pai continuava: “Quando dizemos que a Sabedoria do Senhor é eterna, declaramos com todo o coração e com toda a nossa mente nossa alegria por saber que Ele não mente. Filhas, quando O adoramos por Sua infinita bondade, nossa alegria é a de quem se encontra na cova para onde os maus lançam os bons e, ao erguer o rosto, vê o Senhor rindo da sabedoria dos gênios”.

“Filhas, ser bom custa”, confessava Jacó de Nazaré às suas filhas enquanto elas ordenhavam as oliveiras. “Àquela que é mais boa não se dá um presentinho? Você tem inveja, Juanita, da sua irmã mais velha por ela ser melhor a costurar do que você? Em que momento minha Juanita fez com que sua María se sentisse culpada por não ter as qualidades dela para o campo? Quando é que a mãe repreendeu a Juana por não saber costurar um vestido tão bem quanto a María? O que eu faria sem a minha Juana se ela não me trouxesse a comida ao meio-dia? Se ela não me obrigasse, eu nem comeria?”

Ah, como isso lhes trazia lembranças! Seria verdade que ele tinha partido? Elas ainda não conseguiam acreditar. Com o corpo sem vida do pai diante dos olhos, María e Juana se entreolharam em silêncio. Meu Deus, será que realmente o haviam perdido?

As duas irmãs abraçam agora a Viúva, sua mãe.

Desolada, a Viúva de Jacó de Nazaré continuava chorando sua desgraça:

“Agora, Maria, agora que vêm os anos de fartura, agora que seu pai poderia sentar-se em sua vinha para comer cachos grandes como os de Polifemo e doces como os de Baco, que Deus me perdoe, justamente agora. Por que, Senhor, por que? Diga-me em que seu servo o ofendeu”.

Meu Deus! Será que é possível explicar a conexão entre os corvos e os infelizes diaristas sobre os quais as Parcas lançam seu manto de mau agouro? Será que se pode entender que Deus seja Deus enquanto o Diabo reina? Quem fosse capaz de escrever o roteiro de sua própria vida e brilhar como uma estrela, pelo menos aos olhos dos sócios de papel inventados para a ocasião! O homem sonha que o destino lhe pertence, a criança sonha com o homem que bate em seu peito, para descobrir logo adiante que basta uma rajada de vento para reduzir seus

sonhos a bits condenados ao lixo. No fim das contas, a vida humana é como a cana: se o vento se intensifica, ela se quebra e seus restos caem no poço do esquecimento. Quem nunca caiu na tentação de se deixar morrer e acabar com tudo de uma vez por todas? Ou seremos os mais fortes até que se prove o contrário?

Para todo mundo chega a hora da verdade. Cada criatura tem a sua. E é nessa hora que o ser segue em frente ou desmorona. Essa era a hora da verdade para a mãe da Virgem.

“O que somos, Maria?”, clamava chorando a mãe da Virgem, lamentando a perda de seu marido. “Lutamos contra os elementos com as forças de uma criatura de barro. Erguemos nossos ídolos em honra daquele que nos dá a vitória. Ao Altíssimo dedicamos nossa glória. Mas o Onipotente não se cansa de nos ver reduzidos à condição de bestas. O campeão avança para receber sua coroa quando a Morte cruza seu caminho. Será que o Todo-Poderoso se levanta para salvar o corredor solitário de deixar a alma na corrida? Por que permanece sentado em seu Trono Todo-Poderoso e Onisciente enquanto os restos são varridos da pista pelo vento? É isso que somos, minha filha, pó que sonha em ser rocha, rocha que sonha em ser montanha, montanha que sonha em ser ninho de águias? O que será dos teus filhotes de águia agora, meu marido? Quem se levantará para protegê-los quando a serpente escalar o penhasco e sua mãe não souber como defender sozinha os teus filhos?”.

O que se poderia responder àquela mulher? Que louco teria ousado dizer-lhe o que aqueles visitantes ignorantes disseram a Jó, na Bíblia?:

“Cale a boca, velho podre. Se você apodrecer, será porque é mais mau do que todos os demônios juntos. Você enganou a todos nós com suas esmolas e seus sermões. Graças a Deus, o Senhor nos revelou sua falsidade e sua hipocrisia. Por causa delas, o Deus que você tentou enganar — assim como fez conosco — está punindo você. Cale a boca e sofra”.

Nossa, amigos! Eles queriam obrigar o pobre Jó a reconhecer que a miséria nasce da miséria, que quem tem retém porque já tinha, que ninguém é forte por capricho, mas que a felicidade ou a desgraça da pessoa revelam seu valor. Segundo esses sábios, os pobres são todos pecadores pervertidos, corruptos e viciosos que merecem o que sofrem; os bons são todos felizes, vivem na alegria, têm ouro, têm poder, são os melhores, os escolhidos da providência, a raça nascida para ser feliz, e são felizes porque são bons, e

“Ao Indestrutível, ao Invencível pertence a última risada”, respondeu-lhes Jó. “Do que e por que vocês riem? Que luz vieram trazer aos meus olhos? Querem me condenar pelo que fiz? Ignorantes, estou sendo castigado pelo que não fiz”.

A tragédia de Jó não esteve na queda das muralhas de sua fé ao som das trombetas do Inferno. Esse não foi o seu problema. Jó era uma fortaleza erguida sobre rocha. Não qualquer rocha, essa era o seu Deus. À prova de bombas, sua fé permanecia intacta. O problema que estava lacerando a alma de Jó era não saber o que estava acontecendo, a que se devia essa mudança no ânimo de seu Deus. Por que seu Deus o havia abandonado nu e à própria sorte diante de um inimigo armado até os dentes? O guerreiro segue seu Herói e Rei para o campo de batalha, e, em um canto da encruzilhada, seu Rei lhe vira as costas como quem sacrifica um peão no altar da vitória?

Esse dilema, justamente esse dilema, era o que mantinha a alma da Viúva de Jacó de Nazaré agarrada pelo pescoço. Lutando contra as trevas com a única arma divina ao alcance dos humanos, a palavra, a mãe da Virgem buscava a resposta para o motivo pelo qual a Morte havia levado seu marido. E não a encontrava.

“Por que nosso Deus não faz nada, Maria? Por que Ele deixa a serpente escalar o penhasco e por que facilita as coisas para ela, eliminando o pai de seus filhotes? Ele não a vê se

aproximando d , filha? Por que o Deus do seu pai não pegou o arco e a flecha e, com o raio de seu olhar, fulminou a Besta? A flecha errou o alvo, foi desviada pelo vento e, ao tentar acertar o dragão, matou o herói?

"Diga-me, filha, pois minha alma está amargurada e meus olhos não conseguem enxergar os planos recônditos do Onisciente. Mas o que somos, Maria? Por que se exige de uma criatura de barro, condenada ao pó por ter comido uma maçã, a compreensão de um deus? Não me olhe com esses olhos, não me repreenda por meu coração sangrar palavras. O que jorrará da ferida da Corça da Aurora quando, ao raiar do dia, o caçador a perseguir na hora das primeiras alegrias? Não será amaldiçoada a flecha que penetra no peito da pomba que monta o cavalo do vento, trota pelos céus e retorna feliz à casa de seu senhor? Já está chegando, filha, já a pomba alcança o braço de seu senhor, já o dardo assassino também atravessa o ar; seu senhor tem o poder de capturá-la em pleno voo, mas observe: ele não faz nada, fica imóvel como se essa fosse a recompensa por ter cumprido sua missão sagrada, e já a filha de Mercúrio cai no pó aos pés daquele que lhe volta as costas. Não me diga para calar a boca, Maria, você não vê que, se não o fizer, vou morrer?".

Eu só sei que não sei nada; embora digam que Deus criou o homem e a mulher para se amarem e nunca se separarem, também dizem por aí que o Diabo jurou tornar esse amor impossível. Mas, neste mundo, há gente que é surda e não entende, não percebe nada, ri dos chifres do Diabo e desafia a morte a romper o que Deus uniu com laços mais fortes do que as palavras da Serpente.

Ana, a viúva de Jacó, e Jacó de Nazaré, pai de Maria, futura mãe de Jesus Cristo, viveram esse desafio. Depois que se conheceram, se não se casassem, morreriam; e quando se casaram, já não cabia mais em suas mentes a ideia de viver um sem o outro. A cada ano que passaram juntos, adoraram o Deus que transformou uma costela, uma simples costela, em algo tão belo quanto aquele amor.

A MORTE DE JACÓ DE NAZARÉ

Genealogia do Salvador: Genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão: Abraão gerou... Davi; Davi a... Zorobabel; Zorobabel a Abiud, Abiud a Eliacim, Eliacim a Azor, Azor a Sadoc, Sadoc a Aquim, Aquim a Eliud, Eliud a Eleazar, Eleazar a Matã, Matã a Jacó, e Jacó gerou José, o marido de Maria, de quem nasceu Jesus, chamado Cristo.

Jacó, filho de Matã de Nazaré, faleceu alguns meses após o nascimento do menino com quem ele e sua esposa Ana tanto sonharam, pelo qual não pararam de lutar até consegui-lo. Já sabemos que essa história de ter um casal, de dar à luz um menino, é um clichê. Mas naqueles dias de terror fiscal e de secas longas como o deserto do Saara, por necessidade, um homem tinha que sonhar em ter um filho homem. Para transmitir a ele todo o seu conhecimento sobre os trabalhos do campo, para se apoiar em seus braços jovens quando os seus, por causa da idade, não pudessem mais carregar o fardo. Bem, sempre se tem os genros; mas não é a mesma coisa. Não é a mesma coisa ser visto como um fardo do que ter o filho que saiu das suas entranhas carregando você. Nem é a mesma coisa deixar tudo o que seus pais lhe deixaram para o seu próprio filho do que para o filho de um estranho. A quem quer que pense que aqueles homens eram antiquados, ignorantes da vida, que não sabiam que uma mulher pode fazer o

que um homem faz, ou até melhor, a essas pessoas modernas o melhor que se pode oferecer é o silêncio.

Fazendo ouvidos moucos à inteligência de tantos modernos, sempre voltados para o sol dos séculos, Jacó de Nazaré e sua esposa correram atrás do menino, encantados por desfrutar disso sendo antigos. E o alcançaram, e como o alcançaram! Chamaram-no de Cleofás porque, ao vê-lo pela primeira vez nos braços de sua mãe, ele lembrou Jacó de seu sogro. Quanto à aparência física, o que se pode dizer do seu menino? O garoto mais bonito do mundo, é claro.

Pois bem, todos já se sentiam na casa de Maria em plena glória quando, de repente, seu pai teve aquele sonho debaixo daquela figueira. Como estavam felizes o papai e a mamãe! Cinco meninas como cinco sóis, todas saudáveis, todas alegres, todas brincando com o boneco que seus pais lhes haviam comprado. De carne e osso. Ele chorava, fazia xixi de verdade, pedia manteiga, fazia cocô. Uma alegria. E, de repente, quando estavam todos em casa como se estivessem no paraíso, o pai resolveu morrer. Uma tragédia. Que pena! O próprio diabo atacando a casa por todos os lados não teria conseguido ferir tanto a mãe daquelas seis criaturinhas. A dor da viúva era ainda mais profunda por não ter ninguém da família ao seu lado; em seu desespero, ela já se via sitiada por um inimigo invencível que exigia sua rendição imediata ou a destruição total de sua casa. Se ao menos tivesse seus pais por perto, ou sua tia Isabel. Mas não, ninguém. E quem era ela em Nazaré? Apesar dos anos, a esposa de Jacó continuava sendo uma estranha, a forasteira que lhes tirou o solteiro mais cobiçado da cidade.

“Com tantas garotas bonitas por aqui, ela foi se casar com um de fora; ainda por cima, baixinha, que parece uma boba”, consolavam-se as moças de Nazaré. “Muito refinada. Muito educada. Vamos ver quando ela começar a ter filhos e tiver que cuidar sozinha da casa do sogro, o que restará de seus modos e de seu rostinho de princesa da Cidade Santa”. Coisas de vilarejos: não te odeiam, mas também não te desejam nada de bom. Todo mundo que vem de fora tem que prestar contas aos vizinhos sobre suas intenções. Tudo tem que se ajustar às normas da comunidade; a tradição manda.

A Viúva de Jacó de Nazaré não conhecia todas elas? Não a vinham observando durante os anos de vacas magras, como quem espera que o herói caia para ter o prazer de ver aquelas duas torres morderem a poeira como qualquer campanário de aldeia? Que consolo a Viúva poderia encontrar naqueles que já estavam fazendo contas e calculando como poderiam dividir os bens do falecido? Quanto lhe ofereceriam pelos vinhedos? Quanto pelos olivais? Quanto pelas terras de sequeiro?

“Por que matamos o milagre de nossa existência cotidiana com julgamentos contra o próximo, minha filha? Quem sabe quantos dias teremos neste mundo? Só o Senhor sabe; mas da boca Dele nunca sai esse número. Você imagina se Ele te pegasse criticando até a morte sua vizinha, ou atirando a primeira pedra? Não seria mais belo se nosso Senhor Deus te pegasse compartilhando teu pão com o pobre?”, dizia a mãe à filha Maria, enquanto costuravam, a sós. E, no entanto, agora era a mãe quem pedia à filha que fosse boa com ela e não negasse a palavra à dor de sua alma.

“Deixa-me morrer, Maria. Não te preocupes se minha alma se for em palavras quebradas. O Senhor levou meu marido, deixando-me sozinha com seus seis filhos. Por que meus olhos deveriam se conter e meu coração invejar a rocha que o Todo-Poderoso tem por coração?

“Minha filha, é fácil, das neves, contemplar o vale que arde no verão. Quando é que o Todo-Poderoso se colocou na pele do soldado que cai nu no campo de batalha, defendendo sua vida pela honra de sua alma de barro tenro e úmido? Como é fácil sentar-se no trono do julgamento para proferir sentenças! O Senhor está longe da fraqueza humana; nossas paixões não O afetam. Se faz frio, Ele não treme; se faz calor, Ele não su ; se disparam uma flecha contra

Ele, ela não O atinge; se Ele dorme, nada O perturba. O que sabe o Indestrutível da fragilidade de nossa existência? Não vês, filha, que o vale se sacia com nossas lágrimas?

"Por que reprimirei minha dor e amarrarei minha língua ao medo? O guerreiro não corre ao encontro da morte? Que Deus me mate, que me devolva a vida do meu homem; por que Ele não faz nada, por que permanece vigilante do outro lado do precipício? Em que razões, filha, o Eterno fundamenta seu silêncio e seu comportamento impassível? Se ao menos Ele se erguesse como um sol e falasse com a voz da tempestade, e os raios de Sua sabedoria, vindos de Sua alma, tecessem no firmamento nuvens repletas de inteligência. Mas não, filha, que a tempestade se intensifique, que a terra trema, que as montanhas desabem e soterram cidades e vilarejos, ou que o mar se desborde e afunde ilhas com seus habitantes; o Senhor, inatingível, indestrutível, nem sequer move uma sobrancelha. Ele vê o desastre e tudo o que oferece é um lenço de luto, pedindo perdão por não ter se antecipado ao movimento da Serpente?

"Diga-me, filha, que não foi Ele quem disparou a flecha que matou a águia e deixou à mercê do diabo o ninho de seus filhotes. Mas não me negue o direito de reclamar do destino das minhas filhas diante do cadáver do meu falecido".

Tomada pela dor de sua mãe, Maria consolava a Viúva desta forma:

"Somos todos iguais aos olhos Dele, mãe. Somos únicos apenas aos olhos de nossos pais. Nós, criaturas, enxergamos apenas até onde nossos olhos alcançam, mas Ele carrega sobre Seus ombros o peso de todos nós. No tempo certo, Ele se levantará, mãe. E Seus pés brilharão com o esplendor do herói vestido para a guerra contra aquele que tirou o homem de nossa mãe Eva. Eu sei que sou jovem, mãe, mas acredite em mim por todo o amor que tenho por você: o Deus do meu pai não permitirá que a casa da minha mãe desmorone. Já está, mãe, enxugue suas lágrimas. A Morte leva os melhores pensando que, ao deixar os maus para trás, deixa os pequenos sem proteção contra os tiranos. Ela ignora que, ao partirem, os bons vão para o Céu buscar as armas dos anjos. Meu pai nos defendeu como homem e nos criou. Agora, meu pai defenderá suas filhas e seu filho com a espada dos querubins. Minha mãe, já basta, não olhe mais para o cadáver dele".

A viúva ouvia as palavras de sua filha mais velha como quem recebe beijos vindos de longe.

Foram Maria e sua irmã Juana que encontraram o pai sentado encostado no tronco daquela figueira. Na verdade, não era exatamente a época da colheita; mas Jacó de Nazaré gostava de colher os primeiros figos da temporada; dizia que eram os melhores para fazer o pão de figo.

Jacó preparou o animal. Partiu sozinho para o campo com o ar fresco da manhã. O figueiral ficava do outro lado das colinas, visto da colina de Nazaré, bem à frente. Encantado com a vida, aquele bom homem se despediu de sua esposa. Suas duas filhas mais velhas levariam o almoço para ele e o ajudariam a encher as cestas. Até lá, bem, então, um beijo, adeus.

Ao vê-lo partir daquela maneira tão bela, quem poderia imaginar que aquele homem voltaria para casa... morto?

Na hora do almoço, Maria e sua irmã Juana chegaram ao campo. Maria era um ano mais velha que Juana, e as duas eram moças em plena juventude. Maria e Juana procuraram o pai e o encontraram sentado à sombra daquela figueira.

"Vamos deixá-lo dormir mais um pouco, Juana? Nós mesmas vamos recolher as cestas", disse María.

As duas irmãs se dedicaram ao trabalho. Terminaram de juntar as cestas, sem que o pai acordasse. Mas ele simplesmente não acordava.

“O papai está dormindo muito hoje, não é, María?”, disse a Juana.

Elas se esforçaram ainda mais no trabalho. Por fim, começaram a se olhar preocupadas.

“Será que aconteceu alguma coisa com o papai, Juana?”. E lá foi a mais velha das duas ver o que estava acontecendo com o pai.

Não vou ficar sentimental aqui, como quem quer conquistar o leitor arrancando-lhe um mar de lágrimas. Quase todo mundo já passou, de uma forma ou de outra, pelas formalidades de um enterro e sabe como dói perder o que a Morte nunca deveria ter levado. Mas foi ela, a Maria, ao se ajoelhar para acordá-lo, quem descobriu a verdade na palidez do rosto do pai.

A moça não gritou, não se assustou. Abraçou a cabeça do falecido, embalou seu corpo, beijou sua testa e olhou para a irmã Juana, que se aproximava em lágrimas. Juana se abraçou à irmã María, e María se deixou abraçar até que Juana se acalmasse e, juntas, pudessem recompor suas almas.

“Vá para casa, Juana, e conte à mamãe o que aconteceu”, pediu María à irmã.

Juana montou no jumentinho e, chorando com o coração partido, correu pelas colinas. Enquanto isso, María ficou sozinha com o corpo de seu pai, debaixo daquela figueira, acariciando o rosto daquele que, para ela, era o homem mais maravilhoso do mundo, que partira sem dar oportunidade à esposa e às filhas de lhe dizerem, pela última vez, o quanto o amavam.

“O que será do seu menino agora, pai? Em quais olhos ele encontrará a imagem divina do homem que nós, suas filhas, descobrimos em você?”, sussurrava a jovem Maria, dirigindo-se ao Céu.

Como já foi dito, um inimigo cruel e sádico destruindo a casa não teria causado à Viúva de Jacó de Nazaré tanto dano quanto a maneira como a Morte levou seu marido. Se seu marido tivesse morrido defendendo os seus em alguma guerra, ou sacrificando a vida das filhas em troca da própria, sei lá, mas morrer daquela maneira, sem aviso, quando haviam encontrado a felicidade, depois de terem superado uma década de anos tão ruins quanto o coração de Herodes.

Para que vou contar a vocês os litros de lágrimas que a Viúva derramou durante todo aquele dia e toda a noite daquela tarde? Nunca lhes morreu uma filha em flor, ou uma irmã no auge de sua beleza? A Morte nunca lhes arrancou a estrela dos olhos, deixando-os nas trevas mais tempestuosas? Vocês deveriam estar rindo às gargalhadas, batendo palmas, com o coração aberto a toda esperança, e de repente, da noite para o dia, uma hora antes do amanhecer, a aurora se transforma em noite sem lua, a planície se transforma em poço sem fundo e, ao olhar para baixo, vocês descobrem o rosto da Serpente dando-lhes as boas-vindas.

É que Jacob e Ana se amavam desde o mesmo dia em que cruzaram os olhares. Foi amor à primeira vista. Foi cruzar os olhares e saber que a busca havia chegado ao fim.

Jacó e Ana haviam nascido um para o outro; eram feitos um para o outro; eram as duas metades do mesmo fruto. Era natural que ele morresse tão apaixonado por sua esposa quanto no primeiro dia e que a Viúva o perdesse mais apaixonada por seu marido do que nunca. E se a essa dor somarmos o fato de a casa ficar sem um homem para cuidar dos campos e dos animais: a receita mágica na origem das lágrimas amargas que a Viúva derramou no coração de sua filha Maria durante os dois dias que se seguiram ao enterro de seu pai, vocês já a leram.

O VOTO DE MARÍA

Assim como as católicas de sempre, aquelas mulheres judias eram muito dramáticas ao lamentar a morte de um ente querido. Não estou dizendo que isso seja bom ou ruim, simplesmente era assim. Os romanos, ao contrário, usavam o enterro como pretexto para um banquete, o último banquete, a última ceia dos Césares. O banquete de despedida de Cícero, retratado nos afrescos da mansão do falecido em Pompéia, mostra seus familiares e amigos brindando à saúde do morto. A coroa do orador sobre suas cabeças lembra a de louros, mas trançada com ramos de videira. Meu Deus, os romanos tinham o coração tão duro que nem mesmo a Morte conseguia arrancar-lhes uma lágrima. Precisavam ser tocados pela vara de Baco para lembrar que eram homens, tão de carne e osso quanto os demais bárbaros do mundo. Só quando estavam bêbados como um barril é que derramavam uma lágrima.

Os hebreus, ao contrário da maioria dos povos, preferiam velar o falecido com o peito para fora. A distância, o afastamento, a ausência exigem um tempo de adaptação. Suponho que o costume imponha sua cultura e que cada cultura viva isso à sua maneira. Os hebreus, de todas as maneiras possíveis, escolheram a mais dolorosa: não enterravam o falecido até o terceiro dia após sua morte.

As lágrimas estavam garantidas! E se, além disso, ocorresse o caso que nos ocupa: um homem jovem, no auge da vida, casado e tão apaixonado por sua viúva quanto no primeiro dia, pai de seis filhos, um homem que nunca esteve doente, um homem que parecia nunca se cansar, que morreu sem ter ninguém para cuidar de seus campos, que partiu justamente quando a tempestade estava se acalmando, coloquem todos esses elementos na mesma coqueteleira, agitem-na, e o resultado será explosivo. A explosão que desencadeou a morte de Jacó de Nazaré vocês vão descobrir em breve; suas consequências ainda perduram.

Lá estava a própria viúva. Desde jovem, a mãe da Virgem era muito temperamental. No dia em que seu pai, Cleofás de Jerusalém, proibiu-a até mesmo de pensar em se casar com o homem que seria o pai de suas filhas, tão certo quanto a chuva cair para baixo, a jovem noiva saiu correndo em busca de sua tia Isabel, pelas ruas de Jerusalém, deixando um rastro de lágrimas quebradas.

A tia Isabel, esposa de Zacarias, futuro pai de João Batista, já a conhecia. Não era à toa que Ana era sua sobrinha. A tia Isabel, olhando nos olhos da sobrinha enquanto enxugava as bochechas de Madalena, toda abalada, sorriu.

“Mas, queridinha, você vai me contar o que está acontecendo? Quando você sai correndo assim, esquece que eu não sei de nada. Vamos chorar juntas ou vou rir de você até que você ria comigo?”. Tia Isabel amava sua sobrinha Ana com uma ternura divina.

Aquela mulher, a tia Isabel, amava a sobrinha mais do que as muralhas de Jerusalém, mais do que as nuvens do céu na primavera, mais do que as estrelas da manhã e da tarde juntas; ela a amava mais do que seus vestidos e mais do que suas peças de prata, mas toda vez que sua Anita se jogava em cima dela daquele jeito, ela não sabia se devia acompanhá-la nos beicinhos ou se devia rir das lágrimas dela. Também não era como se, a cada troca de guarda, sua sobrinha Ana estivesse regando o deserto com riachos de água salgada. A verdade é que, quando ela se descontrolava daquele jeito, sem conseguir articular uma palavra, e era preciso dar tempo para que se acalmasse, era porque algo muito grave tinha acontecido com a sua Anita.

A morte do pai das suas meninas — apenas duas delas já eram garotas, as outras ainda eram crianças, e um bebê dando trabalho, para falar a verdade —, sim, é um bom motivo para chorar até que os ossos sequem.

Isso aconteceu: a Viúva, a mãe da Virgem, afundou-se nas profundezas do desespero compreensível diante daquela situação. Por um tempo, ela fica em silêncio. Não diz nada, apenas chora abraçada àquela criaturinha que nunca conheceria o pai. Com Cleofás nos braços, a Viúva de Jacó de Nazaré chora o dia inteiro e a noite toda.

Desesperada, ela se vê cercada por uma escuridão densa e fatal; abatida, já imagina a casa de seu falecido engolida pelos impostos; quebrada, desolada, já se vê vendendo suas filhas para salvá-las da ruína.

Todas elas eram filhas de Davi; em tempos em que ser judeu não bastava, mas era preciso prová-lo, ter por esposa uma filha de Davi era um passaporte para os benefícios que César havia concedido aos judeus em gratidão por terem salvado sua vida contra o último dos faraós.

Conto a história.

Ao perseguir Pompeu, Júlio César se meteu em apuros. Viu-se César correndo como um louco atrás de Pompeu. E vejam só: César acabou chegando ao Egito. Naquela época, o irmão da faraó acabara de matar Pompeu. Esse mesmo faraó, que acabara de executar Pompeu, veio e ficou bem irritado com César. Acho que o irmão de Cleópatra chegou até a ousar declarar guerra ao Conquistador da Gália.

Como se sabe, contra toda esperança, aquele faraózinho esteve prestes a mandar César para o Elísio dos famosos generais romanos. Foi então que o pai de Herodes conseguiu reunir milhares de cavaleiros, atravessar o deserto do Sinai a galope e atacar o irmão de Cleópatra, rompendo o cerco e resgatando César do perigo. Em recompensa, Júlio César concedeu aos judeus uma série de privilégios imperiais, como a isenção do serviço militar, liberdade de movimento para o Dízimo do Templo, etc.

A condição sine qua non para se beneficiar desses privilégios era ser cidadão da Judéia, província romana.

Astutos como raposas, escorregadios como enguias, os judeus encontraram muitas maneiras de falsificar documentos. De todas as formas imagináveis de enganar o Império, a mais fácil era comprar documentos falsos, que qualquer um dos burocratas que trabalhava no Registro do Templo de Jerusalém fornecia por um punhado de dracmas.

Mas havia outra maneira mais barata.

Que maneira melhor de fazer parte da lista dos privilegiados do que declarar-se descendente do rei Davi? E, para fechar o ciclo com chave de ouro, incluir ter nascido em Belém da Judéia, “por favor”.

E ainda havia outra fórmula ainda melhor, mais agradável: é claro, comprar uma filha do rei Davi como esposa,

As descendentes do rei Davi estavam, por isso, em alta; se pagavam bem por uma filha de Davi, quanto pagariam por uma filha genuína do rei Salomão? E não qualquer uma, não apenas de nome; estamos falando da descendente genuína e autêntica do mítico rei Salomão.

Algo tão comum naquela época, como vender as filhas ao melhor comprador, fazia com que a Viúva de Jacó de Nazaré comparasse a mulher ao gado. Por Josué e pelas setecentas trombetas que derrubaram as muralhas de Jericó, ela venderia suas filhas por dinheiro? Ela, que se casara por amor e conhecia a doçura do casamento por amor e somente por amor?

A ideia lhe despedaçava a alma.

No entanto, a Viúva não via como poderia salvar suas filhas de serem tratadas como os animais que se compram e se vendem no mercado das paixões humanas. Quanto mais ela pensava nisso — e o cadáver de seu falecido não parava de lembrá-la disso —, mais amargas se tornavam suas lágrimas pelo futuro que aguardava suas filhas. Havia também o menino.

“E o que será do meu Cleofás sem o seu pai, Maria? O que será da casa do seu pai, minha filha?”, a viúva de Jacó de Nazaré derramava seu desânimo no coração de sua filha Maria.

Entre mãe e filha, o que posso dizer? A filha parecia a mãe. Maria abraçava a mãe e a consolava com palavras cheias de ternura e sensatez. E isso que a moça estava no auge da juventude.

Maria era uma criatura que não conhecera neste mundo nada além de alegrias. Amara seu pai com loucura e, ao vê-la consolar suas irmãs e sua própria mãe, qualquer um diria que ela ainda não acreditava no que estava acontecendo.

“O papai está dormindo, Juana”, foi a primeira coisa que saiu da alma de María quando o encontraram morto.

“O papai está no Paraíso, lá ele espera por todas nós; a Ester já está lá, vem cá, Rut; acalme-se, Noemi”, dizia ela às irmãs mais novas enquanto enxugava as lágrimas.

A menina deixava suas irmãs com Juana e ia com a viúva:

“Já está tudo bem, mãe; o papai está no Céu. O Deus dele não vai permitir que suas filhas sejam vendidas como escravas”, sussurrava ela ao ouvido da mãe, enxugando-lhe as lágrimas com beijos.

“Minha filha”, tentava articular a Viúva. Mas nunca conseguia terminar a frase, desmoronava em soluços e voltava para suas trevas, que envolviam sua casa e pintavam o horizonte de sua família com as cores sombrias de uma visão macabra.

O resultado do desespero natural da Viúva de Jacó de Nazaré foi o seguinte.

A visão sombria que a Viúva tinha do futuro de suas filhas correspondia à realidade do dia a dia. A morte do chefe de família obrigava as viúvas a entregar suas filhas ao pretendente que colocasse mais dinheiro sobre a mesa, independentemente da idade do comprador. Era a verdade e não há por que dar mais voltas no assunto. Do ponto de vista do homem rico, quanto mais viúvas houvesse, melhor, pois assim haveria mais “gado” jovem e fresco para escolher.

O mundo era feito à imagem e semelhança das paixões dos poderosos, e tudo o que se diga contra isso não nos levará a lugar nenhum. Para piorar ainda mais a situação, com as leis do divórcio que haviam sido aprovadas recentemente, a carne feminina era comprada para ser usada e descartada; era consumida ao bel-prazer do consumidor e, depois, os restos eram jogados fora para que o próximo pudesse chupar os ossos. E ai daquele que não seguisse o exemplo! Nas classes altas, ter apenas uma esposa era sinal inequívoco de conspiração contra Herodes.

“Aquele se casou apenas uma vez? E não se conhece pelo menos uma segunda ou uma terceira mulher dele? Com certeza aquele conspira contra Sua Majestade, Alteza”. Por razões tão absurdas, as cabeças dos judeus rolavam pelas ruas de Jerusalém naqueles dias.

Não era algo que a Viúva estivesse inventando. Ela era de Jerusalém, da classe alta, e conhecia essa realidade tão de perto quanto o fato de que seu marido jazia morto diante de suas filhas.

Que já bastava, que ela não chorasse mais, que não era para tanto, que tudo se resolveria, que o Senhor não permitiria que isso acontecesse. Palavras muito bonitas, pelas quais a Viúva agradecia. Ela só sabia que, há apenas um dia, acordara com a alegria da mulher mais feliz do mundo e, antes de passarem dois dias, já era... a Viúva!

"Deixa-me chorar, filha. Você não vê que, se não chorar, vou morrer?", implorava inconsolável a viúva à sua filha Maria.

Aproveitando um momento de calma, enquanto Juana e Maria estavam sozinhas com a mãe, Maria, filha de Jacó de Nazaré, abriu a boca.

Do que vou dizer a seguir, o Céu é minha testemunha, e que ele me envie para o horrível Inferno se eu inventar uma única palavra. Na noite daquele dia, durante o velório pela morte de seu pai, a filha mais velha da Viúva de Jacó de Nazaré amarrou sua vida a uma árvore que tinha o poder de enforcá-la caso ela não cumprisse o Voto que gravou no coração de sua mãe e de sua irmã Juana.

Maria poderia ter se calado; estava ao seu alcance levar o dedo aos lábios e não se submeter à provação. Mas não fazia parte do caráter da filha de Jacó resistir aos impulsos de sua personalidade. Ela preferia aceitar as consequências com toda a rigidez da lei.

Ninguém as estava ouvindo; as três estavam sozinhas diante de Deus. Por isso lhes disse que quem quiser ter certeza do que escrevo, ali está o próprio Deus que tomou a palavra da filha de Jacó de Nazaré para me confirmar ou me desmentir. Que Deus se apresente como Juiz é natural; que compareça como Testemunha é algo extraordinário. Aos corajosos, porém, pertence a glória.

E continuo.

Lá, diante de sua irmã Juana, Maria jurou à sua mãe que aquilo — que suas filhas fossem vendidas como escravas ao maior lance — nunca aconteceria às suas irmãs; antes o Diabo destronaria o Altíssimo, o Inferno conquistaria o Paraíso, ou isso aconteceria quando o coração de Herodes fosse elevado aos altares.

A fé da filha de Jacó de Nazaré era tão grande, sua confiança no Deus de seu pai era tão inocente, que não cabia em seu coração a ideia de que seu Senhor fosse abandonar sua família à mercê do Século.

Então, muito serena, com a seriedade de uma pessoa adulta, ela, Maria de Salomão, filha de Jacó de Nazaré, tomou o Deus de seu pai como testemunha e, diante de sua mãe e de sua irmã Juana, jurou — invocando a Lei de Moisés contra si mesma caso quebrasse seu voto — que ela, Maria de Salomão, não tiraria o véu de luto pela morte de seu pai até ver todas as suas irmãs casadas, e que não assinaria seu próprio contrato de casamento até ver seu irmãozinho Cleofás casado e com filhos.

Mais ainda: ela não se casaria até ver os filhos de seu irmãozinho Cleofás pulando de alegria, todos felizes e contentes naquele mesmo quarto onde agora a dor reinava triunfante. Até aquele dia, ela não tiraria o véu de luto por seu pai.

A Viúva ergueu a cabeça para o infinito. Juana olhou para a irmã com lágrimas de eternidade nos olhos. María De Salomón continuou dizendo:

"Pela memória do meu pai, juro-lhe, mãe, que minhas irmãs não conhecerão nenhum marido. Quando saírem da casa do meu pai, sairão alegres nos braços daquele amor que seus pais viveram e do qual nós, suas filhas, bebemos até nos saciarmos. Ninguém comprará as filhas de Jacó. Conforte sua alma, minha mãe. Aquela criança que você tem nos braços escolherá, dentre as filhas de Eva, a mais bela. Que o Senhor me castigue se eu falhar à minha

palavra: que me dê por marido o homem mais mau do mundo. Não se anguste mais, mãe; não ofenda o Céu culpando nosso Senhor por nossa desgraça, para que meu pai não tenha que abaixar a cabeça diante de Abraão pela ofensa que trazem as lágrimas que nunca cessam. Meu pai caminha entre os anjos e, aos pés de seu Deus, pede clemência para sua casa. Diga isso a ele, Juana".

TITA ISABEL EM NAZARÉ

A notícia da morte de Jacó de Nazaré atingiu a casa de seus sogros e demais parentes em Jerusalém com a força de um ciclone sem olho, destruindo cegamente casas e colheitas. Cleofás e sua esposa, avós de Maria por parte de mãe, queriam correr para Nazaré.

A prudência aconselhava Zacarias e sua família a manterem-se à distância, irem para Nazaré mais tarde, deixar isso para uma ocasião melhor, para que, ao irem todos juntos, não levantassem suspeitas na corte do rei Herodes. Qualquer um dos espiões do rei poderia achar estranho que uma personalidade da categoria do filho de Abias se interessasse pelo destino de um simples camponês da Galiléia. E chamar a atenção do tirano para a casa da Filha de Salomão era a última coisa que Zacarias podia se permitir.

"Faça o que quiser, homem de Deus", com essas palavras Isabel encerrou a discussão com o marido sobre a conveniência ou não de deixar Jerusalém naquele momento. "Faça o que quiser", repetiu Isabel, "mas esta filha de Aarão vai sair correndo agora mesmo para abraçar a menina de sua alma".

Isabel, esposa de Zacarias, futura mãe de João Batista, irmã mais velha da mãe de Ana e, portanto, tia materna da Viúva, era, por essas coincidências da Vida: tia-avó da Virgem.

Assim como Zacarias, seu marido, Isabel pertencia à casta de Aarão, de cujos membros eram escolhidos os integrantes do Sinédrio. Com isso, não quero dizer nada, exceto que a educação da futura mãe do Batista não se ajustava à educação que as demais mulheres hebraicas costumavam receber. E se somarmos a isso o fato de Isabel ter sido predestinada desde o ventre de sua mãe para ser a esposa do pai do Batista, acredito que, a partir dessa posição da Providência, as portas do tempo se abrem para quem quiser ousar atravessá-las.

Pois é assim mesmo: Isabel de Jerusalém, tia-avó da Virgem, era a irmã mais velha da mãe da Viúva de Jacó de Nazaré.

E assim aconteceu; Isabel partiu correndo para Nazaré na companhia de Cleofás e sua esposa, pais de Ana, mãe de Maria.

Cleofás, pai da Viúva, era, portanto, cunhado de Isabel.

Cleofás casou-se com a irmã mais nova de Isabel e tiveram Ana, sua sobrinha Ana, sua estrela da alva, a estrela nos olhos daquela Isabel que tanto chorou pela impossibilidade de não poder ter filhos.

Quando Isabel, Cleofás e sua esposa chegaram a Nazaré, o pai da Virgem já repousava em seu túmulo. Os habitantes de Nazaré, por sua vez, haviam retomado suas vidas cotidianas.

A chegada de seus pais e de sua tia Isabel despertou novamente nos olhos da viúva aquele rio de lágrimas que agora repousava adormecido como se estivesse morto, e que, excepcionalmente, voltava a jorrar quando os visitantes paravam para consolá-la. Ela não sabia, não podia, não queria viver sem o marido.

Para a viúva de Jacó de Nazaré, sua tia Isabel era aquela pessoa que todos os filhos sentem falta nos pais. Os pais são honrados, mas a essa outra pessoa confia-se tudo. Lógico, portanto, que fosse à tia Isabel que a viúva revelasse o acontecimento.

Como sempre, depois das comilanças.

O Cigüeñal, a Casa de Abiud, filho de Zorobabel, filho de Salatiel, filho de Salomão, rei e pai bíblico da família da Virgem, era uma propriedade rural da época dos senhores persas. Exceto pelos celeiros, todo o edifício era de pedra talhada.

Onde hoje se ergue o bunker da Anunciação, ontem se erguia uma mansão que era meio fazenda, meio fortaleza.

O salão principal do Cigüeñal de Nazaré tinha as paredes adornadas com as armas mais antigas e impressionantes. Havia armas de todos os períodos, desde o Império de Nabucodonosor II até o de César I. Além disso, contra uma das paredes do salão principal do Cigüeñal, os pedreiros da época abriram uma lareira grande como uma caverna. Sentadas diante do fogo dessa lareira estavam Tita Isabel e sua sobrinha Ana. Cleofás e sua esposa já haviam levado os netos para a cama.

A Viúva então começou a cozinhar. Se as paredes falassem, diriam que a Viúva preparou, em pouco tempo, ensopados suficientes para alimentar metade da África.

Tita Isabel sempre encontrava uma maneira de conter aquelas lágrimas torrenciais; não à toa que aquela era sua menina. Bem, era filha de sua irmã mais nova, mas como se fosse a filha que ela nunca teve. Isabel amava sua sobrinha Ana mais do que se fosse sua própria filha. É só uma forma de dizer. Mas aquilo de começar a chorar, cair em um silêncio eterno, e depois começar a chorar de novo, aquilo não era normal.

“O que está acontecendo com você, Anita?”, pergunta Isabel, preocupada. “Por que você esperou seus pais irem embora para começar a chorar assim? Já estamos sozinhas. Vamos, me conte.” Isabel estava tentando descobrir o que se passava com a sobrinha.

A Viúva abre os lábios. Ela os abre, sim, mas nunca consegue formar uma frase coerente.

“Minha María... Tita...”

“O que aconteceu com a sua María, Anita?”

“Tita... eu... minha María...”

A Viúva nunca conseguia terminar a frase. Com o temperamento que a mulher de Zacarias tinha, era impressionante que ela tivesse aquela paciência infinita com sua sobrinha Ana.

“Quando você se acalmar, me conte, filha”.

Isso aconteceu bem algum tempo depois.

O urso empalhado que ocupava o canto da sala principal do Cigüeñal, se estivesse vivo, já teria entrado em pânico. Sobre a lareira, uma cabeça de leão originária da Assíria bocejava, expectante.

Isabel continua olhando para o fogo quando a Viúva consegue terminar o relato sobre o Voto de sua filha mais velha.

“Repete isso para mim, Anita”, pede Isabel, absorta e maravilhada.

“Viu, Tita? Eu já sabia que você não iria acreditar”, e a Viúva recomeça a contar.

Ao amanhecer, finalmente a mãe do Batista está a par do acontecimento que mudaria o curso da História Universal.

“É isso mesmo, Tita, minha María não tirará o véu de luto pelo pai até ver meu filho de alguns meses casado e bem casado. O que eu fiz, meu Deus? E você já sabe como é minha María; se fosse homem, a palavra dele seria a última coisa que ele quebraria”.

Como a Viúva conhecia bem sua filha mais velha!

A CASA DE JOSÉ, O CARPINTEIRO

Vamos agora nos aprofundar um pouco na história de José, futuro esposo da Mãe de Jesus.

O clã dos carpinteiros de Belém passou por um grande impulso econômico a partir do nascimento de José. Este não é o lugar para entrar em detalhes íntimos sobre a vida dos pais de José, o Carpinteiro. No momento certo, abriremos a porta como quem levanta um véu e veremos cara a cara a verdade dessa intimidade que, por enquanto e até lá, deixarei no ar. A razão para isso ficará clara mais adiante. Para seguir em frente, digamos que uma incursão excessivamente profunda na vida dos pais de José, o Carpinteiro, quebraria o ritmo deste relato. Portanto, vamos prosseguir.

Heli, pai de José, trouxe ao mundo muitos filhos, meninas e meninos. O homem se encontrava no auge de sua alegria quando, certo dia, suas forças também o abandonaram, e ele morreu. Heli morreu como todas as coisas morrem: de cansaço. Especialmente naqueles dias, a causa da morte dos homens era o trabalho. Eles morriam exaustos. Havia os impostos, os dízimos, os juros. Os trabalhadores mal chegavam saudáveis aos quarenta; aos cinquenta já estavam meio mortos. Aos sessenta, já estavam mortos. Somente os ricos e os tiranos chegavam saudáveis aos setenta. Quem chegava aos oitenta ou era um santo ou era um monstro. Helí, pai de José, não era nem uma coisa nem outra. Apenas mais um trabalhador vendendo cara a vida contra tábuas e pregos. Assim, quando ele morreu, o Céu levou para sua glória mais um dos bons.

Como vemos, a Morte estava seguindo os passos de seus inimigos. Não havendo quem empunhasse a espada contra eles, a própria Morte atacava diretamente as duas casas messiânicas. Invisível, silenciosa, ela golpeava com a única arma a seu serviço: as tesouras das Parcas. Cega, a Morte escrevia páginas negras nas famílias de seus inimigos. Mas, sob a luz daquele que governa o destino do universo, Deus permitia que a Serpente agisse à vontade.

Mas deixemos de lado as crônicas do Inferno e de sua derrota. Voltemos a pisar em terra firme. Para relembrar ruínas e misérias, sempre há tempo.

Após a morte de Helí, filho de Matat de Belém, o Direito de Primogenitura transformou José em pai para seus irmãos e irmãs. Esse direito não incluía o dever de permanecer solteiro até que o último membro de sua casa tivesse formado sua própria família. Na verdade, o casamento com a Filha de Salomão — Maria era, naquela época, sua noiva — aproximava-se a cada ano que passava. José devia ter cerca de vinte anos quando seu pai partiu para o Paraíso dos justos. Maria devia ter um pouco menos.

Foi por volta dessa época que o pai de Maria faleceu. E foi assim que os dois homens que juraram casar seus filhos desapareceram repentinamente de cena. Durante toda a vida,

sonharam em vê-los casados e, da noite para o dia, uma reviravolta do destino roubou-lhes esse sonho diante dos olhos.

O que seria, a partir de então, do futuro daquele juramento que Jacó de Nazaré e Heli de Belém fizeram diante de Zacarias, filho de Abias, sacerdote, marido de Isabel, tia da Viúva e tia-avó de Maria?

Com a partida dos dois, já falecidos aqueles que se comprometeram a unir José e Maria em matrimônio quando Deus assim o dispusesse, Maria e José ficavam livres para seguir em frente e decidir se assumiriam ou não o juramento de seus pais. O que fariam? Como obrigar José a permanecer solteiro até que o último dos filhos de Jacó de Nazaré se casasse?

"Meu filho, sê sábio diante de Deus e de seus servos. Nenhuma recompensa satisfaz a condição do ser humano com mais plenitude do que ajustar nossos passos à sabedoria Dele. Não somos nada, não somos ninguém quando se trata de ponderar a decisão entre satisfazer a nós mesmos ou satisfazer nosso Senhor Deus. Coloca toda a tua confiança em Sua Onisciência; deposita tua fé em Seu braço todo-poderoso, que nunca erra o alvo nem falha o tiro. Tu conheces a vontade Dele; não Lhe vire as costas. Eu vou embora, mas Ele permanece e fica contigo. Ele te guiará rumo à vitória de nossas Casas. Seu anjo escreverá em Seu Livro: "Disse Deus, e assim se fez". José foi formado em meio a conselhos dessa natureza.

A SENHORA ISABEL

Após a morte de Jacó de Nazaré, pai de Maria, a Viúva se recompôs. Apoiada por Tita Isabel, a Casa da Virgem de Nazaré superou a tempestade sombria que, em sua dor, a Viúva imaginou durante o enterro de seu marido.

A senhora Isabel, membro da classe aristocrática de Jerusalém, especialista no mundo dos negócios e nas leis judaicas, assumiu o controle de tudo, moveu céus e terra e não saiu de Nazaré até que tudo estivesse tão solidamente restabelecido que parecesse que Jacó nunca tivesse partido.

Decidida como sempre, com recursos financeiros suficientes para impedir que os irmãos de Jacob — que poderiam ter oferecido à Viúva a compra das terras — o fizessem, Tita Isabel preservou para a filha de Salomão, sua sobrinha-neta, até o último acre.

Graças à Tita Isabel, a Viúva não vendeu nem mesmo uma figueira. Lá estava a Tita Isabel para contratar trabalhadores quando chegava a época da colheita, para assinar contratos, para pagar aos trabalhadores, para receber o dinheiro das vendas e, o mais importante, para pegar sua sobrinha Juana e ensinar-lhe, de A a Z, o ABC dos negócios.

Assim, Juana, que vinha depois de María, acompanhou a irmã mais velha no Voto. Mas Juana, ao contrário de María, que era uma artista na costura, herdou todo o temperamento de seu falecido pai; ela não se cansa nem de aprender com sua tia Isabel como lidar com os homens, nem de abrir caminho no mundo dos contratos; nem se cansa de trabalhar no campo à frente dos diaristas que trabalham para sua Casa. Muitos apostaram que, assim que a senhora Isabel partisse, a menina entraria em colapso e, mais cedo ou mais tarde, a viúva teria que vender a propriedade.

"Filha, não dê ouvidos a eles", aconselhou a tia Isabel à sua sobrinha-neta Juana. "Os homens nos olham como se a Sabedoria não fosse nossa irmã. Por considerá-la esposa, acham que a Sabedoria nos vira as costas. Você, não dê ouvidos, Juanita. E se o sol escaldar e a colheita

for ruim, eu compro toda para você pelo preço de uma colheita de ouro. Isso é muito simples, minha filha. Tenha sempre uma única palavra; se você concordou com mais por algo que depois acabou valendo menos, mantenha sua palavra; você disse tanto, tanto você paga. O mesmo vale quando for a vez deles se enganoarem com você. Você concordou com tanto, tanto você cobra...”

Com o tempo, a mais nova das Virgens de Nazaré aprendeu a falar com os homens que ela mesma contratava como se a menina fosse uma pessoa adulta.

Nunca as terras do clã dos filhos de Davi de Nazaré foram tão férteis quanto naqueles anos após as grandes secas.

Nem mesmo os jovens da Casa do Cegonha, a grande mansão na colina, já haviam andado tão bem vestidos.

A senhora Isabel, como toda filha de Aarão, era mestre na arte de tecer mantos sem costura. Era o manto dos membros do Sinédrio. Esposa de um notável do Sinédrio, Isabel podia garantir à sua sobrinha-neta Maria que sua oficina de costura seria a mais lucrativa de todo o reino.

“Mas, Tita”, disse María, “não posso abandonar a casa da minha mãe.”

“Minha filha, nem fale nisso”, respondeu a tia Isabel.

O fato de, sendo a tia-avó, ser chamada de Tita se devia ao temperamento da própria Isabel. Ela se sentia velha quando a chamavam de “vovozinha”.

E assim, entre suas sobrinhas-netas Juana e María, o tempo passou para a senhora Isabel. Se à sua Juanita a senhora ensinou todos os segredos dos negócios e, em seu nome, contratou um capataz para ajudá-la em tudo, e colocou na cabeça dela que, de Jerusalém, acompanharia seus passos diariamente, e, por Deus, que ela iria para o céu antes de ver outra desgraça cair sobre suas netas; se colocou sua sobrinha-neta Juana à frente dos campos, sentou sua “neta” María ao seu lado e não a afastou de seu lado até que sua sobrinha-neta aprendesse, das mãos de uma especialista em trabalhos sagrados, os segredos mais recônditos do corte e da confecção de um vestido sem costura. A Menina, que já era uma artista por natureza, pois herdara a arte de sua própria mãe, ao se despedir da “vovozinha” não só havia herdado um dos mistérios mais zelosamente guardados pelas filhas de Aarão, mas também abriu sua própria oficina de costura em Nazaré.

Da oficina de corte e costura da Virgem de Nazaré partiram para Jerusalém alguns dos mantos sem costura, orgulho da casta dos príncipes da Cidade Santa. Mantos pelos quais se pagava em ouro vivo. Tinha-se apenas um, e era para toda a vida.

“Mas, Tita, de onde vou tirar o dinheiro para as sedas e para os fios de ouro?”, perguntou-lhe Ela certa vez.

— Não te preocupes com uma nuvem, filha — respondeu a senhora Isabel. — Quando eu te der o encargo, mandarei sedas para que vistas todas as tuas irmãs, e um saco de fios para que faças ao teu irmão uma trança com cabelos de prata. Se o Senhor não me deu filhos, será por alguma razão. O que os homens pensam? Para o filho de Natã, tudo. Minha filha, deram de presente ao seu José um potro ibérico que até um general romano gostaria de ter para si. Com ele, com o seu José, baixam a guarda e já parece que o seu Noivo é um príncipe entre mendigos. Quem vai me proibir de dar à filha de Salomão a Lua e as estrelas envoltas em sedas e amarradas com fios de ouro?”

E assim foi. De fato, a maneira como as filhas de Jacó de Nazaré passaram a se vestir causou admiração a todos os membros do clã de Davi da Galiléia. Na hora de casá-las, já se pode imaginar, o dote que a Viúva queria para Ester e Rute, as gêmeas.

“Dote? Quem falou aqui em dinheiro? Você o ama, filha?”, era a resposta da Viúva aos pretendentes de suas filhas.

Eles estavam errados, e como estavam errados! Comprar uma filha da Viúva?

Impossível.

O melhor partido de toda a região?

Nenhum.

Os campos da Filha de Jacó rendiam cem por cento. Da oficina da Virgem de Nazaré saíam os vestidos mais bons, bonitos e baratos da região. E o menino da casa? Cleofás, o caçula da casa!, só faltava a tiara para deixar os filhos de Herodes no mesmo nível dos malandros. Portanto, quem quisesse se casar com uma de suas filhas não fosse até a Viúva de Jacó falando de dinheiro. Era o coração que eles tinham que colocar sobre a mesa, aberto de par em par, aberto como uma lua cheia, nu como o sol de um dia de 40 de maio. E depois que fosse o que o Céu quisesse.

A SENHORA MARIA

Com a morte de seus avós, Cleofás e sua esposa, Maria de Salomão herdou a casa de sua mãe na Cidade Santa. Estamos falando da casa da herdeira de um Doutor da Lei que teve como padrinho na carreira burocrática o chefe do grupo de influência mais poderoso na corte nascente do rei Herodes. Estamos falando de uma casa de grande prestígio.

Estamos falando de uma senhora, a senhora Maria de Nazaré, filha de Ana, filha de Cleofás, cunhado de Zacarias, filho de Abias — Abtalion, segundo a historiografia oficial. Estamos falando de uma Maria... membro legítimo da aristocracia sacerdotal judaica por parte de mãe. (Nesta primeira parte da história, não vamos nos aprofundar na vida da casa de Cleofás, pai da mãe da Virgem. Na segunda parte, vamos nos aprofundar, pediremos permissão e veremos com os olhos do espírito o que quero dizer quando afirmo que Cleofás, pai da Viúva, pertencia ao grupo aristocrático judeu que, sem ser herodiano, era o mais influente na corte do rei Herodes. Por enquanto, basta a confiança para, sobre a rocha da nossa fé, articular os pilares sobre os quais repousa o edifício desta história).

Sem ir muito longe, vemos o “Senhor” Jesus, no prólogo da Última Ceia, enviando um de seus discípulos para anunciar a um de seus servos a sua chegada. O homem não resiste; e não resiste porque conhece o mensageiro, sabe quem é o “senhor” que o está instando a ter tudo pronto para a “Ceia”.

A lenda de Jesus, o Carpinteiro — vamos dizer tudo —, teve sua origem na mentalidade das pequenas cidades. O título local do pai passa para o filho. O pai foi carpinteiro, o filho “o Carpinteiro” por toda a vida, mesmo que venha a ter mais terras do que um marquês; seu pai foi o carpinteiro e seu filho será o filho do carpinteiro até o dia de sua morte.

É verdade, vamos continuar dizendo tudo: José chegou a Nazaré seguindo a rota dos nômades. O homem se estabeleceu na vila, alugou da Viúva um pedaço de terreno para montar sua barraca. Montou a oficina. José acabou gostando do ambiente — era o que ele dizia para os outros — e acabou se apaixonando pela herdeira da Viúva. Naquela época, a Virgem era dona

de figueirais, vinhedos, olivais, terras férteis, gado e, além disso, era proprietária de uma oficina de confecção e costura em pleno boom graças à onda nacionalista.

Até então, os trajes típicos precisavam ser encomendados em algum ateliê da Judéia. As judias, sobretudo as de Jerusalém, haviam guardado zelosamente o segredo da confecção dos trajes de noiva e dos vestidos para as festas nacionais. Então, a Virgem de Nazaré abriu seu próprio ateliê de costura e confecção.

Em meio a tais circunstâncias, a criação da oficina da Virgem de Nazaré, na verdade, ganhou espaço imediatamente. Graças aos laços de parentesco que sua família mantinha por toda a Galiléia, a publicidade necessária, sem que Ela precisasse esperar muito tempo, espalhou-se como fogo. Bastava observar como suas irmãs se vestiam. Depois, havia o preço; a Virgem de Nazaré era uma santa; se você não tivesse dinheiro, poderia pagar quando as coisas melhorassem. Ela ajustava o preço de acordo com a sua situação e nunca mandava o cobrador de fraque atrás de você para cobrar o dinheiro. Uma verdadeira santa. É claro que, quando foi anunciado seu casamento com o Carpinteiro, todo mundo ficou de boca aberta.

A Virgem vai se casar!?

A verdade é que José e Maria primeiro esperaram que Cleofás se casasse.

O caçula da família casou-se com Maria de Canaã, também do clã de Davi. Um ano depois, Cleofás e Maria de Canaã deram à luz Tiago. (Esse Tiago viria a ser o primeiro bispo de Jerusalém. A história o conhece como Tiago, o Justo, irmão do Senhor, um deles, e que mais tarde foi assassinado por seus próprios irmãos de raça. O destino dos irmãos de Jesus faz parte da história do cristianismo. Uma viagem pela memória da fascinante aventura dos primeiros cristãos, lamento dizer, ultrapassa o alcance deste relato. O fato é que o destino dos irmãos de Jesus ficou selado na Noite do Massacre dos Santos Inocentes. Os sobrinhos de José não foram esmagados sob os pés da Fortuna? A Besta perseguia o Menino e, em sua impotência para encontrá-lo, lançou fogo pelos olhos contra todos os seus familiares. Quantos sobrinhos mataram José em uma única noite? Quantos filhos de Cleofás seriam levados? Como já disse, no futuro, se Deus quiser, abordaremos a tragédia dos famosos irmãos de Jesus, filhos de Cleofás e Maria, filha de Cleofás. Pois bem, um ano depois de terem tido Tiago, o Justo, Cleofás e Maria de Canaã — Maria, filha de Cleofás, segundo o Novo Testamento —, trouxeram José. E continuaram trazendo primos e primas para Jesus.

O NÓMADE

De todas as crianças de Nazaré, a nenhuma, como a de Cleofás, José caiu tão bem. Mas desde o próprio dia em que José chegou a Nazaré. Não é mentira que José fez sua entrada em Nazaré de forma espetacular. Seu cavalo ibérico, negro como a noite, e seus três cães assírios caçadores de leões quebrando a monotonia de maneira genial. Depois, havia o cavaleiro; gigante em seu Bucéfalo, filho de Pégaso, o cavalo dos superanjos; o cabelo nem longo nem curto, no cinto a própria espada de Golias.

E o forasteiro dizia que era um nômade em busca de aventuras pelas províncias do reino.

Os nazarenos olhavam para ele e não conseguiam acreditar. Um nômade como qualquer outro, em busca de aventuras por aquelas estradas de Deus, montado em um potro daquela raça, belo como o cavalo de um arcanjo em plena batalha, escoltado por três feras, belas como querubins e temíveis como dragões?

Aquele gigante era puro mistério. Suas características psicológicas e físicas não correspondiam à imagem popular do nômade sem terra natal, sempre bêbado, sempre briguento, bastante magro, com o nariz vermelho de vinho, o cérebro queimado pelo sol e pelo frio. Não, senhor, aquele nômade não era mais um entre tantos. Os nômades andavam de burro, na melhor das hipóteses em éguas velhas, com percevejos, pulgas e vira-latas como companhia. Não, senhor, aquele José era puro mistério.

Com segredo ou sem segredo, o fato é que Cleofás, o irmão mais novo da Virgem, nutriu um carinho tão grande por aquele nômade nascido em Belém que acabou morando mais na barraca do Carpinteiro do que em sua própria casa.

Mas eu sei que o que aquele garoto mais desejava era realizar seu sonho de montar no cavalo de José e trotar pelas colinas, levantando poeira de estrelas nos olhos de sua princesa azul. Coisas de garotos!

E foi exatamente isso que acabou acontecendo. Foi isso que aconteceu. Todas as irmãs de Cleofás se casaram. Exceto suas duas irmãs mais velhas, Maria e Juana, que se mantinham virgens desde a morte do pai. É verdade, todas as suas irmãs já haviam se casado, formado uma família e t m seus filhos. Ele, Cleofás, era o único dos filhos de Jacó de Nazaré que ainda morava na casa da mãe.

Visto de fora, para quem não o conhecia, Cleofás era o "jovem senhor" da vila, o filho mimado de suas irmãs, as Virgens. Enquanto todos os rapazes se dedicavam a ajudar no campo, o "jovem senhor" Cleofás vivia como um príncipe, sem saber o que eram a foice e o enxado. Portanto, se ele passava o dia na marcenaria de José, não era porque precisasse ganhar o pão. De jeito nenhum. Se ele decidiu servir como aprendiz, não foi porque o irmão da Virgem precisasse aprender um ofício. O que realmente importava para Cleofás era subir de categoria aos olhos do Carpinteiro, conquistar sua confiança e receber permissão para dar o salto, subir no alto daquele cavalo ibérico e desfrutar da visão do mundo nas costas daquela criatura mágica.

E foi assim mesmo. Cleofás passou de coroinha a frade e lá estava ele, percorrendo seu mundo de festa em festa, montado no maravilhoso cavalo de seu chefe. Os vizinhos da vila ficavam desconfiados com o fato de o Carpinteiro dar tanta liberdade ao rapaz. Um cavalo daqueles não se empresta, e muito menos, por assim dizer, a uma criança.

A resposta de José às suspeitas de seus novos vizinhos foi emprestar ao seu aprendiz, além do cavalo, dois de "seus filhotes". Sempre que mandava seu ajudante e aprendiz de carpinteiro a uma aldeia vizinha, José lhe dava como companheiros de viagem um par de seus filhotes, dois cães em vias de extinção que, em tempos, lhe foram presenteados por seus padrinhos babilônios.

Cleofás começa levando uma encomenda à aldeia vizinha a cavalo, naturalmente. E acaba ficando com o cavalo de seu patrão como se fosse seu quando, por ocasião de alguma festa local — uma festa da colheita da uva, por exemplo —, suas irmãs casadas pedem que ele compareça. Foi assim que Cleofás conheceu Maria de Canaã, a futura mãe de seus filhos... os famosos irmãos de Jesus.

Cleofás e sua esposa se conheceram, se casaram e se estabeleceram na casa da Filha de Jacó, onde tiveram seus filhos.

Vamos ser sinceros: a "Carpintaria do Nômade" não era uma multinacional do setor de móveis nem tinha ambição de ser líder do ramo, mas, para Cleofás, José era o melhor. Apaixonado e pai de seus filhos, a oficina de seu chefe era tudo o que ele tinha, e Cleofás estava disposto a dar a vida antes de vê-la ir à falência. De qualquer forma, seu chefe era um homem

estranho. Ele nunca ficava sem dinheiro. Vendesse ou não, ele sempre ganhava o suficiente para sustentar a família. Também não o sobrecarregava com seus problemas. Nunca! Na verdade, o único problema que José tinha era não ter esposa. Nem se sabia de nenhuma pretendente. Não, não por falta de mulheres. Não. Era ele, José. Não tinha esposa porque Deus ainda não lha tinha dado. E José dizia isso com o mistério de quem guarda um segredo inconfessável.

"Deus vai dar, irmão, Deus vai dar...", respondia José ao rapaz.

Logo após o nascimento de José, seu sobrinho, o segundo filho de seu irmão mais novo Cleofás, a Virgem Maria de Nazaré encerra o luto pela morte de seu pai.

A Virgem venceu. Ela fez um voto e o cumpriu. Agora está livre para se casar; e, ao se casar, cumprirá o juramento que seu pai fez ao Senhor e não pôde cumprir porque a Morte se interpôs em seu caminho.

Diante de testemunhas sagradas, Jacó de Nazaré jurou, na época, junto ao berço de sua primogênita Maria, herdeira legítima do rei Salomão; sobre sua vida, Jacó ben Salomão jurou que só daria sua filha em casamento ao filho de Heli, filho de Resa, filho de Zorobabel, filho de Natã, o profeta, filho do rei Davi.

Logo após o nascimento do segundo filho de Cleofás, José, o Carpinteiro, pediu a mão de sua filha Maria à viúva de Jacó. A viúva aceitou o pedido e, logo em seguida, foram assinados os documentos do contrato de casamento entre Maria, filha de Jacó, filha de Matã, filha de Abiud, filha de Zorobabel, filha de Salomão, filha de Davi, rei, e José, filho de Heli, filho de Resa, filho de Zorobabel, filho de Natã, filho de Davi, profeta.

A notícia do casamento de José, o carpinteiro, e de Maria, a Virgem, causou grande comoção em Nazaré.

"A Virgem vai se casar."

"Com o Carpinteiro? Eu já sabia."

A noiva era um partido excepcional. Dona da casa na colina, proprietária das melhores terras da região, fundadora da oficina de alfaiataria e costura de Nazaré, que vendia os vestidos de noiva mais finos, bonitos e baratos da região.

Quem era o noivo? Um zé-ninguém de Belém, um nômade em busca de aventuras que encontrou o que procurava. Quem diria que, onde tantos bons partidos fracassaram, um forasteiro sem futuro iria triunfar!

Portanto, se, por parte de mãe, nosso Jesus é herdeiro de Cleofás de Jerusalém, Doutor da Lei, seu avô, e, também por parte de mãe, todas as propriedades de seu avô Jacó de Nazaré lhe pertencem; estamos falando, então, de um jovem rico chamado Jesus de Nazaré. Ou será que vocês acreditam que aquele que pediu ao jovem rico que deixasse tudo e o seguisse não praticou Ele mesmo esse ato de renúncia e abandonou todas as suas propriedades?

Filho de seus pais, durante seu mandato, nosso Jesus elevou a economia de sua família ao seu máximo esplendor de conforto e prosperidade. Durante os dias em que esteve à frente da Casa de sua Mãe, as adegas encheram-se de vinhos excelentes, os armazéns transbordaram de trigo, azeite, azeitonas de mesa, figos, romãs, leite, carne e peixes que lhe traziam do Mar da Galiléia para sua casa, quando nosso Jesus não ia pessoalmente buscá-los. Os vinhos das vinhas de Jesus de Nazaré eram vendidos por toda a Galiléia; poucos, mas excelentes, os melhores. Alegram o coração e nunca causam agitação; no dia seguinte, você acorda com a cabeça clara e a alma revigorada. "Vinho de Nazaré, vinho de Baco", diziam os romanos da guarnição de Séforis, a duas horas de distância.

Os avós maternos de sua Mãe, Isabel e Zacarias, legaram à filha de Ana, a viúva de Jacó de Nazaré, pai de Maria, suas propriedades, dentro e fora de Jerusalém.

O herdeiro natural de Zacarias e Isabel foi João. Antes do nascimento de João Batista, como não esperavam ter filhos, Isabel e Zacarias legaram tudo o que possuíam à mãe de Maria. Esse testamento nunca foi revogado devido à morte violenta de Zacarias e ao desaparecimento de Isabel e João nas cavernas do Mar Morto.

Assim, na Jerusalém do dinheiro, o Jovem Nazareno era conhecido como se conhece um mistério. Na verdade, ninguém sabia quem ele era. O que todos pareciam concordar era que aquele Jesus de Nazaré, filho da Senhora Maria, era um jovem de uma prudência e sabedoria superiores ao que se esperava de alguém de sua idade. Ele lidava com dinheiro, mas não se interessava pelo poder. Estava acostumado a comandar e a ser servido e, no entanto, continuava solteiro. Era culto, falava as línguas do império; vocês acham que colocaram um intérprete para ele falar com Pilatos? Sabia escrever e tinha talento para os negócios. Sua mãe era o ponto fraco do Jovem Nazareno. Mas a quem não se perdoa isso?

CASAMENTO E NASCIMENTO DA CRIANÇA

Maria e José ficaram noivos. A regra geral era que o pai do noivo fosse conversar com os pais da noiva sobre o desejo do filho de se casar com ela. Conversava-se sobre o dote e fechava-se o acordo. No caso de José e Maria, foi o próprio José quem conversou com a mãe da noiva, pedindo-lhe a mão da filha em casamento. A mãe da noiva aceitou e o contrato de casamento foi assinado.

Naquela época, a tradição impunha um ano de noivado entre a assinatura do contrato e o dia do casamento. Ao fim de um ano, eles poderiam se casar. Durante o ano de noivado, no entanto, os noivos estavam sujeitos à lei sobre o adultério. Era a norma, mas em nenhum caso uma lei sagrada. Moisés não havia dado nenhum preceito relativo à proibição de se casar imediatamente após a assinatura do contrato matrimonial. Foram os próprios judeus que se impuseram esse ano de espera.

Não se sabe se culpavam Deus por ter sido tão brando, mas o fato é que, insatisfeitos com a montanha de leis que lhes foram ditadas, eles carregaram nas costas outra montanha de prescrições, leis, tradições, mandamentos, normas canônicas e não se sabe quantas outras obrigações. Assim, mesmo sendo Leis “de verdade”, ninguém se assustava se acontecesse de acelerar os trâmites por causa de... fraqueza da carne? A criança nascia com sete meses. Mas, enfim, também não é motivo para fazer escândalo. Um casamento como Deus manda não cura o pecado? Claro que sim!

O lado negativo era que, mesmo não sendo lei, a fraqueza da carne podia ser punida com a morte se o pecado não tivesse sido cometido pelo noivo. Nesse caso, todo o peso da lei sobre o adultério recaía sobre a noiva. Julgada por adultério, ela pagava por sua fraqueza com a pena de morte... por apedrejamento público.

Por muitas outras razões, um contrato matrimonial podia ser rescindido. Não era comum, mas havia casos. Incompatibilidade de caracteres, por exemplo. O dinheiro era devolvido e cada um seguia seu caminho.

No caso mais comum, a gravidez durante o ano de espera, também não chegava a ser um drama. São jovens, mas que venha o netinho. Que culpa têm os jovens! Banquete de casamento, festa em grande estilo, tudo bem, a criança nascerá com sete meses. E daí? Glória bendita. O que bem começa, bem termina, é isso que importa.

O caso da Virgem foi de outra natureza. Um dia — confessou Ela aos Apóstolos — o anjo de Deus apareceu para ela, e no dia seguinte ela já estava em estado de graça. Os Apóstolos contaram isso aos seus sucessores, estes aos seus, e assim a Confissão da Virgem continua passando de boca em boca.

"Conceber pela obra e graça do Espírito Santo" é algo que se diz muito rapidamente.

"Estou grávida pela obra e graça do Espírito Santo!", a Virgem deve ter confessado a si mesma num daqueles dias.

Ninguém vai acreditar que a Virgem saiu correndo de alegria, gritando para todo mundo a história da Anunciação. Não é algo que aconteça todos os dias. Na verdade, em toda a História Universal, a Humanidade jamais conheceu um Acontecimento semelhante. O caso mais parecido com uma "concepção sobrenatural" da natureza que os Evangelhos nos contam, encontramos no mundo das mitologias. A mãe de Alexandre, o Grande, andava por aí declarando abertamente que teve seu filho com um dos deuses do mundo clássico. Seja por respeito à mãe ou por orgulho, seu filho manteve sua origem semidivina. Pelo que me lembro, esse é o caso mais parecido com o que a Virgem colocou à tona ao longo dos séculos.

Bem, por que não? O Deus dos hebreus havia realizado muitas obras extraordinárias desde os dias de Moisés até os de Maria. As Escrituras Proféticas vinham anunciando há séculos a Conceição de uma Criança nascida de uma Virgem: "Emanuel, Deus conosco". Como exemplo de fantasia levada ao seu extremo mais alto de imaginação e gênio, o fato de que o Deus que criou os Céus e a Terra possa realizar uma obra dessa natureza está à altura da imagem que os filhos de Adão e Eva formaram sobre Sua Natureza. Por que alguém dotado dos atributos atribuídos ao Deus de Moisés — todo-poder, onipotência, onisciência — não seria capaz de encenar um acontecimento tão difícil de acreditar?

OK, Maria, agora corra explicar isso para sua mãe. Corra, procure seu marido, diga a ele que você é a Virgem que deveria conceber aquele Filho "nascido para carregar sobre os ombros o manto da Soberania e ser chamado de Príncipe Maravilhoso, Deus Forte, Pai Eterno".

Meu Deus, que sorte!

E agora sente-se para esperar e confie que seu marido lhe dirá "Aleluia, Amém, Aleluia", dará pulinhos de alegria, te levantará nos braços e te cobrirá de beijos.

Ainda não está satisfeita? Pois bem, vá contar isso para sua irmã do coração, e veja bem que sua irmã Juana te ama mais do que o rio Jordão, mais do que o mar dos Milagres, mais do que as montanhas da Galiléia. Vamos, Maria, vá, corra e conte para ela.

Digo isso porque — independentemente da opinião de todo mundo — as semanas se passaram e aconteceu o que tinha que acontecer. A Virgem começou a ter tonturas estranhas; ela ficava meio ausente, depois voltava a si. Seria a emoção? Seria o calor? Não, mulher, são os sintomas típicos das grávidas.

De qualquer outra mulher do mundo, suas vizinhas poderiam esperar que um homem sólido como uma rocha, como José, o Carpinteiro, tivesse conquistado, antes do casamento, a fortaleza da virtude da noiva. De qualquer outra mulher, claro que sim, mas da Virgem Maria... isso nem passava pela cabeça das vizinhas.

O fato é que, mesmo que não coubesse na cabeça delas, tiveram que se render às evidências.

“Que o Senhor lhe dê um filho saudável”, com essas palavras e outras semelhantes, os vizinhos deram os parabéns ao noivo, um José que não sabia de onde vinha a insinuação. Na verdade, ele não estava entendendo. O homem achava que estavam lhe dando as bênçãos antecipadamente.

“Que seja menino, e que o Senhor o conceda saudável, senhor José”, as vizinhas continuavam cutucando-o. O senhor José continuava sem entender.

É verdade: algumas semanas após a Anunciação, a noiva começou a apresentar os sintomas clássicos das grávidas de primeira viagem. Tonturas sem motivo, ondas de calor sem sentido. Como são coisas que não se podem controlar, a Virgem não pôde evitar ser pega de surpresa. No entanto, a última coisa que ela poderia fazer era se isolar, se esconder. Ela precisava seguir com sua vida; continuar vivendo normalmente era a melhor maneira de nem confirmar nem negar as especulações das vizinhas. Pelo menos até que se decidisse contar a verdade para sua mãe.

A mãe da Virgem demorou a entender o que estava acontecendo. Ela foi, com exceção de José, a última pessoa a ficar sabendo do boato que começou a escandalizar suas vizinhas.

Aos olhos da Viúva, a castidade imaculada de sua filha continuava tão inacessível às paixões humanas quanto havia sido antes de ela se comprometer. Exceto pelo acesso mais livre do noivo à casa da noiva — e essa liberdade condicionada à presença necessária de um parente da noiva entre ela e o noivo —, sua filha Maria continuava levando a vida exatamente como antes, aquela vida que rendeu fama à Virgem de Nazaré de um extremo ao outro da Galiléia. Como suspeitar de algo de errado com sua filha!

“Que o Senhor te dê o neto mais lindo do mundo”, provocavam as vizinhas à Viúva.

“Sua Maria merece tudo isso; que a criança se pareça com o avô Jacó, que descanse em paz”, e, caso a Viúva ainda não tivesse percebido, continuavam cutucando-a.

A Viúva era de Jerusalém, tinha sido criada em outro ambiente. Mas não era tola. Se não se tratasse de sua filha, a Viúva teria apostado um olho do rosto de que aquela mulher estava grávida de tantas e tantas semanas. O problema era que não cabia na cabeça dela a ideia de que sua Maria estivesse grávida.

A fé e a confiança que a Viúva depositava em sua filha mais velha eram tão grandes que lhe cegavam os olhos. Graças a Deus, a Viúva teve a venda dos olhos removida antes de José. Por fim, a Viúva teve que admitir, embora sua filha nem confirmasse nem negasse.

“O que há com você, minha filha?”, perguntou a mãe.

“Nada. É o calor, mãe”, responde a filha.

O dilema da viúva começou quando as vizinhas passaram a falar de assuntos sérios... adultério. Elas não disseram isso na cara dela, mas entre mulheres e vizinhas, como se sabe, as palavras sobram. Então, a viúva começou a ficar assustada.

“Minha María está grávida. Como isso é possível?”, a Viúva acabou se confessando.

E sua querida filha, sem confirmar nem negar. Desesperada com o silêncio da filha, ela foi procurar o genro, para que ele respondesse a essa simples pergunta: seria preciso antecipar a data do casamento?

E foi o que ela fez. A Viúva foi buscar “seu filho” José. Levar José a abordar o assunto custaria muito à Viúva. Como não sabia em que situação ele se encontrava, nem qual era seu

papel na história, a Viúva disse a si mesma que precisava conduzir José ao assunto sem revelar o cerne do problema. Uma situação bem estranha. Era preciso abordar o assunto, mas o problema era fazê-lo sem sair da superfície do tema. Astuta como sempre, sem dizer nada diretamente, a Viúva iria explicar com todas as palavras o que estava acontecendo: sua esposa estava grávida. O que ele, o noivo, tinha a dizer?

Depois de ficar muito tempo dando voltas em torno do assunto, a Viúva percebeu que ou José estava fingindo ser burro de maneira maravilhosa — uma faceta que ela desconhecia naquele santo de genro —, ou simplesmente José não sabia absolutamente nada e não entendia do que sua sogra estava falando.

José olhava para ela com uma naturalidade tão inocente, sem qualquer culpa, que a Viúva começou a não saber mais onde estava. Por um momento, sentiu como se a terra estivesse se abrindo sob seus pés e não soubesse o que era melhor: lutar ou deixar-se engolir. Até a alma dela tremia de frio sob o efeito do tremor que foi penetrando em seus ossos à medida que a verdade se tornava cada vez mais pesada. Seu genro não sabia absolutamente nada, e ela só sabia que precisava sair daquele inferno, precisava falar com a filha e pedir que ela, pelo amor de Deus, lhe dissesse o que estava acontecendo.

O que estava acontecendo?

Tinha acontecido algo inacreditável, algo impossível de contar. Gerações inteiras e os próprios séculos se dividiriam em dois, como se divide a correnteza de um mar que encontra em seu leito uma gigantesca pedra angular. E sua filha, sem encontrar maneira de revelar a ela a história da Anunciação.

Maria não encontra o momento certo. Bem, momento no sentido estrito da palavra, sim, se apresentava. Ela e sua mãe costumavam sentar-se juntas para costurar. Durante esse tempo, conversavam sem parar. Falavam de tudo. Ou simplesmente permaneciam em silêncio.

Naquele silêncio que, nos últimos dias, se instalara entre mãe e filha, batiam dois corações prestes a se despedaçar. A mãe queria perguntar à filha: “Você está grávida, minha filha?”, mas não sabia como. A filha queria responder com um “Sim, minha mãe”, um “Sim” maravilhoso, divino, mas não sabia quando.

O fato é que o Menino estava crescendo em seu ventre, que os sinais de sua gravidez ficavam cada vez mais evidentes, que se José descobrisse pela boca dos vizinhos... Ela nem queria pensar nisso.

Ela precisava revelar a verdade à mãe. Sua mãe era a única pessoa no mundo a quem ela poderia confiar um mistério tão grande. Ela precisava fazer isso, mas, como não sabia como, o momento certo nunca chegava.

Então aconteceu que, num desses dias, mãe e filha sentaram-se uma de frente para a outra. As duas mulheres sabiam que o momento havia chegado, que aquele era o momento. A primeira a falar foi a Virgem.

“Mãe, você acredita que Deus pode tudo?”, ela pergunta com toda a ternura.

“Filha”, suspirou a Viúva, que só queria ir direto à pergunta: “Você está grávida, minha filha?”, mas não conseguia dizer.

“Eu já sei, mãe. Você vai me dizer: Deus é nosso Senhor, como poderíamos nós medir a força de Seu Braço? E eu sou, minha mãe, a primeira a repetir suas palavras. Mas o que quero dizer é: Seu Poder termina onde começam os limites da nossa imaginação, ou é justamente do outro lado que começa Sua Glória?”.

“O que você quer me dizer, minha filha? Não estou entendendo”, presa em uma direção diferente daquela que morria de vontade de seguir, a mãe da Virgem tenta controlar a agitação do seu coração,

“Eu também não sei muito bem como chegar onde quero nem o que quero dizer. Tenha paciência comigo, mãe. Depois daqui, iremos para o Céu e, de lá de cima, as coisas da Terra não nos afetam; portanto, o que nos cabe é tentar descobrir a natureza do Deus que nos chamou para sonhar com o Céu enquanto estamos aqui na Terra. Não é verdade que Deus pode transformar as pedras em filhos de Abraão? Mas o que eu me pergunto é se, ao falar dessa maneira, o que o profeta quis nos fazer entender é que temos a cabeça tão dura quanto uma pedra. Uma pedra pode conhecer a Deus? Entre um homem que não quer conhecer a Deus e uma pedra, qual é a diferença?”.

“Aonde você quer me levar, filha?”, a Viúva, como pôde, contém sua impaciência.

“A um fato maravilhoso, mãe. Mas, como não conheço o caminho, não fique zangada comigo se eu explorar sozinha, como aqueles alpinistas que enfrentam pela primeira vez uma parede intocada. A única coisa que pode acontecer é que, dominada pela minha ignorância, eu caia aos seus pés”.

“Não diga isso, filha. Você não está sozinha; embora seja velha, eu a acompanho. Sim, Maria, eu sei que a glória de Deus começa onde termina a imaginação do homem. Continue.”

A Virgem partiu então em uma direção aparentemente ainda mais contrária, dizendo:

“Mãe, o que o mensageiro do meu avô Zacarias lhe disse? Por que você ainda não quis me contar? Por que não me mandou para a casa da minha avó Isabel? Agora que pode, responda-me: nosso Deus pode ou não fazer com que uns idosos tenham filhos?”.

A Viúva e José ainda não tinham querido revelar a Maria a natureza da mensagem que Zacarias e Isabel lhes haviam enviado há pouco; na verdade, a Viúva havia decidido enviá-la a Maria. A questão do estado de graça em que sua filha se encontrava de repente apagou de sua mente todo o resto.

De fato, o mensageiro que Zacarias e Isabel enviaram a Nazaré descreveu à Viúva e ao seu genro, detalhe por detalhe, o que havia acontecido com Zacarias no Templo. Especialmente a imagem do anjo maravilhoso que castigou a falta de fé de Zacarias, tirando-lhe a fala.

Meu Deus! Sua filha Maria estava descrevendo aquele anjo como se ela mesma o tivesse visto com seus próprios olhos. Como isso era possível?

A princípio, era impossível. O mensageiro de Isabel e Zacarias não falou com Ela enquanto esteve em Nazaré. Claro que José poderia ter contado a ela.

Será que José havia contado? José lhe dera sua palavra de que não seria ele quem daria a notícia à sua Maria. A palavra de José, a viúva sabia, era lei pura e imaculada como os jatos de ouro. Ele nunca a quebrava. Não, José também ainda não lhe havia dito nada.

Ela estava se perguntando como sua filha havia ficado sabendo, quando seu coração se voltou para a lembrança do dia em que sua filha fez o Voto de Virgindade.

Naquela época, a Viúva se perguntou por que a graça do Senhor sobre sua casa havia se extinguido, por que Ele lhes havia virado as costas como quem abandona os despojos ao inimigo. No segredo de seu coração, a Viúva ficou presa nas redes do Dilema de Jó. Mas, ao contrário do santo, ela não encontrou a resposta imediatamente. Nem a encontrou nos anos que se passaram desde a morte de seu marido até aquele dia comum.

Havia chegado a hora de saber a razão pela qual o Senhor levara seu marido naquela época. Maravilhada, absorta, fora deste mundo, flutuando em suas ondas que um dia se transformariam em colinas sob os pés do Espírito de Deus, a Viúva continuou olhando para sua filha com os olhos fixos em suas palavras.

Então, a Virgem muda de assunto novamente.

“Mãe — diz Ela —, Deus não jurou que um filho de Eva esmagaria a cabeça da Serpente?”.

“É verdade”, responde a Viúva, com a voz perdida em algum lugar do infinito onde seu olhar havia ficado preso.

“E nossos livros sagrados não dizem também que, de todos os homens que já existiram na face da Terra, jamais nasceu alguém tão grandioso quanto Adão?”, continuou Maria.

“Foi assim que meu pai me ensinou, e foi assim que o seu pai te ensinou. Estou te ouvindo, filha”.

Maria continuou:

“Quando Deus nos prometeu o nascimento de um Filho destinado a carregar sobre os ombros a soberania, Ele estaria pensando no Campeão que nos suscitaria para nos libertar do império da Serpente?”.

“Sim, ele pensava.”

“Mas se o Maligno já derrotou uma vez o maior homem que o mundo já conheceu, não tem razão o santo Jó ao nos apresentar o assassino de nosso pai Adão diante do Trono do Onipotente, todo tranquilo enquanto aguardava o próximo?”.

“Claro que tinha.”

“Claro que sim. Quem venceu o maior homem do mundo, por que não venceria o Filho do Homem?”.

A Virgem abaixa os olhos e respira enquanto enfia a agulha na linha. Sua mãe permanece olhando para ela sem dizer uma palavra. Pouco depois, Maria voltou ao campo de batalha.

“Então, mãe, diga-me: será que Deus jurou em falso? Quero dizer, em quem o Senhor estava pensando quando fez aquele juramento abençoado? Davi ainda não havia nascido; nosso pai Abraão também não. Com seu filho pequeno morto, nosso pai Adão a seus pés todo-poderosos sangrando até a morte, em que Campeão nosso Deus estava pensando ao nos prometer, sob juramento eterno, que um filho de nossa mãe Eva esmagaria a cabeça do Maligno?”.

Desta vez, foi Maria quem fixou o olhar em sua mãe. Esta, ao ver o rosto da filha, só tem certeza de uma coisa: que sua filha está grávida. A doçura no rosto, a ternura na voz, o brilho nos olhos. Bastava que ela dissesse: “Mãe, estou grávida”; mas, em vez de ir direto ao ponto, sem nem mesmo saber como sua filha a havia levado ao topo de uma montanha de onde se avistava o futuro do mundo, segundo a mulher nascida para ser a Mãe do Messias, aquele filho da Promessa que havia de nascer para esmagar a cabeça do Maligno.

“Em quem Deus estava pensando no dia em que, sobre o sangue de seu filho Adão, jurou o Nascimento do Campeão, por cuja mão seria feita a Vingança?”, pensou em voz alta a Viúva. “Minha filha, não serei eu quem colocará limites à glória do meu Criador. Só quero que você mesma me diga isso.”

“Você se lembra, mãe, do que escreveu o profeta?: ‘Uma Virgem dará à luz e seu Filho será chamado Deus conosco’”.

Maria voltou a baixar o olhar. Nesse momento, ergueu a cabeça e olhou diretamente nos olhos de sua mãe.

“Mãe, essa Virgem está diante de você. Esse Menino está em minhas entranhas”, confessou-lhe Ela.

Enquanto sua filha lhe revelava o episódio da Anunciação, a Viúva ficou olhando para ela com o olhar de quem contempla o Coração de Deus no dia do assassinato de seu filho Adão.

Ao final, inspirada pelo amor tão grande que nutria por sua filha, a Viúva derramou bênçãos:

“Bendito seja Deus, que escolheu a filha do meu marido para trazer a salvação a todas as famílias da terra. Sua Onisciência brilha como um sol inacessível que, no entanto, todos acreditam poder alcançar com a ponta dos dedos. Ele aperta, mas não sufoca; golpeia, mas não afunda aqueles que ama. Abençoada seja a Sua Escolhida, aquela que Ele formou desde o ventre de seus pais para entregar-nos o seu Salvador a todos os povos da terra”. E logo disse assim à sua filha: “Abençoadas serão todas as famílias da terra em tua inocência, minha filha. Mas agora, Maria, farás o que eu te disser. Farás isto, isto e isto”.

O próximo problema era José. De José ela, a Viúva, se encarregaria. O que a Mãe do Messias precisava fazer era partir imediatamente em viagem e permanecer na casa de Isabel e Zacarias até que o Senhor assim o dispusesse.

E assim foi feito. A Viúva chamou seu genro e contou-lhe, ponto por ponto, toda a verdade. Ela não contou a ele sobre a Anunciação como alguém que precisa esconder algo e abaixa a cabeça de vergonha. De forma alguma. Obviamente, sim, com a humildade e a certeza de quem sabe que o Acontecimen o causaria a José um dilema angustiante, sobre o qual ele teria de triunfar — e triunfaria —, mas pelo qual, inevitavelmente, teria de passar por um verdadeiro inferno.

E assim foi. José triunfou.

No entanto, como vocês podem imaginar, após a Anunciação, José passou um tempo afundando moralmente em um limbo de areias movediças. O que havia dado errado no último momento? Como uma mulher da classe moral e da fortaleza de Maria havia se deixado enganar por...?

Por quem? Sem que ninguém tivesse a intenção, Ela estava sob vigilância o dia inteiro. Quando não estava com sua mãe, estava com seus sobrinhos; quando não estava na oficina com suas trabalhadoras, estava com a família dos irmãos de seu pai. O Senhor havia tecido ao redor Dela uma rede de relações tão absorventes que a simples ideia de adultério era uma ofensa.

E então estava ela, Maria. Ela era, em carne e osso, a melhor defesa que Deus havia procurado para a Mãe de seu Filho.

“Ele disse isso e nós não acreditamos: ‘Uma Virgem conceberá e dará à luz um Menino’”, ao dizer isso, José percebeu a verdade e saiu correndo. Ele voltou para sua esposa, o casamento foi celebrado e todos esqueceram o incidente.

Uma lembrança, no entanto, ficou. Refiro-me àquele outro incidente entre Jesus e os fariseus.

Os fariseus e os saduceus se cansaram de ouvir que Jesus de Nazaré era o Filho de Davi. Como não sabiam por onde começar, investigaram seu passado. Colocaram o dedo na ferida e descobriram aquele estranho incidente do desaparecimento de sua mãe durante os primeiros meses de gravidez, e como José foi pessoalmente buscá-la... para...

“Ahhhh, aí está o calcanhar de Aquiles dele”...

Com essa arma secreta guardada na manga, os fariseus levaram Jesus ao tema da primogenitura e da filiação única. Então, um deles pegou o manual dos golpes baixos e soltou a bomba.

“Nosso pai é Abraão, quem é o seu?”

O zelo que consumia Jesus por sua mãe subiu-lhe à cabeça.

“Vocês são filhos do Diabo”, respondeu-lhes com a força de um furacão comprimido na garganta.

Apenas mais uma vez, apenas em outra ocasião da qual já não querem se lembrar, viram o filho da Virgem lançando raios pelos olhos. E Ele não parava mais, não se detinha até despejar no rio de sua ira o último átomo da ira do Onipotente.

Daí em diante, entre Ele e eles, a partida seria decidida por cara ou coroa. Cara, Ele os levava à frente. Coroa, eles se vingavam.

O MENINO JESUS EM ALEXANDRIA DO NILO

Pouco tempo depois desses acontecimentos, José, o carpinteiro, e seu cunhado Cleofás pegaram suas famílias, compraram passagens e embarcaram para Alexandria do Nilo.

Sobre essa questão da Fuga, sempre pairou o mistério. Documentalmente falando, a verdade é que em lugar algum há indícios de que Alexandria do Nilo tenha sido o local escolhido por José para salvar o filho de Maria da perseguição contra o Menino decretada por Herodes. Portanto, se me pressionarem, o autor desta história pode ser acusado de estar inventando o destino dos fugitivos para atender a necessidades literárias. O que, até certo ponto, me parece lógico. Eu mesmo não consigo esquecer que a iconografia clássica a esse respeito é bastante sucinta, diria até prudente; e ousaria até confessar que se trata de uma prudência que beira a covardia.

A escolha de Alexandria do Nilo não foi fortuita por parte de José; nem o é por parte daquele que recria nestas páginas seus passos. Felizmente ou infelizmente, a única prova que posso apresentar é o testemunho de Deus. É claro que o “infelizmente” é apenas uma forma de dizer. Para quem conhece Deus, uma única palavra Dele vale mais do que todos os discursos de todos os sábios do universo em plena competição de dissertações intermináveis. Infelizmente, a palavra de Deus não vale para todo mundo.

O fato é que a única prova real que a História nos oferece sobre o caso é o testemunho de Deus: “Do Egito chamei meu filho”.

Antes de mim, muitos já se arriscaram a defender a resposta afirmativa que essa questão merece. Das distâncias apócrifas de quem não acredita, no entanto, há duas objeções invencíveis contra cujas paredes à prova de bombas nossa retórica se esbarra. Uma delas é que a frase “do Egito chamei meu Filho” foi escrita muito antes de qualquer um dos acontecimentos que narramos ter ocorrido; portanto, acreditar que, séculos e séculos antes do Nascimento, a Fuga já tivesse sido planejada para fazer parte do programa messiânico é, na verdade, pedir demais.

A outra objeção é que essa nota profética não foi escrita “a futuriori”, mas sim a posteriori. Segundo esses gênios, não seria a primeira vez que os judeus falsificariam seus textos sagrados. Não vinham fazendo isso há séculos? Nínive caía e eles vinham escrever sobre

suas ruínas que já haviam previsto isso. E, assim como Nínive, todas as outras coisas. O profeta Daniel também previu a ascensão ao poder de Ciro, o Grande. E até mesmo a queda de seu império sob os cascos do cavalo de Alexandre, o Grande. Pelo amor de Deus, quem eles queriam enganar? Existe nação mais tola do que aquela que se engana a si mesma?

Enfim, essa postura de criar os textos proféticos a posteriori conquistou muitos adeptos em seus dias de glória. Ignorando essa astúcia — como é natural para aqueles que foram imunizados contra a astúcia dos gênios —, os demais, aqueles que continuamos a defender o valor divino dos textos proféticos, continuamos a sustentar que essas formas de pensar seriam lógicas em um pensador antigo, pois pretender ajustar o pensamento do Criador ao da criatura — que é o que se faz ao negar a onisciência divina como fonte das Escrituras — é negar o que separa a criatura de seu Criador.

No âmbito da diversão, é verdade que alguns homens enxergam o futuro. Nas estrelas, nos dados, nos borros de café e, sobretudo, em uma bala com um nome escrito. No âmbito da realidade, a natureza humana está muito longe de se atribuir tal atributo.

Isso, por um lado.

Por outro lado, não é verdade que a história é escrita pelos vencedores? Pois, se fosse assim, algo deve estar errado no sistema quando a vemos escrita por um povo de perdedores. Eles perderam para os egípcios. Ou será que ainda há alguém que acredita que se passa da liberdade para a escravidão sem travar uma batalha terrível? Eles lutaram contra os assírios e perderam a guerra. Foram esmagados novamente pelos caldeus de Nabucodonosor. Perderam contra Roma. Foram escravizados novamente pelos árabes. Curioso, muito curioso, que a memória histórica de meio planeta se baseie nas façanhas bélicas do povo perdedor por excelência, o judeu!

Eu diria que a História se escreve por si mesma, ao ritmo em que Deus usa a mão do homem como caneta. Deus, nosso Criador, molha a caneta em nosso sangue e escreve nosso futuro de acordo com sua onisciência, presciência e gênio criador. Dito de outra forma, nós não vemos o futuro; ao contrário, Deus não apenas o vê, mas também o escreve. Ora, se essa capacidade divina de criar o Futuro não for admitida, então teremos que nos apoiar na natureza dos próprios acontecimentos, ou correr o risco de encerrar esta História e abrir um livro totalmente diferente.

Assim, a despedida foi muito breve. O Lobo do Diabo havia farejado o Menino.

A salvo no Egito, José, o Carpinteiro, abriu sua oficina longe do Bairro Judeu, na Cidade Livre. Com o passar dos anos, sua oficina passou a ser chamada de “A Carpintaria do Judeu”.

Sobre esse ponto específico — o episódio do Massacre dos Inocentes —, digo o mesmo. Se a dúvida se baseia na impossibilidade de existir alguém capaz de cometer tal crime, então já podemos pegar essa dúvida e jogá-la no lixo. Se, ao contrário, a dúvida reside na ignorância dos povos e de suas pessoas — considerando as circunstâncias sociais e políticas vividas pelo reino de Israel naquela época —, nesse caso nada se pode acrescentar ao que já foi escrito; talvez apenas dizer que não se explica como, se a felicidade está na ignorância e há tantos ignorantes no mundo, o mundo possa continuar sendo tão brilhantemente infeliz.

Mas voltemos ao assunto.

Foi uma decisão fácil para José ter que fazer as malas novamente e emigrar para o Egito?

Talvez não tenha sido uma decisão fácil, mas foi certamente corajosa.

O relato da Adoração dos Magos nos abre a mente para o passado e nos mostra a Sagrada Família fugindo para a segunda maior cidade do mundo, Alexandria do Nilo, uma cidade

aberta e cosmopolita, para onde José e sua família chegaram com as costas protegidas "economicamente falando". Ouro, incenso e mirra foram os presentes que os Magos ofereceram ao Menino.

Por que Alexandria do Nilo e não Roma?

Bem, Alexandria fica a um tiro de pedra da costa de Israel. Com o Massacre dos Inocentes já perpetrado e o assassinato de Zacarias, pai de João Batista, consumado, a última coisa que José podia se permitir era colocar em risco a vida do Menino. De fato, entre o nascimento e a apresentação no Templo, os dias já haviam se passado; era agora ou nunca. Voltar para Nazaré, fazer as malas, embarcar em Haifa e dizer adeus à pátria.

Essa decisão de José, forçada pelas circunstâncias sangrentas, transformou o homem de maneira completa. Entre os Santos Inocentes, os filhos de seus irmãos caíram na armadilha. O homem que, do convés do navio que levava a Sagrada Família para Alexandria, olhava para o horizonte, sozinho, de costas para todos, guardava no peito aquele segredo, que não revelaria ao seu povo até a morte. Quando desembarcou na costa egípcia, o José de antes do Massacre e do assassinato de Zacarias havia afundado nas águas do Mediterrâneo.

Seus compatriotas?

Quanto mais longe dele, melhor. Ele não revelou a ninguém o motivo dessa mudança radical, nem à esposa, nem ao cunhado.

E já estamos em Alexandria, às margens do Nilo.

O ambiente em que Jesus cresceu, graças ao comportamento estranho de seu pai com os seus, foi extraordinário. José, seu pai, recusou-se a se estabelecer no Bairro Judeu; preferiu buscar um lugar entre os gentios, bem no coração da Cidade Livre. Comprou uma casa e abriu sua oficina. Com o tempo, a oficina dele viria a ser conhecida como a Marcenaria do Judeu.

Os tios do Menino, Cleofás e Maria, filha de Cleofás, continuaram trazendo filhos ao mundo.

Listo como só ele sabia ser, assim que Jesus ficou da mesma altura que seu primo Santiago — embora Santiago fosse dois anos mais velho —, Jesus o pegava e o levava até o porto romano. O Menino não se intimidava com ninguém; sua sede por notícias do Império nunca se esgotava. Sua habilidade em extrair dos marinheiros notícias de Roma, de Atenas, da Hispânia, das Gálias, da Índia e da África profunda despertava a simpatia dos lobos do mar. Eles olhavam para os dois meninos de cima a baixo, viam-nos vestindo roupas próprias de filhos da classe alta e lá estavam eles, contando a Jesus e a seu primo Santiago como o mundo estava indo.

Graças a esse dom natural, ao completar doze anos, o Menino falava perfeitamente latim, grego, egípcio, hebraico e aramaico. Insisto: ou vocês acham que arranjaram um intérprete para a audiência com Pilatos?

Como já disse, Jesus foi um menino prodígio em todos os sentidos. Um menino prodígio que teve toda a sorte de ter como pai um homem extraordinário. No entanto, até mesmo os fenômenos sentem, sofrem, têm momentos de fraqueza, ficam tristes e choram pela solidão que os oprime.

A POMBA SILENCIOSA DAS LONGEZAS

Jesus entrou em depressão. Aquela Criança divina que deixava as crianças de toda a rua de cabeça para baixo, que saía, se perdia entre os barcos do porto e, ao cair da tarde, voltava correndo para se sentar no colo de seu pai, entre os amigos; aquela Criança turbulenta entrou em depressão. Jesus deixou de sair de casa. Começou a sentar-se na porta da Marcenaria do Judeu para ver a vida passar. O Menino quase não comia. Jesus deixava-se cair no colo de sua mãe, entre as amigas, quando, ao cair da tarde, as mulheres costumavam sentar-se na rua, sob o céu mediterrâneo, para costurar, conversar, e então partia.

Era como se aquela chama da Sarça estivesse se consumindo nos braços de Maria. No início, ela não percebeu a solidão que, no peito de seu Menino, havia aberto um buraco negro e, por ali, o engolia um pouco mais a cada dia. Pouco a pouco, a Mãe abriu os olhos e começou a ver o que havia no Coração de seu Menino.

Ela não conseguia suportar aquela agonia indescritível que estava tirando seu Menino de suas mãos. Ela o amava mais do que o mundo, mais do que o tempo, mais do que as ondas do mar, mais do que as estrelas, mais do que o amor, mais do que a própria vida. E ele estava se afastando. Era noite após noite, e a cada noite um pouco mais. O Menino não falava, não ria, deixava-se cair no peito de sua Mãe, com o olhar perdido no céu daquela Alexandria do Nilo, e ali se afundava.

“O que há com você, meu filho?”, perguntava Ela.

“Nada, Maria”, respondia Ele.

“Eu sei o que está acontecendo com você, Jesusinho”.

“Não é nada, Maria, de verdade.”

“Meu amor, você sente falta do seu Pai. Não chore, minha vida. Ele está aqui, neste exato momento; quando coloco meus lábios em suas bochechas, Ele te beija; quando te abraço, Ele te aperta com força”.

Para o Menino, aquela mulher que o ouvia com o sorriso mais doce do universo no rosto enquanto Ele lhe falava do Paraíso de Seu Pai, da Cidade de Seu Pai, de Seus irmãos, os superanjos Gabriel, Miguel e Rafael, aquela mulher... aquela mulher era Sua Mãe. Ele a amava mais do que tudo no mundo. Era a única pessoa a quem Ele podia contar tudo. Adorava sentir o bater do coração dela quando falava sobre o Seu Reino. E aquele olhar luminoso que iluminou o rosto dela quando Ele lhe contou toda a verdade! Isso nunca saiu da Sua memória.

“Sim, Maria” — disse-lhe o Menino. “Eu sou Ele”.

“Conte-me de novo como é o Céu, meu filho”, ela pedia mais uma vez.

“O Céu” — confessava-lhe o Menino — “é como uma ilha que se transformou em continente e que continua crescendo do outro lado do horizonte. A Rocha sobre a qual assenta é o Monte mais alto que qualquer homem possa imaginar. A Montanha de Deus, Sião, eleva seu cume até as nuvens, mas onde deveriam estar as nuvens existem doze muralhas, cada uma de um único bloco, cada bloco de uma cor, cada muralha brilhando como se tivesse um sol em seu interior. E são como doze sóis iluminando um mesmo firmamento. As doze muralhas formam uma única fortificação que circunda a Cidade que abrigam. Deus chamou sua Cidade de Jerusalém e seu Monte de Sião. Em Jerusalém, os deuses têm sua Morada, e entre os deuses meu Pai tem sua Casa. Das muralhas da cidade de Deus, os confins do Céu se perdem no horizonte que faz fronteira com o nascer do sol, do outro lado das fronteiras do Paraíso.

“Vais ver, Maria, o Céu é como um espelho maravilhoso que reflete a história dos povos que o habitam. Por exemplo, este mundo, a Terra. Vocês registram as memórias de seus antepassados em seus livros; mas o Céu registra tudo ao vivo, porque o que se reflete na

superfície do Universo se materializa na do Céu. Assim, se você começar a percorrer a Morada dos homens no Paraíso de meu Pai, descobrirá que todas as Eras da Humanidade estão reunidas em sua geografia. Quando for para o Céu, verá com seus próprios olhos que todos os tipos de animais, pássaros, árvores, plantas, montanhas e vales que já existiram aqui em Baixo existem para sempre lá em Cima.

"Como meu Pai criou outros mundos, e continuará criando mais, o Céu é um Paraíso repleto de maravilhas que nunca acabam. Para percorrê-lo inteiro, você teria que passar uma eternidade caminhando, e cada trecho do caminho seria uma aventura. Como posso explicar isso? Meu Pai semeia a vida nas estrelas. As estrelas do Universo são como o oceano que circunda a ilha, e também esse oceano de constelações cresce, estendendo suas margens ao ritmo das fronteiras do Céu. A vida se torna uma árvore, e meu Pai e eu a colhemos em nosso Paraíso para que viva para sempre. As espécies de animais e pássaros são incontáveis. Um grande rio nasce nas alturas do Monte de Deus e se divide na planície em braços que cobrem todos os Mundos e seus territórios. Você vê todas as estrelas? O Céu está mais acima."

"É de lá que você veio, meu Filho?"

"Vou te contar, Maria."

A MARCENARIA DO JUDEU

O Menino contou muitas coisas a Maria. Contou tantas que a pobre imigrante já não tinha mais espaço na cabeça e teve que começar a guardá-las no coração. Se eu fosse recontar tudo para vocês, com certeza ficaria sentado aqui até o ano que vem, e isso não dá certo.

O que eu posso contar a vocês é o que vocês já sabem. Vocês sabem que a Sagrada Família voltou para sua terra natal há cerca de dez anos ou antes. Mas vocês não sabem o que aconteceu para que o bom José e seu cunhado Cleofás tomassem a decisão de vender a Carpintaria do Judeu, um negócio que era muito próspero, a todo vapor, cortando o mar, não navegando, voando, etc.

A "Carpintaria do Judeu" ficava bem no centro da cidade. Naquela época, havia apenas uma cidade de verdade em todo o mundo. Era Alexandria, às margens do Nilo. Roma era o coração do maior exército do mundo. Em Roma viviam os senadores imperiais. Mas era em Alexandria do Nilo que se encontravam todos os sábios do Império. Podemos dizer que Alexandria era a Nova York daquela época. Em Washington está o poder, mas em Nova York está o dinheiro. Era uma relação dessa natureza que Alexandria e Roma mantinham.

Por que, então, eles tinham que voltar já? E justamente quando os negócios iam a todo vapor — o mar não navega, voa, etc.? Voltar para quê? Para sobreviver como a mosca na casa da aranha? Havia muito em que pensar. Um negócio com menos de dez anos de vida é como o garoto que está começando a deixar crescer o bigode. É através dos olhos dele que se vêem menos defeitos no mundo. O mundo pode estar tão ruim quanto você quiser, mas ele, o garoto, é um campeão. Enfim, não era bobagem. Tinha custado muito a José e ao seu cunhado dar a volta por cima, abrir caminho, encontrar um espaço — e um espaço grande — entre os gentios, porque José não queria saber de nada, ou muito pouco, sobre seus compatriotas. Neste capítulo, o senhor José era um judeu muito peculiar. Não queria saber muito sobre seus compatriotas, nem gostava de tê-los muito por perto. Ninguém sabia por quê, e ele também não falava muito. Talvez fosse porque o senhor José falava latim e grego desde muito jovem e parecia se sentir entre os gentios como peixe na água.

É preciso dizer que, para José, o domínio das duas línguas do Império abriu caminho no mundo dos negócios. Ao contrário de seus compatriotas, racistas com todo mundo, que se consideravam uma raça superior, escolhida, e menosprezavam o resto da humanidade, o senhor José era aberto, inteligente, pouco falante, mas cada palavra sua era a de um homem maduro e íntegro que não quebrava sua palavra por nada neste mundo.

Como um marceneiro de províncias, que havia fugido de um vilarejo perdido nas montanhas, conseguiu dominar a tal ponto as duas línguas internacionais da época, a verdade, era outro mistério!

Outro entre os muitos aspectos que faziam do dono da "Carpintaria do Judeu" uma criatura sui generis, introvertida, indefinível. Seus compatriotas de Alexandria criticavam o senhor José justamente por seu distanciamento da companhia dos seus.

Ao contrário de José, Cleofás, irmão de Maria, era muito ligado à sua terra e se aproximava dos seus. O que compensava a balança e mantinha em equilíbrio as relações da Casa com os nacionalistas. Certa vez, entre cunhados e sócios, Cleofás tocou no assunto de seu distanciamento e nas causas dessa postura tão inabalável. Mas José sempre encontrava uma maneira de enrolar o assunto.

José não impunha nada ao cunhado Cleofás; ele era livre para educar os filhos conforme seu coração; ele não iria proibir os sobrinhos de irem à sinagoga e participarem da vida da comunidade judaica, cumprindo seus deveres de bons filhos de Abraão. Só que a mesma liberdade que José oferecia a Cleofás, ele queria para si mesmo.

Diante desse raciocínio, Cleofás ria e deixava o assunto de lado. Pois, se perguntasse à sua irmã Maria sobre o comportamento tão estranho do marido, ela também não chegaria a lugar nenhum.

O mesmo enigma que essa maneira de ser de José causava a Cleofás deixava Maria surpresa desde que haviam saído da terra natal. E Cleofás não devia pensar que ela lhe escondia algo. José era mais bondoso do que o pão, mas, na hora de abrir o coração, nem mesmo à própria esposa ele dizia uma palavra.

No fim das contas, Cleofás e sua esposa já haviam dado à luz toda uma prole até este capítulo. José e Maria, no entanto, ficaram com o primeiro e o último, primogênito e filho único na mesma pessoa.

"O que está acontecendo, irmão?" — quis saber Cleofás — "por que essa pressa em vender um barco que está indo de vento em popa?"

José não quis contar toda a verdade ao cunhado, ou pelo menos a verdade tal como ele a vivia.

O RETORNO A NAZARÉ

O Menino superou aquela tristeza que esteve prestes a afundá-lo nas trevas de uma dor infinita. Sua Mãe colocou-se entre o Menino e essas trevas desconhecidas, pediu ajuda ao Marido e, juntos, os dois expulsaram o diabo para o inferno. Mas eles ainda não haviam esquecido a batalha quando o Menino abriu um novo capítulo em suas vidas. Jesus já tinha nove ou dez anos. O Menino tinha colocado na cabeça a ideia de sair do Egito e ser levado para Israel.

Vocês compreenderão que José ficou muito irritado. Sua esposa estava do lado do Menino. Lógico. Para Maria, não havia nenhum problema. Mas para José as coisas não eram tão simples.

É claro que José tinha ouvido a História Divina da boca de Jesus nos braços de sua Mãe. E justamente por isso, agora menos do que nunca, ele não podia se dar ao luxo de tomar uma decisão errada. Enquanto não sabia quem tinha em casa, o problema parecia sob controle; mas agora que conhecia a identidade do Filho de Maria, menos do que nunca podia se permitir a indecisão que teve quando riu um pouco do conselho dos Magos.

"Vá embora, José, senão os Herodes vão matá-lo", imploraram-lhe.

Voltar para Israel enquanto Herodes, o Jovem, ainda está vivo?

"Diga ao seu Filho que ainda não chegou a hora", responde José à sua esposa.

Palavras levadas pelo vento.

"Diga ao seu marido que devo cuidar dos assuntos do meu Pai", insiste o Menino.

Resposta que o vento trouxe.

"Maria, pelo amor de Deus, ele é uma criança. Daqui ninguém sai. Pelo menos até aquele filho de Satanás morrer".

Ponto final. O senhor José era assim. Poucas palavras, mas, quando as dizia, não havia ninguém no mundo capaz de fazê-lo mudar de ideia.

E assim poderiam ter ficado a vida toda, se o Menino não tivesse posto em ação "seu plano". Não vou me perder em detalhes, mas o certo é que o filho do Carpinteiro abriu a garrafa de sua inteligência prodigiosa e se divertiu como uma criança, encharcando o rabino da sinagoga com o champanhe de sua glória.

"A lista dos reis? A de Antes do Dilúvio ou a de Depois do Dilúvio, senhor rabino?"

Um monstro. Ele sabia de tudo. O rabino, completamente atônito, acabou se interessando profundamente pelo Menino.

"E de quem você é filho, menino?"

"Sou filho de Davi, senhor rabino."

"Seu pai é filho de Davi?"

"E minha mãe também, senhor rabino."

"E sua mãe também? Que coisa mais curiosa!"

"E meu primo aqui presente também, senhor rabino."

"Você realmente parece um rabino", pensou o homem consigo mesmo.

Então, certo dia, o senhor rabino entrou na Marcenaria do Judeu pedindo explicações a José. Como se ele tivesse direito a alguma coisa por ser servo de Deus.

José o olhou de cima a baixo e o mandou embora. E bem na frente do próprio Menino. Porque, claro, toda aquela confusão era culpa do Menino.

Vocês vão entender que, depois do susto que ele levou na época do Nascimento, José tinha proibido qualquer menção às origens davídicas de sua família. E, se o assunto surgisse, suas origens davídicas deveriam ser mencionadas com cautela, como quem não está disposto

a apostar a própria pele nisso. Sim, eram mesmo; mas quem sabe? Seus pais lhes disseram que eram, e eles não iriam contestar a autoridade dos pais.

O Menino estava quebrando essa regra da família. E estava fazendo isso com plena consciência do que fazia. Ele sabia — porque conhecia José como se fosse seu irmão, seu amigo, seu pai — que, assim que José detectasse o menor perigo que colocasse em risco a vida do Filho de Maria, José encerraria tudo e emigraria para outro lugar.

José havia vencido o primeiro round. Mas o segundo estava por vir.

O Menino voltou às velhas manias. Não só era filho de Davi como se não fosse nada de mais, como sua mãe era a Filha de Salomão.

“Pois é, senhor rabino. A Filha de Salomão em pessoa.”

“E você diz que seu pai pode comprovar isso com documentos sobre a mesa?”

“Sim, senhor.”

Aquele rabino que teve a sorte — ou a desgraça — de ter o Menino como aluno ficou com os cabelos em pé. Confuso, perdido e totalmente atônito, o rabino levou o assunto ao rabino-chefe.

“É o que estou dizendo. Se fosse outra criança, eu consideraria isso uma brincadeira, mas, vindo do filho do Carpinteiro, eu acredito em tudo. Ele sabe mais do que todos os sábios da corte de Salomão juntos. Incluindo o próprio rei sábio”, com essas palavras, o rabino de Jesus dirigiu-se ao seu chefe.

E ambos se apresentaram, certo dia, na Carpintaria do Judeu, dispostos a ir ao fundo da questão.

Foram procurar José. Foram exigir que ele lhes mostrasse os documentos dos quais o Menino lhes falara. Jesus lhes havia dito que seu pai guardava os documentos genealógicos da Família, documentos que datavam dos tempos do próprio rei Davi, reeditados pelo profeta Daniel durante os dias do Cativeiro Babilônico.

José se viu de repente diante de uma jogada mestre de xeque-mate. O Filho de Maria estava jogando duro. Ele queria levar todos para Jerusalém e nada nem ninguém iria detê-lo.

A discussão que José teve com os dois rabinos foi muito acalorada. Não vou reproduzi-la para não dar a impressão de estar recriando acontecimentos fantásticos.

“A impressão que o Filho de Maria causava em seus mestres era tão avassaladora que eles haviam acreditado na palavra de uma criança”... blá-blá-blá. Esquivando-se do assunto, afirmou o Carpinteiro.

Se o tivessem conhecido, teriam compreendido que, para José, afirmar era dizer a última palavra.

José tinha isso muito claro. O Filho de Maria poderia ser o próprio Filho de Deus, mas era a ele, a José, que seu Pai havia confiado a custódia, e a ele, e somente a ele, José, cabia decidir quando a Sagrada Família retornaria a Israel.

Será que era o Filho de Deus?

Será que só poderia ser...?

“No que você está pensando, José?”

Os rabinos acreditavam ter encurralado o Carpinteiro, e até mesmo o próprio Menino, que ouvia atrás da porta, chegou a acreditar nisso. Palavras como espadas em um duelo à morte

se cruzavam quando o Menino apareceu na porta com o ar do vencedor que pergunta ao inimigo derrotado: “Ainda quer mais?”

Foi a primeira vez na vida que José viu o Filho de Maria com os olhos com que sua Mãe o via. Aquele era o Filho de Deus em pessoa. Não era brincadeira. Acontecia que Ele tinha o corpo de uma criança. Mas quem José tinha diante de si era o Primogênito do Senhor Deus YAVÉ. Era o Filho de Deus em pessoa quem estava falando com seus pensamentos.

Sim, senhor, Ele estava falando com ele por meio do pensamento, com a mesma certeza com que você está lendo este livro.

Os rabinos estavam falando com José a plenos pulmões em sua própria casa, mas José tinha a mente em outro lugar, em outro tempo. Estavam exigindo dele os documentos genealógicos da Criança e ele estava em outro lugar, em outro tempo. O Menino estava encostado no batente da porta da marcenaria, de pé, dizendo-lhe sem abrir a boca: “Você ainda não acredita em mim, José? Você não vê que tenho que cuidar dos assuntos do meu Pai?”

Mas a jogada não deu certo para o Menino.

Passado o momento, com os rabinos já tendo ido embora, mais uma vez — e agora mais do que nunca — José se fechou em si mesmo. Eles nunca voltariam para Israel até que seu Deus lhe desse a ordem de retornar. E pronto, José não queria mais ouvir nada.

E foi assim que o Menino voltou a ser derrotado. Ele parou de falar com José. Tinha jogado a partida e perdido. Ninguém sairia do Egito até que Deus desse a José a ordem de voltar para Israel; tão simples, tão trágico.

Simples de dizer, sim; de viver, nem um pouco. Pai e filho deixaram de se falar, de se olhar, inclusive. O pequeno Jesus nem comia. Deixava-se cair no chão, encostado na fachada de sua casa, vendo a vida passar, oprimido pela tristeza de quem pode tudo e recebe a ordem de não fazer nada.

Maria não sabia quem sofria mais: se o Menino, por não ter conseguido impor sua vontade, ou se seu marido, por não conseguir suportar o silêncio e o afastamento do filho. É que eles nem se olhavam. José não ousava, e o Menino não conseguia.

Cleofás era o único que parecia gostar de viver aquela situação.

“O que há com você, irmão? Por que você é tão teimoso?”, diz ele a José.

“É só uma criança, Cleofás”, responde José.

Aconteceu que, num desses dias, José voltou para casa depois de fechar um negócio. Jesus já havia perdido toda a esperança de convencer o bom senhor José. Há quanto tempo eles não se falavam?

José, o carpinteiro, voltou depois de fechar aquele negócio, todo sério, mas com os olhos muito brilhantes. Assim que Maria o viu cruzar a porta, o coração dela deu um salto, mas ela não quis dizer nada. Esperou que o marido falasse com ela.

“Mulher, diga ao seu Filho que vamos embora”.

Ele não disse mais nada.

A Mãe pegou o Menino e foi distraí-lo na feira. Ela iria comprar o que ele quisesse, para animá-lo e levantar seu ânimo, disse ela. Jesus a seguiu como teria seguido uma nuvem sem destino. Desde o incidente entre José e os rabinos, ele não queria saber de nada, não tinha vontade de nada. E não havia nada que sua própria Mãe pudesse dizer para levantar seu ânimo.

Nada?

Bem, havia algo. Havia dois sinais, e era uma única palavra. José negava-a a ele e Maria não podia dá-la.

Não podia dar?

Aquele passeio pela feira do porto de Alexandria eles nunca iriam esquecer. Ela não parava de sorrir para ele, de fazer cócegas nele, de dizer com seus gestos: “Adivinha, adivinha, o que está acontecendo comigo?”

Logicamente, o Menino ficou irritado por um tempo, até que acabou abrindo os olhos. Ele pegou Maria — Ele sempre a chamava pelo nome —, sentou-a em um dos bancos do cais e, olhando-a nos olhos, leu o coração dela com a mesma facilidade com que você lê estas linhas.

“Maria, não é?”, foi tudo o que o Menino perguntou a ela.

Ela balançou a cabeça, transbordando de felicidade. E ali mesmo, tendo como pano de fundo o horizonte mediterrâneo, dançaram loucos de alegria.

Eles correram de volta para casa. José estava trabalhando quando entraram. Maria passou direto, mas José percebeu a luz que brilhava no coração de sua Esposa. Seus olhos se iluminaram e ele virou a cabeça. Antes que pudesse dizer uma palavra, o Menino saiu correndo para se jogar em seus braços. Gigante como era o Marido de Maria, ele o agarrou e o ergueu, como todos os pais fazem com seus filhos. Agora, sim, os dois haviam vencido. O Menino tinha o que queria e José havia recebido a ordem de Deus para partir.

Cleofás não protestou. Nem disse nada. Seu cunhado era o chefe do clã; ele decidia, ele mandava.

Jesus saiu correndo em busca de Tiago, seu primo, gritando pela rua: “Para Jerusalém, Tiago, para Jerusalém”.

RENASCER

Os emigrantes voltaram para Nazaré, por assim dizer, ricos. José vendeu a “Carpintaria do Judeu” por um preço muito bom.

Adeus, Alexandria, adeus — sussurraram os lábios de José, que deixava para trás amigos, negócios, anos felizes, novas perspectivas, uma cidade sábia, a alegria de ter vivido coisas maravilhosas e ouvido outras tão incríveis que seriam difíceis de acreditar se não tivessem saído dos lábios do Menino.

Do outro lado do horizonte, esperava-o o retorno da dor adormecida sob os lençóis grossos de um subconsciente cruelmente ferido. Voltar para Nazaré? Estabelecer-se em Belém, sua cidade natal? O que ele faria?

Durante a ausência da Dona do Cigüeñal de Nazaré, a grande casa na colina, Juana, irmã de Maria, havia mantido a herança de seu sobrinho Jesus em bom estado. Por esse lado, José não tinha nenhum problema. Tudo o que pertencia à sua esposa era dele; assim, José poderia se dedicar a viver das rendas e começar a desfrutar da boa vida. Só que, por mais próspera que fosse a herança de sua esposa, essa maneira de pensar não combinava com ele.

Como pai que era, José se preocupava mais com o futuro de seus sobrinhos do que com o de seu filho Jesus.

Naquela época, seu cunhado Cleofás já tinha trazido ao mundo uma prole numerosa. Se Maria tivesse permanecido solteira, seria mais do que provável que a herança de Jacó de

Nazaré e seu legado messiânico tivessem passado para o homem da casa; nesse caso, o futuro dos filhos de Cleofás estaria ligado à propriedade de Maria.

Não foi o que aconteceu. Mais cedo ou mais tarde, os filhos de Cleofás teriam que deixar a casa da tia Maria, se estabelecer e constituir suas próprias famílias. Assim, sem pensar duas vezes, José tomou a decisão definitiva de recomeçar, como na primeira vez em que chegou a Nazaré, desconhecido por todos aqueles que não o conheciam, sem um pedaço de terra onde pudesse cair morto, o céu como teto, os horizontes como paredes de sua casa, a terra-mãe como piso onde repousar o corpo, uma pedra como travesseiro sob as estrelas, seus fiéis cães assírios de guarda ao redor da fogueira, a aurora ao amanhecer, a estrela da manhã sob a Lua, Jerusalém lá em cima, a caminho de Samaria como quem se adentra em um corpo e viaja até o coração pelas artérias desconhecidas da terra. Por que não? Deus não nos dotou de sua força para manter o espírito sempre jovem? As forças podem falhar, mas a vontade persiste além do cansaço dos ossos.

É claro que reabrir a marcenaria seria um trabalho sério, mas como àqueles dois homens não faltava nem força nem coragem para recomeçar do zero, então foi isso mesmo. Além disso, as criaturas tenebrosas que ordenaram o Massacre dos Inocentes já haviam partido para a glória, e, para falar a verdade, embora José não demonstrasse muita vontade de voltar à pátria, também nele estava surgindo a saudade da família: rever seus irmãos e irmãs, ver sua esposa e seu cunhado felizes nos braços da avó de seus filhos. Enfim, a natureza humana foi tecida com fibras do amor divino e precisa banhar-se em lágrimas de alegria para superar a tendência inata que manifesta de se assemelhar às feras, que nem riem nem choram.

Quanto ao trabalho, cara, José poderia ter se dedicado aos negócios do campo, mas não era a praia dele. O ofício de carpinteiro e marceneiro estava em seus genes, pulsava em seu sangue; era a vocação dele, conseguia martelar um prego sem olhar, lixar a superfície mais áspera enquanto conversava. O campo? O campo não era para ele, nem ele era feito para o campo. Será que as habilidades de sua cunhada Juana para manter a propriedade em bom estado haviam se esgotado?

Sim, para os assuntos do campo, lá estava sua cunhada Juana. E, quanto à oficina de costura de Nazaré, o assunto estava nas mãos das costureiras de sua esposa, e esta, já dedicada à família, a primeira coisa que fez foi deixar as coisas como estavam.

O Menino, por sua vez, mal pisou em Israel e já estava ansioso para ver chegar o dia de sua admissão na comunidade com todos os direitos plenos dos adultos, o que costumava ocorrer aos treze ou quatorze anos. No caso dele, as coisas se anteciparam aos doze anos porque sua mente funcionava melhor do que a de uma pessoa mais velha. Que fique claro que não digo isso para impressionar o leitor. A verdade é que o Menino permaneceu hiperativo durante toda a viagem do Egito a Israel; se dependesse dele, teria saído voando, ou correndo sobre as águas, e não teria parado até chegar a Jerusalém. Ele já imaginava tudo. Abriria caminho até o Pátio do Templo, pediria a palavra e deixaria fluir por sua boca a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade.

“Lá vou eu, Jerusalém”, sussurra o Menino enquanto deixa o Egito para trás.

A ideia que o Menino tem sobre seu destino messiânico é a clássica do pensamento popular dessa época. O Filho de Davi apresenta-se montado em seu cavalo de glória diante das autoridades do Templo, reúne ao seu redor todos os filhos de Abraão do mundo e os lidera à conquista dos confins da terra.

Com essas intenções sagradas em mente, após a cerimônia de admissão na comunidade celebrada ao completar seus doze anos, Jesus vai ao Templo para colocar em prática sua estratégia.

No primeiro dia, ele chama a atenção para si; no segundo, a notícia se espalha; e no terceiro, todos os Sábios de Israel serão revelados na imensidão de sua realidade divina. No quarto dia, o Messias estará em seu trono convocando para suas fileiras todos os exércitos do Senhor no mundo.

E assim foi. Pelo menos durante os dois primeiros dias. Mas, no terceiro, aconteceu algo que marcou sua existência para sempre.

Maravilhados com a inteligência daquela Criança, que sabia mais do que todos os sábios de Israel juntos, as autoridades do Templo acabaram se reunindo para tomar uma decisão sobre o que estava acontecendo.

Entre eles, sentou-se ao redor de Jesus — por sua vez, cercado pelos doutores e príncipes do Templo — um tal de Simeão. Esse Simeão era o ancião que saudara o Menino recém-nascido e dissera a seu Deus que já podia deixá-lo partir, para se reunir com seus pais, pois já havia visto o Cristo.

Deus não parecia estar muito de acordo com Simeão. Em vez de levá-lo para o Céu, Ele ainda o deixou na Terra.

Assim que viu o Menino, Simeão reconheceu o Filho de Maria. Maravilhado com o que estava vivendo, tomou a palavra quando todos já estavam convencidos de que tinham diante de si o Filho de Davi.

“Diga-me, filho”, rompeu Simeão o silêncio.

E continuou a falar com palavras de uma sabedoria desconhecida para o Menino e para todos.

“O que acontecerá quando você partir? Pois você terá que partir. Nós, homens, voltaremos ao nosso velho mundo cotidiano ou será que você acredita que o Cristo ficará para sempre conosco?”

Do que aquele ancião estava falando?, perguntou-se a Criança.

Aquele ancião estava lhe dizendo, em meio aos protestos de todos os seus colegas, que o Cristo deveria se ver cercado por uma matilha de cães, carregar todos os pecados do mundo, oferecer-se como Cordeiro Expiatório.

“Mas se ele se sentar em seu trono, como as Escrituras poderão se cumprir?”, concluiu Simeão em seu discurso.

O Menino ficou paralisado. Seria Ele o Servo de Yahweh das profecias de Isaías?

Não era que o Menino não conhecesse as profecias. Ele sabia os livros proféticos de cor. O que o estava impressionando era a interpretação que Simeão lhes estava dando. Era uma sabedoria tão nova e desconhecida para Ele quanto para os demais que a estavam ouvindo.

A ESPADA DE DAVID

Dizia a lenda que o grande guerreiro dançou a dança da vitória ao redor do cadáver do inimigo. Dizia também que aqueles bárbaros roubaram o segredo do ferro dos heróis de Tróia antes que Enéas sucumbisse à astúcia dos aqueus.

Entre aqueles monstros sem alma, o mais horrível era sempre o chefe. O chefe nem sempre era o mais alto, mas era sempre o mais cruel, o mais terrível, o mais impiedoso, o mais

letal e maligno. Naquela ocasião, o mais alto e o mais cruel e impiedoso bárbaro que se pudesse imaginar haviam se reunido no mesmo corpo. Chamava-se Golias. Sua espada era tão grande quanto a daquele outro guerreiro a quem os hispânicos chamavam de Rodrigo Díaz de Vivar, aquela que cortava de uma só vez cinco cabeças de mouros alinhados em fila indiana. Ninguém se atrevia a ficar a menos de três metros de distância do Cid Campeador; esses três metros eram o comprimento de sua arma, do ombro até a ponta daquela espada de aço espanhol. Braço e espada, uma única coisa com aquele guerreiro castelhano que, em estatura, pouco ou nada tinha a invejar àquele filisteu briguento e tagarela que cometeu o terrível erro de tirar o elmo diante do jovem pastor com sua funda.

Conta a lenda que Davi pegou a enorme espada do gigante e, com ela, cortou-lhe a cabeça de um único golpe. E continua dizendo que o guerreiro hebreu lutou com ela à frente de seus exércitos. Do que devemos deduzir que, se Davi era de rosto belo, de forma alguma era de estatura baixa nem tinha braços delicados e finos. Ele não era um gigante, mas certamente o que menos se assemelhava a ele era um anão.

Desde o início de seu reinado, a espada de Golias foi o símbolo real por excelência que conferia ao seu possuidor o trono de Judá. Salomão a recebeu e a entregou a seu filho. Roboão a entregou ao seu, este ao seguinte, e assim ela passou de mão em mão durante os cinco séculos que se decorreram desde a coroação de Davi até o último rei de Jerusalém.

Nabucodonosor arrancou-a das mãos do último rei vivo de Judá e jogou aquela espada de museu entre os demais tesouros que seus exércitos haviam recolhido ao redor do mundo. Ele a viu tão grande e pesada que a considerou um objeto de decoração. Esqueceu-se dela, e lá teria ficado para sempre se, após conquistar a Babilônia, Ciro, o Grande, não a tivesse entregue ao profeta Daniel para que fizesse com aquele símbolo sagrado dos hebreus o que lhe parecesse adequado.

Por direito legítimo, a espada de Davi, a espada dos reis de Judá, cabia por herança a Zorobabel. Mas o profeta Daniel negou-a a ele, pois não era com a espada que ele deveria reconquistar a Pátria Perdida. A espada de Golias permaneceria na Grande Sinagoga dos Magos do Oriente até que nascesse o Filho de Davi.

Não sabemos como a espada de Golias acabou nas mãos do Cid Campeador. O que sabemos com certeza é que aquela espada era a mesma que José empunhava no dia em que entrou no Templo em busca do Filho de Maria.

A espada de Davi foi um presente dos Magos ao pai do Messias. Cabia a ele guardá-la até o dia da coroação de seu filho.

Foram muitas as coisas que os Magos presentearam a José. Ouro, incenso e mirra foram os três últimos presentes que lhe deram; mas isso era para o Menino. Antes disso, haviam presenteado José com um cavalo ibérico que voava como uma estrela cadente e era capaz de atravessar a Samaria sem beber água nem descansar. E três cães da mesma ninhada, relíquia dos cães que os reis de Nínive levavam consigo em suas caçadas aos leões. Um se chamava Deneb, o outro Sirio, e o terceiro Kochab. José nunca os levava para fora juntos. Eles se pareciam tanto que quem não conhecia José achava que ele tinha apenas um exemplar daquela espécie em vias de extinção. Eram mansos como cordeirinhos aos pés de seu dono, mas mais ferozes do que o demônio mais maligno do inferno mais horrível se sentissem o cheiro do perigo. Seus três cães, seu cavalo ibérico e a espada de Golias foram as três coisas que José levou consigo de Belém no dia em que Isabel lhe disse:

“Filho, todas as suas irmãs se casaram e são felizes; o rapaz já está na flor da idade e tem toda a graça de seu pai. Cleofás é forte, é alto, é inteligente; não demorará a encontrar alguém

que o ame loucamente. Muito em breve, a Filha de Salomão estará livre de seu voto; não é isso que o Filho de Natã vem esperando todos esses anos?"

E José levou consigo para Nazaré uma quarta coisa, que era a mais preciosa de todas: o documento genealógico de sua família. Mas voltemos ao que estávamos falando.

Apenas duas vezes na vida a mão de José se estendeu espontaneamente para a espada de seu pai, Davi. O fato de seu braço ter se estendido espontaneamente nos diz muito sobre a estatura do homem e a força de seu braço. A primeira vez foi quando José foi buscar Maria na casa de Isabel, mãe de João Batista. A segunda, quando José entrou no Templo para buscar o Filho de Maria.

O que teria acontecido se, em vez de dizer aos pais o que disse, o Menino tivesse dito a José: "Filho de Natã, entregue-me a espada dos reis de Judá"?

TU ÉS PÓ E AO PÓ VOLTARÁS

O que foi, afinal, que aquele ancião revelou ao Menino? O que foi que aquele homem lhe mostrou para que o Filho de Maria desistisse de seus planos? O que ele lhe disse? Por que aquele Menino calou a boca e desistiu de montar o cavalo do Filho de Davi, o príncipe valente e impetuoso que, segundo a interpretação popular das Escrituras, à frente de seus exércitos levaria a paz de Deus ao mundo inteiro? Por que razão aquele que entrou no Templo disposto a se revelar e reivindicar para si o que lhe pertencia por direito humano e divino abandonou de repente seus planos messiânicos e partiu atrás de "seus pais" sem dizer uma palavra?

É certo que aquele ancião — cuja identidade descobriremos na Segunda Parte — revelou à Criança a sabedoria que todos conhecem por meio da Igreja Católica desde os dias dos Apóstolos. Mas também é certo que houve mais, muito mais.

E a única maneira de descobrir o que se passou em sua mente é nos colocarmos no lugar dele. Mas não da forma arbitrária que mais nos apeteça e nos pareça condizente com nossa natureza. Por um momento, vamos esquecer tudo o que ouvimos e nos colocar no lugar dele. E, para isso, vamos aceitar a tese católica da Encarnação do Filho de Deus. Vamos adotá-la em todos os níveis e levá-la até suas últimas consequências.

Vamos considerar a possibilidade de aquele Menino ter sido o próprio Filho de Deus. Não um filho qualquer à nossa imagem e semelhança, por adoção; nem mesmo um filho de Deus à imagem e semelhança dos anjos que, no livro de Jó, vemos na presença de Deus. Não, vamos partir do princípio de que aquele Menino era um filho de Deus à maneira daquele que é o Unigênito de seu Pai, pois foi gerado a partir de seu Ser. E que, em sua condição de Unigênito, cumpre todas as exigências que o Credo Católico apresenta: Luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro. É uma possibilidade. Possibilidade que vamos considerar em toda a extensão de sua magnitude.

O primeiro a assumir essa possibilidade foi o próprio Jesus. Em sua doutrina, Ele se proclamou Causa Metafísica da Criação, ou seja, a razão pela qual Deus faz todas as coisas, incluindo nosso Universo. A partir dessa posição de Filho Unigênito, Jesus respondeu aos judeus que, , lhe perguntaram sua idade, dizendo que "Ele já existia antes de Abraão", algo lógico se pensarmos que, sendo a Causa Metafísica da Criação, sua presença era necessária desde o Princípio e antes do início da ação. Fiel a si mesmo, Jesus voltou a proclamar para si essa condição de Razão Metafísica ao afirmar que "seu Pai lhe mostra tudo o que faz". O fato de Ele nos convidar a assistir ao Espetáculo nos próximos Atos Criadores é simplesmente colateral. É algo que não vem ao caso neste momento. A tese que defendemos é que, quando

Deus deu início ao Princípio e criou os Céus e a Terra, seu Filho Unigênito estava ao seu lado e foi por amor a Ele que se dispôs a nos criar, a Geração Humana.

Tudo perfeito. Até que Adão comete o erro de se deixar levar pela astúcia da Serpente.

Independentemente do dilema que a perfeição divina e a liberdade humana nos apresentam, o que realmente importa é que o Filho de Deus viveu a condenação de Adão como algo que o afetava diretamente.

Pode-se deduzir das Escrituras que Deus e seu Filho abandonaram Adão e Eva por um tempo. Quando voltaram, depararam-se com o fato consumado. Seu Pai compreendeu tudo o que havia acontecido, julgou o caso e, na ira do Juiz do Universo, proferiu sentença contra todos os envolvidos. À Serpente, Ele jurou que um filho de Adão se levantaria e esmagaria sua cabeça. A Adão e Eva, Ele os condenou à morte.

Atónito, alucinado por aquela rebelião contra Deus, seu Filho, irmão do falecido Adão, sentiu o sangue subir à cabeça e sonhou com o Dia da Vingança de Yavé.

Mas esse Dia da Vingança não seria amanhã nem depois de amanhã. Na verdade, ninguém sabia quando seria. O Filho de Deus só sabia que, com o passar do tempo, a perda da identidade do Homem que Deus criou se tornava cada vez maior. Ela foi se tornando tão grande, e o ódio que, por sua culpa, foi se acumulando contra os anjos rebeldes tornou-se tão enorme que, com todo o seu Ser, Ele pediu ao Pai que o enviasse pessoalmente à Terra para enfrentar o próprio Diabo. Uma vez derrotado o Diabo, a coroa de Adão seria para o Vencedor; e, sendo o Vencedor e o Filho de Deus a mesma pessoa durante seu reinado, a Humanidade sairia do Inferno para o qual havia sido lançada e retomaria o caminho para o qual foi criada e do qual a Traição de Satanás a desviou.

Veio, então, o Filho de Deus à Terra com o sangue fervendo em suas veias, disposto a enxugar as lágrimas do nosso mundo. Sua espada estava em sua boca; era a sua Palavra. Para conquistar o mundo, Ele não precisava da espada de Golias; bastava abrir a boca e ordenar que os ventos se levantassem e que os exércitos depusessem as armas. Ele traz a Paz; a sua bandeira é a de uma Saúde que supera a Morte e conduz os homens à Imortalidade.

A Imortalidade?

Eu disse “imortalidade”?

“Pois sim, filho, mas você vai se rebelar contra a sentença do seu Pai?”, disse-lhe aquele Simeão. “Para nos salvar, você vai se condenar? Para salvar o Presente, você vai condenar o Futuro? Certamente teu Pai te enviou para enfrentar o Maligno e tu esmagarás a cabeça dele, mas se tu derrubares as paredes de nossa prisão contra o julgamento divino, em que te diferenciarás daquele contra quem vieste para vingar a morte de nosso pai Adão? Pois o Julgamento de Deus é firme: do pó tu vieste e ao pó voltarás. Esse é o nosso destino. Será que teu Pai e Deus te disse: “Vá e anuncie a eles o fim de seu cativeiro; tire-os de lá e conceda-lhes a Imortalidade pela qual suspiram desde que os criei”? Não vês, filho, que ao te deixares levar pelo amor que tens por nós, estás te arrastando para a perdição e arrastando contigo toda a Criação? Quem, senão o , o Juiz de todos nós, pode garantir nossa liberdade? Mas se Ele concedeu esse Poder ao Seu Filho, então faça conforme a sua vontade”.

O PENSAMENTO DE CRISTO

Que o Filho de Deus não precisava ser crucificado para recuperar sua condição sobrenatural, isso nos foi mostrado pelos evangelistas no episódio da Transfiguração. A

Transfiguração de que falam foi exatamente isso: a resposta a essa questão tão simples. A necessidade da morte de Cristo, da qual falam em seus evangelhos, refere-se aos pressupostos da Doutrina do Reino dos Céus. Se havia necessidade da morte de Cristo, não era por incapacidade de Jesus de recuperar sua condição divina. Para recuperar sua condição divina, Jesus só precisava desejá-lo.

Quando voltou a Nazaré, o que realmente aconteceu com o Menino foi que ele renasceu. O Filho de Deus, que se fez homem e morria de vontade de crescer, sem nunca ver o dia em que se sentaria entre os adultos, finalmente se colocou em nossa pele. Deus está lá em cima e nós estamos aqui embaixo, e todo o dilema da humanidade passa por uma ponte sobre areias movediças. Como conhecer o pensamento de Deus? Como descobrir seu plano de salvação universal e eterna?

Agora era um homem que se perguntava tudo o que todos os homens se perguntavam e a ninguém respondia. Agora era Cristo quem erguia os olhos para o alto e olhava para Deus face a face, buscando conhecer seus pensamentos. Agora era o Filho do Homem quem reconhecia sua ignorância e olhava para Deus em busca de sua sabedoria

Mas você tem doze anos. E tem toda uma vida pela frente. E a cada dia que você acorda, acorda com essa Cruz. E a cada ano que passa, a cada ano que passa, essa Cruz pesa mais sobre você. E, quer você queira ou não, o peso vai afundá-lo mais de uma vez.

Você pode fazer tudo e não faz nada; vê o mundo ao seu redor vivendo no inferno e não pode fazer nada, embora tenha o poder de fazer tudo. Você pode salvar o Presente e condenar o Futuro, ou deixar que o Presente viva seu Destino e guardar sua Liberdade para quando o prisioneiro sair da prisão. Você o esperará do outro lado da porta para guiá-lo rumo a um Novo Dia de liberdade que nunca terá fim. Até esse Dia, o mundo deverá seguir seu caminho, e até que chegue a sua Hora, você deverá afundar muitas vezes em depressões profundas, e não terá ninguém para te apoiar; não haverá ninguém ao seu lado com quem compartilhar seu destino; ninguém te dará uma mãozinha, ninguém estenderá a mão para você, porque ninguém estará com você para saber o que está acontecendo e por que você afunda até se afogar.

Você é Jesus de Nazaré, um jovem rico; tem tudo o que um homem deseja e pega apenas o que quer. Não precisa de nada de ninguém. As portas se abrem para você por onde quer que vá; tratam-no de senhor e sua palavra vale ouro para quem negocia com você. Ninguém conhece seu segredo; apenas uma Mulher. O marido dela morreu quando você tinha cerca de vinte anos, e Cleofás também. Restam apenas elas, sua Mãe e a irmã dela, Juana; só elas sabem quem você é. Mas nenhuma delas sabe para onde você vai, nem quais são seus planos. Você está sozinho. Quando as tempestades se intensificarem em sua mente, você não terá ninguém para abraçar e lutar junto contra a tempestade. Se você não enlouquecer, será apenas porque você é quem você é; mas, mesmo sendo quem você é, terá de enfrentar a tempestade em campo aberto, sem teto nem abrigo contra a água que cairá em torrentes sob um céu coberto de trevas sobre seu corpo mortal. Quanto mais doce é a vida que você leva, tanto mais amargo será o que você vai fazer.

Para quem está morrendo de fome, o pão duro tem gosto de glória, mas se você der esse mesmo pão para quem está acostumado a comer pãezinhos, ele vai quebrar os dentes. Os teus, Jesus, estão acostumados a comer o melhor pão. Seu corpo está acostumado às vestes mais finas. E você vai conduzir um exército de homens ao mesmo destino que o seu. Você não vai sucumbir? Os fantasmas deles não vão te atacar em seus sonhos? Você não vai acordar de joelhos nos desertos, implorando por misericórdia? As visões dos corpos deles sendo dilacerados pelas feras dos circos romanos não vão te atormentar, enquanto você olha para o Céu pedindo o fim da sentença contra Eva e seus filhos? Quanto tempo durará para você cada ano que viver? Os vinte anos que o aguardam não serão para você uma eternidade? Você os

tem diante dos seus olhos. São todos puros. Um por um, são todos inocentes. Seu único crime é amar você acima de todas as coisas. Eles o amam mais do que o tempo, mais do que a imortalidade, mais do que todos os tesouros do universo. Você é a vida deles. E lá estão eles, pendurados em suas cruzes, atores de um espetáculo sangrento, uma ode à loucura, cantando em honra às lágrimas que, por eles, você, Jesus, derramou no deserto, quando desaparecia misteriosamente e voltava sem dizer a ninguém de onde vinha ou o que havia estado fazendo. Eles viram suas lágrimas e amenizaram seu coração no dia do martírio deles, para não despertar em seu peito o grito de vingança. Você não sofrerá em carne e osso o crime de suas centenas de milhares de irmãos menores, a quem você conduzirá à cruz sem que tenham cometido delito algum pelo qual possam ser considerados culpados? Amar-te será o delito deles. Você não implorará misericórdia ao seu Pai? Não buscarás outra alternativa viável? E, no entanto, o Cálice está cheio e deverás bebê-lo até a última gota. Uma Esperança te sustenta, mas a ninguém podes contá-la, com ninguém podes compartilhar a alegria infinita na qual todo o teu ser se regozija quando, ao olhar para quem está sentado no Trono do Juízo Final, vês, contemplas e te vês a ti mesmo.

CRISTO JESUS

Não sabemos em que momento da vida cruzamos a fronteira entre a infância e a adolescência; nem em que momento deixamos de ser jovens para nos tornarmos adultos. Não parece haver uma regra geral; é algo que cada um descobre por si mesmo e vive à sua maneira.

Sendo assim entre nós, quão mais complexo é aplicar nossa psicologia a alguém como o Jesus dos Evangelhos!

Tendo adotado a postura de vê-lo como ele se via a si mesmo, tendo experimentado, na medida em que nosso entendimento nos permite, o que se passava em sua mente, sigamos em frente. Ainda há muitas áreas inacessíveis à inteligência dos séculos passados e que, submetidas à fantasia daqueles que desejaram invadir seu íntimo, chegaram até nós distorcidas, como pinturas viciadas pelas paixões dos copistas.

Se, em algum momento, eu deixei minhas próprias paixões tomarem conta, o leitor, como ser livre, deve a si mesmo a oportunidade de recriar a linha histórica a partir das características de sua própria inteligência. O autor só pode apontar o horizonte e retratar o que vê com seus olhos; e, embora a estrutura do olho seja a mesma para todos, a maneira de ver as coisas assume uma forma pessoal e intransferível. É a partir dessa plataforma de visão pessoal e compreensão individual que o autor recria as coisas que escreve; o leitor terá que adaptá-las à sua própria maneira de rir, de chorar, de odiar, de amar, de compreender e até mesmo de ignorar.

Voltemos, então, com Jesus à casa de seus pais em Nazaré e, a partir do que foi descoberto — sabendo agora o que Ele acabara de descobrir, a Cruz de Cristo, sua Cruz —, tentemos abrir o horizonte de suas memórias aos reflexos puros da realidade, tal como Ele e os seus a viveram.

O Menino que desceu a Jerusalém era, em todos os aspectos, visto pelos olhos de um estranho, um jovem de boa família. Seu primo Tiago, por exemplo. Tiago era alguns anos mais velho que seu primo Jesus e, no entanto, enquanto este ainda não havia pegado um martelo nem sabia o que era bater um prego, Tiago, filho de Cleofas, já era um especialista, totalmente dedicado ao seu papel de aprendiz de carpinteiro. José, pai daquele Jesus — um menino alto e

extremamente inteligente —, teve que suportar mais de uma crítica por sua maneira de educar seu único filho. Estava mimando-o, diziam.

Não vamos falar de inveja nem trazer à tona paixões que todos nós gostaríamos de nunca ter conhecido. O certo é que a mentalidade das pequenas cidades sempre foi um caldeirão da ignorância mais evidente e enfadonha.

As críticas a José pela maneira de educar seu primogênito não diziam nada a Maria, nem podiam ser levadas além do necessário, já que se tratava de quem o Menino era. Aquele Menino que criticavam era o herdeiro da filha de Jacó. Grande parte de tudo o que os nazarenos viam ao seu redor pertencia ao "jovem Jesus". Se seus pais não queriam que ele tocasse nos pregos e nos martelos, quem era alguém para lhes fazer qualquer reprovação?

O certo é que, ao voltar de Jerusalém, aquele Menino rompeu com o papel de "jovem senhor" que se supunha ser o seu e se apegou ao pai com a obediência e a diligência do menino bom e dinâmico que todo pai deseja ter como filho.

Maria o via terminar o dia exausto. Em toda a sua vida, seu Menino nunca havia levantado uma tábua, e, de repente, não parava de pedir trabalho. Bastava que seu pai abrisse a boca para que ele lhe obedecesse. Até o próprio José olhava para ele, perguntando-se: "O que está acontecendo com você, meu filho?"

Mas não era só na marcenaria. Se a tia Juana precisasse de algum serviço, lá estava o filho de sua irmã para o que fosse necessário. Se fosse preciso ir ao campo colher amêndoas ou ceifar o trigo, lá estava o primeiro: seu sobrinho Jesus, ao raiar do dia. Ele nunca reclamava, nunca respondia mal, nunca dizia "não". Nem para os seus, nem para qualquer um que lhe pedisse um favor. Como ele não iria ficar sobrecarregado!

Era como se ele não quisesse pensar, como se precisasse esquecer alguma coisa. Precisava se dedicar à atividade física. Seus braços doíam e os tendões tremiam de cansaço, mas ele nunca dizia não nem desistia. Era o primeiro a acordar e o último a dormir. Já não brincava mais com as crianças da vila. Nem falava, a não ser quando lhe perguntassem. A mudança foi tão brusca, tão colossal, tão surpreendente que sua mãe se sentava na beirada da cama enquanto seu menino dormia, perguntando-se o que se passava naquela cabeça. Antes, seu Menino conversava com ela, contava-lhe tudo o que acontecia. Desde que voltaram de Jerusalém, seu Menino era outra pessoa, era como um estranho para ela. Para todos, ele era o que devia ser: um menino obediente e calado que nunca interrompia os mais velhos nem respondia quando o repreendiam por qualquer motivo. Mas, para ela, seu Menino estava se tornando um estranho.

"Ele está se tornando um homem", diziam-lhe. Para ela, isso não bastava. Ela sabia que, fosse o que fosse que estivesse acontecendo com seu Menino, não poderia ser explicado pela experiência humana. Ela não havia vivenciado o abatimento de seu Menino em Alexandria? Para aqueles que o viram sentado à porta da marcenaria do judeu, a tristeza do Menino podia ser explicada por algum capricho que seu pai lhe negava e proibia que ele voltasse a pedir. Tão simples assim? De jeito nenhum! Ela sabia que seu Filho não agia como as outras crianças.

Naquela ocasião, lá em Alexandria, Maria encontrou uma maneira de abrir caminho até o coração de seu Menino. Mas, desta vez, isso lhe parecia totalmente impossível. A única coisa que podia fazer era deitar-se ao lado dele e adormecer guardando seus sonhos, pois, fosse o que fosse que ele estivesse passando, desta vez seu Menino jamais lhe abriria as portas de sua mente, nem lhe permitiria encontrar o caminho para seu coração.

Não era que ela estivesse triste ou carregasse uma dor tão grande que a simples ideia de compartilhá-la parecesse impossível para o Menino. Ela sabia que era algo mais profundo; tão

profundo que, mesmo olhando nos olhos dele, seu olhar se perdia no campo dos olhos de Jesus, sem jamais alcançar o horizonte atrás do qual seu Filho escondia seus pensamentos.

"O que há contigo, meu filho?", ela se perguntava sozinha, sabendo que seu Menino jamais lhe daria a resposta.

A MORTE DE CLEOFAS

Cleofás, pai de Santiago, o Justo, e de seus irmãos, foi um abençoado. Se é verdade que, antes da morte, o ser humano revive os anos vividos neste mundo, os últimos momentos do irmão de Maria foram felizes.

A única tristeza que poderia ter obscurecido suas lembranças luminosas — o fato de seu pai ter falecido logo após seu nascimento — nem mesmo essa tristeza conseguiu turvar seus últimos momentos. Sua irmã Maria transformou aquela ausência física em uma presença angelical, sempre atenta ao seu filho.

Agora que estava a um passo de cruzar a porta da morte, Cleofás podia relembrar, sorrindo, a maneira como sua irmã mais velha amenizou a falta do pai, transformando-o em seu próprio anjo da guarda. Como ele poderia ter duvidado da inocência de sua irmã Maria no dia em que sua mãe lhe contou sobre a Anunciação?

Ele foi o primeiro homem no mundo a conhecer o Mistério da Encarnação e o primeiro a acreditar, de olhos fechados, na Virgem que conceberia o rei Messias. Foi sua mãe quem o chamou à parte e lhe contou tudo com todas as palavras. "Filho, aconteça isto, isto e isto, e quero que você faça isto, isto e isto".

Cleofás esqueceu-se de sua esposa e de seus dois filhos pequenos, selou seu cavalo, preparou a égua para sua irmã e, sem dar mais explicações do que o necessário ao cunhado, abriu caminho para a Virgem através da Samaria.

Meu Deus!, como ele estava bonito, um querubim em seu cavalo de fogo, com o olhar de águia scrutando o horizonte, a espada pronta e afiada para traçar ao redor de sua Irmã o círculo que o soldado romano desconhecido traçou ao redor do grande rei da Ásia. "Se você ultrapassar a linha, estará declarando guerra a Roma; se der meia-volta, vá em paz. Se quiseres a guerra, a terás".

Seu cunhado lhe deu dois de seus cães como companhia: Deneb e Kochab. Aqueles últimos exemplares de sua raça pareciam ter sido contagiados pela tensão do jovem irmão humano; Deneb avançava abrindo caminho, Kochab vigiando a retaguarda.

A Virgem teria descido sozinha para a Judéia, sem outra proteção além da confiança depositada no Senhor por meio de seu anjo Gabriel. Mas era tão belo ver seu Cleofás envolvendo-a com o manto de sua fé absoluta em sua inocência.

Algum tempo antes de se descobrir em Nazaré o estado de graça em que se encontrava a esposa do carpinteiro — estado de graça que estava na boca de todos os vizinhos —, chegou a Nazaré um rapaz da Judéia, de Jerusalém propriamente dita, procurando José. Ele trazia uma mensagem de Zacarias. Seu conteúdo deixou José boquiaberto e pensativo. "Isabel estava grávida".

Quando, pouco tempo depois, sua sogra decidiu enviar Maria a Isabel, para que ela a ajudasse nos últimos meses da gestação de João, José achou isso natural. Mas o que ele já não considerou tão lógico foi que fosse Cleofás quem se antecipasse a ele e acompanhasse Maria ao

sul. Agora, em seu leito de morte, Cleofás relembrava com carinho a expressão de surpresa que seu cunhado fez ao ouvi-lo, um rapaz aos seus olhos, proferir palavras de um homem maduro.

"Não se diga mais nada. Toda conversa chegou ao fim. Minha mãe decide, sua filha obedece, e eu, seu filho, cumpro. Até o dia do seu casamento, sua noiva está sujeita à autoridade da minha mãe. Não há mais nada a dizer, José. Ao voltarmos, nos encontraremos." José ficou olhando para ele com os olhos de quem descobre o homem no rapaz e fica encantado por ser assim, porque é assim que as coisas devem ser.

Zacarias e Isabel haviam se retirado para sua casa de campo nas montanhas de Judá, longe de Jerusalém. Já fazia algum tempo que o filho de Abias havia se aposentado do cargo oficial que ocupou durante toda a vida na hierarquia burocrática do Templo. E só havia deixado o próprio Templo poucos meses antes, pois, como o sacerdócio era vitalício e ele não tinha filhos, seu turno o obrigava a permanecer no cargo até a morte ou até que uma doença o impedisse.

São e longevo em uma época em que a expectativa de vida do homem mal ultrapassava os cinquenta anos, Zacarias, embora pudesse ter colocado o turno de seu pai à disposição do Templo, preferiu permanecer em seu cargo sagrado até que a morte ou a doença o obrigassem a se aposentar. E foi exatamente isso que aconteceu. Pois, ao ficar mudo, ele não pôde mais manter aquela postura de imutabilidade que lhe havia criado tantos inimigos.

A administração do tesouro do Templo cabia às famílias sacerdotais detentoras dos vinte e quatro turnos de adoração. O presidente desse conselho de administração era o sumo sacerdote, que, por sua vez, era eleito entre essas vinte e quatro famílias. Via de regra, o cargo passava de pais para filhos. Mas, de vez em quando, acontecia o que havia acontecido com Zacarias.

Zacarias não tinha filhos a quem passar seu cargo. O natural, nesse caso, era colocar o Turno à disposição do conselho dos santos e escolher um sucessor entre as famílias. Como se pode compreender, não poderia faltar alguém que colocasse sobre a mesa o dinheiro necessário para comprar essa vaga.

Contra a natureza e sem necessidade, Zacarias ganhou muitos inimigos ao se recusar categoricamente a vender seu Turno. Ninguém podia obrigá-lo a colocar à disposição do Conselho o Turno de seu pai. E ele não o fez.

Ninguém jamais soube o que o anjo disse a Zacarias, mas as consequências daquela Anunciação foram milagrosas para seus inimigos. Mudo, o filho de Abias, foi obrigado a colocar seu turno à disposição do Conselho, assinar sua renúncia e se afastar do cargo.

Zacarias retirou-se para a casa de campo que ele e sua esposa possuíam nas montanhas de Judá. Era uma casa de campo, longe do mundo e de suas agitações, à qual apenas Simeão, o Jovem, tinha acesso — o único da Saga dos Precursores que ainda vivia. Além de Simeão, o Jovem, eles não recebiam visitas. O motivo?

Bem, o motivo era o milagre que os pais de João Batista estavam vivendo em carne e osso.

Em seu leito de morte, Cleofás lembrou-se da maravilha que vivera no dia em que encontrou seus "avós". Zacarias pulava pelas paredes, e, se não fosse pelos cabelos brancos como a neve de Isabel, ninguém poderia jurar que aquela mulher já tivesse passado dos sessenta. O menino se parecia com ele, seu avô. Não falava, mas não parava de se mexer. Apenas outro casal em toda a história do mundo havia vivido um milagre dessa natureza: Abraão e Sara, naturalmente.

Da varanda da casa de campo dos avós, Cleofás se lembrava de olhar para o horizonte, dizendo a si mesmo: “O que está acontecendo, José? Por que você está demorando tanto?”. Como recriar a alegria daquele menino quando viu José surgir no vale, galopando pela planície! Será que não lhe vieram lágrimas aos olhos quando viu aquele gigante ajoelhar-se aos pés da Virgem, pedindo perdão por ter duvidado de sua inocência?

No dia em que José lhe anunciou que levaria Maria e Jesus para longe de Herodes, Cleofás olhou-o nos olhos como quem diz ao outro: “E você achou mesmo que eu ia ficar para trás enquanto você leva minha irmã para o fim do mundo?”.

Desde a primeira vez que viu aquele rapaz magricela, Cleofás caiu muito bem nos olhos de José. E eles nunca mais se separaram.

Pai de uma família numerosa que parecia não ter fim, Cleofás nunca criticou José pelo comportamento de seu filho Jesus nem pela maneira como José o educava. Se seu filho Santiago batia os punhos nas quinas das tábuas enquanto seu sobrinho Jesus saía por aí a percorrer colinas, isso era algo que Cleofás via com os olhos de quem, afinal de contas, já fora o jovem senhor do Cigüeñal. Foi assim que sua própria mãe o criou.

De todas as crianças de Nazaré, Cleofás era o principezinho que nem trabalhava nem precisava se matar de trabalhar para ajudar a família. Sua irmã Juana dava conta sozinha dos campos; sua irmã Maria administrava a oficina de costura mais lucrativa da região. De vez em quando, a tia-avó Isabel subia de Jerusalém carregada de presentes. Será que ela iria se esquecer do menino da casa?

Qual foi sua missão nesta vida? Viver a vida!

Seu sobrinho Jesus o lembrava tanto de si mesmo que Cleofás ria ao ver José passar por tantas dificuldades quando precisava defender seu Jesus diante dos amigos e vizinhos.

Também para ele, a mudança tão brusca de seu sobrinho ao voltar de Jerusalém o pegou de surpresa e o deixou maravilhado. Assim como sua irmã, ele também não conseguia entender o que se passava na cabeça do sobrinho. O único que parecia entender o Menino era José.

José era o único que parecia não se surpreender. Foi o único que parecia saber perfeitamente o que estava acontecendo com ele e, assim como o próprio Menino, José seguiu a política de não dizer uma palavra a ninguém. Com sua Mãe e com seu tio Cleofás, Jesus se sentia desconfortável porque lia nos olhos deles o que estavam pensando. Já com José, o Menino se sentia à vontade. Era o único que não o olhava com perguntas nos olhos e o único que sabia lidar com ele de tal forma que Jesus esquecia os problemas e se tornava o menino ativo, inteligente e trabalhador que todos elogiavam aos seus pais.

Sim, claro que sim, Cleofás viveu uma vida maravilhosa antes de conhecer José. Mas aquele nômade gigante, montado em seu cavalo ibérico, vagando pelas províncias do reino, com seus três querubins assírios saídos de um afresco perdido de algum palácio de Nínive — aquele nômade deu à sua vida o que lhe faltava: a imagem do pai, do irmão que ele nunca teve. E agora, em seu leito de morte, ele seria para seus filhos e filhas o pai que lhes faltaria.

Sim, se é verdade que, antes de morrer, a mente percorre os anos vividos, um por um, Cleofás reviviu anos únicos, maravilhosos. A Virgem como irmã, o rei Messias como sobrinho, um querubim como cunhado, uma mulher maravilhosa que lhe dera filhos e filhas, todos saudáveis, todos fortes.

“José...”, começou ele a dizer em seu leito.

“Irmão”, antecipou-se José. “Seus filhos são meus filhos, suas filhas são minhas filhas. De todos nós, você é, neste momento, o abençoado. Nosso pai Davi espera por seu príncipe

Cleofás no seio daquela luz que se acenderá quando você fechar os olhos. Lá nos veremos, irmão. Venha me dar a mão quando chegar a minha vez de fechar os meus".

E assim foi. Cleofás morreu jovem, como seu pai Jacó.

"Exatamente como nosso pai, Juana, no auge da vida. Como vamos sentir sua falta, irmão!", chorou a Virgem.

Ele foi enterrado em Nazaré, no túmulo de seu pai Jacó, ao lado de seu avô Matã, sobre os restos mortais de Abiud, filho de Zorobabel, filho de Salomão, filho de Davi.

A MORTE DE JOSÉ

A vida de José, o Carpinteiro, se apagou logo após a de Cleofás.

Se a existência de Cleofás foi bela e digna de ser vivida, a de José, o Carpinteiro, foi a de um guerreiro sempre à beira do precipício, com os músculos constantemente tensos, os nervos afiados até o último átomo, sempre vigilante, sempre preparado para se adaptar à próxima reviravolta do destino.

"Não há nada predeterminado; quem sabe o que o amanhã nos reserva? Quando o livro da vida virar a página, veremos o que ele contém. E basta a cada dia o seu próprio esforço".

"O que cabe aos filhos do Espírito é responder rapidamente ao som da trombeta que convoca à ação".

"A Morte sempre ataca pelas costas, mas quem a encara tira de suas mãos esse trunfo chamado fator surpresa".

Provérbios dessa natureza eram o pão de cada dia de José, o Carpinteiro. Zacarias, o futuro pai de João Batista, seu preceptor, tutor, mentor, mestre — tudo de bom em uma única pessoa —, dedicou seu talento, seu gênio, sua sabedoria, sua arte, tudo de melhor que possuía, à formação da mente do jovem José. Graças à sua paciência e dedicação, o guerreiro destemido que corria nas veias do jovem José aprendeu a encarar a Morte de frente e, com o brilho nos olhos do herói que se sabe invencível, até mesmo o próprio Inferno.

Mas o que nunca passou pela mente dele foi se ver envolvido nas redes do próprio Deus.

Além disso, sua concepção de sempre sobre o nascimento do filho de Davi era a clássica e comum: pai, mãe, casam-se, unem-se, duas pessoas diferentes e uma só coisa, o chamado do sangue, o poder da carne. Imaginar que Deus fosse se intrometer por meio da Encarnação de seu Filho? Bem, a verdade é que não; o que aconteceu depois ele nunca imaginou.

Olhando para trás, revivendo aqueles dias, José, o Carpinteiro, ria de coração.

Nessa ocasião, o guerreiro havia chegado ao outro lado do campo de batalha. Ao redor de seu leito de morte, seus sobrinhos e seu povo choravam a despedida do querubim que jamais havia baixado a guarda, a morte do herói que jamais se desfez do elmo e da armadura. Ele já se preparava para entregar a alma.

Todos já acreditavam que suas forças haviam chegado ao fim, que seu fôlego se esvaía nas distâncias entre o Céu e a Terra, quando José, o Carpinteiro, saiu de seu sono. Ele foi despertado pela lembrança de sua resposta ao seu Mestre Zacarias no dia em que Isabel lhes comunicou a notícia do Voto da Virgem.

“Que se faça a vontade de Deus. Há mil anos meu povo espera por este dia; bem posso eu esperar dez”, disse José.

Deus, que reviravolta inesperada Tu demos à vida do Teu servo!

O jovem José cresceu sonhando com o dia em que veria sua esposa dar à luz o rei Messias, o senhor da espada dos reis, o legítimo portador dos dois rolos messiânicos.

Seus irmãos e irmãs não compreendiam que José não se casasse na idade em que todo mundo costumava se casar. A vida era curta. A existência, muito dura. Nesta altura da história, ninguém podia se dar ao luxo de deixar os anos passarem ao estilo dos Patriarcas, que se casavam a partir dos quarenta anos. Muitos já eram avós com apenas quarenta anos. O que o chefe do clã dos carpinteiros de Belém esperava para escolher uma mulher e honrá-los a todos com sangue novo?

José, o Carpinteiro, mantinha silêncio. Respondia aos irmãos com o silêncio de quem parecia, ao contrário dos demais mortais feitos de barro, ter sido forjado de ferro.

Longe de seu peito abrigar um coração de pedra, mas tu não lhe deixaste, ó Deus santo, outra alternativa senão adotar essa atitude para o bem de todos; pois se chegasse aos ouvidos dos assassinos de Herodes a menor notícia sobre a conspiração davídica que se tramava às suas costas, quanto tempo teria levado para aquela serpente ordenar a morte de todos os irmãos do teu servo?

José, o Carpinteiro, acordou de seu sonho revivendo aquele dia inesquecível, o dia em que foi à casa de sua sogra Ana para pedir explicações sobre o boato que havia escandalizado a todos em Nazaré.

O que estava acontecendo?

O que estava chegando aos seus ouvidos?

As vizinhas lhe davam indiretas terríveis.

“Como vocês vão chamar a criança, senhor José? Pois será uma menina.”

O Carpinteiro acabou sentindo a pontada, deixou de lado as hesitações e foi direto falar com sua sogra.

A viúva, que já esperava a visita, foi até lá e abriu a porta para ele.

A mãe da Virgem vinha se preparando para esse encontro.

Ela temia isso. Ela desejava isso. Sonhava com ele, suspirava por ele, tremia só de pensar nele.

Será que ela estaria à altura das circunstâncias? Será que a graça que emanava da inocência de sua filha teria se contagiado a ela, sua mãe?

Como mãe, ela estava disposta a arrancar os olhos de quem quer que pronunciasse a palavra “adultério”. Seu genro José era um santo, um homem extremamente bom, mas que homem não ficaria escandalizado ao ouvir que sua esposa estava em estado de graça por obra do Espírito Santo?

Com o coração na boca, a viúva abriu a porta para o genro.

“Sente-se, meu filho”, disse ela. “Este é um grande dia para todas as famílias da terra.”

Que maneira de começar a conversa!

O Carpinteiro sentou-se. Quanto a abrir a boca, ele nem sequer o fez. Nem precisaria. Seu olhar dizia tudo.

Bem, talvez mil imagens valham menos do que uma palavra de Deus, e que uma imagem valha mais do que mil palavras de um homem. Na situação em questão, a mãe da Virgem, cara a cara com o homem diretamente afetado pela Encarnação do Filho de Deus pela obra e graça do Espírito Santo, nem as palavras nem as imagens pareciam suficientes para aquela mãe presa nas redes de um Deus que não pede permissão a ninguém para se intrometer na vida das criaturas que Ele cria do barro.

Bastavam os olhares. Os olhares diziam tudo.

A viúva sabia por que seu genro havia vindo, e seu genro sabia que ela sabia por que ele havia vindo. A questão era quem iria quebrar o gelo.

A mãe da Virgem, inspirada pelo amor tão infinito que nutria por sua filha, por um lado, e pela sabedoria do próprio Espírito Santo, por outro, começou:

“Meu filho, você acredita que Yahweh é Deus?”, ela perguntou ao genro sem lhe dar tempo de abrir a boca. Uma pergunta desse tipo, ela sabia, era a última coisa que José poderia esperar.

O Carpinteiro nem se abalou. Um homem de gelo teria causado mais nervosismo do que o Carpinteiro naquele momento.

Bem, ele já conhecia sua sogra Ana, sabia qual marca havia deixado sua impressão na alma daquela mulher. Zacarias o educou, a José; mas sua sogra Ana foi formada com as próprias mãos por Isabel, a esposa de seu Mestre. Portanto, se o que a Viúva de Jacó de Nazaré estava fazendo era defender sua filha Maria — e, sem dúvida, era isso que ela estava fazendo — , a mãe da Virgem estava começando bem. Já se veria em que acabaria toda essa filosofia.

A mãe da Virgem, sem perder a calma nem se sentir desarmada diante da seriedade impenetrável de seu genro, continuou:

“Perdoe-me, homem de Deus, por entrar por esta porta, mas os acontecimentos me obrigam a isso. Quero dizer, você acredita que haja algo impossível para Deus?”. Em seguida, ficou olhando para o genro como se, naquele momento, o mistério dos olhos de Deus tivesse se revelado a ela e lhe permitisse ler os pensamentos de José.

Outra pessoa teria sentido aquele olhar como uma forma de intimidação. O Carpinteiro o sustentou sem mover um músculo.

Embora ainda não tivesse percebido aonde sua sogra pretendia chegar, José permaneceu sentado tranquilamente. Ele havia vindo em busca de uma única palavra: um “sim” ou um “não”. E ponto final. E não sairia de casa sem obter o “sim” ou o “não”. Sua esposa estava em estado de graça? Era tudo o que ele queria saber.

A mãe da Virgem estava em vantagem; sabia que seu genro José não sairia dali até que ela lhe desse o “sim” ou o “não”.

A verdade, toda a verdade e somente a verdade, era um “sim”, um “sim” maravilhoso, um “sim” divino, um “sim” eterno, infinito, um “sim” sem reservas, indescritível, inexplicável.

Também era um “Não”, um “Não” total, um “Não” sem concessões, sem discussões de qualquer tipo, um “Não” profundo, inegociável: a Vida do Messias em uma mão, a Morte do Filho de Davi na outra.

O que você escolheria, amigo? Você optaria pela zombaria, riria na cara de Deus, negaria a Deus o poder de realizar essa Obra extraordinária, sobrenatural?

Amigo, tudo é nada quando tudo é pouco. Mas se a criatura recusasse o conhecimento de seu Criador e O submetesse ao seu nível de inteligência natural, a obra extraordinária seria tirar tal burro do poço dos tolos.

Os dados — pois a graça sopra a favor do vento — continuam aguardando a próxima jogada. Cabe a cada homem e mulher dar sua resposta. Afirmar-se no Sim ou no Não.

Se você tivesse tudo de bom em uma mão e tudo de ruim na outra, por qual das duas você se decidiria?

José, o Carpinteiro, teve em sua época os dados da sorte do Filho de Maria em suas mãos. Nunca, na história do universo, algum homem passou por uma situação semelhante ou comparável. Sua decisão mudaria o futuro do mundo. Seu "Sim" ou seu "Não" ergueria ou afundaria todo o Plano de Salvação Universal de seu Criador.

De seus lábios, no entanto, a mãe da Virgem só podia esperar palavras de sabedoria. Com essa força e coragem próprias de uma filha de Eva, a mãe da Virgem seguiu em frente com sua revelação

"Vamos ver, homem de Deus. Imagine que o Senhor te desafia a submetê-Lo a um teste. Sim, exatamente como parece. Imagine que nosso Senhor te oferece a oportunidade de desafiá-Lo a provar que Ele é o Deus Verdadeiro, não apenas por palavras e por ser capaz de fazer alguns truques a mais do que os magos do Faraó.

"Digamos que não te basta acreditar apenas na palavra de que Ele é Deus, e você queira, precise vê-Lo com seus próprios olhos. Você quer ver Seu Todo-Poder e Sua Onisciência, quer vê-los em ação, superando o mais difícil de todos, vencendo a maior prova que você possa imaginar.

"Homem de Deus, já sei que sua fé é mais forte que a rocha, que, mesmo sem ver, você se contenta e se satisfaz com a Palavra que viaja de boca em boca pelo firmamento dos séculos para acreditar na Veracidade de nosso Senhor. No entanto, conceda a si mesmo essa oportunidade. Responda-me sem preconceitos. Diga-me: com que provação você comprometeria Deus a se empenhar ao máximo? Que provação você apresentaria a Deus que fosse digna de seu Todo-Poder e o obrigasse a colocar em jogo toda a sua Onisciência? Filho, não se inibe, não deixe sua língua presa ao céu do seu coração por medo de não encontrar as palavras. Atreva-se, desafie seu Criador, porque você merece isso, por tanto sofrimento, por tanta dor e tanta crueldade que nossos pais sofreram. O que éramos, filho, antes que o Espírito de Deus pairasse sobre as águas dos nossos mares? Animais sem inteligência. Então, um dia, fomos amados pelo nosso Criador, e Ele nos concedeu o dom da palavra. Agora, portanto, não te prives disso, fala, ergue a cabeça para o Onipotente, coloca a tua alma a seus pés, pede-lhe que realize uma obra extraordinária, única, irrepetível, maravilhosa, à altura de seu Grande Espírito, que sacie tua sede de conhecimento e tua fome de sabedoria. Ele está do teu lado. Pergunte a si mesmo que prova você apresentaria ao seu Criador, uma e apenas uma, santo Isaac; mas uma que encha sua alma de felicidade infinita e seu ser de alegria eterna. Vamos, não seja tímido". E a mãe da Virgem calou-se.

Embora possa parecer estranho, José, o Carpinteiro, continuou pasmo. Ele veio em busca da resposta para algo tão simples quanto a verdade sobre o boato de que sua esposa se encontrava em estado de graça, e sua sogra o recebeu com uma discussão teológica em toda a regra.

José ficou olhando para ela, tentando adivinhar o que estava acontecendo. Era um "sim" ou um "não"?

Sua sogra aproveitou a confusão para levar sua Revelação um passo adiante.

“Filho, responda-me”, implorou ela. “Não me minta nem fique calado por medo de ofender o Senhor. Diga-me a verdade: você ousaria desafiar o seu Deus? Ou recuaria e não abriria a boca por medo de ofender o seu Criador?”.

Sem dar tempo para ele respirar, a viúva respirou fundo. Em seguida, voltou ao campo de batalha.

“Homem de Deus, sei que estou te surpreendendo; mas concede-me esses minutos da tua vida. Pergunto-te novamente: que prova tu darias a Deus? Ou vamos colocar da seguinte forma: qual seria a maior prova para um Deus que pudesse ocorrer à mente de um homem? Por exemplo, você quer que Ele lhe demonstre de uma vez por todas que Ele é o Deus da Verdade, que não se atribuiu a si mesmo a glória do Ser Incriado. Você quer que Ele apague todas as estrelas do céu? Quer que o sol nunca se ponha? Quer que os burros voem? Quer que as baleias andem? Não sei, o que você quer? Qualquer um pode ser imperador. Midas, qualquer um que consiga. Não peça a Deus coisas que um homem possa fazer. Você vai desafiá-Lo com uma obra extraordinária, superior; vai colocar diante Dele uma tarefa que nem mesmo Hércules, no auge de sua glória, teria sido capaz de realizar. Estou me fazendo entender? ... E o que eu queria te dizer? Ah, sim, veja bem, o que me preocupa é que, conhecendo a natureza dos homens, você tem certeza de que, uma vez apagadas as estrelas do céu, você não vai procurar uma explicação natural para um fenômeno tão divino? Para um Sol congelado na cúpula do firmamento, você tem certeza de que os homens não vão dar uma volta nisso e encontrar uma causa natural que caiba na cabeça de vocês?”.

Depois de jogar a bola para o telhado alheio, a Viúva de Jacó de Nazaré calou-se. José, o Carpinteiro, não entrou na conversa.

Eu diria que qualquer um que, naquele momento, o tivesse visto sentado diante de sua sogra teria jurado que aquele homem de Deus tinha gelo em vez de sangue nas veias.

José, o Carpinteiro, nem sequer moveu uma sobrancelha. Com o olhar fixo em sua sogra, parecia mais uma estátua de pedra do que uma criatura de carne e osso.

A Viúva sustentou o olhar dele. Ela sabia muito bem que seu genro não diria uma palavra; não à toa o marido de sua filha era feito à imagem do marido de sua tia Isabel.

Inspirada pelo imenso amor que nutria pela filha, a Viúva agiu como se o silêncio de José fosse um reconhecimento do valor da ideia colocada em pauta.

José, que começava a se maravilhar com o rumo que a conversa estava tomando, adornou seu silêncio com as primeiras palavras:

“Diga-me você, mãe. Por que eu negaria ao meu Criador a glória de Seu Braço?”. E calou-se.

A mãe da Virgem deu o passo definitivo. Havia chegado o momento.

“Filho. Eu não sou homem”.

Ela havia dado o passo à frente, sim, mas na direção que lhe convinha.

“Não sei como vocês, homens, pensam”, insistiu ela. “Fui criada a partir de uma costela do homem. O que para um homem pode ser a maior prova do Universo talvez, aos olhos de uma mulher, não seja tão grande assim. A única coisa que me pergunto é: aos olhos de uma mulher, pode-se impor a Deus uma prova maior do que conceber sem a intervenção do homem? Quero dizer, não da maneira daqueles filhos de Deus que se deitaram com as filhas dos homens e tiveram descendência. Você sabe que, entre os gregos, os romanos e os bárbaros, seus deuses se deitavam com suas mulheres e lhes davam à luz heróis, sendo o último o próprio

Alexandre. Não, filho, estou falando de outra coisa. Que uma Virgem dê à luz um Menino sem conhecer homem".

Foi então que José, o carpinteiro, abriu bem os olhos. O que sua sogra estava insinuando? Com essa digressão metafísica, aonde ela o estava levando? Estaria ela envolvendo o "Sim" que ele veio buscar em uma espécie de nó teológico impossível de desatar? O assunto era tão alucinante que José permaneceu imóvel.

"Filho, você acha que uma prova dessas ultrapassaria os limites do Poder Divino?". A viúva continuou atacando, sem dar tempo ao genro para preparar a estratégia de contra-ataque.

De qualquer forma, seu genro finalmente falou. "Não. Nunca", disse ele, com toda a seriedade.

E logo voltou ao seu papel de genro em pleno estado de alucinação com as voltas que sua sogra estava dando à resposta tão simples e curta que ele veio buscar: Sim ou Não.

Parecia que era "Sim", mas na verdade era "Não".

Ao que parecia, estavam adoçando o "Sim" para que a pílula dos acontecimentos não lhe amargasse demais. Mas a ideia com a qual a sogra o estava desafiando parecia-lhe tão fantástica que seu corpo se recusava a ir embora sem antes ouvir com seus próprios ouvidos a conclusão do argumento que estavam montando para ele.

"Não esperava menos de você, filho", interrompeu o fio de seus pensamentos aquela mãe disposta a defender a filha com unhas e dentes. "Agora vamos dar mais um passo adiante. O Senhor aceita o seu desafio. O Senhor vai te dar a prova pela qual teus ossos anseiam: Ele fará com que uma Virgem conceba um filho pela obra e graça de Seu Poder Infinito. Você se lembra, filho, da profecia? Eu sei que sim.

— O profeta Isaías disse ao rei Acaz: 'Peça a Yahweh, seu Deus, um sinal nas profundezas do Seol ou lá no alto'.

-E Acaz respondeu: Não vou pedir, não quero tentar o Senhor.

-Então Isaías lhe disse: "Ouçam, pois, casa de Davi: ainda não lhes basta incomodar os homens, que agora incomodam também o meu Deus? O próprio Senhor lhes dará, por isso, o sinal: 'Eis que a virgem grávida dará à luz, e lhe chamará Emanuel'".

A Viúva interrompeu seu discurso e fixou o olhar em José, penetrando em sua alma.

O carpinteiro ainda não acreditava no que ouvia. Estavam lhe dizendo que o Sinal havia se cumprido? A viúva havia enlouquecido ou queria deixá-lo louco?

Como se estivesse lendo seus pensamentos, a Viúva retomou o assunto.

"Filho, você pensa: 'Vá direto ao ponto, senhora'. E eu lhe peço que não se impaciente. Não estamos falando de algo trivial; está em jogo a glória do Eterno. Tenha paciência. Se, por correr rápido demais, o atleta não vir os sinais, ignorá-los e chegar à meta por um caminho não sinalizado — mesmo que, de qualquer forma, tivesse vencido se tivesse seguido a pista oficial —, o júri lhe concederá a coroa de louros? Não é verdade? De fato, filho, já temos o Eterno em movimento, buscando a Mulher, a Virgem em cujo seio seu Sinal tomará corpo. Eu te pergunto: sobre qual bem-aventurada Deus fará repousar Seu Braço? Sobre qual mulher, única e especial entre todas as filhas de Davi, o Altíssimo estenderá o manto de Sua Glória? A qual Ele amará como se ama a única e adorada esposa? Você me dirá que, já que estamos falando nisso, o próprio Altíssimo a gerará e a predestinará desde o seio de seus pais para ser a Mãe. E você estará certo. Ou será que Ele não se antecipa àquele que pede, gerando-o para que faça seu

pedido? É a Onisciência do Senhor que move toda alma que respira diante de Sua presença. Não é o Seu Espírito a fonte que inspira cada palavra que chega aos Seus ouvidos? Claro que sim, filho. Ele abre a boca daquele que pede: “Que uma Virgem dê à luz sem a intervenção do homem!” O Senhor sorri para si mesmo. Ele abre a boca e diz: “Que assim seja, vou surpreender a todos vocês realizando uma obra que será lembrada e e para sempre: o filho de Eva nascerá de uma Virgem. Já está feito, filho. Diga-me agora: dentre todas as mulheres, qual mulher o Altíssimo escolherá para ser essa Virgem abençoada?”

Por um momento, José, o Carpinteiro, pensou que já tinha ouvido tudo o que vinha buscar, mas a ideia que sua sogra estava lhe apresentando era tão alucinante que ele ficou imóvel.

O que a Viúva estava lhe dizendo? Que sua Noiva estava grávida por obra e graça do Espírito Santo?

A mãe da Virgem não lhe deu tempo para ficar pensando demais.

“Coloca-te no lugar deles, filho. Deus anuncia qual será o Sinal pelo qual Ele demonstrará a Glória de Seu Filho diante de toda a criação. Desde o seio de seus pais, Ele forma o casal que levará nos braços o Menino nascido da Virgem. Mas agora é preciso superar um problema, é preciso superar um último obstáculo. Sim, filho, o orgulho do homem. Você vai deixar que o orgulho do homem cegue sua inteligência?”.

José finalmente compreendeu o argumento de sua sogra.

“Você está me dizendo, mãe, que isso aconteceu?”.

“Não tire conclusões precipitadas, meu filho. Permita-me recapitular o caminho percorrido até aqui. Melhor ainda, vamos contemplá-lo sob outro ângulo. O que disse mais tarde o Profeta ao falar sobre o Menino que nasceu da Virgem?:

— Nasceu-nos um Menino, nasceu-nos um Filho que carrega sobre os ombros a soberania, e será chamado Príncipe da Paz, Conselheiro Maravilhoso, Deus Poderoso, Pai Eterno...”.

“O que nasceu, você diz, mãe?”, interrompeu José. Pela primeira vez, José, o carpinteiro, se mexeu, deixando transparecer que sua paciência estava se esgotando. A mãe da Virgem retomou o ataque antes de perder a presa.

“Não deixe que o orgulho masculino cegue sua inteligência, filho. Pois se Ele não engana nem mente e cumpre todas as suas promessas, o que diremos? Que os profetas de Israel eram todos mentirosos e impostores? Que, apenas para se glorificarem, escreveram as Sagradas Escrituras sem outro propósito senão recitar poesia? Diga-me você. Aguardo sua resposta”.

José, o Carpinteiro, seguiu o raciocínio. Pensou que, vista a questão dessa forma, a Viúva tinha toda a razão do mundo. Ou seu povo era uma nação de impostores com uma capacidade infinita de se enganar a si mesmos, ou, certamente, como o Menino não havia nascido, não poderia haver Nascimento. Até aí, tudo certo. O que já lhe travava na garganta era a conclusão que a mãe de sua esposa estava lhe apresentando. Ela estava dizendo que a Virgem era sua Maria. Ainda não havia dito isso com essas palavras, mas estava claro que todo aquele discurso tinha como objetivo essa declaração final.

Perspicaz como só ela, inspirada pela fé, sua sogra interrompeu seus pensamentos. Dir-se-ia que, mais do que inspirada, ela estava em estado de graça. Ela lia seus pensamentos mais rápido do que ele mesmo os lia. Aproveitando a oportunidade, a mãe da Virgem partiu para o ataque.

“Minha filha, sua esposa, é a Escolhida para conceber em seu ventre o Menino que havia de nascer daquela Virgem de quem nos falou o Profeta. Você, José, é o Homem”.

Por um breve instante, José esteve prestes a se levantar e encerrar aquela conversa inesquecível com um “já basta”. Mas permaneceu sentado. Sua sogra continuou.

“Diante de ti, filho, Deus abriu duas portas. Essas duas portas permanecerão abertas diante das gerações que virão depois de nós, quando tu e eu formos apenas uma lembrança na memória dos séculos. Uma é a da fé, a outra, a da descrença. Se escolheres esta última, agirás como aquele que desafiou seu Deus e, ao descobrir que a Virgem escolhida para demonstrar-Lhe Sua Glória era sua própria esposa, rebelou-se contra Aquele a quem ele mesmo desafiou. Mas eu sei que tu não farás isso. Meu filho, da inocência imaculada da minha filha, sou, diante de todos, sua testemunha. Seu anjo te tirará das trevas da dúvida que te assalta. A outra, meu filho, é a porta da fé. O coração me diz que você escolherá esta. E que correrá em busca da Mãe do Messias, por quem nosso povo vem esperando há tantos milênios”.

Inexplicavelmente, em seu leito de morte, José, o Carpinteiro, sorriu. Haverá morte mais bela do que a da criatura de Deus que se despede deste mundo com um sorriso nos lábios?

Bem, quando todos os seus sobrinhos e sua gente já acreditavam que, a qualquer momento, José fecharia os olhos para sempre, ele se sentou e implorou a todos que saíssem e o deixassem a sós com sua esposa e seu filho. Quando ficaram os três sozinhos, José respirou fundo e começou a falar.

“Esposa, minha boca permaneceu selada até hoje pelas razões que você mesma compreenderá ao final das coisas que nada mais me impede de revelar a você e ao seu Filho.

“Filho, o que direi ao meu Senhor? Minha alma está diante do meu Deus. Vou ao encontro do meu Juiz, perante quem terei de prestar contas da minha vida. Mas há algo que você deve saber antes de eu partir deste mundo.

“Tua Mãe já te falou de seus avós, Isabel e Zacarias, a quem tu não conheceste e a quem tanto devemos, tua Mãe e eu. Tem paciência comigo nesta última hora e lembra-te das minhas palavras no teu Dia.

“Por onde começarei? Como abrir-te a porta para o conhecimento dos homens e mulheres que colocaram suas vidas aos pés de seu Deus para que tua Luz brilhasse sobre as trevas? Se nunca te revelei os fatos que agora te mostro, foi pensando no teu bem. Não me culpe por ter-te mantido à margem da história daqueles homens e mulheres que viveram seus dias na corda bamba, com suas vidas por um fio todos os dias de suas vidas para que a tua Vinda se cumprisse. Tu saberás, filho, o que deverás fazer quando o teu Pai Eterno declarar aberto o teu Dia”.

CAPÍTULO SEGUNDO

EU SOU O ALFA E O ÔMEGA

"Eis que venho em breve. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste Livro. E eu, João, ouvi e vi coisas. Quando as ouvi e as vi, caí de joelhos para me prostrar aos pés do anjo que me mostrava essas coisas.

Mas ele me disse: 'Não faça isso, pois sou seu companheiro de serviço, e dos seus irmãos, os profetas, e daqueles que guardam as palavras deste Livro; adore a Deus'. E ele me disse: 'Não seles as palavras da profecia deste Livro, pois o tempo está próximo. Quem é injusto, que continue em suas injustiças; quem é tolo, que prossiga em sua tolice; quem é justo, que pratique ainda mais a justiça; e quem é santo, que se santifique ainda mais. Eis que venho em breve, e comigo está a minha recompensa, para dar a cada um segundo as suas obras. EU SOU O ALFA E O ÔMEGA, O PRIMEIRO E O ÚLTIMO, O PRINCÍPIO E O FIM. Bem-aventurados aqueles que lavam suas túnicas para ter acesso à árvore da vida e entrar pelas portas que dão acesso à Cidade. Fora, cães, feiticeiros, fornicadores, homicidas, idólatras e todos aqueles que amam e praticam a mentira.

Eu, Jesus, enviei um anjo para testemunhar-lhes estas coisas sobre as igrejas. Eu sou a raiz e a descendência de Davi, a estrela resplandecente da manhã. E o Espírito e a Noiva digam: "Vem". E quem ouvir diga: "Vem". E quem tiver sede, venha; e quem quiser, tome de graça a água da vida... Amém"

1

A Saga dos Restauradores

Naquela época (século I a.C.), Deus suscitou ao seu povo um homem de seu agrado. Da linhagem de Aarão, o sacerdote, aquele homem chamado Abias era o único cidadão em toda Jerusalém capaz de se colocar diante do rei, barrar-lhe o caminho, tirar-lhe a palavra e dizer-lhe na cara as verdades que seus atos e sua forma de governar mereciam.

O Asmoneu — Alexandre Janneu era seu verdadeiro nome — olhava para aquele Abias com os olhos perdidos no horizonte, o pensamento fixo em alguma das páginas do livro de onde aquele homem de Deus parecia ter escapado, possivelmente nas do livro de Neemias. Uma daquelas páginas sobre reis e profetas que tanto agradavam aos filhos de Israel e que seus

pais lhes contavam com sotaque épico na garganta, a voz ecoando ao som de tambores distantes anunciando feitos bélicos, quando os heróis de tempos muito antigos — Sansão e Dalila, os trinta valentes do rei Davi e sua harpa de cordas de pelo de cabra, Elias, o vidente, voando nas costas dos quatro cavalos do Apocalipse — um de fogo, outro de gelo, outro de terra e o último de água —, os quatro cavalgando juntos pelo vento dos séculos atrás do Messias que seria batizado nas mesmas águas do Jordão, que se partiu em dois para dar passagem a um profeta careca. O holocausto de nações perdidas sob as cinzas do apocalipse escritas na parede, as guerras do fim do mundo dos poetas mortos, as histórias intermináveis dos sonhos das eternas romas, visões de druidas sobre uma Babilônia em plena construção de uma escada para o céu, Hércules gerados por uma loba de mau humor, ruínas de cidades de filisteus sem nome nem pátria em busca do paraíso perdido, a utopia das meretrizes egípcias amamentando hebreus mais velhos que Matusalém, o herói de Ur, a Sombria, proclamando sua divindade sobre o altar dos bárbaros do Norte, o sul a leste do Éden, o oeste à direita do rio da vida, quando a morte tinha um preço, no início dos tempos, no alvorecer dos séculos. Era uma vez um copeiro que conquistou um império. Era uma vez um dilúvio universal, uma arca sobre as águas que cobriam o mundo. A paixão de ser, o fato de ser, a atualidade do ontem sempre presente, onipresente, onisciente, mais guerras do fim do mundo, mais heróis de ferro, novos senhores do universo, o futuro é amanhã, a verdade pertence ao escolhido, o escolhido é o vencedor, “a mim os de Yavé!”, tenho a ponta do seu manto enfiada na ponta da minha espada, rei, senhor. É preciso mais do que uma coroa para ser rei, mais do que três braços para ser o mais forte; o passado foi ontem, hoje é amanhã; os anjos nunca bebem nem comem, mas às vezes se acasalam com as mulheres humanas e geram uma prole maligna, a semente do diabo, quando os heróis eram semideuses e os semideuses, monstros de duas cabeças, impunham sua lei do terror. E continua trazendo à memória nomes e épocas.

Ah, aqueles mitos e lendas do povo que surgiu do mar, espalhou-se pela Palestina bíblica e revolucionou a história do mundo com seu terremoto de tribos em missão sagrada!

Que criança em Jerusalém não conhecia aquelas histórias da época de María Castaña!

“Lá vem o Golias”, diziam os avós às crianças quando elas se comportavam mal e queriam assustá-las.

O Asmoneu zombava dessas histórias infantis e ria na cara dos avós sobre os fantasmas do passado. Ele era real, seu profeta Abias era real. De que tinha adiantado para alguém o sonho do reino messiânico? Aonde o desejo de torná-lo realidade os havia levado, uma e outra vez?

“E ainda querem tentar mais uma vez! É de loucos”, pensou consigo mesmo o Asmoneu.

Os homens do rei de Jerusalém, todos cães de guerra, todos soldados de fortuna da Palestina sombria e profunda a serviço da Abominação Desoladora, todos olhavam para o último profeta hebreu com os olhos cheios de raiva. Embora o asmoneu achasse graça em seu profeta particular de desgraças, a verdade é que também seu rosto se transformava cada vez que Abías lançava seus oráculos bem na sua cara. No entanto, em seu papel de rei diante de um profeta, o asmoneu continha a raiva de seus homens e deixava-se ouvir aquelas frases tão apocalípticas sobre seu destino.

“Ouça o oráculo de Yavé sobre sua linhagem, filho de Matatías”, com aquela voz tão característica, Abías lhe anuncia.

“O Deus que você profana no trono e em seu Templo extirpará de raiz a sua descendência da face da terra sobre a qual você reina. Yahweh falou e não se arrependerá; não revogará sua sentença: seus filhos serão devorados por uma fera estrangeira”.

Para os assassinos a soldo do Asmoneu, que maldita fosse a graça que o rei de Jerusalém encontrava em tais anúncios de mortes, desolações, ruínas, devastações, destruições e infernos. Mas como ele, Alexandre Janeu, um descendente legítimo dos Macabeus, de raça pura, poderia permitir que um sacerdote falasse com ele daquela maneira?, perguntavam uns aos outros aqueles cães de guerra.

Alexandre olhou para eles com expressão de espanto. Valeria a pena perder seu tempo tentando explicar por que se deixava impressionar por aquelas frases arrepiante, tão bíblicas, tão tipicamente testamentárias, tão claramente sagradas? Por um momento, ele pensou nisso, mas, no instante seguinte, disse a si mesmo que não. Eles nunca entenderiam. Mesmo que ele passasse dias inteiros tentando explicar do que se tratava, os cérebros de seus mercenários nunca seriam capazes de se elevar além da distância que suas espadas alcançavam do chão.

O mundo está para perder tempo esperando que os burros voem na esteira da carruagem do sol, que os peixes trotem pelas serras nevadas em busca do último yeti, ou que os pássaros nadem pelas águas atrás do navio de um Colombo ainda por nascer? Como o Asmoneu poderia fazer com que seus cães de fortuna compreendessem que aquele Abias era seu profeta!

Aquele Abias era o profeta que conferia todo o sentido divino à sua coroa. Sem seu profeta particular, pessoal, seu, sua coroa nunca transcenderia, sua dignidade de rei nunca seria sublimada aos olhos do futuro. Abias seria a carruagem de glória sobre a qual seu nome transcenderia os séculos e levaria sua memória além dos milênios, inclusive. Poderia ser que seu nome fosse esquecido, mas o de Abias viveria para sempre na memória do povo.

“Vocês entendem agora? Isso cabe na cabeça de vocês? Meu nome e o dele ficarão associados na eternidade. Mas se eu o matar, estarei matando minha própria memória. Essa perspectiva diz algo a vocês sobre a natureza da minha relação com o criador dos seus piores pesadelos?”, foi o melhor que o Asmoneu conseguiu fazer para tentar incutir um pouco de inteligência nos crânios de pedra de seus cães de guerra.

Tudo em vão.

Mas essa é a verdade. Alexandre devia se congratular, pois Deus também lhe havia dado seu próprio profeta. Todos os reis de Judá tinham seu bobo da corte, seu harém e, claro, seu profeta. Se isso era para o bem ou para o mal, era outra questão; o importante era tê-lo.

Além disso, do ponto de vista político, esse tal Abias era inofensivo. Sim, senhor, seu profeta era tão inofensivo quanto uma libélula do lago real, tão pouco perigoso quanto uma aranha do jardim de seu harém balançando entre a poeira das cortinas, tão indefeso quanto um passarinho abandonado com a asa quebrada à mercê do inverno boreal. Um descuido, um único passo em falso e, num piscar de olhos, “o último profeta” seria transformado no rastro que o sopro da aurora deixou em algum lugar do outro lado do nascer do sol. Ou será que seus cães mercenários acreditavam que ele, Alexandre Janeu, o filho dos filhos dos Macabeus, permitiria que tal Abías cruzasse a linha entre anunciar desgraças e provocá-las? Eles estavam bem da cabeça?

Aquele era o seu povo. O Asmoneu não os amava nem sentia por seu povo qualquer paixão nacionalista, mas era o seu povo e ele sabia como funcionavam suas mentes. Se Abías não ultrapassava o limite, não era por ter medo da morte; era porque não fazia parte de sua natureza provocar o que anunciava; ele se limitava a transmitir o Oráculo de Yavé. Deus diz, e ele fala. Ele poderia se calar e não se expor a que uma espada lhe cortasse o pescoço de um só golpe, mas isso iria contra sua natureza.

Além disso, com a mesma paixão com que Abias lhe servia a cabeça em uma bandeja de prata, sem medo algum de que um dia o Asmoneu se cansasse da dança, com essa mesma

paixão seu profeta — não o profeta daquele rei, ou deste ou daquele outro rei, mas seu profeta, o próprio dele —, aquele Abias atacava sem medir palavras contra saduceus e fariseus juntos, para jogar lenha na fogueira do ódio que consumia a todos e os arrastava para a guerra civil.

"Esse Abias é único", dizia-se. E o Asmoneu seguia seu caminho morrendo de rir.

2

O Massacre dos Seis Mil

Coisa curiosa, se é que existe alguma: o povo pensava exatamente o mesmo que seu rei sobre a missão sagrada do último profeta vivo que lhes restava.

O povo corria ao encontro do sacerdote Abias, lotava o Templo durante seu turno. Como se fosse um enxame de crianças abandonadas à própria sorte no centro mais violento de uma selva de paixões alimentadas por um ódio que nunca se sacia, e de repente vissem surgir entre elas um homem de verdade, o povo de Jerusalém corria ao encontro de Abías em busca de entendimento, compreensão e esperança.

"Não chorem, filhos de Jerusalém, pelas almas que são arrancadas de suas casas pela violência. No seio de Abraão elas repousam, aguardando o dia do Juízo. Chorem, antes, por aquelas que ficam, pois seu destino é o fogo eterno", dizia-lhes Abias.

O homem de Deus e o povo eram feitos um para o outro. Essa era a verdade. E ele, o Asmoneu, estava destinado a decapitar e, em seguida, ouvir a sentença de seu profeta sobre a própria cabeça:

"O Senhor falou, oráculo de Yahweh, e não se arrependerá. A águia contempla da altura a serpente, e o abutre planeja, aguardando a presa. Teus filhos são a carne. Quem é aquele que se esforça pela casa de outro? No tempo certo, verá-se que há Deus nesta terra quando a serpente fugir da águia".

E isso também era verdade. Uma verdade tão grande quanto a ilha de Creta, quanto o Grande Mar, quanto o céu infinito repleto de estrelas, quanto a grande pirâmide do Nilo. E, se não, que perguntassem à montanha que o Asmoneu ergueu com as cabeças que arrancou de seus pescoços naquela jornada para o esquecimento.

Não foram duas nem três, nem cem nem duzentas. Foram "seis mil" as cabeças que o neto dos Macabeus sacrificou à sua paixão pelo poder absoluto. Seis mil almas em um único dia. Que horror, que loucura, que humilhação!

Isso aconteceu na Jerusalém Santa, aquela Jerusalém para cujas muralhas todos os judeus do mundo dirigiam suas orações. Não aconteceu na cidade de um rei bárbaro, nem aconteceu em pleno campo de batalha durante a liquidação dos caídos. Nem foram as cabeças de um povo estrangeiro que rolaram ladeira abaixo pela Via Dolorosa até parar aos pés do Gólgota. Foram as cabeças de seus vizinhos, as cabeças das pessoas que o cumprimentavam todas as noites, as cabeças das pessoas que costumavam lhe dar bom dia. Que desastre, que vergonha, que tragédia!

Isso aconteceu durante a celebração de uma festa religiosa. Uma das tantas que o calendário templário dedicava à memória dos acontecimentos inesquecíveis vividos pelos

filhos de Israel, desde Moisés até os dias atuais. Aconteceu que o Asmoneu herdou de seus pais o sumo sacerdócio. Na qualidade de pontífice, ele foi celebrar o rito de abertura que quebrava a monotonia do ano. Aquele detalhe de se considerar igual a César — general e pontífice máximo, tudo em um — incomodava os nacionalistas mais do que qualquer outra coisa no mundo. Incomodava e os divertia. Quando é que se viu uma cobra sonhando em ser águia?

Em seu papel de Papa dos judeus, lá foi o Asmoneu declarar abertas as festividades que costumavam quebrar a monotonia do ano. Sentou-se em seu trono de sumo sacerdote, totalmente imerso em seu papel de Sua Santidade na Terra. Estava prestes a dar sua bênção *"urbe et orbis"* quando, de repente, sem aviso, movido por uma inexplicável mudança de humor, o povo começou a atirar nele tomates podres, vermes fétidos, batatas misturadas com lama cheia de vermes, limões de da época em que os dinossauros habitavam a Terra Santa. Que escândalo! Seus inimigos assistiram ao espetáculo das muralhas. Com os olhares, eles se perguntaram tudo: O que o Asmoneu fará? Ele vai se retirar para dentro e deixar a situação seguir seu curso? Ou sairá enfurecido com a ira de um semideus tirado de seu sétimo sonho, o triunfalista?

Pela barba de Moisés, se o Asmoneu os tivesse deixado seguir, com certeza os jerusalemitas teriam transformado a festa em uma competição e teriam apostado tudo para ver quem atiraria a última pedra primeiro. O Asmoneu sacou sua espada de debaixo do braço dos santos e deu a ordem aos seus cães de guerra: "Que não reste nem um!", rugiu sanguinário.

O que se viu então nunca havia sido visto em toda a história dos judeus. Nunca antes se tinha visto sair do Templo um exército de demônios macabros, espadas em punho, degolando sem distinção de idade ou sexo. Se no Templo de Jerusalém o Senhor Deus tinha seu trono, a quem, então, estavam subordinados aqueles monstros assassinos que ceifavam vidas sem se importar com quem fossem?

"Não seria antes o Diabo quem tem seu trono nesta Jerusalém dos Asmoneus?", perguntariam-se inconsoláveis, mais tarde, os familiares dos mortos, enquanto, descendo a Via Dolorosa, acompanhavam seus entes queridos até o Cemitério Judaico. Naquela altura, já era tarde demais!

Naquele dia de festa e alegria, os cães do Asmoneu se espalharam pelas ruas e, à medida que encontravam judeus, iam degolando-os, perfurando-os, mutilando-os, decapitando-os, cortando-os em pedaços — por diversão, por esporte, por paixão, por devoção ao Diabo.

Este, o Diabo, sentado em seu trono, Satanás contemplava aquela orgia de sangue e terror e, tomado pela angústia de quem sabe que o dia terrestre tem apenas 24 horas, lamentava-se da rapidez com que passam duas dúzias de sessenta minutos. Se tivesse tido à sua disposição mais uma dúzia, com certeza não teria deixado vivo nem um único judeu. A vontade do Diabo era clara: matar todos; mas o poder absoluto de seu servo para executá-la não chegava a tanto. Assim, senhor e servo tiveram que se contentar com o número de seis mil cabeças. O que, aliás, não era tão ruim para um único dia. Afinal, nem mesmo o demônio mais maligno, trabalhando sem parar, teria superado esse número por muito. Diz-se muito rapidamente "seis mil mortos" em um único dia.

Flávio Josefo, o historiador oficial dos judeus — acusado em sua época pelos historiadores cristãos de ser falso —, foi generoso ao citar seis mil mortos em um único dia. A questão é: Flávio Josefo reduziu o número de vítimas ao mínimo possível, com o intuito de amenizar, aos olhos dos romanos, a magnitude da tragédia? Ou, ao contrário, movido por sua política de ódio contra a dinastia asmoneia, ele exagerou o número?

Como todos sabem, entre os judeus a popularidade dos asmoneus caiu drasticamente nos últimos tempos; a ponto de vir a ser considerada pelas gerações que se seguiram como um

período amaldiçoado, uma mancha negra na história do povo escolhido. Certamente Flávio Josefo compartilhava dessa última opinião e era especialmente crítico em relação aos dinastas asmoneus, sobretudo ao governo de Alexandre Janeu; ele exagerou a gravidade de seus crimes com o objetivo de transmitir aos seus compatriotas seu ódio particular. Ou pode ter sido o contrário, e ele minimizou o número pensando na repulsa visceral que seus leitores romanos sentiriam ao ler a história daquele massacre. Voltemos, no entanto, aos fatos.

Do ponto de vista dos asmoneus, o ideal teria sido que não restasse ninguém para contar a história. Como os mortos não falam, a fama daquele dia não teria permanecido na memória e ninguém se lembraria dela no dia seguinte.

Infelizmente para os malvados, o Diabo exalta sua glória mais do que ela, de origem infernal, merece; consequentemente, seus servos acabam sempre frustrados e presos nas teias de uma aranha que, sem ser todo-poderosa, é forte o suficiente para engolir todos em suas manobras. O natural seria que um príncipe do Inferno se sentasse para contemplar sua obra a partir do epicentro da glória daquele que está além do bem e do mal; felizmente, os chifres do Diabo se curvam para baixo e, contra a natureza, acabam cravando-se nas costas do próprio demônio. Ignorantes de seu destino, mais cedo ou mais tarde seus adoradores acabam se dando mal, e, claro, assim eles fedem.

Em suma, mesmo que a vontade do Diabo fosse o extermínio total dos judeus, caramba! Eu diria que algum bem deve ter sobrado. E como parece que, no dia seguinte, toda Jerusalém se cansou de chorar, não mento ao dizer que algum realmente sobrou.

Depois, repensando com mais clareza e tempo, o Asmoneu não conseguiu encontrar a saída do labirinto em que sua raiva o havia colocado. Tudo aconteceu tão rápido. Se ao menos ele tivesse percebido o que estava sendo tramado pelas suas costas! De qualquer forma, ele também não demonstrou nenhum sinal de arrependimento. Pelo contrário. “É para ver, é incrível o tempo que um filhote da espécie humana leva para crescer e o pouco tempo que leva para sangrar até a morte!”, disse a si mesmo.

O Asmoneo nunca se cansava de se maravilhar. Depois, durante o enterro em massa dos infelizes habitantes de Jerusalém que ficaram presos nas teias de sua loucura insana, o Asmoneo não parava de balançar a cabeça. Ninguém sabia se era por pena ou porque estava sentindo falta de algum que outro morto.

Acho que o Asmoneu cometia seus massacres com a mente de um cientista em pleno projeto de experimentação de uma nova fórmula. “Se eu matar duzentos, o que vai acontecer? E se eu tirar um e somar trinta e tantos?” Um monstro! Seu amor pela pesquisa não tinha limites. ora fritava um punhado de crianças *“made in Fariseolândia”*, ora devorava um prato de virgens com molho. Mas sem se deixar levar pela paixão, tudo muito correto, muito escrupulosamente, com a objetividade fria e cortante de um Aristóteles ministrando Metafísica ao ar livre.

Quem disse que os homens não podem se tornar demônios, se sabemos que alguns chegaram a ser como os anjos!

Chamaram-no de Asmoneu — seu apelido para a posteridade — em memória de um homônimo do inferno, um demônio da corte do príncipe das trevas. Exatamente como seu homônimo maligno, Alexandre Janeu sentia pelo trono um amor assassino que lhe devorava as entranhas e transformava seu sangue em fogo.

O Asmoneu tinha fogo em vez de sangue nas veias. O fogo jorrava de seus olhos, de tão malignos que eram seus pensamentos. Quem ousava sustentar o olhar do Asmoneu via o Diabo por trás de suas pupilas, dominando seu cérebro e, a partir dele, tramando todo tipo de

maldades contra Jerusalém, contra os judeus, contra os gentios, contra o mundo inteiro. E o mais trágico era que o Asmoneu não acreditava em nada.

"Se Deus não existe, como poderia existir o Diabo?", confessava o sumo pontífice dos hebreus aos seus homens. Um papa ateu! Que César fosse sumo pontífice e fosse pagão, ateu e toda a tralha do tipo, isso ainda dá para engolir. Mas que o pontífice dos judeus fosse mais ateu do que César, como engolir essa?

A verdade é que, naquela ocasião, o Asmoneu esteve quase prestes a se deixar massacrar. No fim, ele pensou melhor e disse a si mesmo: "Mas que bobo eu sou, mais um pouquinho e eu ia acreditar de verdade que sou o Santo Padre".

A verdade, se é preciso contar toda a verdade, é que o humor popular passou com tanta rapidez da alegria mais saudável à loucura mais absoluta que não se pôde fazer nada. Então, como culpar o Asmoneu por ter lutado pela própria vida e se defendido, levando ao extremo o sagrado direito à autodefesa?

E como absolvê-lo por ter provocado, com seus crimes, uma situação tão terrível?

Não é fácil encontrar o culpado, o bode expiatório a quem atribuir aquele massacre monstruoso. O que o Asmoneu não faria era assumir a culpa. Ele não era nem um pouco tolo.

"Que tremam as pedras do Muro das Lamentações, que tremam", disse a si mesmo. "Que o sangue corra furioso por Jerusalém abaixo até o Jardim dos Olivos, que corra. Que o vento, comovido, leve em bochechas dilaceradas uma elegia por Jerusalém que despedaçará a alma de Alexandria do Nilo, de Sardes, de Mênfis, de Seleucia do Tigre e até da própria Roma, que a leve. O que me preocupa é quando a vida me concederá a graça de acabar com os covardes que fugiram como ratos. Se tanto os amavam, já que tanto choram por eles, por que os abandonaram à matança?", assim justificava o asmoneu seu crime.

Os sicários do Asmoneu riam da piada. Os judeus, ao contrário, não sabiam como conter o grito de vingança. Se antes já não suportavam o Asmoneu, que lhes arrancava as filhas sem lhes dar dinheiro em troca, e as levava e vendia à sua vontade, invocando tradições salomônicas, todas elas sagradas; se já não suportavam mais quando ele matava seus filhos pelo simples fato de tentarem abrir a boca para protestar contra seus crimes surdos; após o Massacre dos Seis Mil em um único dia, o ódio deu as mãos à loucura e a declaração de guerra sem trégua contra o Asmoneu ecoou de um extremo ao outro do mundo.

"O Asmoneu tem que morrer", gritou Alexandria do Nilo.

"Morte ao Asmoneu", repetiu Seleucia do Tigre.

"O Asmoneu morrerá", jurou Antioquia da Síria.

"Amém", respondeu Jerusalém, a Santa.

3
Os Magos do Oriente

O ódio ao Asmoneu se espalhou de sinagoga em sinagoga. Uma sinagoga passou a mensagem para a outra e, em menos tempo do que o Asmoneu gostaria, todo o mundo judaico ficou a par de seus feitos.

“As asas de Mercúrio são realmente velozes, Vossa Alteza”, disseram seus generais de guerra, vindo para aliviar sua preocupação.

Consolo de tolos, lágrimas de crocodilo, diz o provérbio.

O fato é que o ódio dos habitantes de Jerusalém contra o Asmoneu voou com asas leves de um canto a outro do mundo judaico. Como não poderia deixar de ser, a notícia também chegou à sinagoga-mãe, a Grande Sinagoga do Oriente, a sinagoga mais antiga do universo.

Embora fundada pelo profeta Daniel na Babilônia de sempre, a Babilônia das lendas, a Babilônia clássica dos antigos, com a mudança dos tempos e as transformações do mundo, a Grande Sinagoga do Oriente mudou de local. Na época atual, os Magos de Nabucodonosor haviam se deslocado para a capital de um imperador que não conheceu a glória dos caldeus nem se interessava pelos fantasmas de Akkad, Ur, Lagash, Umma e outras cidades eternas da Era dos Heróis e dos deuses, quando criaturas de outros mundos acharam belas as mulheres humanas e, contrariando a proibição divina, misturaram seu sangue com o delas, cometendo contra as leis da Criação um pecado inesquecível, crime que é punido com o exílio de todo o cosmos.

Alexandre, o Grande, como todos sabem, destruiu aquela Babilônia das lendas. Seu sucessor no trono da Ásia, Seleuco I, “o Invencível”, deve ter achado que não valia a pena reconstruir suas muralhas e, em vez disso, mandou construir uma cidade inteiramente nova. Seguindo a moda da época, ele a chamou de Seleucia; e do Tigre, por estar às margens do rio de mesmo nome.

Obrigados pelo novo rei dos reis, os habitantes da Velha Babilônia mudaram de residência e vieram povoar a Nova. De boa vontade ou por imposição de decreto, eis o dilema. Mas, conhecendo a estrutura daquele mundo, pode-se dar ao luxo de acreditar que a mudança de residência ocorreu sem mais protestos do que aqueles a quem foi negada a permissão de residência. Ao construir Seleucia do Tigre, seu fundador afastou de sua cidade os elementos persas que não haviam sido eliminados por Alexandre, o Grande. Medida que, como vocês compreenderão, beneficiou as famílias judias que, à sombra da aristocracia persa, dirigiam o comércio entre o Extremo Oriente e o Império. Protegidos pelos aquemênidas e especialistas em todas as funções do governo, os judeus alcançaram no Império Persa uma posição social relevante, a ponto de despertar a inveja de um setor da aristocracia. A Bíblia nos conta como a conspiração desse setor contra os judeus deu origem à primeira “solução final”, milagrosamente abortada pela ascensão ao trono da rainha Ester. Superada essa crise, a natureza seguiu seu curso. Os descendentes da geração da rainha Ester dedicaram-se ao comércio e, com o tempo, tornaram-se os verdadeiros intermediários entre o Oriente e o Ocidente.

Quando Alexandre destruiu a Babilônia persa, as famílias judias se libertaram da subjugação ao senhor aquemênida. Alexandre foi sucedido no governo da Ásia por seu general Seleuco I, o Invencível. Com a mudança de senhor, a situação dos judeus melhorou. A única exigência que Seleuco fez aos residentes de Selêucia do Tigre foi que se dedicassem aos negócios e não se envolvessem na política.

Com a eliminação da concorrência persa, sozinhos à frente do comércio entre o Oriente e o Ocidente, por volta do século em que nos encontramos, o I Século a.C., as famílias hebraicas que sobreviveram às transformações dos séculos anteriores chegaram a enriquecer enormemente. (Não nos esqueçamos de que as minas do rei Salomão tinham sua origem no controle do comércio entre o Oriente e o Ocidente. Foi para essa região que os libertados por Ciro direcionaram seu talento. Tanto mais quanto a reconstrução de Jerusalém e a aquisição pacífica das terras perdidas lhes custariam montanhas de prata. Como todos sabemos, o dízimo

devido por todo hebreu ao Templo era um dever sagrado. Com o desaparecimento do Templo, esse dízimo deixou de ter sentido. Mas, ao ser reconstruído e voltar a funcionar, a necessidade de fazer chegar a Jerusalém esse dízimo universal exigiu o surgimento de uma filial de arrecadação: a sinagoga).

A Grande Sinagoga do Oriente, dirigida pelos Magos da Babilônia, foi criada para ser a central a partir da qual o dízimo de todas as sinagogas dependentes do Império Persa seria canalizado para Jerusalém. Quanto melhor fosse a situação de todas as sinagogas, mais caudaloso seria o rio de ouro que, seja em metal, seja em especiarias — ouro, incenso e mirra —, desaguaria no Templo.

A paz universal era do interesse dos judeus na medida em que garantia as comunicações entre todas as partes do império. Os anos da conquista grega e as décadas subsequentes de guerra civil entre os generais de Alexandre constituíram um obstáculo que freou esse fluxo de ouro e especiarias que, todos os anos, os Magos costumavam levar a Jerusalém. No entanto, por mais trágico que tenha sido para o Templo o fim desse suprimento de ouro, Jerusalém foi recompensada c , quando, ao se tornar Alexandria do Nilo uma cidade imperial, surgiu de sua sinagoga um novo fluxo de capital sagrado. Ou seja, acontecesse o que acontecesse, o Templo sempre saía ganhando; e fossem quais fossem as mudanças políticas, os Magos do Oriente sempre chegavam à Cidade Santa com sua carga de ouro, incenso e mirra.

Naquela época, na comunidade judaica de Selêucia do Tigre, a notícia da guerra de independência dos Macabeus provocou um clamor profético espontâneo. À distância, a Grande Sinagoga do Oriente esperava há séculos por esse sinal. Finalmente havia chegado o Dia anunciado pelo anjo ao profeta Daniel. Três séculos se passaram à espera desse momento, três séculos se diluíram do outro lado do horizonte do tempo, três longos e infinitos séculos, à espera dessa Hora da Libertação Nacional. A profecia de Daniel pairava sobre o horizonte da Sinagoga dos Magos do Oriente como uma espada ansiosa por entrar em batalha.

“A visão das tardes e das manhãs é verdadeira”, dizia, “guarde-a em seu coração, pois é para muito tempo”.

“O carneiro de dois chifres que você viu é o rei da Grécia, e o grande chifre entre seus olhos é o seu rei: quando se quebrar, surgirão em seu lugar quatro chifres. Os quatro chifres serão quatro reinos, mas não terão tanta força quanto aquele”.

A profecia não se cumpriu quando Alexandre, o Grande, derrotou o rei da Pérsia e da Média e se consumou quando, após sua morte, seus generais dividiram o império, resultando da guerra dos Diádocos na formação de quatro reinos?

Cumprida a profecia da conquista do império persa pelo heleno, o entusiasmo que a Revolta Macabeia despertou entre os jovens da Nova Babilônia foi tão intenso em paixão quanto grande foi, nos líderes de sua sinagoga, o desejo de voltar a ser jovens para empunhar a espada e seguir rumo à vitória o campeão que Deus lhes havia suscitado.

Também em Alexandria do Nilo, em Sardes, em Mileto, em Atenas e em Reggio de Calábria, onde quer que uma sinagoga tivesse se estabelecido e prosperado, ali os jovens se alistavam e seus mais velhos os equipavam para a glória.

Vida longa a Israel! Com essa proclamação, os valentes respondiam ao grito de guerra do Macabeu: “A mim, os de Yahweh”.

A vitória final dos Macabeus, por mais que tivesse sido profeticamente anunciada desde o início, não deixou de ser celebrada pelos judeus como se ninguém jamais lhes tivesse revelado isso. Os irmãos Macabeus morreram, como todos sabem, mas seus feitos foram registrados no Livro dos livros para que seus nomes permanecessem para sempre na memória dos séculos.

4
Partido dos saduceus contra o Sindicato dos fariseus

A exaltação pela independência conquistada elevou o ânimo do povo. O grito de vitória que a Guerra dos Macabeus gerou no mundo judaico despertou a esperança no povo.

O que aconteceu a seguir ninguém esperava. A satisfação de viver a Liberdade ainda adocicava suas almas. Pode-se dizer que desfrutavam da embriaguez do doce vinho da liberdade quando, logo adiante, ao entrar na reta final, o velho fantasma do fratricídio de Caim despertou de seu letargo.

Veio de surpresa? Ou talvez não? Como afirmar isso? Como negar? Eles o viram chegar, ou não o viram chegar? No que estavam pensando quando olharam para trás? Será que nunca aprendiam? Aqueles que, de dentro, propiciaram a solução final de Antíoco IV Epifânio, não voltariam a romper a paz, semeando, no dia da liberdade, a discórdia das paixões violentas pela posse dos tesouros do Templo?

Não foram os saduceus, o partido sacerdotal, que pressionaram Antíoco IV Epifânio a decretar a solução final contra o judaísmo? A Bíblia diz que sim. Ela cita nomes, detalhes. Sumos sacerdotes que matam seus irmãos, pais que assassinam seus filhos em nome do Templo.

Mais tarde também, quando as hordas criminosas da Quarta Dinastia dos Antíocos se lançaram à tarefa, os saduceus foram os primeiros a abandonar a religião de seus pais. Escolheram a vida, desertaram do Deus de seus pais, sacrificaram aos deuses gregos. Covardes, renderam-se à Morte, dobraram os joelhos, venderam-se ao mundo e, o que é pior, venderam os seus.

Lógico, portanto, que, ao eclodir a Guerra dos Macabeus, os fariseus, o sindicato dos doutores da Lei e dos diretores das sinagogas nacionais e estrangeiras, assumissem as rédeas do Movimento de Libertação Nacional, envolvessem o Macabeu na glória do general que o Senhor lhes havia suscitado e se lançassem à vitória com a confiança de quem é proclamado vencedor desde o primeiro dia de sua revolta.

Coisas da vida! Uma vez escrita a História dos Macabeus, começou a ser escrita a história das invejas. Os velhos fantasmas da luta entre o partido dos saduceus e o sindicato dos fariseus ameaçavam novamente uma tempestade. O vento começou a soprar. Assim, a chuva não demoraria a cair.

O clero aaronita pediu perdão pelos pecados cometidos durante o domínio selêucida?

O clero aaronita não pediu perdão público por seus pecados. Os saduceus não abaixaram a cabeça, não admitiram culpa. O Templo lhes pertencia por direito divino.

Não, Deus, eles eram os donos dos tesouros do Templo. O contrário — que os fariseus assumissem o controle do Templo — não significaria uma rebelião dos servos contra seus senhores?

Claro que sim. Do ponto de vista do partido dos saduceus, qualquer movimento do sindicato dos doutores da Lei na direção contrária seria interpretado como uma declaração de guerra civil.

Como é o ser humano! Mal a nação havia quebrado suas correntes e seus líderes já começavam a afiar as unhas. Quanto tempo levaria para o ultimato chegar?

A verdade, a verdadeira verdade, é que o ultimato não demorou a fazer ouvir sua proclamação fratricida. “Ou lhes devolviam o poder”, ameaçaram os saduceus, “ou coroariam um rei em Jerusalém”.

Houve puxões de cabelos, dores de cabeça, túnicas rasgadas, cinzas pedindo espaço, ameaças gerando fantasmas, lanças que se partiam sozinhas, machados de guerra que se perdiam e eram encontrados como se nada tivesse acontecido. Saducéus e fariseus estavam prestes a se matar em nome de Deus!

Quem os deteria? Quem os impediria?

A ameaça de uma guerra civil pairou no ar em Jerusalém durante todo o governo de João Hircano I. Deus proibiu os judeus de nomearem um rei fora da Casa de Davi. Os saduceus não apenas pensaram em um filho dos Macabeus como rei, mas passaram da ideia à ação concreta.

Os fariseus ficaram furiosos. Quando descobriram a jogada mestre que os saduceus estavam planejando para dar um golpe na Lei, os fariseus levantaram um alvoroço.

“Será que somos uma nação sem juízo?”, perguntavam-se publicamente seus sábios. “Por que caímos repetidamente na mesma armadilha? O que está acontecendo conosco? Qual é a natureza da nossa condenação pelo pecado de nosso pai Adão? Toda vez que o Senhor nos dá a vida, nossa mão se estende para o fruto da árvore proibida. Agora Caim quer desafiar Deus a impedi-lo de matar seu irmão Abel. E nós vamos permitir que os pastores joguem o rebanho no abismo de suas paixões? Se um filho dos Macabeus reinar, trairemos a Deus. Irmãos, já fomos levados além do dilema. Antes morrer lutando pela verdade do que viver de joelhos adorando o Príncipe das Trevas”.

Muitas palavras foram trocadas. Era evidente, naquela noite de lua cheia, que a guerra civil acabaria por romper a paz ao amanhecer. Por mais que Abel amasse seu irmão Caim, a loucura de Caim ao desafiar Deus obrigava Abel a se defender.

Os tempos haviam mudado. O primeiro Abel caiu sem exercer seu direito à legítima defesa porque nasceu nu, viveu nu diante de seus pais e de seu irmão. Nunca levantou a mão contra ninguém. A paz era o seu problema. Abel era, por completo, paz. Quem era todo paz, como poderia imaginar a existência de um coração sombrio, alimentado pelas trevas, bem no peito de seu próprio irmão! A inocência de Abel foi sua tragédia.

E sua glória aos olhos de Deus.

Caim não pensava com a cabeça, pensava com os músculos. Aquele homem acreditava que a força da inteligência e a dos músculos estavam sujeitas a alguma misteriosa lei de correspondência. Quem tem o braço mais poderoso é o mais forte. O mais forte é o rei da selva. Consequentemente, o destino dos fracos é servir ao mais forte ou perecer.

Assim como Caim, os saduceus caíram na armadilha de suas ambições pessoais. Assim, a guerra civil pelo poder, mais cedo ou mais tarde, acabaria por eclodir. Talvez mais tarde do que cedo. Dava no mesmo. Ninguém podia prever o quando, a data exata. O fato é que a guerra civil estava se formando no ar. A atmosfera estava ficando tensa. Era algo que se sentia no ar. Um dia, um dia... Mas não vamos nos adiantar.

O povo ainda comemorava a vitória contra o Império dos Selêucidas quando, de repente, espalhou-se a notícia do crime abominável cometido pelo filho de João Hircano I. Não contente com o sumo sacerdócio — que a nação aceitou contra sua própria consciência, mas sobre o qual se calou, levando em conta as circunstâncias —, o filho de João Hircano I colocou a coroa na cabeça.

Com sua coroação, os asmoneus somaram a um crime grave, contra a natureza, outro ainda pior. À frente dessa violação das leis sagradas estavam os saduceus. O Partido Saduceu — lembremos de suas origens — foi uma criação espontânea da casta sacerdotal. Foi criado para defender seus interesses de classe. Os interesses dos clãs sacerdotais estavam ligados ao controle do Tesouro do Templo. Com o passar do tempo e uma série de mudanças na cúpula do Templo, foram surgindo clãs poderosos, cujos membros foram se incorporando por inércia ao Sinédrio, uma espécie de Senado Romano ao estilo das tradições mais salomônicas. A luta entre esses clãs pelo controle do Templo foi o mecanismo que conduziu os judeus à situação da "solução final" adotada por Antíoco IV — solução final que derramou tanto s e sangue inocente no cálice da ambição maligna dos pais desses mesmos saduceus, que agora coroavam, contra a Lei de Deus, o filho de Hircano I como rei de Jerusalém.

Criadores indiretos da "solução final" antijudaica, os saduceus perderam o controle do Templo durante todos os anos em que duraram as gestas dos Macabeus. Judas, o Macabeu, expulsou-os do Templo. Ele eliminou com o martelo o que a foice da Morte poupou. É lógico que, aos olhos dos saduceus, os Macabeus fossem considerados ditadores!

O Sindicato Farisaico — vamos nos aprofundar um pouco na oposição — provinha das bases encarregadas da arrecadação do dízimo. O Sindicato era o aparato de que o Partido se valia para manter fluindo, de todas as partes do mundo, para os cofres do Templo, aquele rio de ouro que estava na origem da luta fratricida entre os distintos clãs sacerdotais. Funcionários a serviço do clero aaronita, os fariseus viviam da arrecadação do dízimo e das oferendas pelos pecados cometidos pelos particulares.

Quando os saduceus começaram a se matar entre si pelo controle da Galinha dos Ovos de Ouro, os fariseus assumiram a direção dos acontecimentos e empregaram as oferendas do povo para equipar os jovens voluntários que, vindos de todas as partes do mundo, correram para lutar sob as ordens dos Macabeus. Assim, ao final da Guerra da Independência, a situação havia se invertido e era o Sindicato Farisaico que estava no comando. O Partido Sadduceu, como é de se entender, não iria tolerar essa mudança por muito tempo.

A contraofensiva do Partido dos saduceus não foi nem elegante nem brilhante, mas foi eficaz. Bastava colocar-se na pele da Serpente e tentar os asmoneus com o fruto proibido da coroa de Davi.

Aquela batalha interna entre o Partido e o Sindicato pelo controle do Templo provocou, no mundo hebraico de vanguarda, um clamor espontâneo de indignação e ira. Foi então que os mesmos recursos que, em seu tempo, haviam sido colocados a serviço da Independência entraram em cena, dispostos a destronar o usurpador.

Entre fariseus e saduceus, estavam transformando a nação em uma visão abominável aos olhos do Senhor.

Era urgente fazer algo, era urgente declarar guerra aos interesses privados do Partido e do Sindicato, restaurar o status nacional de acordo com o modelo descrito nas Escrituras.

Era urgente.

Tantas coisas eram urgentes.

E nada era urgente.

Segundo os sábios mais eminentes das escolas mais refinadas de Alexandria do Nilo, de Atenas e da Nova Babilônia — chamemos-na de Seleucia do Tigre —, todos os judeus do mundo tinham a sagrada obrigação de considerar o reinado dos Asmoneus como um governo de transição entre a Independência e a Monarquia Davídica.

Não, senhor, não convinha à fragilidade da Independência recém-conquistada ser contagiada pela gripe da guerra civil. Em prol do fortalecimento da Liberdade reconquistada, todas as sinagogas precisavam permanecer unidas e apoiar o rei de Jerusalém. Conforme se observasse o desenrolar dos acontecimentos, tomariam-se as medidas necessárias para avançar na direção da transferência da coroa de uma casa para a outra.

"É, os sábios, sempre os sábios! Acham que sabem tudo e, no fim das contas, não sabem nada", começaram a responder as novas gerações. A indignação das novas gerações diante da situação aceita demorou a vir à tona. Mas acabou surgindo na sequência do Massacre dos Seis Mil.

5

Simeão, o Justo

"A apresentação no Templo": Assim, cumpridos os dias da purificação, conforme a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para apresentá-lo ao Senhor, conforme está escrito na Lei do Senhor que todo "primogênito do sexo masculino seja consagrado ao Senhor", e para oferecer em sacrifício, conforme prescrito na Lei do Senhor, um par de rolas ou dois pombinhos. Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão, justo e piedoso, que aguardava a consolação de Israel, e o Espírito Santo repousava sobre ele. Tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo que não veria a morte antes de ver o Cristo do Senhor. Movido pelo Espírito, ele foi ao Templo; e, quando os pais entraram com o menino Jesus para cumprir o que a Lei prescrevia a respeito dele, Simeão o tomou nos braços e, bendizendo a Deus, disse: Agora, Senhor, já podes deixar que teu servo parta em paz, conforme a tua palavra; pois meus olhos viram a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos; luz para iluminar as nações e glória do teu povo Israel.

Simeão — nosso próximo protagonista — descendia de uma daquelas famílias que sobreviveram à pilhagem de Jerusalém e conseguiram prosperar plantando suas vinhas na Babilônia. Essa era uma verdade que Simeão poderia comprovar no momento e no lugar em que fosse solicitado a fazê-lo.

Embora não soe perfeito nem bom dizer isso, pois traz à mente leis que evocam acontecimentos tristes e nefastos, Simeão era hebreu de raça pura. Diante das autoridades mais experientes e qualificadas de seu povo, quando quisessem, e se se tratasse de gentios curiosos abordando o assunto com o intuito de colocar em apuros os amantes de linhagens, das origens ultrapassadas e tudo mais, da mesma forma; quando quisessem e na mesa que lhe colocassem, lá estava Simeão, o babilônico, pronto para apresentar o documento genealógico de seus pais, que era como uma nave direto às raízes da árvore sob cujos galhos Adão conquistou Eva.

Seus pais viveram o Cativeiro da Babilônia, bem como a Queda do Império dos Caldeus; saudaram a Chegada do Império Persa; viveram a revolução dos gregos. E, claro, o domínio dos helenos. Com o passar do tempo, a casa de Simeão cresceu, tornou-se uma casa poderosa entre os judeus e rica aos olhos dos gentios. Em condições normais, Simeão herdaria os negócios de seu pai, visitaria a Cidade Santa pelo menos uma vez na vida, seria feliz entre os seus e se empenharia durante toda a vida em ser um bom crente diante dos homens e de Deus. Herdeiro de um dos banqueiros mais abastados de Selêucia do Tigre, tudo estava preparado para que, ao morrer, Simeão fosse chorado por inúmeras lamentadoras. Após sua morte,

quando o reino de Israel fosse proclamado pelo filho de Davi, seus descendentes desenterrariam seus ossos e o sepultariam na Terra Santa.

Esta crônica deveria ter sido o resumo da vida de Simeão, o Babilônico. Mas a usurpação dos filhos dos Macabeus apagou do livro de sua vida toda aquela felicidade perfeita. Planos tão belos não haviam sido traçados para ele. Aquela ideia de sentar-se e esperar para ver como os acontecimentos se desenrolariam antes de empreender a ação definitiva — caso o Senhor estivesse usando o reinado dos Asmoneus como um período de transição entre os Macabeus e o reino messiânico —, conselho dos líderes da sinagoga de Seleucia do Tigre, não era para ele. Simeão já vinha ouvindo aquele papo há tempo demais. E, depois do Massacre dos Seis Mil, ele não queria mais, nem mesmo em sonho, ouvir tais palavras de prudência.

A derrubada do asmoneu não era algo que pudesse continuar sendo adiada para amanhã, nem para depois de amanhã, nem mesmo para a tarde daquele mesmo dia. O asmoneu tinha que morrer, já. Cada dia que ele continuava vivo era uma ofensa. Cada noite que se ia para a cama, a nação se encontrava um passo mais perto de sua destruição. O asmoneu havia quebrado todas as regras.

Primeiro: sua família havia sido escolhida e recebido o sumo sacerdócio, ignorando as tradições e os ritos hereditários. Um estrangeiro, e não o conselho dos santos em pleno, havia-lhe concedido a autoridade suprema.

A sentença contra tal usurpação de funções sagradas era a pena capital.

Segundo: contrariando as tradições, que proibiam o sumo sacerdote de empunhar a espada, o Asmoneu havia-se colocado à frente dos exércitos.

A pena por esse delito era, novamente, a pena de morte.

Terceiro: contra as tradições canônicas mais rígidas, o asmoneu não apenas havia violado a monogamia que regulava a vida do sumo sacerdote, mas também, como um Salomão ressuscitado, cultivava seu próprio harém de moças.

A pena por esse crime era, mais uma vez, a pena de morte.

E quarto: contra a lei divina que proibia o acesso ao trono de Jerusalém a qualquer membro que não fosse da Casa de Davi, o Asmoneu, ao fazê-lo, estava levando toda a nação ao suicídio.

Por todas essas razões, o Asmoneu tinha que morrer, independentemente do preço ou dos meios a serem empregados.

Esses argumentos de Simeão acabaram convencendo os líderes da sinagoga de Selêucia do Tigre da necessidade urgente que o mundo tinha de acabar com a dinastia asmoneia. Com essa missão sagrada, Simeão, o Babilônico, abandonou a casa de seus pais e veio para Jerusalém.

Rico e portador do dízimo da sinagoga dos Magos do Oriente, sua política de amizade com a coroa asmoneia — que precisava de apoio financeiro para ampliar a reconquista militar do reino, ponta de lança com a qual Simeão, o Babilônico, conquistaria a amizade de seu inimigo — acabaria por lhe render, ao mesmo tempo, a desconfiança daqueles mesmos entre os quais ele deveria erguer-se como a mão invisível movendo os fios pró-davídicos. Um jogo duplo que o manteria caminhando sobre uma corda no abismo desde o dia de sua chegada até o dia da vitória.

Enquanto empregava todo o seu poder para manter a cabeça no pescoço, Simeão, o Babilônico, precisava manter sua revolução dentro dos limites estritos das questões internas.

O Egito dos Ptolomeus permanecia à espreita, aguardando o enfraquecimento de Jerusalém, e uma guerra civil judaica lhe proporcionaria a ocasião propícia para invadir o país e saqueá-lo.

Do outro lado do rio Tigre estavam os partos. Sempre ameaçadores, sempre ansiosos por romper a fronteira e anexar as terras a oeste do Eufrates.

Embora em agonia no norte, os helenos aguardavam a revanche e não perdiam tempo para, aproveitando uma guerra civil romana, reconquistar a Palestina perdida.

Em suma, a necessidade de purificar Jerusalém da abominação desoladora não poderia colocar em risco a liberdade conquistada pelos antepassados dos asmoneus.

6

História dos Asmoneus

Aristóbulo I, “o Louco”

Após a morte de João Hircano I, filho de Simão, o último dos Macabeus, seu filho Aristóbulo I assumiu o governo da Judéia. Neste capítulo, a memória do povo israelita se perde no labirinto de suas próprias fobias e medos da verdade. Segundo alguns, o filho de João Hircano I não tentou usurpar a coroa. Simplesmente a herdou de seu pai.

Segundo a versão oficial, a abominação que selou a ruína foi cometida contra o pai por um filho que teve de superar a oposição acirrada de sua mãe e de seus próprios irmãos. Em suma, não há nada de claro, exceto a necessidade de ir ao encontro da realidade, seguindo a trilha dos fatos. Pessoalmente, desconheço até que ponto esses fatos são fundamentais para determinar a culpa do pai, em contraposição à absolvição do filho.

Se Aristóbulo I se coroou rei contra o testamento de seu pai ou se apenas se limitou a legitimar uma situação monárquica encoberta, com absoluta certeza nunca saberemos, pelo menos até o dia do juízo final.

O fato é que Aristóbulo I deu início à gloriosa crônica de seu reinado surpreendendo estranhos e conhecidos com a prisão perpétua de seus irmãos. Motivos, razões, causas, desculpas? Bem, aqui entramos no eterno dilema sobre o que os atores da História fizeram e o que eles gostariam que fosse escrito sobre eles. Vamos discutir isso ou deixamos para outro dia? Quero dizer, que motivo mais forte existe para alcançar o Poder do que a paixão pelo Poder? Poder absoluto, Poder total. A liberdade de quem está além do Bem e do Mal, a glória de quem se eleva acima das Leis porque ele é a Lei. A Vida em uma mão, a Morte na outra, o povo a seus pés. Ser como um deus, ser um deus! A tentação amaldiçoada, a polpa do fruto proibido, ser um deus: longe do olhar da justiça, além do longo braço da lei. Não era astuto o Diabo? Que aquela paixão por ser como um deus havia revelado sua natureza vírica, venenosa, quando transformou um anjo naquela Serpente, mãe de todos os demônios, “pois muito bem”, respondeu Aristóbulo I, “espalharei generosamente meu veneno por toda a terra, começando pela minha casa”.

Horror, desilusão, levem-me para longe dos sonhos do Demônio. Acordem-me, céus, beleza, em algum recanto do Paraíso.

Que loucura é essa que leva o barro a se crer mais forte que o dilúvio? O caracol sonha em ser mais veloz que a onça? A Lua desafia o Sol para ver quem brilha mais? O leão despreza a coroa da selva? O crocodilo reclama do tamanho de sua boca? A criatura feroz inveja o canto da sereia? A águia inveja o elefante das planícies? O peixe fosforescente se ergue dos abismos

oceânicos reclamando do Sol a luz da Lua? Quem oferece ao frio boreal pétalas de primavera? Quem busca a fonte da juventude eterna para escrever em suas margens: “Tolo aquele que beber”?

O fato incontestável é que Aristóbulo I subiu ao trono que a morte de seu pai deixou vago. E a primeira coisa que fez foi mandar seus irmãos para a masmorra mais fria da prisão mais sombria de Jerusalém. Insatisfeito, ainda não contente com tal crime contra a natureza, Aristóbulo “o louco” completou a obra enviando a mãe para junto dos irmãos.

Ninguém jamais soube por que ele libertou o caçula de sua mãe. O fato é que, assim como surpreendeu a todos ao condenar seus irmãos à prisão perpétua, ele voltou a surpreender a todos ao libertar um deles. Parece que ele deixou vivo o mais novo de seus irmãos. Não por muito tempo, porém. Pouco tempo depois, a loucura tomou conta de seu cérebro e ele superou a si mesmo, estrangulando-o com as próprias mãos. Depois de cometer todos esses crimes, o rei louco vestiu-se como sumo pontífice e foi celebrar o culto como se Jerusalém tivesse rejeitado Yahweh como Deus e jurado obediência ao próprio Diabo.

Assim foi o início do reinado do filho de João Hircano I.

Por trás de um crime como esse, digno do discípulo mais brilhante de Satanás, vemos a terrível disputa entre mãe e filho, entre Aristóbulo I “o Louco” e seus irmãos, sobre a questão da transformação da República em Reino.

Aceitar a loucura do neto de Simão Macabeu como um diagnóstico definitivo, decisivo e até mesmo exculpatório não é maneira de encerrar um assunto tão grave. Especialmente quando o breve ano de reinado do Segundo dos Asmoneus — deixando de lado a questão daqueles que ele matou, cujos nomes não foram registrados nem sua memória preservada porque não eram seus parentes, cujo número podemos calcular com base no que ele fez, afinal, quem prende seus irmãos iria deixar livres aqueles que não o são? Eu dizia que o breve ano do reinado de Aristóbulo I, por mais breve que tenha sido, moldou o futuro do povo judeu de forma tão profunda e dolorosa que pode ser observada na origem do trauma que, dois mil anos depois, os historiadores oficiais judeus ainda sofrem ao recriar a época asmoneu.

Que discussão mais criticamente apocalíptica do que a transformação da República em Monarquia poderia ter levado o neto dos Heróis da Independência a se tornar um monstro?

Os historiadores oficiais judeus passam por essa questão desviando o olhar. Ao fazer isso, cometem um terrível crime contra si mesmos, ao criar no leitor a impressão de que matar a mãe e os irmãos era, entre os judeus, o pão de cada dia. Não sei até que ponto é ético, ou apenas moralmente aceitável, fazer recair sobre os filhos o sangue do crime cometido por seus pais. Ou será que é verdade que os hebreus costumavam devorar suas mães dia após dia?

É um crime contra o Espírito ocultar a verdade para impor as próprias mentiras. Se Aristóbulo I matou seus irmãos e sua mãe — crime tão monstruoso —, devemos entendê-lo como consequência final da luta entre os setores republicanos e monarquistas, sendo os primeiros representados pelos fariseus e os segundos pelos saduceus. Luta essa que Aristóbulo I venceu contra seus irmãos e que custou a vida de sua mãe por conspiração contra a coroa.

De nossa posição confortável, podemos aventurar essa teoria sobre o caso. Parece evidente que, se a autoridade daquela mulher não conseguiu impor seu julgamento, foi porque se chocou com interesses mais poderosos. E que interesse mais poderoso, pelo qual se arriscaria a vida, poderia existir em Jerusalém além do controle do Templo?

Tenhamos em mente que, em toda a história dos filhos de Israel, nunca foi registrado um caso de crueldade semelhante, de um filho contra sua mãe, porque isso simplesmente nunca aconteceu. Portanto, o fato de ter ocorrido algo *tão contrário à natureza* nos leva a suspeitar

de uma conspiração contra as leis da pátria que teve lugar entre os sacerdotes aaronitas e Aristóbulo I. Nesse contexto, a prisão dos irmãos e da mãe se explica perfeitamente. De fato, os acontecimentos que veremos foram todos marcados pelo mesmo fio condutor. Depois, há a psicologia do historiador oficial de se aproveitar desse tipo de crime e ocultar, nas delícias do horror, o ano de terror que a população de Jerusalém sofreu sob a tirania do rei louco. Ao concentrar aquele ano de massacres na família real, o historiador lançou sobre a luta na raiz do problema a cortina de fumaça dos magos do faraó. Quem prendeu seus irmãos por se oporem à sua coroação, o que não faria com aqueles que, sem serem seus irmãos, se recusaram a transformar a república em monarquia? O historiador oficial judeu ignorou esse assunto. Ao fazer isso, ele nos considerou, nós do futuro, como tolos, e aqueles de sua época como idiotas de sempre.

De qualquer forma — deixando de lado agora as discussões — Aristóbulo I libertou — como já disse — um de seus irmãos. Dizem que o rapaz era um guerreiro combativo e corajoso, que adorava o jogo da guerra, e que não perdia tempo em iniciar o combate ao grito de "viva Jerusalém". Parente digno de Judas Macabeu, com cujas histórias o rapaz cresceu, o Príncipe Valente arrastava seus soldados para a vitória que nunca lhe resistia, a própria glória dos heróis apaixonada por seus ossos.

Digamos que, com a Reconquista pacífica da Terra Prometida frustrada pelas guerras macabeias, João Hircano I inaugurou um novo período ao executar todos os habitantes do sul de Israel que não se convertessem ao judaísmo. Por meio dessa política, a Idumeia foi anexada.

Cabia a Aristóbulo I, seu filho, comandar seus exércitos contra o Norte. Jerusalém, em plena efervescência antimonárquica devido aos fatos já mencionados — prisão dos irmãos do rei e massacre de seus aliados republicanos —, enquanto se dedicava a controlar a situação, Aristóbulo I passou o comando militar para seu irmão mais novo, que conquistou a Galiléia. Nem tudo seriam más notícias. A conquista da Galiléia elevou o ânimo de alguns judeus que não sabiam se deviam rir da vitória ou chorar pelo fracasso que representava para eles ter como rei um assassino da pior espécie, um louco em toda a regra.

O que veio depois ninguém esperava. Ou talvez tenham percebido que isso iria acontecer, mas não tomaram nenhuma medida ao seu alcance. O fato é que, assim que o Príncipe Valente começou a buscar fama e glória em outros lugares, o ciúme e a má consciência que o mantinham aprisionado por seus atos levaram seu irmão, Aristóbulo I, a condená-lo à morte.

Também nesse caso, Aristóbulo I agiu seguindo o exemplo dos gentios, embora aplicando o sistema à mentalidade do Oriente. O Senado Romano impôs como norma no manual dos poderosos, para se livrar de generais excessivamente vitoriosos, a aposentadoria ou a morte. Os Escipões e o próprio Pompeu, o Grande, sofreram com essa norma. O último caso seria o de Júlio César, que lhes saiu tão bem, é claro.

Mais sábio e santo do que os senadores imperiais, o rei dos judeus não ficou em cima do muro. Simplesmente enviou ao seu irmão mais novo sua decisão irrevogável, pendurada na lâmina do machado do carrasco.

A notícia do assassinato do irmão mais novo pelo irmão mais velho pegou Alexandre Janeu lá embaixo, entre o frio das masmorras e os uivos das prisões escavadas nas paredes do inferno. Naturalmente, a notícia lhe gelou o sangue. Mas o fluido vital poderia ter recuperado seu calor se o frio do ambiente não tivesse sido agravado pela presença de sua mãe nas masmorras. Ela, a pobre mulher, abalada daquela maneira, perdeu o juízo e, com o que restava de sanidade, deixou-se morrer de fome.

Ver a mãe e os próprios irmãos morrerem por culpa de um irmão não é o que se entende por a melhor escola para reis. Mas essa foi a escola para reis que Alejandro Janneo foi obrigado a frequentar, alvo de todo o ódio do mundo judeu após o Massacre dos Seis Mil.

Oprimido até a loucura por aquela tragédia, o asmoneu jurou vingar a morte de sua mãe e de seus irmãos — jurou sair vivo do inferno — sobre os cadáveres de todos os covardes que, naquele momento, queimavam incenso no Templo.

Outra questão — retomando o fio da recusa da posição oficial judaica em aceitar o fato da coroação de João Hircano I — é que a loucura matricida e fratricida de Aristóbulo I não teria sido senão o desfecho do drama ao qual a coroação do pai os conduziu a todos. A posição oficial judaica — liderada pelo famoso Flávio Josefo — foi recusar-se a admitir o fato da coroação do filho do último dos Macabeus. Suas medidas, suas guerras, seu testamento parecem provar o contrário, parecem gritar a plenos pulmões que sua cabeça foi coroada, e foi durante seu reinado que o vírus da maldição encontrou terreno fértil em sua casa. De que outra forma explicar que, no dia seguinte ao enterro de João Hircano I, sua esposa e seus filhos sucumbissem sob o peso daquela oposição esmagadora à continuidade de sua dinastia? Em que outro contexto poderíamos, então, compreender que o novo rei decidisse, da noite para o dia, a morte de todos os seus irmãos, incluindo sua mãe, por alta traição?

A Lógica não precisa apresentar suas provas no tribunal da Biohistória. Os argumentos biohistóricos são mais do que suficientes para serem compreendidos e não precisam de testemunhas. Mas se nem uma nem outra bastam para abrir caminho pela selva labiríntica na qual os judeus perderam sua memória, nada se pode aconselhar àquele que tem o dedo no gatilho, a não ser que ponha fim logo à tragédia e deixe de reunir curiosos antes de ir para o inferno com seus lamentos e suas elegias.

Não há mais fatos do que a realidade nua e crua. Aristóbulo I sucedeu a seu pai, Hircano I. Imediatamente, ordenou a prisão perpétua de seu irmão Alexandre. Também os irmãos e irmãs de Alexandre tiveram o mesmo destino. O único que se salvou do massacre caínico foi o caçula de sua mãe. Aquela mãe jazia como morta em alguma masmorra escura do palácio de seu filho perverso quando lhe trouxeram, por meio de correias anônimas, o cadáver de seu caçula. A pobre mulher fechou os olhos e deixou-se morrer de fome. Tais foram os primórdios do reinado de Aristóbulo I, o Louco; tais as origens do próximo reinado de seu irmão Alexandre I.

7

Alexandre Janneu

Quando Alexandre Janeu saiu da masmorra, onde normalmente teria morrido, a situação do reino era a seguinte. Os fariseus haviam convencido as massas de que a nação vivia sob o olhar da ira divina. As leis sagradas proibiam os hebreus de ter um rei que não fosse da Casa de Davi. Eles o tinham. Ao tê-lo, estavam provocando o Senhor a destruir a nação por rebelião contra a Sua Palavra. Sua Palavra era o Verbo, o Verbo era a Lei, e o Verbo era Deus. Como poderiam impedir que o destino seguisse seu curso?

O problema era que os servos do Senhor, os sacerdotes saduceus, não apenas abençoavam a rebelião contra o Senhor a quem serviam, mas também usavam o rei para esmagar os sábios fariseus.

Mesmo assim, a voracidade macabra de Aristóbulo I fez com que até mesmo os saduceus ficassem revoltados. Isso não significava, porém, que os saduceus estivessem dispostos a se

unir aos fariseus para purificar Jerusalém de seu pecado. A última coisa que os saduceus ainda desejavam era dividir o poder com os fariseus.

Então, misteriosamente, Alexandre Janeu é libertado da prisão e escapa da morte. Milagre?

Se o ódio que lhe deu força e o manteve vivo pode ser chamado de milagre, então foi um milagre que Alexandre tenha sobrevivido aos irmãos e à mãe. Pena que, além dos ratos, ninguém tenha descido ao seu inferno para lhe dar os pêsames pela morte de sua mãe! Se o tivessem feito, teriam descoberto que a força que o manteve vivo e alimentou sua sede de vingança foi o ódio, sem distinguir entre fariseus e saduceus.

De qualquer forma, o asmoneu se enganou ao pensar que a morte de seu odiado irmão se deveu à natureza. A morte de Aristóbulo, no primeiro ano de seu reinado e imediatamente após a morte do Príncipe Valente, não foi fruto do acaso nem da justiça divina. A quem surpreende que o crime contra sua própria mãe tenha revolto as entranhas dos habitantes de Jerusalém e que eles tenham decidido, em conspiração com a rainha Alexandra, acabar com o monstro? O fato de terem celebrado de forma urgente e imediata o casamento do prisioneiro com a viúva do falecido, sua cunhada Alexandra, destaca a aliança saduceia que pôs fim à vida de Aristóbulo I.

Antecipando-se aos fariseus, os saduceus destituíram o rei e colocaram em seu lugar o asmoneu, com o objetivo de que, ao se revelarem seus salvadores, não lhe ocorresse mudar de lado e entregar o poder aos fariseus, que, por serem inimigos naturais de seus salvadores, necessariamente teriam de ser seus próprios inimigos. Aproveitando o fator surpresa a seu favor, Alexandre aceitou a coroa, jurando não alterar o *status quo*.

Essa era a situação explosiva, em cujo inferno em ebulição o Asmoneu fundamentou seu ódio.

Alejandro I, no entanto, nunca perdoaria a seus libertadores por terem demorado tanto para tomar sua decisão. O que estavam esperando, que sua mãe morresse? Meu Deus! Se ao menos tivessem chegado um dia antes.

O ódio que o novo rei alimentou contra sua nação durante seu ano de prisão — um ano longo, infinito — não há palavras que possam descrevê-lo. Somente seus massacres posteriores revelarão sua extensão e profundidade. Aquele ódio era como um buraco negro avançando das entranhas até a cabeça, como um Nada inundando suas veias com um grito: Vingança. Vingança contra os fariseus, vingança contra os saduceus. Se seus salvadores tivessem se dado ao trabalho de pensar no que estavam fazendo, antes teriam se cortado as veias do que aberto a porta da liberdade para o próximo rei dos judeus.

Jerusalém não demoraria muito, muito pouco mesmo, para descobrir que tipo de monstro o Asmoneu tinha como ídolo. O ódio que devorava o corpo, a mente e a alma de Alexandre I não tardaria a sair do controle e exigir cadáveres às dezenas, às centenas, aos milhares. Seis mil para um banquete de Páscoa?

Um aperitivo. Apenas isso, um mero aperitivo para um verdadeiro demônio. Não diziam os sábios e os santos sacerdotes de Jerusalém que conheciam as profundezas de Satanás? Mais uma mentira! Ele, o Asmoneu, revelaria a todos os judeus as verdadeiras profundezas de Satanás. Ele próprio os conduziria até o próprio trono do Diabo. Onde Satanás tinha seu trono? Loucos, sobre o túmulo de sua mãe, na Jerusalém que o viu assistir à morte de seus irmãos sem levantar um dedo para salvá-los da ruína.

Assim como fez o pai da história antiga judaica, Flávio Josefo, ao ocultar de seu povo a causa implosiva que destruiu a felicidade prometida da casa de Hircano I, ele voltou a fazê-lo

ao falar da morte milagrosa e repentina do matricida e fratricida — homicida, é claro. Ele precisava fazer isso se não quisesse revelar a causa que acabara de ocultar de seu povo. Se ele jurasse em público, diante do futuro, que os próprios saduceus que elevaram o filho ordenaram a morte do pai, ao fazê-lo estaria abrindo as portas para o resto do mundo entrar e ver com seus próprios olhos a guerra interna até a morte entre fariseus e saduceus.

Inimigo da verdade em nome da salvação de seu povo, na mira do ódio romano após a famosa rebelião que terminou com a destruição de Jerusalém, Flávio Josefo precisava passar por cima do cadáver da verdade em nome da reconciliação entre judeus e romanos. E, de quebra, manter os filhos dos assassinos dos primeiros cristãos à margem do crime *contra a "divina natura"* que cometeram e continuavam, na medida de seus interesses, a cometer: mesmo que fosse à custa de extirpar a Memória, submeter-se a uma lobotomia e seguir em frente como um povo amaldiçoado, todos condenados, considerados por todos como devoradores de suas mães e assassinos naturais de seus irmãos? Nenhum judeu deveria olhar com estranheza para o fato de Aristóbulo I ter matado sua mãe, seus irmãos, seus tios, seus cunhados, seus sobrinhos e até mesmo seus netos, caso os tivesse. Segundo a opinião de Flávio Josefo e sua escola, isso era algo natural entre os judeus. Então, onde está o escândalo?

Esta é a história de Jesus. Não é a história das crônicas asmoneas. A importância dos setenta anos daquela dinastia, no entanto, é tão decisiva para compreender as circunstâncias que levaram os judeus ao anticristianismo mais feroz e assassino que, necessariamente, devemos recriá-las como quem sobrevoa os acontecimentos mais trascendentais em relação a essa Segunda Queda. Em outra ocasião, em outro momento, se Deus quiser, nos aprofundaremos nessas crônicas. Basta aqui sobrevoar a linha do tempo.

O ódio dos asmoneus contra todos — fariseus e saduceus — seguiu seu curso. Em apenas alguns anos, transformou-se em uma avalanche. Deslizando por uma ladeira suicida, num desses dias, todos — fariseus e saduceus — foram celebrar uma espécie de banquete de amizade com o rei. As portas se abriram, os estrategistas ocuparam suas posições e, com o vinho, todos entraram no clima. E, deixando de lado meandros e preâmbulos, acabaram se dirigindo em massa às praias do mar das questões pessoais. No calor do momento, um dos fariseus presentes, embriagado de vinho, jogou na cara do rei o que todo mundo dizia: que sua mãe o tivera com outro homem que não era exatamente seu pai. Ou seja, que o Asmoneu era um bastardo.

A situação já não era complicada, e aí veio o Diabo para piorá-la. Ele, o Diabo, como se estivesse vencendo a disputa contra o Anjo, jogava lenha na fogueira sempre que surgia uma oportunidade. Com o pavio aceso e o barril de pólvora a dois passos de distância, o lógico era que a explosão lançasse pelos ares tudo o que encontrasse pelo caminho. O Massacre dos Seis Mil em um único dia não seria a única onda devastadora. Mas poderia ter servido, pelo menos, para acalmar os ânimos e fazer com que os inimigos unissem forças.

Ao contrário dos demais povos do mundo, a nação judaica tinha como filosofia racial nunca aprender com os erros cometidos. Se antes foi o zelo pela Lei que os arrastou ao Massacre, daí em diante seria a sede de vingança. Essa sede desenfreada foi a que percorreu sinagoga em sinagoga por todo o mundo, levando a todos os crentes aquele uivo que ouvimos antes: "O Asmoneu deve morrer". Ao que responderam os mais ousados e zelosos do destino, consagrando suas vidas a matar o Asmoneu. Entre eles estava Simeão, o Babilônico, cidadão de Selêucia do Tigre, hebreu de nascimento, banqueiro de profissão. Sua entrada na Jerusalém asmoneia e suas intenções de permanecer no reino não podiam incomodar o rei, sempre necessitado de aliados e recursos financeiros para a guerra de reconquista da Terra Prometida, nem levantar suas suspeitas, dadas as circunstâncias geopolíticas pelas quais o antigo império dos selêucidas estava passando.

Para os partos, de fato, a Ásia a leste do Éden estava ficando pequena, e eles sofriam indizivelmente sonhando com a invasão das terras a oeste do Eufrates. Era natural, portanto, que os filhos de Abraão começassem a retornar do cativeiro do outro lado do Jordão. Se, além disso, quem retornava parecia não ter a menor ideia da situação política local e, para alegria de todos, era um banqueiro rico e um crente devoto, tanto melhor.

"Simeão, meu filho, a paranóia é para os tiranos o que a sabedoria é para os sábios. Se abandonarem seus conselhos, tanto uns quanto outros se perderão. Por isso, quem se move entre serpentes deve estar imune ao veneno e ter asas de pomba para vencer os desígnios do maligno com a inocência de quem serve apenas ao seu senhor.

"Simeão, vire as costas ao seu inimigo em sinal de confiança e você conquistará sua salvação, mas leve sob o manto a couraça dos sábios para que, quando a paranóia o enlouquecer, o punhal de sua loucura se quebre contra sua pele de ferro.

"Se estenderes a mão ao tirano, lembra-te de que na outra ele esconde a adaga; oferece-lhe, então, o que ele busca, pois Deus deu ao homem apenas duas mãos, e se com uma ele segurar a tua e com a outra agarrar o que deseja, a adaga estará sempre longe da tua garganta.

"Quando o vires ferido, corre para curar sua ferida, pois ele ainda não está morto; e se ele viver, busca sua morte, mas não o feres apenas para que ele se levante para a tua ruína. O demônio tem muitas formas de alcançar seu objetivo, mas a Deus basta uma única para fazê-lo morder a poeira. Sê sábio, Simeão, não te esqueças dos ensinamentos de teus mestres".

Simeão, o Babilônico, chegou a Jerusalém com o livro dos Magos do Oriente debaixo do braço. A escola na qual ele aprendeu o ofício dos Magos remontava aos dias do profeta Daniel, aquele profeta e chefe dos Magos que, com uma mão, servia ao seu senhor e, com a outra, cavava ao seu redor a própria ruína. Mas chega de palavras, que comece o espetáculo.

Simeão, o Babilônico, colocou em prática seus ensinamentos. Conseguiu quebrar o gelo da desconfiança dos fariseus em relação ao novo amigo do rei. Conseguiu enganar o rei, participando do financiamento de suas campanhas de reconquista e consolidação das fronteiras conquistadas. Nas costas do Asmoneu, com a outra mão que lhe restava livre, o babilônico assinou todas as conspirações palacianas contra as quais o Asmoneu, como um atleta em plena corrida de obstáculos, realizou a façanha impossível de sobreviver a todos os seus supostos assassinos. Uma após outra, todas aquelas tentativas de arrancar-lhe a cabeça do pescoço terminaram com a morte dos aspirantes a assassinos. Cansado o Asmoneu de tanta incompetência — na sua opinião, seus compatriotas não serviam nem para isso —, Alexandre Janeu tratou os cadáveres de seus inimigos como se trata os de cães: jogou-os no rio e lá que a corrente os levasse para o mar do esquecimento.

Desesperados com a sorte do asmoneu, os fariseus conceberam o plano dos planos: contratar um exército mercenário, assumir o comando e declarar-lhe guerra aberta. Era mergulhar em uma guerra civil, mas não havia outra saída. A estrela do Asmoneu parecia ter surgido das próprias profundezas do inferno. Nada do que planejassem contra ele para derrubá-lo, por mais sutil e intrincado que fosse o plano, o sujeito sempre saía vivo. Ele tinha mais vidas do que um gato. Não se podia considerá-lo morto.

Que o dano recaísse sobre a consciência dele, disseram entre si. E lá foram eles contratar os árabes para acabar com a sorte do rei mais tirânico, cruel e sanguinário que Jerusalém já teve em toda a sua história. Tudo isso no mais estrito *sigilo*. A última coisa que Simeão, o Babilônico, e seus fariseus podiam se permitir era que chegasse aos ouvidos do Asmoneu qualquer boato sobre seus planos. Ele não hesitaria em matar todos, grandes e pequenos, todos no mesmo caldeirão. Como dizia o provérbio do sábio: É preciso ser inocente como as pombas, astuto como as serpentes.

Mas, como neste mundo não se pode enganar todo mundo ao mesmo tempo, havia naqueles dias uma pessoa a quem os truques de magia de Simeão não conseguiram enganar. Aquele homem era o sacerdote Abias, o profeta particular do Asmoneu, sobre o qual já vimos algo nos capítulos anteriores.

Também Simeão, como não poderia deixar de ser, comparecia ao turno de Abias para ouvir de seus lábios o oráculo. Era a ele, sim, a ele, o novo amigo do rei, seu inimigo secreto mais jurado, que Abias dirigia palavras que desmoronavam todos os seus planos.

"Se o Céu combate o Inferno com as armas do Diabo, como se apagará o fogo que devora a todos em seu incêndio?", dizia o homem. "Vocês comparam Deus com seu inimigo? Será que o anjo que guarda o caminho da vida se rebela contra seu destino, levantando o fogo de sua espada contra a árvore que ele protege, para assim impedir que alguém se aproxime dela? Será que ele então se considera perdido? Qual será o julgamento de seu Senhor contra seu desespero? Ao agir assim, ele não negará o Deus que lhe confiou sua missão? Vocês não lutam contra o diabo, lutam contra o anjo de Deus, e mesmo que esteja do lado de vocês, ele não pode abandonar seu posto. Sua ordem é firme: que ninguém se aproxime. Por que acreditam que ele abaixará a espada? Será que, por amor a vocês, ele se rebelará contra seu Senhor? Deixem, pois, de agir como loucos. Vocês não estão lutando contra um homem; estão fazendo guerra ao Deus que colocou seu anjo entre vocês e a vida que buscam, invocando a Morte".

Um oráculo repleto de sabedoria que, com seus destinatários cegos pelo ódio, caía repetidamente em solo pedregoso. Por um instante, parecia que iria criar raízes, mas assim que saíam do Templo, o cheiro de sangue os trazia de volta à realidade do dia a dia.

8

Guerra Civil

A que distância do início de uma guerra civil fermentam as nuvens que farão chover a torrente do ódio? Como se apagam os rastros de uma cicatriz aberta entre o peito e as costas?

Os fariseus e seus líderes tomaram a decisão desesperada de contratar um exército mercenário para acabar de uma vez por todas com o Asmoneu. Não contrataram o exército dos Dez Mil gregos perdidos no retorno à pátria, nem cruzaram o mar em direção a Cartago em busca da liberdade junto aos descendentes de Aníbal. Nem invocaram os famosos guerreiros íberos. Nem recorreram a hordas bárbaras. Para matar seus irmãos, os judeus chamaram os árabes.

Quanto tempo a carne do ódio precisa ficar na panela para cozinhar? Quando o veneno não basta e as conspirações secretas são em abundância, é legítimo chamar o próprio diabo para que leve para o inferno o que nasceu no calor de seu fogo?

Assim como fez com tantos outros episódios, o historiador oficial dos judeus daquela época passou por cima das causas detonadoras daquela rebelião como quem anda sobre ovos. Disposto a vender a verdade pelas trinta moedas de prata do perdão de César e com a aprovação de uma geração judaica que, entre o culto ao imperador e a sorte dos cristãos, dançou em honra do bezerro de ouro diante de Deus e dos homens, Flávio Josefo ignorou essas causas na distância do início daquela guerra civil, tão horríveis e pérfidas a ponto de omitir a inimizade secular entre Jacó e Esaú.

O fato por trás da placa de concreto sob a qual os judeus enterraram a memória de seu passado é que, contrariando as leis da pátria, Israel contratou Edom; Jacó chamou Esaú para,

juntos, derrotarem o Diabo, ignorando — porque não queria se lembrar — que o Diabo que derrotara Adão, pai de ambos, precisava de algo mais do que uma aliança entre irmãos para permitir que lhe cortassem a cauda.

Fosse como fosse, a batalha entre os partidários da restauração da monarquia davídica e os fiéis à dinastia asmoneia aconteceu. E foram os inimigos dos asmoneus que levaram a vitória para o seu lado.

Parece que aquele mesmo Asmoneu que andava sobre tapetes tecidos com a pele dos Seis Mil, aquele demônio sem consciência que ousava amaldiçoar o Deus dos deuses ao se deitar com suas prostitutas em seu próprio Templo, aquele invencível filho do inferno, segundo se conta, fugiu do campo de batalha como um rato.

Nem sequer valia a pena morrer como um homem, lamentaram seus inimigos mais tarde, quando já era tarde demais.

Infelizmente, na hora de selar a vitória, o exército vencedor cometeu o erro imperdoável de recuar. Como eu disse, eles estavam prestes a colher os louros do sucesso quando o remorso tomou conta de suas mentes e começaram a refletir sobre o que estavam fazendo. Estavam entregando o reino aos árabes!

Entre acabar com o Asmoneu ou ficar sob o jugo de seus inimigos tradicionais, os fariseus decidiram o impensável.

É verdade: o amor à pátria prevaleceu sobre a lembrança de tanto sofrimento passado. Assim, antes de se verem presos sob as rodas de seus próprios erros, romperam o acordo com a vitória conquistada — um erro fatal do qual não demorariam a se arrepender, do qual nunca se arrependeriam o suficiente.

Por uma dessas clássicas reviravoltas do destino, os nacionais vencedores uniram-se aos patriotas derrotados e, juntos, se rebelaram contra o exército mercenário que já se preparava para conquistar Jerusalém para seu rei.

Alucinado com essa reviravolta do destino a seu favor, o asmoneu transformou-se de rato em fuga em leão faminto, colocou-se à frente daqueles que mais uma vez o aclamavam como rei e expulsou de seu reino aqueles que acabavam de vê-lo sair correndo como um cão.

Os primeiros a lamentar isso foram os fariseus.

Seu retorno do túmulo convenceu seus inimigos de que o Asmoneu tinha como padrinho o próprio Diabo. A calma, a tranquilidade com que Alexandre fez sua entrada em Jerusalém foi comemorada por quase todos. Aquela era a calma que antecede a tempestade. Logo após retornar ao seu palácio, depois de dormir com todas as suas concubinas, uma vez que havia digerido a derrota nas dobras de um pesadelo, já cansado de prometer o que nunca iria cumprir, o Asmoneu ordenou que os líderes dos fariseus e as centenas de seus aliados fossem reunidos como se reúnem os animais de gado. A contagem de cabeças chegou a tantas almas que ninguém conseguia imaginar como o Asmoneu iria cozinhar tanta carne.

O que aconteceu pertence às memórias não sagradas de Israel. Mas, se existe o Bem e o Mal e tudo tem seu oposto, o povo que possui uma História Sagrada também tem sua contrapartida, uma História Maligna. Ao gênero dos heróis dessas escrituras tenebrosas pertencia, sem sombra de dúvida, Caim, o Alexandre dessas crônicas, e o Caifás que, em nome de seu povo, crucificou o Filho de Davi.

O cronista judeu certamente teria preferido enterrar esse capítulo da história maligna de seu povo. A curta distância entre sua geração e aquela que sofreu com o Nero dos judeus

tornou-lhe impossível apagar do livro da vida de seu povo o tenebroso acontecimento central deste capítulo.

Em vingança pela humilhação que lhe fizeram passar — ao vê-lo fugindo como um rato, ele que até então se vangloriava de ser o leão mais feroz do inferno —, o Asmoneu ergueu oitocentas cruzes no Gólgota. Não uma, nem duas, nem três, nem quatro.

Se a Paixão do Cordeiro vos foi transmitida, no plano físico, como algo doloroso, esperem para saber quais sofrimentos aqueles oitocentos bodes tiveram de passar.

O Asmoneu anunciou que iria dar uma festa. Ele convidou conhecidos e desconhecidos, tanto estrangeiros quanto patriotas. A festa seria ao estilo de Nero. Pois, como o sinal natural da inteligência humana é a imitação, já que Nero não havia nascido, alguém precisava se erguer como modelo do futuro matador em massa de cristãos. Quem, senão ele, original até mesmo na fuga?

Ele marcou o dia. Não contou uma palavra sequer a ninguém sobre a surpresa que havia inventado. E começou o banquete. O Asmoneu trouxe carne e vinho para alimentar um regimento, contratou prostitutas estrangeiras e ordenou às nacionais que exercessem seu ofício como nunca antes haviam feito. Não faltou nada. Comida aos montes, vinho em barris, mulheres à vontade.

“Onde encontrareis outro rei como eu?”, gritou o Asmoneu no prelúdio de sua loucura, para que o Céu o ouvisse — o mesmo Céu que os oitocentos condenados adoravam, aqueles que já tinham lugar reservado nas oitocentas cruzes que coroavam o Gólgota, desde as encostas até a esplanada do cume.

Nos últimos dias, todos haviam apostado que o Asmoneu não ousaria ir tão longe. Os familiares dos envolvidos naquele espetáculo macabro rezaram ao Céu para que ele não ousasse. Como o conheciam mal! Os judeus ainda não tinham percebido e continuavam se recusando a acreditar que a mesma mãe que deu à luz Abel alimentou em suas entranhas o monstro que era seu irmão.

“Só as mulheres gregas dão à luz bestas?”, gritando com toda a força dos pulmões, o Asmoneu fez ouvir sua voz do alto das muralhas. “Aí está a prova do contrário. Aqui estão oitocentas.”

Nerão não foi tão mau assim. Pelo menos o louco por excelência crucificou estrangeiros. Essas oitocentas eram todas compatriotas de seu carrasco, todas irmãs de seus convidados.

Essa foi a surpresa. Em vez de julgá-los ou assassinar seus inimigos sem que ninguém pudesse culpá-lo por suas mortes, o Asmoneu os reuniu como se reúne o gado e os condenou a morrer na cruz. Sim, simplesmente porque ele era o rei, e o rei era Deus. E se não fosse Deus, não fazia diferença: ele era o Diabo. Era a mesma coisa, a mesma coisa mesmo.

O Monte Gólgota estava repleto de cruzes. Quando os convidados se acomodaram em suas poltronas, as oitocentas cruzes ainda estavam vazias. O espetáculo era sinistro, mas gratificante, se tudo ficasse apenas numa ameaça silenciosa. Com esse pensamento positivo em mente, começaram a beber vinho à vontade.

Por fim, quando todos, mais ou menos, já tinham comido o que não deviam, bebido o que nem se imagina e saciado à vontade seu instinto masculino, o Asmoneu deu a ordem. Ao seu comando, os oitocentos condenados desfilaram.

Imediatamente começaram a enforcá-los nas cruzes. Uma cruz para cada um. Se algum dos presentes sentiu a alma se partir, nenhum ousou derramar uma lágrima. O vinho, as

prostitutas, o prazer de ver morrer como bandido aquele que até ontem ostentava sua condição de príncipe do povo — tudo isso junto fez o resto.

"O que se faz com os ratos que invadem sua casa? Vocês perdoam sua prole amaldiçoada ou a enviam para o inferno também?", no êxtase da tragédia, o Asmoneu voltou a uivar das muralhas de Jerusalém.

O que veio a seguir ninguém esperava. O Asmoneu era um poço de surpresas. Provavelmente nem você, leitor, imaginaria isso se eu não lhe contasse e o desafiasse a adivinhar. Todos acreditavam que, com a crucificação dos oitocentos fariseus, a sede de vingança do Asmoneu seria saciada. Já estavam dando as costas às vítimas em suas cruzes quando começaram a circular oitocentas famílias, as oitocentas famílias dos oitocentos infelizes expostos às estrelas de seu destino. Mulheres, crianças, família por família, foram ocupando seus lugares ao pé da cruz do chefe de família de cada casa.

Atônitos, acreditando terem sido convidados para viver um pesadelo infernal, os olhos dos convidados para o banquete do Nero judeu se arregalaram. Paralisados de horror, compreenderam o que estava prestes a acontecer. A última e mais recente encarnação do Diabo iria decerrar a cabeça e o corpo ao mesmo tempo. Se o homem é o chefe de família, então sua família é o corpo; e quem é o louco que mata a cabeça e deixa vivo um corpo cheio de ódio para que ele se vingue?

O exército de carrascos do Asmoneu desembainhou suas espadas, aguardando a ordem do homem que transformou Jerusalém no trono do Diabo.

Todos já estavam deitados de cabeça para baixo, suas esposas, com seus filhos e filhas, tremiam de horror e desespero, chorando pelo destino do pai, quando, acreditando que seu destino fosse o choro, o lampejo da loucura do rei os tirou de sua ilusão.

Mais uma vez, no auge de sua demência, o Asmoneu gritou emocionado: "Jerusalém, lembra-te de mim". Em seguida, deu a ordem satânica.

Decapitaram todos, mulheres e crianças, aos pés das oitocentas cruzes e de seus oitocentos bodes. Os carrascos assassinos do Asmoneu desembainharam machados e espadas, ergueram os braços e começaram sua tarefa infernal e macabra. Ninguém moveu um dedo para impedir o crime.

(Sobre esse crime, o historiador oficial dos judeus escreveu pouco mais. Afirmando em seu prólogo que a verdade era seu único interesse, depois de ler seu relato, questiona-se que amor pela verdade o diabo pode ter. Mas continuemos).

Paralisados, acreditando estar vivendo um sonho, os convidados assistiram à terceira parte do espetáculo infernal sem se moverem do lugar. Atores coadjuvantes na grande encenação do Asmoneu, o pagamento lhes havia cegado o cérebro. Na verdade, não era preciso ser muito esperto para adivinhar o resto. O Asmoneu ordenou então que ateassem fogo aos crucificados. E que a festa continuasse.

E a festa continuou sob uma enxurrada de álcool, carne e prostitutas.

No dia seguinte, toda Jerusalém correu ao Templo para encontrar consolo no Oráculo de Yavé.

O homem de Deus limitou-se a dizer: "Está decretada a destruição que trará a ruína a esta nação".

Depois dos 800

Depois daquela orgia de crueldade e loucura, nada mais poderia ser como antes. A ambição de uns, o fanatismo de outros, tudo havia levado a todos a um beco sem saída. Um rei dá asas à sua loucura assassina, descarrega-a contra os estrangeiros, tudo bem, mas quando, em toda a história do reino de Judá, algum rei se levantou contra seu próprio povo para cometer um crime semelhante?

A reputação que os judeus conquistaram graças aos Macabeus encontrou-se, no dia seguinte ao Massacre dos Oitocentos, rastejando pelos abismos mais profundos da decência e do respeito que uma nação deve a outra. Rotulados de monstros devoradores de seus próprios filhos, aqueles que até ontem circulavam entre os gentios reivindicando para si a condição de Povo Eleito, no dia seguinte tiveram que se esconder dos olhares de todos, como se fugissem do próprio Satanás. Mas voltemos à Jerusalém Santa.

Por algum tempo, o grito de dor e sofrimento manteve em frangalhos a insaciável sede de vingança dos familiares dos Oitocentos. Mas, mais cedo ou mais tarde, o ódio mortal se espalharia e percorreria as ruas, semeando a morte nas calçadas. Quem seriam os primeiros a cair? Nas esquinas, nas trevas dos becos, sob qualquer pórtico. A qualquer hora, em qualquer ocasião, os carrascos estrangeiros do rei?

Não! Seriam eles, os saduceus. Seriam os filhos de Aarão, todos sacerdotes, todos santos, todos sagrados, todos invioláveis — os primeiros a sofrer a vingança. Pois, como a vingança não podia recair sobre o rei, recairia sobre a carne de seus aliados. Cunhados, primos, sogros, genros, esposas, sogras, avós, netos, todos ficaram na mira do punhal.

Seja ao saírem do Templo, seja ao irem de suas casas para seus campos, onde quer que os encontrassem, o ódio se lançaria sobre eles sem distinguir o justo do culpado, o pecador do inocente. Não haveria piedade, não haveria trégua. Com sua lição macabra, o Asmoneu havia desviado o punhal de suas costas. Quem os livraria agora? Um por um. Quando, em suas casas, fechassem os olhos... das sombras surgiriam duas moedas de prata em busca de órbitas onde se alojar. Quando as necessidades animais... das fendas do chão surgiriam garras. Não, os saduceus não dormiriam em paz, nem viveriam tranquilos daquele dia em diante. Chegaria o dia em que lhes pareceria melhor viver no inferno do que sofrer o inferno de estar vivos.

E assim foi. As ruas de Jerusalém acordavam todos os dias após o Massacre dos Oitocentos, entre os gritos de viúvas e órfãos clamando por justiça ao rei. O rei, encantado ao ver que, enquanto se matavam entre si, o deixavam em paz.

É a verdade: em sua loucura, o Asmoneu se deleitava vendo seus aliados viverem aterrorizados como ratos presos na casa de gatos famintos. No que lhe dizia respeito, sua segurança pessoal estava garantida contra qualquer risco. Sem distinguir idade nem sexo, certa vez ele matou seis mil em um único dia. Desta vez, havia devorado 800 inimigos com suas famílias. Queriam ainda mais? Ele ainda tinha coragem para dobrar o número de mortos.

Por que 800 cruzes? Por que não setecentas? Ou três mil e quatrocentas?

O fato é que o Asmoneu tinha a memória das feras. O ser humano supera os traumas da infância; distingue-se das feras por sua capacidade de esquecer o dano sofrido em algum momento do passado. A fera, ao contrário, nunca esquece. Podem se passar anos; mesmo que transcorra uma década, as feridas permanecem gravadas em sua memória. Com o passar do tempo, o filhote se transforma em fera; então, um dia, ele se depara com seu inimigo de infância, a ferida se reabre e, por inércia, ele salta para cobrar sua vingança. Desse tipo era a memória do Asmoneu.

Por que 800 almas? Por que não setecentas nem três mil e quatrocentas?

O povo precisava conhecer a verdade. O mundo inteiro precisava conhecer sua verdade. A História precisava registrar em seus anais a causa, na raiz, daquele ódio do Asmoneu contra os fariseus. Quantos bravos seguiram o Macabeu no dia da Queda dos Bravos? Não foram exatamente 800? Não foram os pais dos 800 fariseus crucificados que deram a ordem de retirada e entregaram o Herói ao inimigo? Por que fizeram isso? Por que aqueles covardes deixaram apenas o Herói e seus 800 Bravos diante dos inimigos?

"Eu vou lhes dizer", gritou o Asmoneu da muralha. "Porque temeram que o Herói se proclamasse rei. Covardes, venderam o Herói e o entregaram para acalmar o medo que nutriam. Mas digam-me: quando, em que momento, em que ocasião secreta o Herói deixou escapar, diante de seus 800 bravos, a intenção de liderá-los contra Jerusalém e proclamar-se rei? Sua alma não conhecia outra ambição além da liberdade de sua nação. Seu coração só batia pelo anseio de liberdade. Seus pais o desafiaram a entregar o comando, a se colocar à disposição deles, ignorando que aquele Valente não reconhecia outro rei e senhor além de seu Deus. Eles o colocaram à prova, o empurraram à beira do abismo, acreditando que o Valente daria as costas à morte. Desafiaram o Campeão do Onipotente. Pois bem, esta é a recompensa que seu Rei e Senhor coloca em seus bolsos. Peguem seu salário, covardes. Vocês desafiaram o Campeão que Deus suscitou para lhes conceder a liberdade ao preço de seu sangue e do de toda a sua casa. Não querem o paraíso? É para lá que eu os envio, para reclamarem ao Todo-Poderoso o seu salário. A glória e a fama dele incomodavam vocês. Vocês tiveram que fugir do campo de batalha para provar a ele que a vitória era de vocês, que sem vocês ele não era nada. Alegrem-se, pois em breve vocês o verão cara a cara".

Por mais que dissesse, não importava com que tipo de razões justificasse sua consciência, o asmoneu sabia que, após o Massacre dos 800, nada mais poderia ser como antes. Depois daquela ode às profundezas do inferno, ele não podia esperar outra coisa senão a destruição de sua casa. Abías havia-lhe profetizado isso e, sem querer nem buscar, ele mesmo a havia causado. O destino, a fatalidade, um passo em falso não corrigido, outro erro imprevisto impondo a lei da necessidade, o puro acaso, o caos, os fados, a irresponsabilidade do povo e seus sonhos de justiça, liberdade e paz. Como culpar a deusa Fortuna por distribuir beijos nefastos? Às vezes se ganha, outras vezes se perde. Dinastas piores conseguiram abrir caminho para seus filhos na planície dos séculos. Mas para quê? No fim, toda coroa acaba sendo arrancada; quem parece ter menos pernas é que dá o salto mais alto, e a glória de amanhã é conquistada pelo zé-ninguém de ontem. De um trono, o mundo é uma caixa de grilos; quem grita mais é o rei. Por que o povo não se contenta com seu destino? Para que quer mais justiça, mais liberdade? Se você lhe der a mão, ele agarra o braço. Sempre encontra um motivo para arruinar a felicidade de seus governantes. Se não fosse pelo fato de que os súditos são necessários, não estariam todos melhor mortos? Ou, pelo menos, surdos e mudos?

As reflexões sombrias do Asmoneu em seus momentos de angústia eram imperdíveis. Mais de uma vez ele as deixou fluir de sua mente sem sequer perceber que seus chefes pretorianos estavam presentes. Seus sorrisos diabólicos respondiam com mais eloquência do que o discurso mais longo e profundo do sábio mais excêntrico e notável.

A vida de seus filhos estava em perigo? E continuariam em perigo se não restasse nenhum judeu vivo?

Era uma opção delicada. Quando a depressão o sufocava, o Asmoneu a acariciava. Mas não. Isso seria demais. Ele precisava encontrar uma solução mais inteligente. Ignorar o fato de ter ultrapassado o limite não resolveria o problema. Ele precisava pensar. Depois do Massacre dos 800, nada mais seria como antes. Ele precisava encontrar a saída do labirinto antes que sua família abrisse a porta do inferno e as chamas do ódio os consumissem.

Sim, nada mais seria como antes.

Não foi só o Asmoneu que compreendeu isso. Simeão, o Babilônico, também compreendeu. As palavras de Abias ressoaram em sua cabeça com toda a dimensão de sua realidade eterna. “O ódio gera ódio, a violência gera violência e ambos devorarão todos os seus servos”. Para onde, de fato, as artes mágicas haviam levado Simeão, o Babilônico? O sangue dos 800 pesava sobre sua consciência. O peso o esmagava. Abias sempre teve razão. Ele não se cansava de dizer: “Quem pega o jarro e vai buscar água na floresta em chamas? Para tal fim, tais meios”.

Mas, claro, que outro conselho se poderia esperar de um homem de Deus?

Que outra coisa?!

Que depusessem as armas e, sem abandonar o objetivo, colocassem a serviço da restauração da monarquia davídica os meios adequados a tal causa. Por exemplo?

Convencido pelos fatos, Simeão, o Babilônico, depôs as armas, tornou-se discípulo e companheiro de Abias, que por tanto tempo pregara no deserto àqueles corações de pedra.

Por sua vez, o desespero do Asmoneu foi crescendo à medida que os dias passavam. A profecia de Abias sobre o destino de sua casa começou a parecer-lhe tão evidente que, contra todas as expectativas, ele acabou cedendo. Não porque o peso que sua consciência era capaz de suportar — ainda forte o suficiente para aguentar mais alguns milhares de cadáveres — lhe comovesse as entranhas. A verdadeira causa da opressão mental que se fechava em torno de seu pescoço, deixando-o sem fôlego, estava no destino que ele havia traçado para seus filhos. Ele mesmo havia afiado o fio do machado. Por sua culpa, seus filhos haviam se tornado alvo da ira de Deus. O carrasco que lhes cortaria a cabeça ainda não havia nascido, mas quem lhe garantiria que não nasceria?

Em um gesto digno de seus terrores, Alexandre Janeu firmou com seus inimigos um tratado de reconciliação nacional. Abias e Simeão, o Babilônico, seriam os fiadores desse pacto que garantiria à sua descendência a vida entre as demais famílias de Jerusalém. O pacto de Estado era o seguinte.

Após sua morte, a coroa passaria para sua viúva. A rainha Alexandra restauraria o Sinédrio. Dessa forma, encerrar-se-ia entre fariseus e saduceus a batalha pelo controle do Templo, origem de todos os males recentes. Seu filho Hircano II receberia o sumo sacerdócio.

Após a morte da rainha Alexandra, se a coroa passaria para seu outro filho, Aristóbulo II, ou se o herdeiro legítimo da Casa de Davi seria coroado, dependeria dos resultados da busca pelo Filho de Salomão.

Uma vez falecida a rainha Alexandra, a Casa dos Asmoneus não poderia ser responsabilizada pelos acontecimentos finais a que a busca levasse. Essa parte do acordo seria mantida em segredo entre o rei, a rainha, Hircano II e os dois homens de sua confiança, Abias e Simeão, o Babilônico.

Sua viúva elevaria esses dois homens à chefia do Sinédrio liderado por Hircano II. Essa parte final do pacto permaneceria em segredo para evitar que o príncipe Aristóbulo se rebelasse contra o testamento de seus pais e reivindicasse a coroa.

Alexandre Janeu faleceu em seu leito. Sua viúva o sucedeu no trono. Alexandra Salomé reinou por nove anos. Fiel ao pacto firmado, a rainha Alexandra restaurou o Sinédrio, entregando-lhe o governo em condições de igualdade aos fariseus e saduceus. Seu filho Hircano II recebeu o sumo sacerdócio. O príncipe Aristóbulo II ficou afastado da sucessão e das questões de Estado. A parte secreta do pacto, a busca pelo herdeiro vivo de Salomão, não

dependeria mais da rainha Alexandra, mas dos dois homens a quem seu falecido havia confiado a missão. Uma missão que deveria ser concluída durante o reinado de Alexandra e permanecer, em , o segredo que a originou. Embora jovem, se tal plano de restauração da monarquia davídica chegasse aos ouvidos do príncipe Aristóbulo, ninguém poderia afirmar que, em sua loucura, ele não se levantaria em uma guerra civil contra seu irmão.

Foram nove anos de paz relativa. Os dois homens encarregados de encontrar o herdeiro legítimo de Salomão tiveram nove anos para percorrer as classes altas do reino e descobrir seu paradeiro. Digo "paz relativa" porque os parentes dos 800 aproveitaram o poder para banhar as ruas de Jerusalém com o sangue dos executores de seus entes queridos.

Impotentes para conter aquela sede de vingança que, impunemente, ceifava suas vítimas diariamente, a cada ano que passava os olhos dos condenados começaram a se fixar cada vez mais no príncipe Aristóbulo como salvador. Aristóbulo, adormecido na esperança de reinar após a morte de sua mãe, precisava ser tirado de sua agradável condição de príncipe herdeiro; era preciso agir imediatamente e dar o golpe de Estado que a própria situação de indefesa dos saduceus estava gestando.

Nessas circunstâncias, de quanto tempo Simeão e Abias dispunham para encontrar o legítimo herdeiro de Salomão? Por quanto tempo conseguiriam resistir à guerra civil que se delineava no horizonte?

Deus sabe que Simeão e Abias procuraram, que vasculharam todo o reino em sua busca. Eles moveram céu e terra em sua busca. E era como se a casa de Zorobabel tivesse desaparecido da cena política de Judá após sua morte. Sim, é claro que havia quem afirmasse ser descendente de Zorobabel, mas, na hora de apresentar os documentos genealógicos pertinentes, tudo não passava de palavras. Assim, com o tempo correndo contra eles, a rainha-mãe cada dia mais próxima da morte, o príncipe Aristóbulo II a cada ano ficando mais forte sob a proteção dos saduceus que defendiam o golpe de Estado que lhes daria o poder; e eles, Abias e Simeão, cada vez mais distantes do que estavam buscando. Suas orações não chegavam ao Céu; os rumores de guerra civil, ao contrário, pareciam chegar. No nono ano de seu reinado, a rainha Alexandra faleceu. Com ela morreu a esperança dos restauradores de encontrar o herdeiro legítimo de Salomão.

10

A Saga dos Precursores

Após a morte do asmoneu, após a regência da rainha Alexandra, enquanto Hircano II ocupava o cargo de sumo sacerdote, após a guerra civil contra seu irmão Aristóbulo II, Deus despertou o espírito de sabedoria em Zacarias, filho de Abias.

Chamado ao sacerdócio por ser filho de Abias, Zacarias dedicou sua carreira na administração do Templo à área de História e Genealogia das famílias de Israel. Confidente de seu pai, com quem Zacarias compartilhava o zelo pela vinda do Messias, enquanto seu pai e seu sócio, o babilônico, lideravam a busca pelo herdeiro da Coroa de Judá, Zacarias concebeu em sua inteligência a ideia de abrir os arquivos do Templo. Quando o fracasso na busca pelos herdeiros legítimos de Zorobabel se tornou um fato consumado, Zacarias jurou a si mesmo que não descansaria até revirar as prateleiras de ponta-cabeça e, por Yavé!, que não pararia até encontrar a pista que o levasse à casa do herdeiro vivo de Salomão.

O Templo de Jerusalém desempenhava todas as funções de um Estado. Seus funcionários atuavam como uma burocracia paralela à da própria Corte. Registro de

nascimentos, salários de seus funcionários, contabilidade de suas receitas, Escola de Doutores da Lei — todo esse engrenagem funcionava como um organismo autônomo.

Os cargos de poder eram hereditários. Também dependiam das influências de cada candidato. Como candidato, Zacarias teria a seu favor as três forças clássicas com as quais qualquer um poderia ter chegado ao topo.

Contava com a liderança espiritual de seu pai. Contava com a influência e o apoio total de um dos homens mais influentes dentro e fora do Sinédrio, Simeão, o Babilônico, o Semayas das fontes tradicionais judaicas. Nessas fontes, Abias é chamado de Abtalión, uma deformação do original hebraico; com essa distorção das fontes hebraicas, o historiador judeu pretendia ocultar aos olhos do futuro as conexões messiânicas entre as gerações anteriores ao Nascimento e o próprio cristianismo. E, acima de tudo e mais importante, Zacarias contava com o espírito de inteligência que seu Deus lhe havia concedido para levar a bom termo sua empreitada.

Sob o comando de Deus, a saga dos restauradores liderados por Abias e Simeão, o Babilônico, cujos nomes — como já disse — foram deturpados pelos historiadores judeus posteriores com o objetivo de enraizar a origem do cristianismo na mente de um louco, Deus repetiu novamente o desdobramento que ocorrera entre seus dois servos, despertando no filho de Simeão o espírito precursor que havia gerado no filho de seu companheiro.

Tendo negado a vitória aos pais, pois a glória do triunfo havia sido reservada para seus filhos — sendo o de Abías maior do que o de Simeão —, Deus, em sua Onisciência, quis que o filho de Simeão, Simeão como seu pai, tivesse como mestre o filho de Abías, selando a amizade que já existia entre eles com laços que perduram para sempre.

Além disso, assim como seu pai, Simeão, o Jovem, parecia ter nascido para desfrutar de uma vida confortável e feliz, longe das preocupações espirituais do filho de Abias.

Tal pai, tal filho: Simeão, o Jovem, uniu seu futuro ao de Zacarias, colocando a seu serviço a fortuna que herdara de seu pai.

Muito tolo deveria ser um homem — falando de Zacarias — para, apoiado em tais poderes, fracassar em sua tentativa de ascender à pirâmide da burocracia do Templo e chegar ao topo como Diretor dos Arquivos Históricos e Genealogista-Chefe do Estado Teocrático em que, após a conquista de Judá por Pompeu, o Grande, o antigo reino dos Asmoneus se transformou. Superando essa incapacidade graças à inteligência sem limites que seu Deus lhe concedeu para abrir caminho, Zacarias chegou ao topo e hasteou sua bandeira no ponto mais alto da estrutura do Templo.

Os tempos, de qualquer forma, eram difíceis. As guerras civis assolavam o mundo. O horror se tornou a norma. Graças a Deus, o fracasso de Simeão e Abias teve um final feliz que compensou tudo.

Após a morte da rainha Alexandra, aconteceu o que já se previa há muito tempo. Aristóbulo II reivindicou a coroa para si, enfrentou seu irmão Hircano II no campo de batalha e saiu vitorioso. Mas, embora sonhasse em legalizar seu golpe de Estado, não demorou a perceber seu erro.

O mundo já não estava disposto a voltar aos dias de seu pai. Os próprios saduceus já se recusavam a abrir mão das prerrogativas que o Sinédrio lhes havia conferido. Nem aos saduceus nem aos fariseus convinha um retorno ao status quo anterior à inauguração do Sinédrio. Obviamente, isso era ainda menos conveniente para os fariseus do que para os saduceus. Assim, decidiu-se colocar em cena o pai do futuro rei Herodes, palestino de

nascimento, judeu à força. Por ordem dos fariseus, Antípatro contratou o rei dos árabes para expulsar Aristóbulo II do trono.

A manobra de atribuir o peso da rebelião aos ombros de Hircano II foi uma estratagema do Sinédrio para se manter à margem caso as forças contratadas fossem derrotadas. A situação da guerra em curso foi resolvida a favor de Hircano II graças à presciência divina, que colocou entre os irmãos o general romano da época, em marcha triunfal pelas terras da Ásia. Trata-se de Pompeu, o Grande.

Depois de conquistar a Turquia e a Síria, o general romano recebeu uma delegação dos judeus implorando que ele interviesse em seu reino e pusesse fim à guerra civil para a qual as paixões os haviam arrastado. Estamos na década de 60 do século I a.C.

Pompeu aceitou atuar como árbitro entre os dois irmãos. Ordenou que se apresentassem imediatamente para lhe prestar contas das razões pelas quais estavam se matando. Quem era Caim, quem era Abel?

Pompeu não se envolveu em discussões dessa natureza. Com a autoridade de um senhor do universo, proferiu palavras de sabedoria e revelou seu julgamento salomônico sobre o caso. A partir daquele dia e até nova ordem, o reino dos judeus passou a ser uma província romana. Hircano II foi restabelecido em suas funções de chefe de Estado e Antípatro, pai de Herodes, como chefe de seu estado-maior. Quanto a Aristóbulo, ele deveria se retirar para a vida civil e esquecer a coroa.

E assim foi feito. Depois, Pompeu partiu com as águias romanas para completar sua conquista do universo mediterrâneo, deixando os sinos tocarem em Jerusalém pela solução adotada, a melhor entre todas as piores.

Naqueles dias, o dragão da loucura galopava à vontade por todos os confins do Mundo Antigo. Ele vinha fazendo isso desde o alvorecer dos tempos, mas, desta vez, quando as guerras civis romanas eclodiram — o Diabo, mais sábio pela idade do que pelo gênio —, suas línguas de fogo criaram homens mais perversos do que nunca. Ao contrário das outras línguas que criavam santos, as do Diabo geravam monstros que vendiam sua alma ao Inferno em nome do poder efêmero da glória das armas. Como uma superestrela assinando contratos de casamento de sangue com os noivos da Morte, o Príncipe das Trevas dava autógrafos com toda a naturalidade, esperando, em sua loucura manifesta, receber de seu Criador os aplausos devidos àquele que deu a Deus um ultimato.

O número de mortos nas guerras mundiais romanas nunca foi registrado. O futuro nunca saberá quantas almas pereceram sob as rodas insanas do Império Romano. Ao ler as crônicas daquele império das trevas na Terra, ousaríamos dizer que o próprio Diabo havia sido contratado como conselheiro dos Césares. Mais uma vez, a Besta percorria os confins do mundo, executando sua vontade soberana.

Em meio àqueles tempos sangrentos, quando até mesmo um cego podia ver a impossibilidade de contrariar o novo senhor do universo — pior ainda se o aspirante não passasse de uma mosca nas costas de um elefante —, contra toda a lógica e o bom senso, Aristóbulo II ignorou o julgamento salomônico de Pompeu, o Grande, e declarou-se em rebelião armada contra o Império.

A ambição ilimitada pelo poder absoluto não conhece raças nem épocas. A História já viu a verdade vir à tona mais vezes do que os anais das nações modernas conseguem recordar. Ao que parece, o abismo entre o homem e a besta é menos perigoso do que o salto do homem para a condição de filho de Deus. E, no entanto, aqueles que negam ao futuro do homem o que lhe pertence por direito de criação são os mesmos que depois defendem com fogo e balas a ideia

da evolução. Não sabemos se, com a dúvida sobre as intenções de Deus ao criar o homem, a ciência esconde uma rebelião aberta contra o estágio final programado em nossos genes desde as origens dos tempos históricos. No fundo, poderia tratar-se apenas de uma questão de orgulho intelectual elevado ao quadrado de sua potência. Ou seja, não se nega que Deus exista; o que existe é uma negação de viver uma crônica anunciada. Vou me explicar: por que temos que ser objetos passivos de uma história escrita antes mesmo de nascermos? Não é melhor sermos sujeitos ativos de uma tragédia escrita pelo Destino?

As profundezas da psicologia humana nunca deixam de surpreender. Nas trevas dos abismos da mente, criaturas luminescentes, belas como estrelas na noite, de repente se transformam em dragões monstruosos. Suas flechas de fogo devoram toda a paz, violam toda a justiça, negam toda a verdade. E, ambicionando o poder dos deuses rebeldes, dão razão àqueles que, sem acreditar na evolução, acreditam quando afirmam que, depois do homem, há algo mais.

Afinal, não se trata tanto de acreditar ou não acreditar, mas de escolher entre a essência da Besta e a dos filhos de Deus.

Nesse aspecto, Aristóbulo II tinha uma estrutura mental muito típica de sua época. Ou tinha tudo ou não tinha nada. Por que compartilhar o poder? Entre Caim e Abel, ele havia escolhido o papel de Caim. E não lhe tinha corrido nada mal. Por que agora o romano vinha roubar-lhe o fruto de sua vitória?

Enquanto, à ponta da espada, Pompeu, o Grande, impunha-lhe sua vontade e o mito sobre a invencibilidade do Matador de Piratas mantinha sua paixão sob controle, tudo corria sobre rodas para o Salvador do Mediterrâneo. Assim que Pompeu virou as costas para Aristóbulo, a veia asmoneia dele ressurgiu e ele se dedicou ao que melhor sabia fazer: guerrear.

A maneira como ele entendia de fazer a guerra, pelo menos, ele colocou em prática.

Por onde quer que cavalgasse, dedicava-se a deixar sua marca. Uma fazenda por aqui, outra por ali — a Judéia se lembraria do filho de seu pai por muito tempo. Fogo, ruína, desolação: que a história seja escrita e o que for escrito permaneça escrito; se não nos anais da História, pelo menos nas costas do povo!

A Antiga Serpente devia saber que o Dia de Yavé se aproximava, dia de vingança e ira. Com o Leviatã na mira, o Inferno redobrou o fogo que carregava em seu interior e, do ápice de sua maldita glória, passou a comandar o exército das trevas rumo à sua vitória impossível.

Irmão contra irmão, reino contra reino. Até mesmo o todo-poderoso Senado Romano tremeu de pavor no dia em que César cruzou seu próprio Mar Vermelho. Por culpa do Conquistador da Gália, que pouco antes havia sido aclamado senhor da Ásia, o próprio Pompeu foi visto cruzando o Mar Grande, fugindo como uma gata para acabar sendo assassinado como um piolho em uma praia por ordem de um faraó de saias.

Chegou até o Egito perseguindo seu antigo parceiro, aquele que transformou um rio em uma frase para a lenda, e ali mesmo o próprio faraó, assassino de Pompeu, o teria enterrado, não fosse a intervenção providencial a seu favor dos exércitos provinciais da Ásia, entre cujos esquadrões a cavalaria dos judeus se destacou em ousadia e coragem, garantindo-lhe a vitória e, o que é mais importante, salvando a vida do Conquistador da Gália. Salvação que rendeu aos judeus do Império a mais sincera gratidão de César e restaurou à nação sua fama perdida de guerreiros valentes.

A necessidade que leva os poderosos a precisarem uns dos outros foi o que lançou o chefe do estado-maior judeu nos braços do novo senhor do universo mediterrâneo, conquistando o

pai de Herodes para o povo judeu as honras da graça, como já disse, e para ele e sua casa a amizade daquele que é grato por ter nascido bem, a do único e incomparável Júlio César.

Essa última graça não foi tão bem recebida em Jerusalém quanto nos círculos familiares do interessado. Mas, dada a persistência do filho do Asmoneu em seguir os passos de seu pai , foi respeitada como um muro de contenção. Em tais momentos, os judeus pouco ou nada acreditavam que devessem temer a ascensão fulgurante ao poder do jovem palestino: Herodes.

Nem mesmo quando Herodes demonstrou coragem de sobra para desmantelar as forças dos bandidos da Galiléia e os condenou à morte, ignorando as leis do Senado dos Judeus?

Aproveitando-se de sua condição de tenente das forças do Norte, Herodes prendeu os bandidos, desmantelou suas bases e condenou à morte seus líderes. Nada de incomum se tivesse se tratado de um líder judeu. O problema era que, ao atribuir a si mesmo as funções do Sinédrio — julgar e condenar à morte —, a ambição pessoal de Herodes ficou à mostra e obrigou o Sinédrio a cortar suas asas enquanto ainda havia tempo.

A questão de julgar o jovem idumeu era complexa devido a quem era seu padrinho: o próprio César. O problema era que, se não cortassem suas asas, ninguém poderia deter sua carreira fulgurante rumo ao trono.

Simeão, o Babilônico, e Abias expuseram esse argumento diante dos demais membros do tribunal que se reuniu para julgar Herodes. Será que haviam se livrado da usurpação do trono de Davi por um judeu de nascimento para ver um palestino sentar-se nele?

Sem medo do filhote idumeu, Simeão, o Babilônico, expôs seu veredicto diante de todos: ou o condenariam à morte agora que o tinham à sua mercê, ou se arrependeriam de sua covardia no dia em que o filho de Antípatro se sentasse no trono de Jerusalém.

Herodes virou-se para olhar para aquele ancião que estava profetizando para ele, à luz do dia, o que ele havia visto tantas vezes em seus sonhos. Impressionado por encontrar entre aqueles covardes um homem corajoso, ele jurou ali, na presença de todos os seus juízes, que no dia em que colocasse a coroa na cabeça, passaria todos à faca. Todos, exceto o único homem que se atreveu a dizer na cara dele o que sentia.

Quando Herodes se tornou rei, essa foi a primeira medida que tomou. Com exceção de seu profeta particular, ele decapitou todos os membros do Sinédrio.

11

A Genealogia de Jesus segundo São Lucas

Em meio àqueles dias de horrores sangrentos, a Natureza desafiou o Inferno, inundando a terra de beleza. Foi, de fato, uma época de mulheres belas. A serviço de seu Senhor, a Natureza concebeu uma mulher de beleza extraordinária e lhe deu um nome. Chamou-a de Isabel.

Isabel era filha de uma das famílias sacerdotais da alta sociedade de Jerusalém. Seus pais pertenciam a uma das vinte e quatro famílias herdeiras dos 24 turnos do Templo. Como seus pais eram clientes da casa dos Simeões, a extraordinária beleza daquela moça abriu as portas do coração de Simeão, o Jovem, com quem ela passou a ser criada como se fosse uma irmã.

Os pais de Isabel não podiam deixar de ver com bons olhos a relação que os jovens mantinham. Pensando na possibilidade de um futuro casamento, seus pais concederam a Isabel uma liberdade que, via de regra, era negada às filhas de Aarão. Havia algo que pudesse

encher mais de orgulho o coração daqueles pais do que sua filha mais velha se tornar a esposa do herdeiro de uma das maiores fortunas de Jerusalém?

Já não se tratava apenas de uma questão de riqueza, mas também da proteção que Herodes havia concedido aos Simeões. A morte dos principais membros do Sinédrio após sua coroação deixou os Simeões em uma posição privilegiada. De fato, a fortuna dos Simeões foi a única que o rei não confiscou.

Se Isabel conquistasse o jovem Simeão com sua beleza, uau!, muito mais do que seus pais jamais poderiam ter sonhado.

Com essa possibilidade secreta em mente — que a cada ano parecia tornar-se mais real devido à inteligência com que a Sabedoria havia enriquecido o que a Natureza havia dotado de tantos dons —, os pais de Isabel permitiram que ela cruzasse aquela tênue fronteira, do outro lado da qual a mulher hebraica ficava livre para escolher marido.

O habitual nas castas judaicas era fechar o contrato de casamento das mulheres da linhagem de Aarão antes de atingirem aquela idade perigosa; uma vez alcançada, por lei, a mulher não podia ser obrigada a aceitar a autoridade paterna como se se tratasse da vontade de Deus. Convencidos da influência irresistível da beleza de Isabel sobre o jovem Simeão, seus pais correram o risco de deixá-la cruzar aquela fronteira.

Ela a cruzou encantada, e ele foi seu cúmplice.

Simeão entrou no jogo daquela alma gêmea que a vida lhe havia dado. Tendo sido educado para desfrutar de uma liberdade privilegiada, quando os pais de Isabel percebessem a verdade, já seria tarde demais. Isabel já teria cruzado aquela fronteira naquela altura, e nada nem ninguém no mundo poderia impedi-la de se casar com o homem que ela amava mais do que a própria vida, mais do que as muralhas de Jerusalém, mais do que as estrelas do céu infinito, mais do que os próprios anjos.

No dia em que seus pais compreenderam quem era o escolhido de Isabel, naquele dia seus pais levantaram um alvoroço.

O problema do homem que Isabel amava de uma forma tão superior aos interesses familiares era simples. Isabel havia entregado seu coração ao jovem mais teimoso de toda Jerusalém. Na verdade, ninguém apostaria nada na vida do filho de Abias. Zacarias tinha colocado na cabeça a ideia de entrar no Templo e expulsar todos os vendedores de genealogias e traficantes de certidões de nascimento no atacado. Chocados com o que acreditavam ser um ataque direto aos seus bolsos, muitos juraram acabar com a carreira dele a qualquer custo. Mas nem as ameaças nem as maldições conseguiram assustar Zacarias.

Nesse ponto, todos reconheciam que o filho era a cópia fiel do pai. Não foi seu pai o único homem em todo o reino capaz de se colocar diante do Asmoneu em seus melhores dias, barrar seu caminho e profetizar na cara dele uma enxurrada de desgraças? O que se poderia esperar de seu filho, que fosse um covarde?

De qualquer forma, por que Zacarias não direcionava sua cruzada para outro lugar? Por que ele tinha colocado na cabeça de concentrar sua cruzada contra o próspero negócio de compra e venda de documentos genealógicos e certidões de nascimento falsas? Que mal causavam àqueles que emitiam esses documentos?

Os interessados vinham da própria Itália, dispostos a pagar o que quer que lhe pedissem por um simples pedaço de papiro assinado e selado pelo Templo. De onde vinha essa teimosia do filho de Abias? Por que ele não se dedicava a aproveitar a vida como qualquer outro rapaz da vizinhança? Será que ele se divertia estragando a festa de todo mundo?

Bem, mas antes de continuarmos, vamos nos aprofundar na mente de Zacarias e nas circunstâncias contra as quais ele se rebelou.

Eu disse que Zacarias, filho de Abias, e Simeão, o Jovem, filho de Simeão, o Babilônico, assumiram a missão de buscar o Herdeiro vivo de Salomão.

Dadas todas as circunstâncias estabelecidas nos capítulos anteriores, compreende-se que o sigilo fosse a condição *sine qua non* que os levaria até o fim da jornada. Ninguém deveria saber qual era o objetivo em mente.

Se aos asmoneus a mera ideia da restauração davídica já causava arrepios, ao menor suspeita das intenções dos filhos de seus protegidos — os Semayas e Abtalión dos escritos oficiais judaicos, Simeão e Abias para nós —, o rei Herodes exterminaria naquele mesmo dia todos os filhos de Davi.

Depois, havia os clássicos piratas que ficariam encantados em denunciar seus filhos, nossos Simeão e Zacarias. Herodes recompensaria a denúncia por traição à coroa com milhares de honras. E, de quebra, eliminariam de cena o cruzado solitário com quem não se conseguia chegar a nenhum acordo.

Assim, ciente do mar de perigos em cujas ondas navegava, Zacarias não se abria com ninguém no mundo. Nem mesmo com a própria Isabel, a mulher com quem ele sabia que se casaria, apesar da vontade de seus futuros sogros.

Era natural que, de todos os homens de Jerusalém, não houvesse outro que contasse com mais proteção do que o filho de Abias.

Vamos agora abordar as causas daquela corrupção generalizada, nos braços da qual se lançaram os funcionários do Templo.

Em agradecimento por ter sido salvo pela cavalaria judaica — como já disse antes —, Júlio César concedeu à Judéia privilégios fiscais e isenção do serviço militar para seus cidadãos.

César ignorava a complexa extensão do mundo judaico. Astutos como ninguém, os judeus de todo o seu Império se aproveitaram de sua ignorância para se beneficiar dos privilégios concedidos aos cidadãos da Judéia. Mas, para se beneficiarem desses privilégios, eram obrigados a apresentar os documentos pertinentes.

Tudo o que precisavam fazer era ir a Jerusalém, pagar uma quantia em dinheiro e obter esses documentos.

Será que o filho de Abias tinha motivos para se opor a esse plano? Será que Zacarias não amava seus irmãos em Abraão? Por que ele se opunha? O que ele tinha a ver com tudo isso? Os cofres do Templo estavam se enchendo. Será que ele, como sacerdote e judeu de nascimento, não se interessava pela prosperidade de seu povo?

A crescente hostilidade contra Zacarias decorria de sua ascensão imparável, que em breve, se ninguém lhe impedisse o caminho, o levaria ao topo da direção dos Arquivos Históricos e Genealógicos, da qual dependia a emissão dos referidos documentos.

Ora, havia motivos para que o filho de Abias fizesse vista grossa e aproveitasse a ocasião para enriquecer e, de quebra, compartilhar com todos a prosperidade que o céu lhes havia concedido após tantos males passados; motivos, sim, havia.

Mas não, o filho de Abías dizia que não se alinhava com a corrupção. Tinha a cabeça dura como uma pedra. Para piorar a situação, a proteção com que contava não deixava aos seus inimigos outra saída a não ser tentar frear sua carreira por todos os meios.

Assim, por mais que adorasse o homem de sua vida, a própria Isabel se perguntava de onde vinha aquela cruzada do seu amado. Se ela tocava no assunto, ele se dedicava a enrolar, desviava o olhar, mudava de assunto e a deixava com a palavra na boca. Será que ele não a amava?

Simeão, o Jovem, ria daqueles dois amantes impossíveis.

Risada que Isabel aproveitou e, como era filha de Aarão e tinha a Natureza a seu favor, sabia que seu amigo de confiança iria lhe revelar que mistério os dois estavam tramando.

Simeão, o Jovem, enrolou no começo. A última coisa que ele queria era colocar a vida de Isabel em risco. No fim, teve que abrir o coração e revelar a verdade a ela.

Um judeu de qualquer parte do Império que desejasse se registrar como cidadão da Judéia: a qual família ele se ligaria e em qual cidade pediria para ser registrado como nativo?

A resposta era tão óbvia que Isabel compreendeu na hora.

“Em Belém da Judéia, e ao rei Davi”.

Já era difícil, por si só, para o Genealogista-Chefe do Reino avançar entre montanhas de documentos; além disso, havia essa avalanche de filhos de Davi que, de repente, estavam surgindo por toda parte como descendentes do lendário rei.

“Então vocês estão procurando o herdeiro de Salomão”, respondeu Isabel a Simeão. “Que bonito!” Simeão riu com vontade da sua piada.

Para Zacarias, não foi tão engraçado assim que seu sócio revelasse a verdade a Isabel. Feito o dano, era preciso seguir em frente e confiar na prudência feminina. Confiança que Isabel jamais decepcionou.

O mesmo Espírito que detém o avanço dos guerreiros e lhes nega o acesso às metas que Ele reservou para aqueles que virão depois deles, esse mesmo Deus é quem ordena os tempos e move no palco os atores para quem reservou a vitória que negou àqueles que lhes abriram caminho.

Contra todos os maus presságios que seus inimigos lhes desejaram, Zacarias alcançou o cargo mais alto na direção dos Arquivos do Templo. Ele também se casou com a companheira que o destino lhe reservou. Quando descobriram que não podiam ter filhos, ouviu-se dizer: “Castigo de Deus”, por ela ter se rebelado contra a vontade de seus pais, mas eles se consolaram amando-se com toda a força de que o coração humano é capaz.

À dor de serem estéreis somou-se o fracasso de sua busca.

12

O Nascimento de José

Zacarias passou anos vasculhando montanhas de documentos genealógicos, organizando pergaminho por pergaminho histórico, em busca da pista que o levaria ao último herdeiro vivo da coroa de Salomão. Ele não enlouqueceu porque sua inteligência era mais forte do que o desespero que se apoderou de sua mente e, é claro, porque o Espírito de seu Deus sorria para ele através dos lábios de seu companheiro Simeão, que nunca perdia a esperança e estava sempre ali para levantar seu ânimo.

“Fica tranquilo, cara, você vai ver que, no final, vamos encontrar o que estamos procurando onde menos esperarmos e quando menos imaginarmos, você vai ver. Não se preocupe , porque seu Deus quer abrir seus olhos à sua maneira. Não acredito que Ele vá deixar você de mãos vazias. É só que estamos olhando na direção errada. A culpa é nossa. Você acha que o Senhor Deus o elevou até onde você está para deixá-lo com sua desolação no topo? Descanse, aproveite sua vida, vamos deixar que Ele nos faça rir”.

Aquele Simeão era extraordinário. Em todos os sentidos. Quando se casou com a mulher dos seus sonhos, ele também desfrutou do sonho de ser o homem mais feliz do mundo. Com aquela felicidade sua que se espalhava por todos os clientes de sua Casa e o transformou no banqueiro dos pobres, certo dia, assuntos de negócios o levaram a Belém.

A clientela dos Simeões também se estendia pelas povoações ao redor de Jerusalém. Entre as famílias que faziam negócios com eles figurava o Clã dos carpinteiros de Belém. Naquela época, a liderança do Clã estava nas mãos de Matat, pai de Heli. Mestres marceneiros, o clã dos carpinteiros de Belém tinha sua fama de profissionais da madeira consolidada desde tempos imemoriais. Comentava-se até que o fundador do clã havia instalado um dos portões da cidade santa nos dias de Zorobabel. Simples rumores, é claro. O fato é que a chegada de Simeão, o Jovem, a Belém coincidiu com o nascimento do primogênito de Heli. Chamaram o recém-nascido de José. Além dos parabéns, uma vez encerrado o negócio que o trouxera a Belém, o avô da criança e nosso Simeão entraram em conversas sobre as origens da família. O tema em pauta fez com que, no decorrer da conversa, Matat se alongasse sobre a origem davídica de sua casa.

Em Belém, nunca passou pela cabeça de ninguém questionar a palavra do chefe do clã dos carpinteiros. Todos acreditavam — pois sempre se acreditara na cidade — que o clã pertencia à casa de Davi. Matat, o avô de José, também não andava por aí exibindo o documento genealógico de sua família como se fosse um chicote pronto para cair sobre os incrédulos. Isso não teria feito sentido. Simplesmente era assim, sempre fora assim e nada mais se impunha. Seus pais eram considerados filhos de Davi desde uma época que já ninguém se lembrava, e ele, Matat, tinha todo o direito de acreditar na palavra de seus antepassados. Afinal, cada um era livre para se considerar filho de quem melhor lhe conviesse. Mas, claro, com a investigação de Zacarias em um impasse, a busca pelo filho de Salomão nos arquivos históricos encalhada em um beco sem saída, era inevitável que uma simples família de carpinteiros saltasse para o terreno das realidades infalíveis; era inevitável que para o nosso Simeão, amigo íntimo do Genealogista-Chefe do Reino, aquela certeza absoluta do avô Matat lhe parecesse, se não engraçada, pelo menos bastante simpática. Mais do que tudo, foi o tom de certeza na voz do avô de José.

Quando, sem a intenção de ofender o chefe do clã dos carpinteiros de Belém, Simeão, o Jovem, colocou em dúvida a legitimidade da origem davídica de sua família, o avô Matat olhou para o jovem Simeão com as sobrancelhas ligeiramente franzidas. Sua primeira reação foi sentir-se ofendido, e, por sua barba, se a dúvida tivesse vindo de outra pessoa, ele teria, em nome de sua honra, expulsado essa pessoa de casa naquele mesmo instante. Mas, em honra à amizade que o unia aos Simeões, e porque o Jovem de forma alguma pretendia ofendê-lo, o avô Matat se conteve de dar rédea solta ao seu temperamento. Também porque, com os rumores que circulavam — quando bastava dar um chute em uma pedra para que surgissem filhos de Davi —, a dúvida do rapaz lhe pareceu compreensível.

Homem de temperamento muito bom, apesar dessa maneira de entrar em nossa narrativa, não querendo que, daí em diante, pairasse qualquer tipo de dúvida entre sua casa e a dos Simeões, o avô Matat pegou nosso Simeão pelo braço e o levou para um canto. Com toda a confiança do mundo depositada em sua sinceridade, o homem o conduziu aos seus aposentos

particulares. Dirigiu-se a um baú tão antigo quanto o inverno, abriu-o e retirou de dentro uma espécie de rolo de bronze envolto em peles rançosas.

Diante dos olhos de Simeão, o avô Matat colocou-o sobre a mesa. E o desenrolou lentamente, com o mistério de quem está prestes a desnudar sua alma.

Assim que Simeão avistou o conteúdo envolto naquelas peles rançosas, suas pupilas se abriram como janelas ao surgirem os primeiros raios da primavera. Um mudo "Meu Deus" escapou de seus lábios, mas ele disfarçou a surpresa e escondeu a emoção que lhe percorria as costas. É que poucas vezes em sua vida, mesmo sendo íntimo do Genealogista-Mor do Reino e apesar de estar acostumado a ver documentos antigos — alguns tão antigos quanto as muralhas de Jerusalém —, poucas vezes seus olhos haviam contemplado uma joia tão bela quanto importante.

Aquele rolo genealógico exalava antiguidade a cada pormenor. Os selos em seu metal eram duas estrelas brilhando em um firmamento de couro tão seco quanto a montanha onde Moisés recebeu as Tábuas. Os caracteres de sua escrita exalavam fragrâncias exóticas nascidas no campo de batalha onde Davi empunhou aquela que viria a ser a espada dos reis de Judá. O avô Matat desdobrou o rolo genealógico de seu clã em toda a sua extensão mágica e deixou que o Jovem lesse a lista dos antepassados de José, seu neto recém-nascido. Dizia:

"Heli, filho de Matat. Matat, filho de Levi. Levi, filho de Melqui. Melqui, filho de Jannai. Jannai, filho de José. José, filho de Matatías. Matatías, filho de Amós. Amós, filho de Nahum. Nahum, filho de Esli. Esli, filho de Naggai. Nagai, filho de Maat. Maat, filho de Matatías. Matatías, filho de Semeín. Semeín, filho de Josec. Josec, filho de Jodda. Jodda, filho de Joanam. Joanam, filho de Resa. Resa, filho de Zorobabel".

Enquanto Simeão, o Jovem, lia, não ousou levantar os olhos. Uma energia fulgurante percorria, fibra por fibra, sua medula. Por dentro, ele queria dar pulos de alegria; sua alma se sentia como a do Herói após a vitória, pulando nu pelas ruas de Jerusalém. Se Zacarias estivesse ali com ele, ao seu lado, por Deus que teriam dançado a dança dos valentes ao redor da fogueira da vitória.

Claro que sim, é claro que Simeão, o Jovem, já tinha visto um documento igual a esse, com nomes diferentes, mas da mesma antiguidade, guardando em seus segredos os caracteres hebraicos mais antigos, escritos pelos homens que viveram na Babilônia de Nabucodonosor. Ele o tinha visto em sua própria casa. Seu próprio pai o herdara do pai dele e o trouxera para Jerusalém para depositar uma cópia nos Arquivos do Templo. Sim, ele o havia visto em sua própria casa; era a joia da família dos Simeões. Quantas famílias em todo Israel poderiam apresentar um documento dessa natureza? Simeão sabia a resposta desde criança: somente as famílias que retornaram com Zorobabel da Babilônia podiam fazê-lo, e todas as que podiam fazê-lo estavam no Sinédrio.

Meu Deus! O que nosso Simeão não teria dado para ter, naquele momento, seu Zacarias ao seu lado. A Lua e as estrelas não valiam, aos seus olhos, tanto quanto aquele rolo de bronze babilônico envolto naquele pergaminho de couro de vaca do Éden. Aquele documento tinha mais valor do que mil volumes de teologia. O que ele não teria dado para ter tido a oportunidade de ouvir, da boca de Zacarias, a leitura do restante da Lista! Dizia:

"Zorobabel, filho de Salatiel. Salatiel, filho de Neri; Neri, filho de Melqui; Melqui, filho de Addi; Addi, filho de Cosam; Cosam, filho de Elmadam; Elmadam, filho de Er; Er, filho de Jesus; Jesus, filho de Eliezer; Eliezer, filho de Jori; Jori, filho de Matat; Matat, filho de Levi; Leví, filho de Simeão; Simeão, filho de Judá; Judá, filho de José; José, filho de Eliakim; Eliakim, filho de Meleá; Meleá, filho de Mená; Mená, filho de Matata; Matata, filho de Natã. Natã... filho de Davi".

13
A Grande Sinagoga do Oriente

Talvez eu esteja me precipitando um pouco na sucessão dos acontecimentos, levado pela emoção das lembranças. Espero que o leitor não me leve a mal por ter me lançado, quase descontroladamente, pela planície das memórias que lhe revelo. Depois de terem permanecido adormecidas por dois mil anos no silêncio dos altos cumes da História, nem mesmo o próprio autor consegue controlar a emoção que o domina, e seus dedos se dirigem às nuvens com a mesma facilidade com que as asas da águia-das-neves se estendem em direção ao sol inatingível que dá vida às suas penas.

A verdade que deixei de lado é a relativa calma internacional que o império de Júlio César trouxe à região, paz relativa que favoreceu nossos heróis, estimulando sua inteligência, especialmente a de nosso Zacarias. Sob outras circunstâncias geopolíticas, talvez, a possibilidade de incorporar essa paz ao esquema de seus interesses nem tivesse passado pela cabeça deles.

Em linhas gerais, grosso modo, todo mundo sabe que tipo de relação de amor e ódio entre romanos e partos manteve o Oriente Próximo em suspenso durante aquele século. De qualquer forma, os livros didáticos de História do Antigo Oriente Próximo e da República Romana estão ao alcance de qualquer pessoa. Não é um tema que predomine na reconstituição oficial, sobretudo devido à origem asiática dos partos — detalhe esse que, para os historiadores ocidentais, influenciados por sua cultura greco-latina, serve de desculpa suficiente para abordar de passagem o tema da história de seu Império. Esta História não é o melhor lugar para ampliar o horizonte nessa direção; fica aqui registrado o desejo de fazê-lo em outro momento. Enfim, esta História não pode ampliar infinitamente o cenário em que se desenvolveu. Os livros didáticos oficiais estão lá para ampliar o horizonte de quem quiser se aprofundar um pouco mais no tema.

O fato que vem ao caso e pertence a esta história tem como epicentro a influência que a paz de César exerceu sobre a região e as opções que colocou nas mãos de seus habitantes. Pensemos que, sempre que se pensa nos dias do conquistador da Gália, o destaque recai sobre a pompa de suas guerras, seus instintos ditatoriais, a teia de conspirações políticas contra seu *império*, ignorando sempre os benefícios que sua paz trouxe a todos os povos submetidos a Roma. Em relação ao nosso relato, a paz de César, mais do que grandiosa, foi de extrema importância.

Zacarias, que não parava de tramar a maneira de levar a bom termo sua busca pelo legítimo herdeiro da coroa de Salomão, um dia pensou nas palavras de seu sócio: “Fica tranquilo, cara, você vai ver que, no final, vamos encontrar o que estamos procurando onde menos esperamos e quando menos imaginarmos, você vai ver”, e disse a si mesmo que Simeão tinha toda a verdade do mundo. Eles ainda não tinham encontrado o que procuravam porque estavam dando voltas em torno do vazio. E provavelmente nunca encontrariam a pista sobre os filhos de Zorobabel se continuassem vasculhando onde não havia rastros de sua existência. Então, por que não apostar na Grande Sinagoga do Oriente? A única coisa que precisavam fazer era enviar um e-mail pedindo aos Magos da Nova Babilônia que procurassem a genealogia de Zorobabel em seus arquivos. Tão fácil assim, tão simples assim.

Simeão, o Babilônico, natural de Selêucia do Tigre, que conhecia perfeitamente a sinagoga em questão, acenou com a cabeça. Ele riu e deixou escapar o que lhe vinha do fundo da alma:

"Claro, filhos, como ficamos tão cegos todo esse tempo? Aí está a chave do enigma. Não percam tempo. Em algum lugar daquela montanha de arquivos deve estar a joia que está deixando vocês loucos. A ocasião é propícia. É agora ou nunca. Ninguém pode dizer quando a paz será quebrada. Mãos à obra".

Zacarias e seus homens escolheram um mensageiro de total confiança dentre os mensageiros da Grande Sinagoga do Oriente que, naquela época, uma vez abertas as rotas, costumavam trazer o dízimo para Jerusalém. A mensagem que ele deveria levar ao retornar a Selêucia, para ser lida exclusivamente pelos chefes da Sinagoga dos Magos do Oriente, terminava com estas palavras: "Concentrem a investigação nos filhos de Zorobabel que o acompanharam da Babilônia a Jerusalém".

A tensão entre os dois impérios da época, o Romano e o Parto — uma corda esticada que poderia se romper a qualquer momento, além de ter que lidar com as contínuas insurreições nacionalistas típicas do Oriente Próximo —, a resposta poderia demorar algum tempo. Mas eles tinham tempo.

Desde os dias de Zorobabel, os judeus do outro lado do Jordão haviam conseguido contornar os perigos e cumprir o dízimo. Durante o período de estabilidade que o império persa proporcionou à Ásia Ocidental, a caravana dos Magos do Oriente chegava ano após ano. Posteriormente, após a conquista da Ásia por Alexandre, o Grande, a situação não mudou. As coisas pioraram quando os partos montaram suas tendas a leste do Éden e sonharam com a invasão do Ocidente.

Antíoco III, o Grande, teve que se esforçar ao máximo para conter a avalanche dos novos bárbaros. Seu filho, Antíoco IV, morreu defendendo as fronteiras. Com as terras do Oriente Próximo transformadas em uma terra de ninguém, aberta à pilhagem e ao saque após a morte da Besta dos judeus, os judeus a leste do Jordão tiveram que aprender a se virar sozinhos; mas, acontecesse o que acontecesse, a caravana dos Magos do Oriente sempre chegava a Jerusalém com sua carga de ouro, incenso e mirra.

Superada essa adversidade, a mensagem de Zacarias chegou ao seu destino. No devido tempo, ele retornou a Jerusalém com a resposta esperada.

A resposta à pergunta de Zacarias era a seguinte:

"Dois foram os filhos que Zorobabel trouxe consigo da Babilônia. O mais velho chamava-se Abiud; o mais novo chamava-se Resa".

E havia mais, continuou dizendo o mensageiro dos Magos:

"Ao mais velho de seus filhos, Zorobabel entregou o rolo de seu pai, rei de Judá. O filho de Abiud era, portanto, o portador do rolo salomônico. Ao mais novo, ele entregou o rolo genealógico de sua mãe. Consequentemente, o filho de Resa era o portador do rolo da casa de Natã, filho de Davi. Exceto em suas listas, os dois rolos eram idênticos. Quanto ao paradeiro dos dois herdeiros, sobre isso eles não puderam dar detalhes".

"Quão estranho é o Onipotente!", pensava Simeão, o Jovem, ao voltar de Belém. "Quão estranha é a maneira de agir do Todo-Poderoso! O rio se esconde sob a terra, é engolido pela rocha, ninguém sabe que caminho ele abrirá pelos hipogeus, longe da vista de todos os vivos. Somente Ele, o Onisciente, conhece o local exato por onde ele romperá e virá à tona.

O Senhor ri do desespero de seu povo, deixa-os cavar o solo em busca do caminho por onde seguirá o rio que, mal nascido, se perdeu no coração da terra; e quando eles já jogam a toalha sob o peso da vitória impossível, e as mãos sangram com os ferimentos da frustração, então a alma do Onisciente se comove, Ele se levanta, sorri para os Seus e, com uma palmada nas costas, vai até eles e diz: "Vamos lá, rapazes, o que está acontecendo com vocês? Levantem esses olhos, o que vocês procuram está a dois palmos do nariz de vocês."

Simeão, o Jovem, sorriu ao pensar na cara que seu sócio Zacarias faria quando lhe desse a notícia. Já se imaginava contando toda a história de sua descoberta.

"Sente-se, Zacarias", diria ele.

Zacarias ficaria olhando fixamente para ele. Simeão, o Jovem, continuaria envolvendo-o no mistério de sua alegria, disposto a aproveitar aquele momento segundo a segundo.

"O que está acontecendo, irmão? Você já perdeu essa sua habilidade de ler minha mente?", insistiria Simeão, o Jovem.

Sim, senhor, Simeão Júnior iria aproveitar aquele momento até a última micra de segundo.

Naquele momento, não havia nada no mundo que ele desejasse mais do que vivenciar a céu aberto o olhar de seu sócio quando ele dissesse:

"Senhor Genealogista-Chefe do Reino, amanhã terei o prazer infinito de lhe apresentar Resa, filho de Natã, filho de Davi, pai de Zorobabel".

14
O Alfa e o Ômega

Contra o horizonte, o oceano ergue sua boca, devorando o céu. Os ventos rangem, os tubarões traçam seus caminhos nas profundezas escuras, fugindo dos arbustos de fogo que, na forma de chicotes de água, açoitam os braços fortes que preferiram morrer lutando a viver morrendo. Que força desconhecida, vinda dos remotos altares do universo, borrifa com seu néctar de coragem sorridente os olhos dos homens que tiram os sapatos e caminham com a alma nua por trilhas de espinhos, buscando aquecer seus ossos no fogo que nunca se consome? Que energia endurece os ossos da cotovia das distâncias entre os dois pólos do ímã terrestre, percorrendo as curtas estações de sua vida efêmera? Por que a terra sofredora, esmagada, exausta e queimada de seus lodos primordiais gera espíritos nascidos para dar as costas à praia dos coqueiros e adentrar-se solitários nas profundezas das florestas negras? Que mistério se esconde na alma humana que tantos buscam e tão poucos alcançam? Em que berço o firmamento dos céus amamentou o peito que mostra à flecha a fenda que lhe servirá de aljava entre suas costelas?

Não são os prazeres da vida ondas de chantilly e chocolate sobre cujos lábios pétalas delicadas depositam seus beijos? O rei da selva senta-se na planície para admirar a dança de sua rainha no vale das gazelas. O condor indomável passeia com sua nave de penas sobre cumes que cortam o céu como espadas de heróis as fileiras do inimigo. O golfinho dos oceanos se deixa levar pelas correntes quentes, sonhando em encontrar, pelos caminhos do mar, caravelas de colonos embriagados de sonhos. Por que ao homem coube, por sorte, o bater das ambições, o choque dos interesses, o estalar das paixões?

O que faremos com essa parte da natureza de nossa espécie? Cantaremos uma canção de ninar para ela antes do réquiem? Baniremos de nosso futuro o nascimento de novos heróis? Faremos com os filhos do futuro o que outros fizeram: dar-lhes um túmulo em nome da liberdade? Ou os trancaremos dentro de uma gaiola para que cantem tristemente como aqueles passarinhos tolos que morrem se lhes roubarem a liberdade?

Todo homem tem diante de si uma vida de perigos e outra de confortos, esquecendo-se do destino dos demais. Toda época teve seus advogados do diabo e seus promotores de Cristo. A única coisa que sabemos é que, quando se inicia a jornada, não há mais volta.

O mensageiro que, vindo da Nova Babilônia, lhe trouxe a resposta à Saga dos Precursores chamava-se Hilel. Hilel era um jovem doutor da Lei, formado na escola dos Magos do Oriente. Assim como Simeão, o Babilônico, fez em seu tempo, Hilel entrou em Jerusalém trazendo o dízimo em uma mão e, na outra, uma sabedoria secreta, própria apenas para aquele tipo de homem que a terra gera, mesmo que seus semelhantes os condenem.

A terra também chora, e seus filhos também aprendem. Sempre se disse que o homem sabe mais sobre o inferno — por ter vivido entre suas chamas — do que o próprio diabo e seus anjos rebeldes, pois, sendo o futuro deles o nosso destino, esses filhos amaldiçoados ainda não provaram o sabor amargo das chamas do terrível abismo que os aguarda ao fim do Século.

Os sábios helenos se consideravam superiores aos hebreus por sua capacidade de penetrar no mistério de todas as coisas. É preciso então nos perguntar: aquele que tropeça na pedra dos burros sabe mais do que aquele que nunca caiu? Ou seja, estamos todos condenados a aprender tropeçando como os burros, duas vezes. E, portanto, devemos condenar sistematicamente todo aquele que aprendeu a lição sem precisar morder a poeira onde a Serpente se contorce.

Naqueles dias de dragões e feras, de escorpiões e de escorpiões, dois caminhos se abriam diante dos homens. Se se escolhesse o primeiro caminho — deixar de olhar para as estrelas e dedicar-se às próprias tarefas —, a existência não exigia mais do que o lema “viva e deixe viver”; que o tirano esmague e o poderoso afunde, esse é o seu destino; o do fraco, ser esmagado e afundado.

Se escolhesse-se o segundo caminho, toda a sabedoria era pouca e toda a precaução insuficiente. Zacarias e seus homens haviam escolhido esse último caminho. Também Hilel, o jovem doutor da Lei que os Magos do Oriente lhes enviaram da Nova Babilônia com a resposta à sua pergunta.

Hilel não lhes trouxe apenas os nomes dos dois filhos de Zorobabel que o acompanharam da Antiga Babilônia até a Pátria Perdida. A sós com a Saga dos Precursores, ele lhes contou o que nunca haviam ouvido, revelou-lhes uma doutrina cuja existência nem mesmo em seus sonhos mais remotos teriam sido capazes de imaginar.

Que Zorobabel foi o herdeiro da coroa de Judá e, na qualidade de príncipe de seu povo, liderou a caravana do retorno do Cativeiro Babilônico, é um clássico da História Sagrada. Partindo desse fato amplamente conhecido, e partindo do pressuposto de Zacarias e de sua Saga de que ao filho mais velho de Zorobabel cabia a primogenitura dos reis de Judá, Zacarias abriu caminho pelas cadeias genealógicas de sua nação. Por fim, a impossibilidade de superar aquelas cadeias de arquivos intermináveis levou-o a olhar para o outro lado do Jordão. E daquela que um dia fora a terra do paraíso terrestre, chegou-lhe a resposta pelos lábios do doutor da Lei, protagonista do discurso a seguir.

“Aqui estou eu com os dois filhos que o Senhor me deu”, começou Hilel a mensagem que trazia do atual Chefe dos Magos do Oriente, um homem chamado Ananel.

“Muitas vezes todos os presentes já lemos essas palavras do profeta. No entanto, não foram dois os filhos que Davi teve. Ele teve muitos. Mas apenas dois, como atestam suas palavras, ele incluiu em sua herança messiânica. Falamos de Salomão e Natã. O primeiro foi sábio, o segundo foi profeta. Entre esses dois, Davi dividiu seu legado messiânico.

Ao fazer isso, Davi afastou de seu herdeiro à coroa a ideia de que ele fosse o Filho do Homem, o Menino que nasceria de Eva para esmagar a cabeça da Serpente. Em outras palavras, Salomão não deveria se deixar influenciar pelo clamor de sua Corte que clamava pelo reino universal; pois ele não era o rei Messias das visões de seu pai Davi.

Filho digno de seu pai, o rei sábio por excelência seguiu à risca o Plano Divino. O mesmo fez seu irmão, o profeta Natã. Este, desde o dia seguinte à coroação de seu irmão, retirou-se da corte e fundiu-se com o povo, deixando para trás um rastro que nunca se esquece nem jamais se alcança”.

(Muitas dúvidas podem surgir aqui a respeito de se Natam, filho do rei Davi, e o profeta Natã eram a mesma pessoa. Não gostaria de me perder em divagações típicas de um historiador do passado. Quando faltam as provas documentais necessárias para a reconstrução da história de um personagem, o historiador deve recorrer aos elementos de uma ciência infinitamente mais exata: estamos falando da ciência do espírito. Apenas coloco uma pergunta em discussão e encerro o assunto. O rei dos profetas... a quem mais ele teria aberto a porta de seu palácio, senão àquele nascido em sua própria casa, nascido de sua coxa, como diziam os gregos? Seu Deus não o maravilhou, fazendo-o rir daquela maneira? É claro que o assunto permanece pendente de confirmação por meio de documentação oficial. Mas insisto: quando faltam as provas naturais, o pesquisador deve erguer o olhar e buscar a resposta naquele que guarda em sua memória o registro de todas as coisas do universo. Mas se a fé falhar e o testemunho de Deus for considerado nulo perante o tribunal da história, então não nos resta outra alternativa a não ser deixar o assunto de lado ou vagar incessantemente em busca daquela sabedoria inatingível dos helenos. Considerando aqui que a sabedoria dos presentes está livre de preconceitos contra o Criador dos céus e da Terra, continuamos).

“A casa de Salomão e a casa de Natã se separaram. Na hora certa, quando, em sua onisciência, Deus assim determinasse, essas duas casas messiânicas se reencontrariam, se uniriam em uma única casa e o fruto desse casamento seria o Alfa. Quando tal acontecimento ocorreu, seus pais lhe deram um nome; chamaram-no Zorobabel. Esse nascimento ocorreu aproximadamente cinco séculos após a morte do rei Davi.

“Zorobabel, filho de Davi, herdeiro da coroa de Judá, casou-se e teve filhos e filhas. Entre seus filhos, ele escolheu dois para repetir a tarefa que seu lendário pai havia realizado e, entre eles, dividiu seu legado messiânico. Os nomes de seus dois herdeiros eram Abiud e Resa.

“Amantes de seu pai, tementes a seu Deus, os príncipes Abiud e Resa acompanharam seu pai da Babilônia de Ciro, o Grande, até a Pátria Perdida. Empunharam a espada contra aqueles que tentaram, por todos os meios, impedir a reconstrução de Jerusalém e, após a morte de seu pai, separaram-se.

“Cada um deles herdou de seu pai Zorobabel um rolo genealógico escrito de própria mão pelo próprio Davi. O rolo salomônico inicia sua lista a partir de Abraão. O rolo natâmico inicia sua lista a partir do próprio Adão.

Se, na Lista Real de Judá, ninguém ignora a sucessão de Davi a Zorobabel, o mesmo não ocorre com a Lista Natâmica. Sua sucessão é a seguinte: Natã, Matata, Mená, Meleá, Eliakim, Jonam, José, Judá, Simeão, Levi, Matat, Jorim, Eliezer, Jesus, Er, Elmadam, Cosam, Addi, Melqui, Neri, Salatiel.

Qualquer um que se declare filho de Resa deve apresentar essa Lista. Caso contrário, sua candidatura à sucessão messiânica deve ser rejeitada".

Mas vamos recapitular.

15
A Filha de Salomão

Cinco séculos após a morte de Davi, as duas casas messiânicas se encontraram na Babilônia de Nabucodonosor II. Na Corte dos Jardins Suspensos, nasceu Salatiel, príncipe de Judá. Salatiel uniu-se à herdeira da casa de Natã, e eles tiveram Zorobabel.

Todos os judeus já se congratulavam porque havia nascido o filho das Escrituras quando Deus despertou o espírito de profecia em Daniel. Com a autoridade do Chefe dos Magos de Nabucodonosor, Daniel acalmou aquele clamor messiânico, anunciando a todos os judeus a vontade divina. A saber, Deus havia entregue o império a Ciro, príncipe dos persas.

O que Daniel fez e disse está escrito. Não serei eu quem dirá aos sábios especialistas em História Sagrada o número dos prodígios com cujos halos Daniel envolveu o trono dos caldeus, tirando a coroa do herdeiro para entregá-la ao escolhido de seu Deus.

O preço que Ciro pagou pela coroa atesta, com evidências incontestáveis, a natureza da participação do profeta Daniel nos acontecimentos que levaram à transferência do império da Babilônia para Susã. Mas a preocupação que aqui nos reúne diz respeito ao destino do Alfa.

Inflado por Daniel, o jovem Zorobabel repetiu em sua própria carne o que seu pai Davi fez com a sua. Ele tomou os dois filhos que Deus lhe concedeu e dividiu entre eles seu legado messiânico. Ao mais velho, Abiud, entregou a lista genealógica do rei Salomão. Ao mais novo, Resa, entregou a do profeta Natã. E então os separou para que o Alfa seguisse seus caminhos e crescesse até se transformar no Ômega.

Já temos o portador do rolo profético — continuou Hilel em seu relato —, o legítimo herdeiro do profeta Natã, filho de Davi. Sua aparição é uma manifestação terrena de quão próximos estamos da hora em que o outro braço da Ômega se rompa e venha à luz. A palavra de esperança que meus lábios trazem do Oriente está em seus corações: Deus está com vocês. O Senhor que vos conduziu à casa de Resa vos abrirá o caminho até a casa de seu irmão Abiud. Em Sua Onisciência, Ele nos reuniu a todos para sermos testemunhas do Nascimento do Alfa e do Ômega, o filho de Eva, o herdeiro do Cetro de Judá, o Salvador em cujo nome todas as famílias da Terra serão abençoadas".

A descoberta da doutrina do Alfa e do Ômega maravilhou Zacarias e sua Saga. Possivelmente também está maravilhando todos vocês que estão lendo estas páginas. As duas genealogias de Jesus estão diante dos olhos de todos desde que os Evangelhos foram escritos. Muitas dores de cabeça essas duas listas causaram aos exegetas e outros especialistas na interpretação das escrituras sagradas. Não pretendo, em um dia tão belo, erguer minha vitória sobre a memória daqueles que tentaram transformar essas listas em uma espécie de talão contra o qual lançar a flecha que matou Aquiles. Se Deus é quem fecha a porta, quem a abrirá contra a Sua vontade? Somente Ele sabe por que faz o que faz, e ninguém compreende Suas razões, a não ser aquele a quem Ele gerou em Seu pensamento. Ou alguém acredita que, contra a Sua vontade, alguém possa arrancar-Lhe a vitória que a tantos foi negada? Não é verdade que Noé tinha em sua Arca águias poderosas, capazes de vencer os ventos e lançar seu olhar sobre

horizontes distantes? E falcões velozes como estrelas cadentes, nascidos para desafiar tempestades. E, no entanto, foi a mais frágil de todas as aves que desafiou a Morte.

Mas voltemos à nossa narrativa.

O fato de terem encontrado o filho de Resá, filho de Zorobabel, filho de Natã, filho de Davi, elevou o ânimo de Zacarias e de seus homens a alturas fantásticas.

Eles já tinham o portador do rolo natâmico, um menino recém-nascido que acabara de vir ao mundo em Belém. Seus pais o haviam chamado de José.

Dessa forma, com o filho de Natã ainda em fraldas, a busca pelo filho de Salomão transformava-se na busca pela Filha de Salomão. Uma mulher que poderia muito bem já ter nascido, ou não. Imaginando que a encontrassem e, na melhor das hipóteses, conseguissem que seus pais aproximassem a família dela da de seu irmão Resa e, consequentemente, unissem seus herdeiros, Zacarias e Simeão, o Jovem, estariam diante do Nascimento do Filho de Davi, filho de Abraão, filho de Adão. No fruto desse casamento entre o filho de Natã e a Filha de Salomão: o Alfa e o Ômega se encarnariam na Criança que lhes nascesse.

Eles não podiam deixar de se alegrar e colocar a mão na massa.

Mas ainda havia um problema. Se, tal como havia sido demonstrado com a casa do Filho de Natã, os pais da Filha de Salomão pertenciam às classes humildes do reino, como iriam encontrá-la? A resposta, mais uma vez, teria de ser buscada nos Arquivos da Nova Babilônia. Em algum lugar, sob a montanha de documentos da Grande Sinagoga do Oriente, deveria estar a pista que os levaria até a Filha de Salomão. Das duas agulhas no palheiro, já haviam encontrado uma; agora precisavam encontrar a outra.

Zacarias e seus homens não demoraram a enviar à Nova Babilônia uma mensagem com a seguinte pergunta: Onde Abiud, o filho mais velho de Zorobabel, se estabeleceu na Terra Santa?

Certamente, naquela montanha de pergaminhos da Grande Sinagoga do Oriente, deveria haver algum documento assinado de próprio punho por Abiud.

Era de se crer que, seguindo a doutrina messiânica, os dois irmãos se separaram e colocaram o futuro de seu reencontro nas mãos de Deus. Era certo.

A comunicação era constante naqueles dias entre aqueles que abandonaram a Nova Babilônia e os que permaneceram em Selêucia do Tigre; procurando, procurando e procurando, eles encontrariam uma carta selada por Abiud; tinha que haver algum documento pessoal escrito de sua própria mão que lhes revelasse para qual parte de Israel o filho mais velho de Zorobabel se dirigiu e onde se estabeleceu.

A fé move montanhas, às vezes de pedra e outras de papel. Nesse caso, foi de papel.

No ano seguinte, a resposta foi trazida a Jerusalém pelo próprio chefe dos Magos do Oriente. Ananel veio com o Dízimo. Apresentou suas credenciais perante o rei e o Sinédrio. Terminados os protocolos, realizou uma reunião secreta com Zacarias e sua Saga. Foi breve.

“De fato, Abiud e Resa se separaram. Resa se estabeleceu em Belém e seus descendentes não se afastaram daquele local. Seu irmão Abiud, ao contrário, seguiu para o norte, atravessou a Samaria e chegou ao coração da Galiléia dos Gentios. Seguindo a política de colonização pacífica por meio da compra de terras aos seus proprietários, Abiud comprou todas as terras que seus olhos alcançavam a partir de uma colina chamada Nazaré”.

Ananel repetiu esse nome, “Nazaré”, com o tom de quem sabe que seus ouvintes estão absorvendo cada palavra. Nazaré!, repetiram Zacarias e Simeão.

“Galiléia dos Gentios, uma luz surgiu em meio às tuas trevas”, sussurraram os dois homens em uníssono.

Sabendo como as coisas estavam se desenrolando, Ananel podia garantir a eles, sem qualquer tipo de dúvida, que a Casa de Abiud continuava de pé. A questão que precisavam resolver agora era como se aproximar da Filha de Salomão sem despertar suspeitas na corte do tirano.

16

O nascimento da filha de Salomão

Sobre a linha do horizonte, Jacó de Nazaré escrevia palavras de poeta: Ai, mulher, o que farei se ninguém me ensinou as leis e os princípios da ciência do engano? Por que não me amas inocente? Se minha costela dói e da ferida brotas tu como um sonho, o que queres que eu faça?

Jacó tinha a alma de um poeta perdido em uma galáxia de versos de Sarão, aquele Lírio dos vales que canta a uma sabedoria esquiva e ferida pelos amores de seu rei. Matã, seu pai, casou-se com Maria; eles tiveram filhos e filhas. Jacó era o filho mais velho.

Naqueles dias de insurreições contra o Império do Oeste e de invasões do Império do Leste, com a Galiléia submetida à pilhagem e à devastação, campo de batalha de todas as ambições dos outros povos, Jacó de Nazaré tornou-se o braço direito de seu pai.

O rapaz, Jacó, apesar de já não ser tão jovem — eu diria antes que era um homem feito —, ainda não se casara. Não porque tivesse passado o tempo sacrificando sua juventude pela prosperidade de seus irmãos e irmãs. No vilarejo, dizia-se isso. Eu não diria tanto. Ele também não diria. Como o conheciam pouco! Ele não se casou porque sonhava com aquele amor extraordinário e paradisíaco dos poetas. Será que realizaria seu sonho naquele mundo de metal e pedra?

Talvez sim, talvez não.

A verdade é que Jacó de Nazaré tinha a essência daquele Adão que conquistou Eva ao preço de deixar que lhe arrancassem uma costela. Para Jacó, o primeiro poeta do mundo foi Adão. Jacó imaginava o Primeiro Patriarca nu entre as feras do Éden. Tanto correndo atrás da pantera quanto interpondo-se entre o tigre e o leão durante uma disputa pela coroa de sua amizade. Para Jacó, quando Adão ia se banhar no rio, os grandes lagartos do Éden saíam das águas. E quando via as aves do Paraíso pousarem na Árvore Proibida, com um arremesso de pedra ele as espantava para que vivessem e não morressem. Depois, ao cair da noite, Adão deitava-se de barriga para cima sonhando com Eva. Ele a via correndo ao seu lado com sua cabeleira, longa como um manto de estrelas, nus sob o sol da primavera eterna do Éden. E, ao acordar, a costela da solidão doía em Jacó.

Assim como aquele Adão do Éden, Jacó de Nazaré sentava-se encostado no tronco de uma das árvores da esplanada do Cigüeñal para sonhar com ela, sua Eva. Numa daquelas tardes de devaneios poéticos, surgiu pela estrada do Sul um doutor da Lei que dizia chamar-se Cleofás.

Enquanto isso, do outro lado do reino de Herodes, na Judéia, a chegada do chefe da Grande Sinagoga do Oriente, um mago chamado Ananel, revolucionou o cenário ao ser eleito esse Ananel para o sumo sacerdócio.

Para muitos, a eleição de Ananel marcou o fim da destituição do Sinédrio que Herodes levou a cabo no dia seguinte à sua coroação. Ele jurou e cumpriu. Jurou a todos os seus juízes o que lhe viesse à cabeça fazer com eles no dia em que se tornasse rei e, quando, contra todas as expectativas, se tornou rei, Herodes não se esqueceu de sua palavra. Com exceção dos homens que lhe anunciaram seu futuro, ele decapitou todos os demais. Não deixou escapar nem um único dos covardes que desperdiçaram a oportunidade de esmagá-lo quando o tinham sob seus pés. Depois, ele confiscou todos os seus bens.

A entrada em cena do Chefe dos Magos do Oriente — pensando em sua reconciliação com o povo — simplificou a tarefa de Herodes. Ainda mais quando, como presidente do Sinédrio, Ananel lhe apresentou um plano de reconstrução das sinagogas do reino, que não custaria um euro ao rei e traria à sua coroa o perdão da História.

Vocês já sabem que, em consequência da perseguição de Antíoco IV Epifânio, a grande maioria das sinagogas de Israel foi destruída. A Guerra dos Macabeus e as posteriores façanhas bélicas asmoneas impediram a reconstrução das sinagogas que, desde então, estavam em ruínas.

Agora que a Pax Romana havia sido firmada, era a oportunidade certa.

É claro que, se o financiamento daquele projeto de reconstrução dependesse de Herodes, a disseminação de sinagogas por todo o reino nunca teria se concretizado. Outra coisa era que o financiamento fosse coberto por capital privado. E foi assim que aconteceu: o projeto foi levado a cabo por seus promotores.

Quanto aos clãs saduceus, o costume das classes sacerdotais de administrar os tesouros do templo em benefício próprio também teria impedido a execução do projeto de reconstrução de todas as sinagogas do reino. Com a eleição de Ananel como presidente do Sinédrio e com o apoio ao seu projeto por parte dos homens de Zacarias — de quem, naquela época, dependiam as decisões finais do Senado judeu —, o projeto pôde e conseguiu seguir adiante. Nem Herodes nem ninguém de fora do círculo de Zacarias foi capaz de imaginar qual objetivo secreto se escondia por trás daquele plano tão generoso de reconstrução das sinagogas. Se Herodes tivesse suspeitado de algo, a história teria sido bem diferente. O fato é que Herodes mordeu a isca.

A história judaica conta que, logo após a assinatura do projeto, Ananel foi destituído do sumo sacerdócio por instigação da rainha Mariana, em favor de seu irmão mais novo. Bem, não diz isso com essas palavras, pois o historiador judeu enterrou aquele projeto no pântano do esquecimento. O que se diz, porém, é que a rainha fez um favor bem mísero ao irmão mais novo, pois, assim que ele foi elevado ao sumo sacerdócio, acabou sendo assassinado pelo mesmo que o havia promovido. Mas enfim, esses pormenores tão típicos do reinado daquele monstro não vêm ao caso nesta história. O fato é que Zacarias e seus homens receberam total liberdade de ação para concretizar aquele generoso projeto de reconstrução das sinagogas do reino.

Com carta branca para liderar a reconstrução das sinagogas, o problema que Zacarias precisava superar era escolher a pessoa certa. É claro que não podiam enviar um charlatão para Nazaré. Se o enviado descobrisse o objetivo por trás de um projeto tão amplo e caro e deixasse escapar alguma informação, o futuro da Filha de Salomão estaria condenado. O escolhido precisava ser um homem inteligente e ambicioso, para quem a escolha representasse uma espécie de exílio. Cegado pelo que consideraria um castigo, toda a sua energia se voltaria para concluir sua missão e retornar a Jerusalém o mais rápido possível. E é aqui que entra em cena aquele doutor da Lei chamado Cleofás.

17
Cleofás de Jerusalém

Esse Cleofás foi o marido que os pais de Isabel escolheram para sua filha mais nova. Tendo aprendido a lição com a decepção que sofreram quando a filha mais velha se casou com Zacarias, os pais de Isabel procuraram um marido para a irmã mais nova, para que ela não seguisse os passos da irmã mais velha. A última coisa que queriam para a filha mais nova era outro sujeito do tipo de Zacarias; por isso, casaram-na com um jovem doutor da Lei muito promissor, inteligente, de boa família, um rapaz clássico: a mulher em casa, o homem cuidando dos assuntos dos homens; o genro perfeito. Para Isabel, a escolha de Cleofás como marido para a irmã mais nova foi muito desagradável, mas, nesse assunto, ela já não tinha voz ativa.

Para Cleofás, seu casamento com a irmã de Isabel — assim ele acreditava — abriria as portas para o círculo de influência mais poderoso de Jerusalém. Cleofás não demorou a descobrir qual era a opinião de seu cunhado Zacarias sobre essa questão de abrir as portas para seu círculo de poder. Por amor à irmã, Isabel realmente facilitou as coisas para ele, mas no que dependia do próprio Zacarias, a história era bem diferente. O que era lógico, levando em conta o que estava em jogo.

Pois bem, Cleofás teve com sua esposa uma menina, a quem chamou de Ana. De estatura pequena, mas de rosto muito bonito, Isabel dedicou à sobrinha todo o carinho que não pôde derramar sobre a filha que nunca teria. Carinho esse que foi crescendo com a menina e, com o tempo, tornou-se uma influência cada vez mais poderosa sobre a personalidade de Ana.

Cleofás, o interessado em questão, não via com bons olhos uma influência tão poderosa sobre sua filha por parte de sua cunhada. Seu problema era que ele devia tanto a Isabel que, por necessidade, tinha de engolir suas reclamações em relação à educação que a tia estava dando à "sua sobrinha" querida. Não porque os mimos a estivessem privando da educação devida a uma filha de Aarão; nesse aspecto, a educação religiosa de Ana não tinha nada a invejar à da própria filha do sumo sacerdote. Pelo contrário, se é de inveja que se trata, era a sua filha quem mais despertava inveja. Filha de um doutor da Lei, sobrinha da mulher mais poderosa de Jerusalém — com exceção da própria rainha e das mulheres de Herodes —, Ana cresceu entre salmos e profecias, recebendo a educação religiosa mais condizente com uma descendente viva do irmão do grande Moisés.

O romantismo que sua cunhada estava incutindo na filha era o que deixava Cleofás, seu pai, fora de si. Quando Ana se tornou uma jovem, não se podia falar com ela sobre casamento por interesse. Nenhum partido que seu pai procurasse para ela lhe agradava. Nenhum pretendente lhe parecia bom. Ana, assim como sua tia, só se casaria por amor com o homem que o Senhor escolhesse para ela. E a menina confessava isso ao pai com uma inocência tão descarada que fazia o sangue do homem ferver.

Ana já estava na idade de se casar quando Zacarias chamou Cleofás em particular e ordenou que ele se preparasse para partir para a Galiléia. Ele era o escolhido para reconstruir a sinagoga de Nazaré.

Ignorante da Doutrina do Alfa e do Ômega, Cleofás interpretou a escolha como uma manobra de sua cunhada Isabel. Para ele, a escolha era obra de sua cunhada, que assim tirava do caminho o pai de "sua menina" e o impedia de fechar acordos de casamento.

Os protestos não adiantaram nada para Cleofás. A decisão de Zacarias era firme. A missão que o Templo lhe havia confiado tinha prioridade. Ele deveria deixar Jerusalém imediatamente e apresentar-se em Nazaré o mais rápido possível.

Antes de enviá-lo a Nazaré, Zacarias fez suas investigações preliminares. Soube que Nazaré tinha como prefeito um tal de Matã. Esse Matã era o proprietário da Casa Grande, que chamavam de “A Cegonha”. Seu informante lhe comunicou o que ele esperava ouvir. Esse tal Matã, segundo se dizia na cidade, era de origem davídica. No entanto, ninguém havia jurado isso, nem de boca nem de fato.

Com uma suspeita na cabeça, Cleofás partiu para Nazaré. O homem nunca tinha estado em Nazaré. Já tinha ouvido falar de Nazaré, mas não se lembrava do que. Deduindo, a partir do que tinha ouvido, o que o esperava, em sua imaginação Cleofás já se via exilado de Jerusalém para uma aldeia de caipiras ignorantes e, provavelmente, maltrapilhos.

Ao longo do caminho, Cleofás poderia apostar o que fosse de que o endereço ao qual deveria apresentar suas credenciais seria o de um morador de cabana, pouco ou nada diferente de uma das cavernas do Mar Morto. Quanto mais Cleofás refletia sobre o assunto, mais seus cabelos se eriçavam. Ele ainda não entendia por que justamente ele. Por que seu cunhado Zacarias não havia dado a missão a qualquer outro doutor da Lei? O que seu cunhado estava tramando? Nunca lhe havia confiado nenhuma missão e, na única vez em que o incluíra em seus planos, o mandava para o fim do mundo. Que erro ele havia cometido para merecer esse exílio?, reclamava o homem consigo mesmo.

Será que, de verdade, sua cunhada Isabel não estava por trás desse movimento? Ele respondia a si mesmo que sim. O que Isabel pretendia era afastar o pai de cena e ganhar tempo para sua sobrinha Ana. Ora, ele poderia até apostar a vida nisso. Quando menos se esperasse, Ana teria cruzado a linha que, em seu tempo, a própria Isabel havia cruzado, e ninguém mais poderia obrigá-la a se casar com o pretendente que ele escolhesse para ela.

Cleofás percorreu todo o caminho remoendo o assunto na cabeça. A verdade era que seu cunhado Zacarias não era o tipo de homem de quem se esperasse um comportamento de fantoche. Como Zacarias também não falava mais do que o necessário — o mínimo e direto ao ponto —, descobrir a que se devia sua decisão de mandá-lo a Nazaré para reconstruir uma sinagoga que qualquer médico medíocre teria conseguido erguer sem a ajuda de ninguém, entender por que isso lhe parecia não apenas difícil, mas impossível, era uma tarefa quase impossível. Melhor acreditar que tudo se devia à vontade de Isabel.

Preso em suas visões dramáticas sobre o destino que o aguardava, Cleofás contornou a última curva da estrada. Do outro lado estava Nazaré. Que surpresa foi a dele ao levantar os olhos e se deparar com aquela espécie de fortaleza-fazenda bem no meio da colina!

Ufff, ele respirou fundo, aliviado. A visão do Cigüeñal lhe animou o coração. Pelo menos não passaria os próximos tempos entre cavernícolas.

Aliviado, Cleofás dirigiu seus passos para o Cigüeñal, a Casa Grande da vila. O avô Matán, dono daquela mansão de arquitetura tão incomum para a época, saiu para recebê-lo.

O avô Matán era um homem forte para a idade, um homem do campo, marcado pelo trabalho, mas ainda capaz de atrelar os burros e dar uma mãozinha ao filho mais velho. Sua esposa, Maria, havia falecido; ele morava com o primogênito, um tal de Jacó, que naquele momento estava no campo.

Cleofás apresentou suas credenciais ao dono do Cigüeñal. Explicou ao avô Matán, em poucas palavras, a natureza da missão que o trazia a Nazaré.

O avô Matán sorriu para ele com toda a franqueza, abençoou o Senhor por ter atendido às orações de seus conterrâneos, mostrou ao enviado do Templo o quarto que ele ocuparia enquanto precisasse e, em seguida, convocou todos os vizinhos à sua casa para recebê-lo como Cleofás merecia.

Já mais calmo, Cleofás ficou feliz por poder servir aos nazarenos. A disposição rápida e alegre que os aldeões demonstraram acabou por afastar de sua alma aqueles maus presságios que o acompanharam durante toda a subida por Samaria.

Na tarde daquele dia, foi a primeira vez em sua vida que ele se encontrou cara a cara com Jacó, o filho de seu anfitrião.

18

Jacó de Nazaré

A primeira vez que Cleofás viu Jacob, ficou surpreso.

Jacó era um jovem. A característica mais marcante do filho de Matã era seu sorriso sempre à flor da pele. Às vezes, a natureza alegre de Jacó confundia quem não o conhecia. De alguém que herdara sozinho as propriedades do pai, todos esperavam um homem sério, autoritário e até mesmo brusco. Cleofás também, sem saber por quê nem como, ao pensar no filho de Matã, formara essa mesma ideia sobre como Jacó seria. Quando o viu pela primeira vez, teve uma surpresa bastante agradável. A ideia preconcebida que ele vinha formando durante todo aquele dia sobre o herdeiro do Cigüeñal desmoronou-se em pedaços assim que Jacó o olhou nos olhos.

O que já não lhe pareceu tão engraçado — para o Doutor da Lei que Cleofás era — foi o fato de o filho de Matã ainda ser solteiro. Qualquer outro homem da idade dele já seria pai.

Diante do comentário, Jacob sorriu com entusiasmo. Mas, enfim, Cleofás não tinha vindo a Nazaré para fazer de casamenteira. Se o rapaz era diferente, isso era problema do pai dele.

Em grande parte, Jacob o fazia lembrar de sua filha Ana. Assim como ela, ou se casava por amor ou não se casava de jeito nenhum.

De resto, insisto, a impressão que Cleofás teve de Jacob foi excelente. Quanto à questão da ascendência davídica dos donos do Cigüeñal — fosse ele filho de Davi de nome ou de fato — , o que isso tinha a ver com ele, afinal? Ele havia sido enviado a Nazaré para investigar a falsidade ou a veracidade da ascendência davídica de Matán e de seu filho? Claro que não.

Enfim, a reconstrução da sinagoga de Nazaré deu início. Não se tratava apenas de reconstruir paredes. Uma vez que o prédio estivesse concluído e decorado por dentro e por fora, era preciso colocar o culto em funcionamento. Essa era a sua missão: deixar a sinagoga em funcionamento para a chegada do doutor da Lei, a quem ele entregaria as chaves da sinagoga ao término de seu mandato.

Essa obrigação não o privava das férias a que tinha direito.

Cleofás não sabia, mas em Jerusalém havia quem estivesse ansioso por vê-lo voltar. Se soubesse disso, talvez as coisas tivessem sido bem diferentes e a história que se segue nunca tivesse acontecido. Felizmente, a Sabedoria brinca com o orgulho humano e o vence, valendo-se da ignorância dos sábios para, aos olhos de todos, glorificar a onisciência divina.

E chegou a Páscoa. Como todos os anos em que a paz o permitia, o avô Matán e seu filho Jacob desceram a Jerusalém para fazer as oferendas pela purificação de seus pecados, entregar o dízimo ao Templo e celebrar a maior das festas nacionais.

A Páscoa judaica comemorava aquela noite em que, enquanto o anjo matava todos os primogênitos dos egípcios, os hebreus, em suas casas, comiam cordeiro — ceia que repetiriam em memória perpétua da salvação de Deus durante todos os anos de sua vida.

O avô Matán lembrava-se de ter ido a Jerusalém nessa data desde que tinha uso da razão. Ou seja, mesmo que Cleofás não estivesse em Nazaré, ele e seu filho teriam descido a Jerusalém. Mas, como tanto Cleofás quanto Matán iriam fazê-lo, era justo que fossem juntos.

Ao chegar a Jerusalém, Cleofás recusou-se categoricamente a aceitar a ideia de Matán. O homem tinha se empolgado com a ideia de passar a festa em uma barraca, nos arredores de Jerusalém, como todo mundo. Era o costume. Nessa época, Jerusalém parecia uma cidade sitiada, cercada por barracas por todos os lados.

Cleofás se fechou em banda. Sob nenhuma circunstância estava disposto a permitir que seu anfitrião passasse a festa ao ar livre, tendo ele, na cidade santa, uma casa onde caberia todo o povo de Nazaré.

A desculpa que Matã e seu filho lhe deram — "se o tratavam assim em Nazaré, não era por interesse; o que faziam, faziam de coração, sem esperar nada em troca" —, uma desculpa tão inocente, não adiantou nada. Para Cleofás, a única resposta aceitável era o "sim".

"Você vai amaldiçoar minha casa aos olhos do Senhor por causa do seu orgulho, Matã?", disse Cleofás, irritado com a recusa em aceitar seu convite. Matã sorriu e acabou cedendo.

Cleofás ignorava, como já disse antes, o nervosismo com que esperavam por Matã e seu filho em Jerusalém. E Cleofás ignorava, com ainda mais razão porque era obra de Deus, que, ao convidar Jacó para sua casa, estava trazendo para sua filha Ana o homem dos sonhos dela como presente de Páscoa.

Assim que Matã e seu filho se instalaram na casa de Cleofás, concluídas as apresentações, Zacarias e o avô Matã entraram em conversas particulares. Conhecendo nosso Zacarias, não é difícil adivinhar o que ele buscava nem que tipo de rodeios ele deu para levar o pai de Jacó ao assunto que mantinha a alma de sua Saga em suspenso. Neste capítulo, nem mesmo vamos tentar reproduzir uma conversa entre algo mais do que um mago e um homem do campo sem domínio nas artes do Logos. Onde vou concentrar minha atenção é no pressentimento daquela Isabel quando ela posou os olhos pela primeira vez no filho de Matán.

Isabel aproveitou a conversa entre os homens para pegar o jovem pelo braço e envolvê-lo em sua graça. Desde o primeiro momento em que Isabel viu o filho de Matán, um raio de luz sobrenatural penetrou em sua alma, algo que ela não conseguia explicar com palavras, mas que a impulsionava a agir como se a própria Sabedoria tivesse sussurrado seus planos em seu ouvido; e ela, encantada por ser sua confidente, fazia como que renunciasse ao próprio corpo e entregasse o controle a sua divina cúmplice.

Sorriso após sorriso, o do jovem diante do da bela mulher madura, Isabel pegou Jacob pelo braço, afastou-o do olhar dos homens e apresentou-lhe a joia de sua casa, sua sobrinha Ana.

19

Ana, a sobrinha de Isabel, filha de Zacarias

Deus é testemunha das minhas palavras e guia o movimento das minhas mãos sobre as linhas que Ele traça, sejam elas tortas ou retas, segundo o Seu julgamento. O fato é que o amor

à primeira vista existe. E, conhecendo Suas criaturas melhor do que elas jamais se conhecerão, Ele, em Sua Sabedoria, acendeu o fogo do amor eterno naqueles dois sonhadores que, dos cantos opostos do horizonte, sem se conhecerem, trocavam versos nas asas do firmamento.

A primeira a ver o brilho daquela chama divina foi Isabel. E foi ela a primeira mulher do mundo a ver a Filha de Salomão nascer daquele amor que arderia sem se consumir.

Como Ana e Jacó eram incapazes de se afastar e, cobrindo Isabel sob seu manto de fada madrinha, aquela chama divina que mantinha encantados os dois feridos pelo raio do Amor, Isabel conseguiu mantê-los a sós e juntos, longe da atenção dos homens, sempre tão resmungões, sempre tão hipócritas.

Seu marido, Zacarias, por sua vez, buscou a companhia do avô Matã e empregou o arsenal de inteligência sem limites que seu Deus lhe havia dado para extrair do pai de Jacó o nome do filho de Zorobabel, de quem provinha sua linhagem.

Ao pronunciar aquelas cinco letras, A-B-I-U-D, Zacarias sentiu que as forças o traíam.

Simeão, o Jovem, ao seu lado, percebeu em seus olhos a emoção que quase derrubou Zacarias no chão.

“Por que te surpreendes, homem de Deus?”, respondeu Isabel ao ouvi-lo repetir aquelas cinco letras: A-B-I-U-D. “Teu Deus não te deu provas suficientes de que Ele próprio está no comando de teus movimentos? Vou te dizer mais uma coisa. Eu vi a filha de Salomão no ventre de tua sobrinha Ana”.

O retorno a Nazaré foi difícil para Jacó. Pela primeira vez na vida, Jacó começava a descobrir o mistério do amor. A felicidade extrema e a agonia total no mesmo destino. Isso é amor? Ele não sabia se devia chorar de alegria ou de tristeza. Não seria por isso que Deus criou o homem e a mulher para que não se separassem, pois, se se separassem, morreriam? Se antes, na solidão, sua dor se disfarçava de poeta e pintava no firmamento azul o rosto de sua amada, agora que a havia visto em carne e osso, aqueles versos haviam se metamorfoseado, começavam a abandonar sua crisálida e, na verdade, isso doía. Tanto que já começava a não saber se não teria sido melhor que tivesse permanecido entre amanheceres e orvalhos de primavera. Agora que a tinha visto, que havia saboreado em seus olhos o perfume de seus sorrisos, sensações que nunca imaginou tinham se infiltrado em sua medula e faziam seus ossos vibrarem de tristeza e felicidade. Ai, a costela de Adão.

À medida que cavalgavam pelas distâncias, o avô Matán olhava para o filho, surpreso com seu silêncio e seus suspiros. Durante toda a vida, seu Jacob fora um conversador nato, extrovertido e simpático. Mas desde que haviam saído de Jerusalém, e já haviam percorrido toda a Samaria, seu filho não havia quebrado uma única das regras das respostas monossilábicas.

“Está acontecendo alguma coisa, Jacob?”.

“Nada, pai”.

“Parece que vai chover, filho”.

“Sim”.

“Em breve teremos que plantar as favas”.

“Claro”.

O Doutor da Lei, Cleofás de Jerusalém, também não estava muito falante. Limitou-se a deixar-se levar; falava apenas o necessário. O retorno ao trabalho, que antes fora motivo de celebração e alegria? Portanto, não havia por que dar mais importância ao assunto.

A questão era quanto tempo o avô Matán levaria para descobrir o sofrimento amoroso do filho. E quanto tempo o próprio Cleofás?

O avô Matán não demorou muito para chegar ao cerne da questão. Jacob tentou enrolar o pai. Tudo tinha sido tão repentino, quase como uma alucinação. Por quanto tempo mais ele se recusaria a pedir ao pai que solicitasse a Cleofás a mão de sua filha em casamento? Quanto mais pensava nisso, mais se surpreendia.

De qualquer forma, mesmo que Jacob ficasse calado, o avô Matán já estava imaginando. Em Jerusalém, algo havia acontecido que mudou seu filho de maneira tão categórica, rápida e profunda. O que mais poderia ser senão a filha de Cleofás?

Quando, com o passar do tempo, Cleofás anunciou seu desejo de descer a Jerusalém e seu filho Jacó se ofereceu espontaneamente para acompanhá-lo, para o caso de algum bandido querer se aproveitar daquele viajante solitário, o pai de Jacó não teve mais nenhuma dúvida. Seu filho estava perdidamente apaixonado pela filha de Cleofás.

Cleofás, por outro lado, não fazia a menor ideia do que estava acontecendo. O homem aceitou encantado a oferta de Jacó. Só Deus sabe o que teria acontecido se Cleofás estivesse a par da história de amor entre sua filha Ana e o filho de Matã. O homem era tão conservador que não conseguia conceber o casamento de uma filha da alta sociedade de Jerusalém com o filho de um camponês da Galiléia, por mais que o noivo fosse um grande proprietário de terras. E lá foi ele, deixando-se acompanhar.

Em Jerusalém, entre lágrimas de impaciência que a tia Isabel enxugava com as mãos trêmulas de tanto rir, sua filha Ana esperava pelo dia em que veria seu príncipe encantado aparecer.

Como Isabel conhecia seu cunhado como se o tivesse dado à luz, ela pegou Jacó e o levou para sua casa. Assim, matava dois coelhos com uma cajadada só. Zacarias teria o Filho de Abiud só para si, e, no caminho, os dois jovens teriam todo o tempo do mundo para se prometerem mais uma vez um amor eterno. Na hora certa, seu cunhado já ficaria sabendo do que se tratava. Segundo Isabel, aquilo era obra do Senhor e, ai, ai, se seu cunhado se metesse no meio.

Alheios aos preconceitos de classe e aos interesses sociais dos adultos, Jacob e Ana escreviam versos de Sarão entre lírios de promessas enormes como pirâmides e resplandecentes como estrelas à luz dos olhos da fada madrinha que Deus lhes havia enviado. E se despediram com a promessa de que, na próxima vez, ele viria acompanhado de seu pai, trazendo nas mãos o dote para as donzelas.

Quando Cleofás e Jacob voltaram para Nazaré, o rapaz expôs seu desejo ao pai. Seu pai conteve a emoção, implorando-lhe que esperasse até que Cleofás terminasse seu trabalho. Então, ele próprio desceria a Jerusalém para pedir a mão da filha dele em casamento.

Jacó aceitou a sugestão de seu pai.

Cleofás, de fato, concluiu seu trabalho, despediu-se dos nazarenos e voltou à sua vida de sempre. Pouco depois de se estabelecer em Jerusalém, recebeu uma surpresa: a visita de Matán.

“Matán, meu amigo, o que está acontecendo?”.

“Como você vê, Cleofás, as obrigações de pai me trazem à sua casa”.

“É o que você diz”.

O pai de Jacob contou-lhe tudo o que estava acontecendo. Seu filho queria se casar com a filha dele e vinha, como sogro, com o dote para as donzelas nas mãos.

Cleofás ouviu em silêncio. Terminado o que trouxera Matán à sua casa, Cleofás continuou sem abrir a boca. Era a típica surpresa que toma conta daquele que sempre fica sabendo das coisas por último; Cleofás estava pasmo. Nesses casos, depois da surpresa vem a clássica explosão de raiva.

A chama se acende no cérebro: sua filha Ana havia jurado amor a Jacob? E quando isso havia acontecido? E como ela ousara se entregar a um homem sem contar com a vontade e a bênção de seu pai? A raiva é uma faísca com vocação de tocha, transforma-se em chama e acaba cuspindo fogo pela boca.

Ana, a jovem interessada, embora não fosse muito educada, ouvia atrás da porta, com o coração na boca, a conversa entre seu pai e o pai de seu amado. Seus dedos morriam de vontade de erguer um altar para o "sim" de seu pai no recanto mais belo de sua alma. Seu "sogro" lançou-lhe um olhar tão caloroso ao passar que ela já se considerava casada e sentia-se voando nas asas da felicidade mais completa em direção ao leito nupcial.

A jovem mordia os lábios quando seu pai abriu a boca.

"E como isso seria possível, meu bom Matán, se minha filha já está prometida a outro homem?".

Cleofás estava mentindo. Uma mentira inocente para não passar pela imagem de quem apunhala o homem a quem, até ontem, professava uma amizade eterna.

Meu Deus, para evitar apunhalar o amigo, ele cravava a adaga até o punho na própria filha. A jovem deixou-se cair contra a parede, com o coração perfurado de um lado ao outro. Sem forças para sair correndo e se jogar das muralhas, Ana aguentou o resto.

"Sinto muito, mas a pretensão do seu filho é algo impossível, fora do meu alcance", concluiu seu pai.

O avô Matán ficou em silêncio total. Num piscar de olhos, tudo ficou claro em sua mente. Pela barba, Cleofás estava mentindo para ele. Para ele, o que realmente estava colocando os dois em confronto ali era a recusa de Cleofás em aceitar sua palavra sobre a origem davídica de sua Casa. Se fosse verdade, aquela história do noivado com um noivo "desconhecido", o avô Matán teria aceitado o "não" sem sentir a adrenalina queimando suas entranhas. Mas não, o santo e imaculado servo de Deus que ele acolheu em sua casa, prestando-lhe honras como se fosse o próprio Senhor, estava tirando a máscara. Sua filha se casar com um camponês, e ainda por cima da Galiléia, para piorar a situação?

Para Cleofás, teria sido melhor dizer na cara do que pensava. A verdade era que ele nunca havia acreditado na história sobre a suposta linhagem davídica de Jacó de Nazaré. Enquanto esteve em Nazaré, como o assunto não lhe dizia nada, limitou-se a enrolar. Se ele era ou não era, não era da conta dele. Agora que Matán lhe pedia a mão de sua filha para o filho dele, não havia mais motivo para continuar fingindo.

"É minha decisão final", encerrou Cleofás a discussão.

"Eu vou te dar a minha", explodiu o pai de Jacó. "Prefiro casar meu filho com uma porca do que com a filha de um filho privilegiado dos assassinos que vivem do sangue de seus irmãos à custa da destruição de seu povo".

Senhor, se a pobre criatura já estava mortalmente ferida, as palavras do pai de seu Jacob acabaram de destruir a alma de Ana.

Ana saiu correndo de casa e percorreu as ruas de Jerusalém, deixando para trás um rio de lágrimas quebradas. Como pôde, encontrou a casa de sua tia Isabel. Entrou e se jogou em seus braços, disposta a morrer para sempre.

Enquanto Isabel tentava conter aquele dilúvio de lágrimas, o avô Matán montou em seu cavalo e galopou a toda velocidade subindo por Samaria. Ao chegar a Nazaré, seu sangue ainda fervia. Seu filho Jacó ficou como morto ao ouvir suas palavras: “Mais vale você se casar com uma porca do que com a filha de Cleofás”. Essa foi sua última palavra.

20

Nascimento de Maria

Como os homens são tolos, Senhor! Eles Te procuram e, quando Te encontram com palavras afiadas como facas, amaldiçoam a si mesmos porque Tu lhes falas. Como quem encontrou o e e que procurava e se arrepende de tê-lo encontrado porque esperava outra coisa, os homens transformam suas palavras em espadas e lanças, desfiguram seus rostos com pinturas de guerra e, odiando o inferno, matam-se uns aos outros acreditando estar matando o próprio Diabo. “Uma alavanca para mover o universo!”, diz um. “Meu reino por um cavalo!”, clama o outro, acreditando escrever nas paredes do tempo palavras de sabedoria dourada.

Quando aprenderão a ser livres com a liberdade de quem tem o infinito à sua frente? A existência do homem é como a da borboleta que voa por vinte e quatro horas e, ao chegar o crepúsculo do dia, entrega seu corpo ao barro de onde veio à vida; mas, ao contrário da criatura leve, nessas vinte e quatro horas o homem transforma esse precioso e curto dia em um inferno de monstruosidades. Por que você deu boca à pedra? Para quê dar braços a quem tem imaginação apenas para transformar seus dedos frágeis em armas de destruição? O que o levou a elevar seus cérebros acima dos das aves, que apenas pedem para suas asas um pedaço de céu?

Ai, ai, a alma de Jacó. Ai, como chorava o filho de Matã de Nazaré por sua desgraça. Entre os olivais, onde um dia a pomba de Noé arrancou de Deus a promessa de eternidade sem retorno, aos pés do tronco onde, em um dia não muito distante, morreria o filho de Matã, Jacó derramava a alegria que não cabia em seu peito no deserto dos orgulhos. A vida inteira sonhando com ela e agora que suas mãos haviam tocado a carne de seus sonhos, sua costela era lançada ao fogo.

“Vaidade e mais vaidade, tudo é vaidade”, escreveu um sábio em uma parede sagrada. Será que é preciso acreditar que, quando escreveu isso, o homem não devia estar muito apaixonado?

Ai, o coração de Ana. Os olhos choram sangue? Pura água corre pelas veias? Que mistério tão recôndito Deus forjou ao conceber duas pessoas para serem uma só? Por que não fez o homem e a mulher de acordo com a natureza dos animais? Eles se acasalam ao som da voz dos instintos e se separam sem pesar. Por que o Senhor teve que fazer surgir das brumas dos instintos a chama da solidão assassina contra a qual Adão nasceu desprotegido em seu paraíso? Seria tão fácil para o Eterno ter feito o homem à imagem e semelhança das máquinas... Programa-se o bicho, solta-se-o livremente em seu zoológico sideral, os céus se movem em suas constelações e, ao ritmo marcado por suas coordenadas, o bicho acasala e se reproduz como uma praga. Por que substituir um programa infalível, como vemos no mundo natural, por um código de liberdade? Chega a primavera e as criaturas acasalam e se multiplicam com tranquilidade, mas sem pausa. Enquanto o instinto convoca a todos, o ser humano se posiciona e responde com uma única palavra. Amor, eles chamam.

E, no entanto, uma vez provado o fruto desse código, quem é que olha para trás? As bestas chamam de sexo o Amor; as bestas chamam o sexo pelo seu nome. Ou será que, quando o sexo morre, o Amor não vive? Ou será que, sem sexo, não há Amor? Contra a opinião desses

especialistas, nós, os demais, sabemos que o Amor existe independentemente do ato reprodutivo das espécies. E, por existir, fere quem o ama e não o possui. Ontem, hoje e sempre, onde houver amor, haverá dor.

O avô Matán fechou os ouvidos às lamentações do filho. Não queria ouvir o nome de Cleofás nem mesmo em sonhos. Para ele, o assunto estava definitivamente encerrado. Seu herdeiro já podia procurar uma mulher entre os bárbaros, se, por despeito, assim o quisesse; ele não diria uma palavra contra, mas, por Deus e seus profetas, antes o deserdaria do que sofrer novamente uma humilhação tão grande.

Ao contrário de Matán, assim que as águas se acalmaram, a senhora Isabel sacou a vara de seu temperamento, foi atrás de seu cunhado e a deixou cair sobre suas costas com estas palavras: “Tolo, devorador de sua filha, o que você está tramando? Você se interpõe entre Deus e Seus planos invocando sua condição de servo? Você se rebela contra o seu Senhor, implorando-Lhe que deixe sua casa em paz? Eu, , lhe digo que, assim como há céu e há terra, minha filha se casará com o Filho de Abiud daqui a um ano, a partir desta data”.

Ufff, se Cleofás achou que a tempestade já havia passado, foi porque ainda não havia recebido a visita de Zacarias. Sua cunhada trovejou; seu cunhado iria descarregar sobre ele raios e trovões.

Mas não com palavras de raiva nem de ira. Zacarias compreendeu que parte da culpa pelo que havia acontecido era dele. Da maneira como as coisas estavam, ele não podia mais manter seu cunhado alheio à Doutrina do Alfa e do Ômega. Ele o sentou e contou tudo.

O Filho de Resa, filho de Zorobabel, morava em Belém. Era uma criança e se chamava José.

O Filho de Abiud, o outro filho de Zorobabel, ele já o conhecia: era Jacó. A esperança que se instalara na alma de todos eles era que a Filha de Salomão nascesse do casamento de Jacó e Ana. Assim Deus havia disposto, e embora fosse apenas uma esperança, eles apostavam suas vidas em que assim seria. Essas duas crianças se casariam, e delas nasceria o Filho de Davi, o filho de Eva pelo qual todos os filhos de Abraão ansiavam há milênios.

Quanto à legitimidade genealógica de Jacó, sobre a qual ele não tinha a menor dúvida, muito em breve teriam a prova.

Por razões de prudência, Isabel impôs sua decisão de ser ela quem se encarregasse de resolver a situação. Matán se renderia mais facilmente diante de uma mulher do que se fosse “outro” de Jerusalém que subisse para exigir que ele abandonasse sua atitude. Também porque a viagem inesperada de um deles poderia levantar suspeitas na corte do rei Herodes, enquanto que, se fosse ela, ninguém sentiria sua falta.

E assim foi feito. Isabel apresentou-se em Nazaré e dirigiu-se diretamente ao Cigüeñal. Ao vê-la, o pai de Jacob ficou sem palavras.

O que aquela senhora queria agora?

Muito simples. Apresentar seus respeitos ao Filho de Abiud. Em nome de toda a sua família, incluindo seu cunhado, ela vinha pedir que seu filho Jacó se casasse com sua sobrinha Ana. E, no caminho, ela havia subido de Jerusalém a Nazaré para revelar ao Filho de Abiud a Doutrina do Alfa e do Ômega.

O avô Matã ouviu maravilhado a sucessão de acontecimentos vividos por Zacarias e sua saga. Ao final do relato, o avô Matã abaixou a cabeça, assentiu com o olhar e pediu que ele esperasse um momento.

Ele voltou imediatamente, trazendo na mão um rolo genealógico envolto em peles tão antigas quanto a primeira manhã que estendeu seu amanhecer sobre os oceanos. Isabel sentiu percorrer sua espinha dorsal a mesma sensação que, em seu tempo, Simeão, o Jovem, havia experimentado. Ciente do encontro na Casa de Resa, o avô Matán desdobrou a Lista de São Mateus sobre a mesa.

O mesmo metal, o mesmo selo, os mesmos caracteres; apenas os nomes mudavam.

"Matã, filho de Eleazar. Eleazar, filho de Eliud. Eliud, filho de Aquim. Aquim, filho de Sadoc. Sadoc, filho de Eliacim. Eliacim, filho de Abiud. Abiud, filho de Zorobabel".

Isabel não conseguiu impedir que a respiração lhe parasse na ponta dos lábios. Mesmo tentando manter a calma, seus olhos brilhavam de alegria ao seguir a linha que os filhos de Abiud haviam traçado ao longo dos séculos.

Em seguida, ela leu a lista dos reis de Judá, desde o último até Salomão.

"E, com tudo isso, onde está o seu Jacó?", perguntou Isabel ao terminar a leitura.

Aquela mulher era pura genialidade. Jacó deu um pulo de alegria ao ver sua fada madrinha. O brilho nos olhos de Isabel revelou-lhe a mudança no humor de seu pai. O resto vocês já podem imaginar. Matã e seu filho acompanharam Isabel de volta a Jerusalém, trazendo consigo a joia da Casa dos filhos de Abiud, o dote para as virgens e os termos do contrato matrimonial.

Cleofás viu com seus próprios olhos o que nunca pediu para ver durante o tempo em que esteve hospedado no Cigüeñal. Assim como seu cunhado Zacarias, testemunha do encontro, Cleofás ficou maravilhado ao ver o rolo gêmeo do outro nas mãos do pai de José. Mas se os presentes acreditaram que as surpresas haviam acabado naquele dia, estavam enganados. Os termos do contrato matrimonial os deixaram atônitos. Eram os seguintes:

Primeiro: A propriedade do Filho de Abiud, neste caso, Jacó, era intransferível. O que isso significava? Em caso de morte de Jacó, sua herança passaria diretamente para seu primogênito, fosse homem ou mulher o primeiro filho do casal.

Segundo: Em caso de viuvez, a viúva nunca poderia vender, nem parcialmente nem na totalidade, a propriedade do herdeiro de Jacó. A referida herança, o Cigüeñal e todas as suas terras, seria reservada ao seu herdeiro até que ele atingisse a maioridade. O que isso significava? Que a família da viúva não teria nenhum direito sobre a herança de Jacó.

Terceiro: Caso a viúva de Jacó se casasse novamente, os filhos desse novo casamento não teriam parte na herança do falecido.

Quarto: Caso o casal não tivesse descendentes, a herança de Jacó passaria diretamente para os filhos de Matã. A viúva de Jacó, no entanto, viveria na casa de seu falecido até sua morte.

Quinto: Caso a herdeira de Jacó de Nazaré fosse do sexo feminino, ela herdaria o legado messiânico de seu pai, que, por sua vez, o legaria ao seu herdeiro. Se ocorresse, como já havia acontecido em ocasiões anteriores, que uma mulher fosse sucedida por outra, a sucessão messiânica passaria de Jacó para o próximo herdeiro do sexo masculino que se apresentasse. Digamos que, se Jacó fosse sucedido por uma mulher, caberia apenas a ela — e não à sua viúva — entregar sua herança ao seu escolhido. Qualquer transferência da herança de Jacó para uma casa unida aos seus descendentes por laços matrimoniais não teria, nesse caso, validade. A herança passaria de mãe para filha até que um homem assumisse a liderança da Casa de Abiud, cujo nome seria aquele que figuraria após o de Jacó.

Foi assim que José passou a ser filho de Jacó, reunindo em suas mãos a liderança de ambas as Casas: a de seu pai e a de seu falecido sogro. Uma herança unificada que ele legaria ao seu primogênito, o Filho de Maria.

Os termos desse contrato suscitaram entre os presentes um sorriso de admiração. Nessa natureza sucessória tão atípica dentro das tradições patriarcais judaicas, encontrava-se a explicação para a ausência de gerações na Lista da Casa de Abiud. Graças a essa fórmula tão *singular,* a Casa de Abiud havia mantido a propriedade em sua extensão original e continuava garantindo que assim fosse.

Assinado o contrato pelos sogros, um ano depois realizou-se o casamento e, ao fim do tempo natural, o casal trouxe ao mundo uma menina.

Em memória de sua mãe, Jacó a chamou de Maria.

“Não te disse, homem de Deus, que vi a Filha de Salomão no ventre da minha filha?”, envolta em uma felicidade divina, disse Isabel ao marido.

21

A Vida da Sagrada Família

Uma vez encontrados os portadores dos pergaminhos messiânicos, após o nascimento da Virgem, Zacarias reuniu em sua casa Heli, pai de José, e Jacó, pai de Maria. Havia muito o que os dois homens precisavam dizer um ao outro. A descoberta do Alfa e do Ômega havia revolucionado suas vidas e o futuro de seus filhos — e de que maneira! Zacarias, emocionado, deixou sua alma se expressar.

“Como a Sabedoria é incrível! Os fortes acreditam ter sufocado os fracos sob o peso de suas almas insensíveis e violentas, enquanto os pequenos se abandonam ao destino que os grandes querem gravar em suas costas com o chicote de suas maldades perversas. Os sonhos de liberdade deixam de pairar sobre o horizonte, dando lugar às trevas; as ilusões já jazem despedaçadas aos pés de seus exércitos. Mas, de repente, a Sabedoria se vira. Já está cansada de ser perseguida, de nunca ser alcançada. Torna-se a filha do vento, fixa os olhos nos atletas do pensamento: um implora para que seja ele, outro promete amor eterno. Ela não abre a boca; a Sabedoria escolheu seu campeão, avança em direção a ele, estende-lhe a mão, levanta-o do pó, pisca para ele e ela mesma lhe entrega a coroa da vida. Atônitos, enlouquecidos, escandalizados com sua escolha, porque ela fixou os olhos no último entre eles, porque concedeu seus favores àquele que não era nada, os desprezados pelo destino aliando-se então às trevas para destruir a Eterna. Ela, a Esposa do Onipotente, ri; seu Esposo ergueu as galáxias com um único movimento das mãos; bastou-lhe abrir os lábios uma única vez para que o Inferno tremesse. Ela é a menina dos olhos dele, o que poderia temer dos planos dos gênios?

Aqui estão seus homens. Os dois rios que Ela escondeu sob a terra e que todos consideravam desaparecidos vieram à tona e, em um mistério que causa espanto e inspira novos salmos, fizeram-no pela mesma fenda na terra.”

Helí e Jacó apresentaram seus filhos. A Filha de Salomão, Maria, e o Filho de Natã, José, estavam vivos. A Virgem em seu berço, José olhando para ela, de pé entre os homens.

Então Simeão, o Jovem, proferiu palavras de sabedoria: “A ignorância, amigos, mantém a humanidade acorrentada ao poste do cão nascido para vigiar a porta de seu dono. Deus criou o Homem para saborear as delícias da liberdade de um Sansão imune aos feitiços de Dalila. O Diabo pérfido esqueceu-se de sua condição divina, invejou a humana e, tendo acabado por

possuir a das bestas, uiva alucinado para as estrelas do Inferno que adora como Paraíso. Covarde, com a covardia de quem funda sua grandeza sobre o cadáver de um exército de crianças, a Serpente enlouqueceu, acreditando poder seguir o rastro que a águia traça nas alturas. Não temam, amigos, Ele está conosco. A Águia Sagrada observa, do penhasco invisível, cada movimento do Dragão; ora ele respira, ora o fogo tenebroso sai de suas fendas nasais, os músculos do Grande Espírito se tensionam como arcos prontos para a batalha; se ele avançar um passo, o Guerreiro salta de seu sono pacífico na tenda do Sábio e empunha sua flecha, rápida como o raio, forte como o trovão. O que estamos vivendo aqui é o amanhecer de um novo Dia que já espalha sua aurora sobre os olhos imaculados da inocência de seus filhos.

"Que nas cavernas os inimigos do Reino de Deus tramem seus planos de destruição, que se escondam nos labirintos dos hipogeus do Poder os inimigos do Homem, nós não tememos nada, Deus está conosco. Ele tem o arco armado, empunha a espada afiada, seu escudo nos protege. Se o Diabo é maior do que nosso Salvador, por que fugiu para se esconder depois de matar Adão? O leão foge da gazela? O vencedor se ajoelha diante do trono do vencido? Se o Diabo tem fome, que coma as pedras; se tem sede, que beba toda a areia do deserto. Seus filhos estão longe de suas garras."

Foi um juramento comovente. Ouviram-se palavras que nunca devem ser esquecidas. Heli e Jacó juraram casar seus filhos quando chegasse o dia certo. O Todo-Poderoso mergulharia suas almas nos abismos onde os demônios têm suas moradas se eles falhassem à sua palavra — assim prometeram.

Em seguida, cada um voltou à sua vida cotidiana. Helí deu irmãos e irmãs ao seu filho José. Jacó teve como esposas as irmãs de Maria; depois, o menino por quem tanto suspiraram.

José já era um homem e Maria, uma mulher, ambos prestes a assinar o contrato matrimonial mais secreto e importante da história do mundo, quando a notícia da morte de Jacó de Nazaré, marido de Ana, filha de Cleofás, e pai de Maria, deixou boquiabertos todos aqueles que viveram para ver aquele dia.

Se Maria não tivesse feito aquele voto, o casamento teria sido antecipado. O voto de Maria, como eu disse, afetava mais ninguém do que o próprio José. Por um momento, pareceu que o edifício das esperanças de todos eles desmoronava, quando José escreveu na história da eternidade aquelas suas palavras, que, mais tarde, sua esposa repetiria ao anjo da Anunciação: "Faça-se a vontade de Deus; eis aqui o seu servo; nossos pais esperaram mil anos, bem posso eu esperar alguns".

Foram os anos que foram, nem mais nem menos. Quando chegou a hora, José organizou tudo e partiu para Nazaré. Alugou da viúva um terreno para montar sua marcenaria e esperou que Cleofás se casasse para então se casar com Maria.

Após o nascimento de José, o segundo dos filhos de Cleofás, José pagou o dote pelas virgens. Um ano depois, celebrou-se o casamento.

E o casamento foi celebrado apesar da sombra de adultério que pairava sobre a inocência da Virgem.

Exatamente como sua sogra lhe dissera, o anjo de Deus tirou José de sua dúvida. Dissipada a sombra do adultério, José montou em seu cavalo e partiu rapidamente para a Judéia para buscar a Mãe do Menino. O acontecimento da Anunciação de João lhe fora revelado pelo mensageiro que Zacarias lhe enviara. O que José não esperava era encontrar Zacarias e Isabel transformados em jovens cheios de vida. Mas, depois do que havia acontecido com ele, nada mais surpreendia José. Ou pelo menos era o que ele acreditava. Pois, ao

recuperar a fala, as primeiras palavras de Zacarias foram para revelar-lhe os pensamentos que, desde a chegada da Virgem, haviam crescido em sua alma a respeito do Filho de Maria.

"Meu filho, Deus, nosso Senhor, nos maravilhou com um prodígio de natureza infinita. Desde os tempos antigos sabíamos que Deus é Pai, conforme podemos ler em Seu Livro. Ao nos formar à Sua imagem e semelhança, Ele nos fez saborear as delícias da paternidade; e, ao nos revelar que é Pai de muitos filhos, abriu nossos olhos para a existência de um entre eles, nascido para ser Seu Primogênito. O que Ele nunca revelou abertamente em Seu Livro é que esse mesmo Primogênito era o Seu Unigênito. Ou não quisemos enxergar isso em Suas palavras quando Seu profeta disse: 'Chorareis como se chora pelo primogênito, fareis luto como se faz luto pelo unigênito'.

"Meu filho, esse é o Filho que tua Esposa carrega em seu ventre. Em tuas mãos, José, teu Senhor colocou seu Menino. Sua vida está em tuas mãos; se sua vida já corre perigo por ser quem é: o filho de Eva que nos nasceria, qual será a responsabilidade do homem a quem o Pai confiou a custódia de seu Filho Único? Nunca baixe a guarda, José. Defenda-o com sua vida; envolva sua Mãe com seu braço e coloque seu corpo entre Ela e aqueles que virão procurá-la para matar seu Filho. Lembre-se de que Ele deve nascer em Belém, pois assim está escrito. E , justamente por estar escrito ali, será o primeiro lugar para onde o diabo dirigirá seu braço assassino".

José ouviu as palavras de Zacarias, filho de profeta e pai de profeta, sem conseguir acreditar que Deus permitiria que qualquer homem, fosse ele Herodes ou César, tocasse sequer um fio de cabelo da cabeça do Filho de Maria.

Assim, José voltou para Nazaré, celebrou o casamento com Maria, que já estava em estado avançado de gravidez, e se preparou para descer a Belém quando o Edito de Recenseamento do César Otávio Augusto provocou na nação um clamor espontâneo de insurreição.

Apenas uma vez as tribos de Israel se submeteram a um censo. Na mente de todos estava o preço que o povo pagou pelo censo do rei Davi. Que castigo lhes seria enviado se, por medo de César, desobedecessem à proibição de serem contados como se conta o gado?

A revolta eclodiu na Galiléia. Judas, o Galileu, e seus homens preferiram morrer como bravos lutando contra César a viver como covardes diante de Deus. O efeito da revolta de Judas, o Galileu, foi bloquear as estradas.

"Quanto tempo durará essa insurreição? Obviamente, o tempo que o senhor de Herodes quiser", respondeu José ao seu cunhado Cleofás. "Você não acha que Herodes seria capaz de acabar com Judas e seus homens no tempo que dura o relincho da famosa cavalaria de seu pai? Os Herodes devem estar, neste momento, roendo as unhas. Se dependesse deles, já teriam acabado com essa guerra santa. Mas acho que César não quer isso, e César é quem manda. O romano decretou que o Censo começasse no reino dos judeus porque sabia que aconteceria o que está acontecendo. A repressão impiedosa contra Judas e seus homens servirá de propaganda contra qualquer outra possível insurreição; é assim que o romano previne a doença".

José não se enganou. Os Herodes obedeceram à ordem do senhor romano. Deixaram a insurreição da Galiléia crescer. Quando a vítima estava pronta para o matadouro, enviaram seus exércitos. Mataram todos os que puderam do bando do Galileu e, com os corpos dos sobreviventes, espalharam cruzes por todas as estradas que levavam a Jerusalém.

Sob aquela multidão de cruzes, José e Maria passaram em direção a Belém. A quem surpreende que, de tanta dor, a Virgem tenha entrado em trabalho de parto assim que chegou à casa de seu marido?

Neste capítulo, a verdade depende mais da fé de cada parte do tribunal da história do que dos fatos em si. Se depositarmos nossa confiança no historiador Flávio Josefo, traidor de sua pátria, salvador de seu povo ao conseguir, com suas Histórias Judaicas, que os Césares aprendessem a distinguir entre judeus e cristãos — mesmo que isso custasse transformar seus descendentes em uma nação em guerra perpétua contra a Verdade —, nesse caso, a insurreição de que falam os Apóstolos nasceu na imaginação dos autores do Novo Testamento.

Os princípios da Psicohistória, no entanto, se opõem à deturpação que Flávio Josefo perpetrou ao impor entre judeus e cristãos o muro de aço que os manteria separados por vinte séculos — ato que exigiu que ele próprio negasse a existência do próprio Cristo, tornando-se, ao fazê-lo, o Anticristo das palavras de São João.

22

O nascimento de Jesus

A revolta foi esmagada, Jerusalém cercada por um exército de cruzes; em meio a tal tumulto, passaram José e Maria, que já se encontrava em um estado muito avançado de gravidez.

Quando José e Maria chegaram a Belém, a vila estava lotada. Surpresos, os irmãos de José — pois nenhum deles imaginava que ele descesse antes de sua esposa dar à luz — improvisaram um leito na manjedoura para que Maria desse à luz.

Mais uma vez, os elementos da Psicohistória nos pedem espaço. Quero dizer, Herodes não teria ordenado o Massacre dos Santos Inocentes se os romanos estivessem presentes em Belém. Os romanos, dos quais dependia, em última instância, sua coroação, jamais teriam permitido tal crime. Assim que partiram, Herodes colocou a mão na massa. Mas já era tarde demais. José, Maria e o Menino já haviam partido.

Esse conjunto de elementos psicohistóricos nos abre os olhos para a Batalha entre o Céu e o Inferno de que nos fala São João em seu Apocalipse. A Morte, já que não havia conseguido impedir que as Escrituras se cumprissem nem que o Nascimento ocorresse, precisava colocar a mão sobre o Menino. Mas a Vida, confiante em suas forças, movia-se no tabuleiro da Terra com a segurança de quem conhece a estratégia e as capacidades de seu inimigo e está sempre um passo à frente. Quando Herodes foi para colocar as mãos no Menino, seus pais já haviam partido. Certamente não para Jerusalém. Embora pudessem ter se refugiado na casa da avó de Maria.

E digo que não em Jerusalém porque, se tivessem ficado em Jerusalém, as palavras de Simeão, o Jovem, ao saudar a Mãe e o Menino no Templo não fariam sentido. Mas se ele viu o Menino pela primeira vez, sim.

Nisso, como em tudo o mais, o leitor deverá julgar por si mesmo a quem dar credibilidade: se a um traidor de sua pátria, transformado em uma espécie de salvador daqueles mesmos a quem ele traiu, ou a uns homens que, por amor à verdade, levaram esse amor até suas últimas consequências. Digo isso porque, a partir dessa nova recriação dos fatos, surgirão aqueles que dirão que essa forma de reorganizar os tempos não se encaixa na própria sucessão dos acontecimentos vividos.

Então, após o nascimento do Menino, com a Mãe já de pé, José registrou seu filho. Não sabemos qual era a intenção original de José. Se era a de permanecer em Belém, seu plano mudou após a conversa secreta que teve com os Magos.

Como vocês já devem ter deduzido, os Magos não eram reis. Os Magos eram os portadores do dízimo da Grande Sinagoga do Oriente e, como tal, deviam fazer uma parada no Templo.

O que os Magos jamais imaginaram, enquanto vinham alegres, era que os últimos quilômetros do caminho seriam percorridos sob um mar de cruzes. Graças a Deus, a violência do momento mantinha o filho de Herodes ocupado, e eles se dirigiram a Belém para alertar José.

José registrou seu filho e voltou para Nazaré. Após os dias estipulados pela Lei, ele desceu ao Templo, acreditando que o perigo já havia passado. Entrou no Templo acompanhando sua esposa quando Simeão, o Jovem, cruzou seu caminho.

“O que você ainda está fazendo aqui, homem de Deus?”, perguntou-lhe. “Ninguém lhe contou o que aconteceu?”.

Ele o levou à parte e o colocou a par de tudo.

“Zacarias ocultou seu rastro, borrando suas pegadas com o próprio sangue. Logo após a partida dos romanos, os Herodes enviaram seus assassinos à sua cidade. Seus irmãos choram a morte de seus filhos de peito. Mas a história não termina aqui. O horror da notícia chegou a Zacarias. Ele pegou Isabel e João e os escondeu nas cavernas do deserto, onde estarão a salvo de todo perigo. Depois, ele veio ao Templo. José, eles o cercaram como uma matilha de cães, ameaçando matá-lo se ele não lhes revelasse tudo o que sabia. Incapazes de suportar seu silêncio, eles o espancaram com socos e chutes bem nas portas do Templo. José, pegue o Menino e sua Mãe e vá para o Egito. Não volte até que esses assassinos morram”.

José não disse uma palavra a Maria. Para evitar que ela ficasse sabendo das notícias por meio de seus parentes, levou-a para longe de Jerusalém sem dar qualquer tipo de explicação.

“Como você conseguiu viver toda essa vida carregando sozinho esse fardo, meu marido?”, chorou Ela quando ele lhe contou isso no leito de morte.

Ao retornarem do Egito, a avó do Menino ainda vivia. Creio ter dito que os emigrantes voltaram no que poderíamos chamar de prósperos e felizes. A situação econômica da Propriedade de Maria era igualmente boa. As secas que outrora devastaram os campos foram seguidas por épocas de chuvas abundantes. Juana, a irmã virgem de Maria, administrou as terras de sua irmã sem invejar nada a um homem. Aqueles que acreditavam que, com a morte de Jacó, sua casa entraria em ruína tiveram que reconhecer que estavam enganados. Aquela moça dedicada à família desde a juventude não perdeu o ritmo nem se deixou enganar. Embora liberada de seu voto pelo casamento de Cleofás, Juana não se casou.

De repente, recomeçar do zero o negócio da marcenaria não parecia tarefa fácil. Cleofás não compartilhava dessa opinião. A situação que José teve de superar no dia em que chegou a Nazaré era uma coisa, e essa nova situação era outra bem diferente. José era, na época, um completo desconhecido. Agora, para começar a abrir caminho, contavam com uma clientela familiar espalhada por toda a Galiléia.

Entre essas conexões, Jesus encontraria seus futuros discípulos. Mas voltemos ao Filho de Maria, seu herdeiro e líder espiritual dos clãs que, como ramos do mesmo tronco, se estendiam pelos arredores.

A morte de José implicou Jesus no juramento que o falecido havia feito a Cleofás. Já vimos que o Menino viveu em seu íntimo a experiência de quem renasce do Espírito a partir do episódio que protagonizou no Templo. O Simeão que cruzou o caminho do Filho de Davi no Templo era o Simeão, o Jovem, que vimos dizer a José: "Vá embora, homem de Deus, pois eles vão matá-lo".

Nos anos que se seguiram à morte de José, Jesus deixou a marcenaria nas mãos de seu primo Santiago e assumiu de sua tia Juana a administração da propriedade de sua Mãe. Durante sua gestão, os campos renderam cem por cento; a fama dos vinhos dos vinhedos de Jacó se espalhou por toda a região. Inteligente como ninguém, Jesus revelou-se um homem de negócios com quem fazer negócios era garantia de sucesso. Ele comprava e vendia safras de azeitonas sem nunca perder uma dracma.

Apoiado nas relações familiares e no capital do chefe do clã, a marcenaria de Nazaré também passou por um período de grande prosperidade.

Com a morte dos Herodes, Jesus tomou posse da herança de seu pai na Judéia.

Acho que já disse antes que, em Jerusalém, Jesus de Nazaré era conhecido como se conhece um mistério. Os irmãos de seu pai atribuíram sua solteirice ao provérbio: "De tal árvore, tal graveta". Fisicamente, Jesus era a imagem daquele José alto e forte, homem de palavra única, pouco falante, prudente em seus julgamentos, caseiro, sempre atento às necessidades dos seus.

O fato é que, depois de casar todos os seus primos e deixar os negócios funcionando por conta própria, aquele Jesus, adorado pelos seus, surpreendeu a todos com "seus desaparecimentos".

23

O mistério dos desaparecimentos de Jesus

Ninguém sabia para onde Jesus ia nem o que fazia quando desaparecia daquela maneira. Ele simplesmente desaparecia. Desaparecia sem avisar, sem dar explicações. Seus desaparecimentos podiam durar dias, até mesmo semanas. Se seus primos Santiago e José perguntassem por aí, para ver se alguém tinha visto o seu Jesus, todos faziam cara de quem não sabia de nada.

Para onde Jesus ia?

Bem, isso não era fácil de dizer. Mas, fosse onde fosse, ele voltava de onde tivesse estado como se nada tivesse acontecido. Depois, voltava todo tranquilo, dava qualquer desculpa para todos aqueles que, com aquela preocupação tão natural, demonstravam o quanto o amavam: "Tive que cuidar de um assunto urgente", por exemplo; ponto final, assunto encerrado. Não valia a pena insistir mais; no fim, Jesus caía na gargalhada e os bobos pareciam ser eles.

"Por que essa preocupação, Santiago, irmão? Está faltando alguma coisa para você? Seus filhos estão doentes? Você tem saúde, dinheiro e amor; o que mais um homem poderia querer?".

Eu não tinha dito? Era impossível ficar bravo com Ele. Não só Ele tinha toda a razão do mundo, como, além disso, dizia isso com aquele sorriso nos olhos; no fim das contas, quem parecia bobo era você, por se preocupar sem motivo.

As únicas que pareciam nem se surpreender nem se escandalizar com seus desaparecimentos eram as Mulheres da Casa. Para maior surpresa de Santiago e de seus irmãos, as Mulheres nem queriam ouvir falar em repreensões. Que mistério era o Dele para deixá-las tão encantadas daquela maneira?

Mistério? Por que ele encantava sua mãe, sua tia Juana e sua tia María?

Sim, havia um mistério. Um bem grande.

Acontece que, quando Ele partia, ocorria um milagre na casa. Os sacos de farinha nunca se esgotavam; mesmo que tirassem a farinha com pás. Os jarros de azeite nunca ficavam vazios; por mais litros que distribuíssem, o nível do azeite nos jarros nunca baixava. E se alguma delas ficasse doente, as três Mulheres da Casa sabiam que Ele voltaria, pois elas logo se recuperavam. E assim eram todas as outras coisas. Então, como Ele não as deixaria encantadas? É claro que, na hora de responder a elas ou aos primos de onde vinha ou o que Jesus tinha feito, Ele se limitava a olhá-las e lhes dava, como única resposta, um beijo cheio de sorrisos.

Para onde Ele ia? De onde Ele vinha? O que Ele fazia? Acho que foi o décimo terceiro apóstolo quem disse que Jesus ia implorar ao seu Deus, com lágrimas intensas, por misericórdia para todos nós.

A origem dessas lágrimas não deve nos parecer estranha, uma vez que conhecemos a fonte de onde jorraram. Era o Filho de Deus, da mesma natureza que seu Pai, que contemplava face a face o futuro da obra que iria realizar e, ao ver o destino para o qual conduzia seus discípulos, seu coração se partia.

Como não buscar em seu Pai uma alternativa viável que afastasse dos seus o destino para o qual, com sua Cruz, Ele os arrastava?

E o que é mais trágico: quando seu sangue o arrastava para a fragilidade da existência humana e ele se perguntava como poderia ter certeza de que o que estava prestes a fazer era a vontade de um De , naquele momento o peso desse destino o esmagava, cravava-se em seu peito e lhe arrancava lágrimas de sangue vivo. Como poderia ter certeza de que o que estava prestes a fazer era o correto? Por que a Cruz de Cristo e não a Coroa de Davi?

A tensão, a pressão, a natureza humana em sua nudez atingindo seu cérebro e sua alma com a visão das centenas de milhares de cristãos a quem Ele conduziria ao martírio... Um destino que Ele poderia poupar a eles simplesmente aceitando a coroa que o povo, em massa, Lhe ofereceria. O que fazer? Como saber? E com que meios resistir ao consolo que Seu Pai Lhe oferecia?

... Pois, após o Dia de Yahweh, viria o Dia de Cristo, um dia de liberdade e glória: o Rei em seu Trono de Poder conduzindo os exércitos de seu Pai rumo à vitória...

Durante aqueles dias, antes de iniciar sua Missão, Jesus foi escolhendo na Galiléia aqueles que seriam seus futuros apóstolos. Os laços que o uniam aos seus futuros discípulos provinham do vínculo sanguíneo que o filho mais velho de Zorobabel começou a tecer quando fundou Nazaré.

Ao contrário do ambiente em que se multiplicavam os homens de Zorobabel que permaneceram na Judéia, o povo da Galiléia acolheu de forma pacífica e amigável os homens de Abiud. Os vizinhos da Judéia ficaram escandalizados ao descobrir as intenções de Zorobabel e seus homens; rebelaram-se contra a ideia da reconstrução de Jerusalém e tentaram, por todos os meios, obrigá-los a abandonar o projeto.

A Bíblia diz que eles não conseguiram. Em contrapartida, dos então habitantes da Terra Santa, eles obtiveram uma política de inimizade perpétua. Política que resultou no

enclausuramento e no isolamento dos judeus do Sul do resto do mundo. Circunstância que, com o passar do tempo, transformaria o judeu do Sul naquele povo que abominava os gentios, a quem desprezavam e tratavam em particular como se estivessem falando de meras bestas.

"Mais vale comer com um porco do que com um grego", dizia um rabino.

"Mais vale casar-se com uma porca do que com uma grega", acrescentava seu colega.

Esse ódio contra os gregos e contra os gentios em geral, esse desprezo de um povo que chegou a se considerar a Raça Superior, era, até certo ponto, natural. Contra os gregos, após as perseguições de Antíoco IV Epifânio. Em relação aos egípcios, porque um dia o Faraó... Em relação aos sírios, porque em tempos passados... Em relação aos romanos, porque estavam sob seu domínio... A questão era transformar o ódio em uma espécie de identidade nacional, extrair dele as forças para continuar acreditando-se a Raça Superior, a chamada a subjugar e ser servida pelo resto da Humanidade.

Os habitantes da Judéia aguardavam o Messias para se tornarem o Novo Império Mundial. Sua relação com as leis não nacionais, impostas pelo império, que regulavam a vida entre judeus e gregos, entre gregos e romanos, entre romanos e íberos, era um caminho na selva repleto de perigos mortais, pelo qual o judeu precisava permanecer alerta e ter sempre no ódio e no desprezo contra as outras raças a força vital que o ajudasse a superar as circunstâncias até a vinda do Messias.

Ao contrário de seus irmãos do Sul, os do Norte integraram-se perfeitamente à sociedade gentia. Trabalharam com eles, negociaram com eles, vestiram-se como eles, aprenderam sua língua, respeitaram seus costumes, suas tradições e seus deuses.

Em comparação com seus irmãos do Sul, os judeus da Galiléia haviam evoluído na direção oposta. Enquanto o sulista invocava o ódio como muro protetor de sua identidade, o nortista invocava o respeito entre todos os homens como garantia da preservação da paz.

Quando, portanto, Jesus chegou, as diferenças mentais e morais entre os judeus da Galiléia e os judeus do sul eram tão enormes quanto as que existiam naquela época entre um bárbaro e um homem civilizado. O galileu continuava esperando a Vinda do Messias, o Cristo que uniria todos os povos do mundo; o judeu de Jerusalém também esperava o Nascimento, mas não o de um Salvador, e sim o de um conquistador belicoso e invencível que colocaria a seus pés, de joelhos, todas as outras nações do mundo. Dificilmente Jesus teria encontrado entre esses judeus do sul um único homem que o seguisse para cantar ao Amor e à Fraternidade Universal o poema mais maravilhoso já escrito, o Evangelho.

Dadas tais circunstâncias, não foi por acaso que todos os seus discípulos se encontravam presentes nas bodas de Caná.

Quando o Filho de Zorobabel e herdeiro da coroa de Salomão se estabeleceu em Nazaré, seus homens e seus filhos uniram-se e foram espalhando sua semente por toda a região. Trabalhadores respeitosos com seus vizinhos, amantes das leis da civilização de todos, considerando a religião um assunto privado sujeito à lei da liberdade de culto, os homens de Abiud e seus filhos espalharam-se por toda a Galiléia, mantendo o casamento endogâmico como base de sua identidade nacional. No restante, o judeu galileu não se diferenciava em nada de seus vizinhos. Vestia-se como eles, falava como eles.

Nesse ambiente, o sucesso do negócio da Oficina de Confecção da Virgem de Nazaré baseou sua fortuna na corrente nacionalista que despertou na Galiléia a partir da reconstrução das sinagogas. Era nesses momentos únicos e decisivos da vida, como o casamento, por exemplo, que o orgulho nacional aflorava e as pessoas gostavam de se exibir com um traje típico e popular. A arte da confecção do traje nacional nas mãos das filhas de Aarão, que haviam

transformado isso em um monopólio com sede em Jerusalém, a abertura do negócio pela Virgem, discípula de uma mestra no segredo mais bem guardado da casta sacerdotal feminina — tendo a confecção de mantos sem costura como seu expoente mais supremo —, foi um acerto que atraiu a Nazaré os noivos da região.

Independentemente da prosperidade que trouxe à casa da Virgem e à própria Nazaré, o sucesso da oficina da Virgem abriu caminho na região e a preparou para que suas irmãs encontrassem ali um terreno onde crescer e se multiplicar. Elas se casaram na Galiléia e tiveram seus filhos e suas filhas. Aos laços pré-existentes ao nascimento da Virgem somamos, então, aqueles que suas irmãs e os filhos e filhas de seu irmão Cleofás criaram, e as dimensões do quadro em que seu Filho atuou adquirem suas verdadeiras proporções.

Ou, o que dá no mesmo, os discípulos de Jesus estavam presentes no famoso casamento de Caná simplesmente porque estavam unidos aos noivos por laços de sangue. Ou será que vocês acreditam que a sogra de Pedro foi curada sem fé?

Ao longo de todos os Evangelhos, vemos que a única condição que Jesus exigia para receber a graça de Seu Poder era a fé. Ao curar a sogra de Pedro, ela ainda não havia visto o Unigênito de Deus. O fato de ela ter tido fé sem ver nos abre os olhos para a conexão entre a sogra de Pedro e a Virgem, graças à qual a fé daquela mulher no Filho de Maria era absoluta. E isso nos ajuda a abrir a porta de sua casa e ver que Pedro, por seu casamento com a filha de sua sogra, é parente direto da Virgem.

Depois do milagre da transformação da água em vinho, a única coisa que Pedro precisava ver era a unção do filho de Davi pelo profeta.

Quando se lê o Evangelho, a primeira surpresa surge ao ver Pedro e seus companheiros abandonando tudo ao ouvir a voz: “Segui-me”. Como se fossem robôs ou autômatos sem vontade própria, aqueles homens deixaram suas famílias e o seguiram sem sequer perguntar para onde. Essa é a primeira impressão. Logicamente, trata-se apenas de uma aparência. Aqueles homens conheciam perfeit mente o Filho de Maria. Sabiam de que natureza era sua liderança espiritual sobre todos os clãs davídicos da Galiléia. Pedro e seus companheiros não eram autômatos sem vontade, obedecendo à ordem de seu criador ao ritmo das batidas de seus dedos sobre um teclado de computador. De forma alguma. Nem é preciso dizer que, em mais de uma ocasião, unidos por laços de sangue à Casa de sua Mãe, conversaram com seu Filho sobre o Reino do Messias. Vale ressaltar também que o Primeiro Milagre em público, do qual foram testemunhas, transformou a concepção que tinham sobre a Natureza da Missão Messiânica, pela qual estavam dispostos a deixar tudo para trás no momento em que Jesus quisesse. Esclarecido isso, continuamos.

Vocês já viram quem era aquele João, filho de Zacarias, neto do profeta Abias, e que sentimento estava na raiz daquelas sentenças severas do Batista contra os judeus. Sua mãe, Isabel, tia-avó de Maria, Mãe de Cristo, viveu para criar João e contar-lhe toda a verdade sobre seu pai, por que ele morreu e a quem ele precederia. Ao morrer Isabel, João retirou-se para o deserto e viveu sua vida sobrenatural, aguardando o cumprimento da missão para a qual havia nascido. O batismo de Jesus por João confirmou aos discípulos o que eles já sabiam: o Filho de Maria era o Messias.

Eles seguiram-no na conquista do reino universal. Nunca imaginaram que a espada com a qual Jesus conquistaria o trono de Davi estivesse “em sua boca”.

Jesus lhes anunciou muitas vezes qual seria o seu fim. Mas como eles poderiam conceber que o Filho de Deus fosse morrer crucificado?

Testemunhas de obras prodigiosas, sobrenaturais, extraordinárias, divinas em todas as suas dimensões — como poderiam eles conceber que seus irmãos em Abraão cometessem tal crime contra o Pai daquele Filho?

Aconteceu o que tinha que acontecer. Incrivelmente, Jesus fechou a boca como quem recoloca a espada na bainha e se entrega inexplicavelmente ao inimigo que vem para matá-lo. Tudo o que ele precisava fazer era abrir os lábios. Se tivesse dito apenas: "De joelhos", a multidão que saiu em busca dele teria ficado paralisada no chão como estátuas de sal. Mas não, ele não proferiu uma palavra sequer. Simplesmente se deixou acorrentar.

A eles, os Onze, Ele deixou apenas a alternativa dos covardes.

Pois todos correram para se esconder. Todos, menos aquele que saiu correndo nu. Foi ele quem levou a notícia à Mãe: tinham acabado de prender seu Filho, estavam levando-o para julgá-lo.

O romano havia exigido ao Sinédrio a cabeça daquele Messias. Intimidado pelas legiões de Pilatos, o Sinédrio a havia entregue.

Essa questão da culpa absoluta que o futuro atribuiu àquela geração judaica, isentando os romanos de sua participação direta na Paixão de Cristo, encontra sua resolução no cerne das palavras do sumo sacerdote perante o Tribunal que entregou o Messias a Pilatos:

"Convém que um homem morra pelo povo".

"É melhor" significava que, ou o entregavam a Pilatos, ou este decretaria o estado de sítio e enviaria as legiões para caçá-lo. Se entregassem Jesus de Nazaré, o povo permaneceria calmo ao ser pego de surpresa; mas se Pilatos enviasse suas legiões contra aquele a quem agora abandonavam à própria sorte, depois, por amor à pátria, eles o defenderiam até a morte. E onde estava o louco capaz de acreditar na vitória de uma rebelião popular contra César?

O destino de Jesus de Nazaré já estava traçado. Era Ele ou a Nação. Que o futuro os culpar, por sua covardia, de tê-lo entregue, fazendo recair sobre eles toda a responsabilidade por sua morte? Pois bem. O que mais poderiam fazer? O astuto Pilatos lavaria as mãos. E daí? Não era melhor que um homem morresse a que todo o povo fosse massacrado pelas legiões?

O problema dos discípulos foi acreditar que seu povo não agiria como covarde e se levantaria em armas antes de entregar o Messias aos romanos. Para eles, a questão era clara: como o Império poderia vencer um exército liderado pelo Rei do Universo? Não tinham sido centenas e centenas de homens, mulheres e crianças que, em carne e osso, haviam vivenciado sua Glória? Entre a multidão, não eram eles o testemunho vivo da Missão Divina de Jesus de Nazaré? É verdade que muitas vezes aquelas multidões o haviam aclamado como rei e, no mesmo número de ocasiões, Ele lhes havia dado as costas. Lógico? Renunciar ao trono que, por herança, lhe pertence?

Sim ou não?

Ora, ao longo de toda a história de Israel, ficou demonstrado que a unção do rei não cabia ao povo, mas aos profetas. A partir dessa experiência, era natural que Jesus recusasse uma coroação estabelecida contra o direito histórico e divino.

A Era dos Profetas, registrada nas Escrituras, a unção, canonicamente falando, cabia ao Templo. Chegaria, portanto, o momento em que essas mesmas multidões o seguiriam até Jerusalém e pediriam ao Sinédrio o reconhecimento divino que Jesus de Nazaré havia conquistado por suas obras.

Então, pressionado pelo testemunho de tantos e tantos abençoados e por uma multidão incontável clamando a plenos pulmões pela Unção do Messias pelo sumo sacerdote, Jesus se

assentaria no Trono de Davi, seu pai histórico, e, na presença de todos os filhos de Israel, colocaria a coroa dos reis.

Quando, no terceiro ano de sua Missão, espalhou-se a notícia: “Jesus de Nazaré está indo para Jerusalém para a Páscoa”, a expectativa messiânica atraiu para Jerusalém multidões incontáveis.

Pôncio Pilatos já o esperava. A par das aventuras do Messias dos judeus, há muito tempo já havia pedido ao Sinédrio a cabeça daquele nazareno. A decisão política que ele deveria tomar em relação à explosão messiânica causada pelo “nazareno” era complexa e clara ao mesmo tempo. Ele tinha que morrer. “Com a morte do Pastor, o rebanho se dispersaria”. Ele também não podia mobilizar suas legiões e lançá-las em conjunto contra a multidão. A rebelião nacionalista iria eclodir em defesa de seu Messias, e uma guerra espartaciana era a última coisa que César poderia desejar. Como político, sua missão era prevenir o mal antes que a guerra se declarasse. Ele poderia esperar o pior e deixar a presa engordar. Como já haviam feito Augusto e Herodes nos dias do Censo. No momento certo, Pilatos mobilizaria suas legiões e, com o massacre, as demais nações aprenderiam como Roma pune a rebelião contra o César.

O fato é que o Sinédrio, em pleno, estava contra o Nazareno e não o tocava por medo da multidão que o acompanhava por onde quer que fosse. O Sinédrio havia jurado a Pilatos que o entregaria pessoalmente, mas que ele esperasse até que o fruto estivesse maduro.

Após o primeiro ano de marcha triunfal rumo ao Monte do Sermão, o segundo ano havia sido uma ladeira abaixo. Na encruzilhada entre o segundo e o terceiro ano, a recusa de Jesus em ser coroado rei vinha afugentando as multidões, que não o compreendiam de forma alguma.

Quem, dentre todos aqueles que tivessem desfrutado de tal Poder Divino, não teria se feito acompanhar pelas multidões até Jerusalém para exigir do Sinédrio, em plenário, a Coroa de seu pai Davi?

A perplexidade e a ignorância sobre seu Pensamento haviam deixado Jesus Cristo sozinho no início do terceiro ano. Apenas as Mulheres e seus Discípulos continuavam fiéis a ele.

O que havia restado, então, daquele primeiro desespero do político romano? E o que parecia ainda pior para o Sinédrio: por que Pilatos iria recuar agora? Seria que haveria, nas fileiras romanas, aqueles que, em caso de insurreição messiânica, desertariam do Império para colocar suas espadas a serviço do Filho de Davi?

Conforme demonstra a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, a expectativa — abafada no último ano pelo próprio Jesus — despertou de seu letargo. Acreditando as multidões que o Filho de Davi havia tomado sua decisão final, favorável à sua coroação, naquele ano todos correram para Jerusalém.

Como já sabemos e a história comprova, na Páscoa Jerusalém se transformava em uma cidade sitiada. De todas as partes do mundo, os judeus desciam e subiam à Cidade Santa para celebrar aquela Ceia que serviu de prelúdio à Libertação de Moisés.

Naquele ano de 33 d.C., à multidão habitual juntaram-se todos aqueles que outrora o haviam proclamado rei.

Qual não foi a surpresa de todos quando Jesus entrou no Templo e, com um chicote, dissipou para sempre a pressão contra o Sinédrio e César que aquela multidão exaltada estava disposta a exercer.

Aquela febre messiânica que Jesus despertou em seu primeiro ano havia voltado à cena. Ela chegou a Jerusalém antes mesmo de Ele chegar e fez tremer as muralhas de Jerusalém com a mesma força com que, em seu tempo, as trombetas de Josué as fizeram tremer. Se, em vez de ir direto ao Templo para pegar um chicote e declarar guerra total ao Sinédrio, Jesus tivesse feito o que fez quando era criança — abrir caminho até o Pátio dos Doutores da Lei e entrar no mérito da questão... Mas não. De jeito nenhum. Nem pensar. A situação já estava tumultuada, e foi Ele quem a mergulhou no caos da maneira mais explosiva que se possa imaginar.

A mesma multidão que, algumas horas antes, havia aplaudido e aclamado em honra do Filho de Davi, ao cair da noite pedia sua cabeça a um Pilatos que, naquele momento, já não entendia por que teria de matar alguém que havia cavado sua própria cova.

Para entender a fuga de seus discípulos, é preciso se colocar no lugar daqueles homens que, em seus corações, sonhavam com aquela entrada triunfal: “a coroação”. Foram eles os primeiros a ficarem paralisados ao ver seu Mestre pegar um chicote e atacar com ira todo-poderosa contra o Templo.

Foi naquele momento que Judas tomou a decisão de entregá-lo ao Sinédrio. Os demais saíram com o ânimo por terra, como se flutuassem em um vazio total.

O que iria acontecer agora?

O que Jesus havia feito?

Enquanto comiam a Última Ceia, sentiam-se tão confusos e vazios quanto aquela Terra que, antes do Princípio, vagava nas Trevas do Abismo, confusa e vazia.

Ai, filhos da Terra, a herança de vossa mãe é o vosso destino! Ela não recebeu, no dia de seu nascimento, todo tipo de promessas de seu Criador e, assim que Ele se virou, deixou-se levar pela confusão que acompanha toda solidão? Se vossa mãe, ao nascer, viveu a confusão e o vazio da solidão, como vocês não iriam tropeçar na mesma pedra?

Enquanto jantavam com Ele, seus discípulos não tinham a menor ideia do que Ele lhes estava dizendo. Sabiam apenas que estavam dispostos a morrer lutando antes de deixá-Lo sozinho. Pobre Pedro, seu coração afundou quando seu Herói e Rei tirou a espada de suas mãos! Todos , sem exceção, saíram correndo, movidos por uma força que os superava e fazia suas pernas se moverem contra a vontade de suas mentes.

“O que vai acontecer agora, Mãe?”, perguntou aquele outro João à Mãe de Jesus, como se ela soubesse a resposta.

O que iria acontecer? Aconteceria o que estava profetizado há mil anos. O firmamento se vestiria de luto para chorar a morte do Primogênito; a Terra se lamentaria pela morte do Unigênito.

24

Morte e Ressurreição de Jesus Cristo

Os acontecimentos daquela noite estão descritos nos Evangelhos. Não vou reproduzi-los nem acrescentar detalhes. Vou me limitar ao que não está escrito.

Enquanto a farsa judaico-romana seguia seu curso, o céu foi-se nublando sobre as cabeças dos milhares de bêbados que gritavam em coro: “Crucifica-o!”.

A mesma confusão que tomou conta dos discípulos e os levou à fuga, essa mesma força havia tomado conta da multidão que o aclamara em sua entrada triunfal e, entregue ao álcool, descarregava sua dor contra o responsável pela decepção que se apoderara de suas mentes. Enlouquecidos, entregues ao álcool no qual afogavam sua dor — que corria de graça e em barris das mãos do Templo para suas gargantas —, aqueles que, há apenas algumas horas, entoavam ao Messias: "Bendito aquele que vem em nome do Senhor", agora gritavam: "Crucifica-o".

Enquanto gritavam e gritavam, as nuvens envolveram o horizonte, estendendo uma teia de raios e trovões sobre o Gólgota. Enquanto o Condenado arrastava sua cruz pela Via Dolorosa, alheio à multidão que, embriagada, cuspia suas gargalhadas sobre o Filho de Maria, a noite foi se fechando.

Absortos, maravilhados com o que estavam vivendo, enquanto participavam da procissão, a muito poucos vieram à mente as palavras do Profeta. Na verdade, apenas a um menino. Ao pé da cruz, enquanto olhava para o céu, as Escrituras lhe vieram à memória.

"Já as ondas da morte me cercavam e as torrentes de Belial me aterrorizavam. As amarras do Seol me aprisionavam; as redes da morte me haviam surpreendido. E, na minha angústia, invoquei o Senhor e lancei meu clamor ao meu Deus. Ele ouviu minha voz de seu palácio, e meu clamor chegou aos seus ouvidos. Ele se comoveu, e a terra tremeu. Os alicerces das montanhas vacilaram, estremeceram diante do Senhor irado. Subia fumaça de suas narinas, e de sua boca, fogo abrasador, carvões acesos por Ele. Ele abaixou os céus e desceu, com uma nuvem negra sob seus pés. Subiu sobre os querubins e voou; voou sobre as asas dos ventos. Fez das trevas um véu, formando ao seu redor sua tenda; névoa úmida, nuvens densas. Diante do resplendor de seu rosto, as nuvens se dissiparam; granizo e relâmpagos de fogo. Yavé trovejou dos céus, o Altíssimo fez ouvir sua voz. Lançou-lhes suas flechas e os dispersou, lançou raios e os consternou. E surgiram riachos de água, e ficaram à mostra os alicerces do mundo diante da ira repreensiva de Yavé, diante do sopro do furacão de sua fúria".

Sim, apenas aquele menino, João, fixou os olhos no céu, que contemplava horrorizado o crime dos filhos da Terra. Na dor daquele momento, ninguém havia percebido o que se abatia sobre suas cabeças. O céu estava negro como as profundezas da caverna mais impenetrável. Quando Jesus exalou seu último suspiro e todos acreditaram que o fim já havia chegado, como se de repente todos despertassem de um sonho, seus olhos se abriram para a realidade.

Antes de sentirem a ameaça do céu, o firmamento se rasgou em lágrimas. Ouviu-se um estrondo mais forte do que o das muralhas de Jericó ao desabar. Foi então que todos ergueram a cabeça pela primeira vez e sentiram na atmosfera aquela umidade elétrica.

Eles já estavam prestes a iniciar o retorno quando, de repente, um chicote em forma de raio rasgou a escuridão. Pareceu cair longe. Que tolos! Era o cavaleiro que outrora abriu para Judas Macabeu as fileiras do inimigo e que agora vinha cavalgando violentamente sobre as nuvens das profecias. Seus olhos resplandecentes iluminaram a noite e, de sua garganta todo-poderosa, o trovão rolou pelo horizonte; como um louco, possuído por uma dor que lhe cegava as entranhas, aquele cavaleiro divino ergueu o braço e lançou sobre a multidão seu chicote de raios e trovões.

O inferno da Ira do Pai Eterno caiu em torrente sobre crianças e mulheres, idosos e jovens, sem distinguir entre culpados e inocentes. Enlouquecida, como quem acorda assustado de um pesadelo e, ao abrir os olhos, descobre que o verdadeiro pesadelo acabara de começar,

a multidão começou a correr descendo o Gólgota. A tempestade que pairava sobre suas cabeças ameaçava com granizo, raios e trovões, mas não com chuva. Era uma tempestade elétrica que o Todo-Poderoso, traspassado pela lança que cravaram no peito de Seu Filho, com o coração despedaçado, havia tomado em Suas mãos e, enlouquecido pela dor, lançava contra os filhos da terra sem distinguir quem fosse. O frenesi e o pavor tomaram conta de todos. O terror se espalhou sem poupar nem o ancião nem a criança, homem ou mulher. Enlouquecida pelo que havia feito sob o efeito do álcool, a multidão começou a se mover em direção às muralhas de Jerusalém. Loucos!, como se a dor de Deus pudesse ser contida pela pedra.

E lá foi a multidão, descendo a Gólgota em busca de salvação entre as muralhas. Então, o chicote elétrico do Onipotente começou a cair sobre mulheres e crianças, jovens e idosos, sem distinguir culpados de inocentes. Sua dor, a dor do Todo-Poderoso, atingia a todos e dilacerava a carne de todos sem qualquer tipo de misericórdia. Em menos tempo do que o galo leva para cantar seu segundo canto, a encosta do Gólgota começou a se encher de cadáveres chamuscados. Aqueles que já subiam a encosta da Porta dos Leões acreditavam ter escapado do horror quando os túmulos do Cemitério dos Judeus começaram a se abrir. Os profetas saíram de seus túmulos e, de suas bocas espectrais, a Ira do Onipotente fazia chegar aos vivos sua sentença de morte.

Horror, desolação, pavor. Aqueles que acreditaram encontrar refúgio em suas casas se depararam com as portas fechadas. Numa noite da Ceia, mil e quinhentos anos atrás, o anjo da morte percorreu as casas dos egípcios em busca dos primogênitos. Esse mesmo anjo percorria agora as ruas de Jerusalém, matando sem distinguir entre grandes e pequenos. A mesma dor infinita que dilacerava o coração de seu Senhor havia atingido o seu, e, em sua dor indescritível, ele cravava a espada querubínica contra todos que encontrava em seu caminho.

Aterrorizados, presos em um pesadelo infernal, o terror arrastou os fugitivos até o Templo. Lá, amontoaram-se entre suas paredes em busca de misericórdia. Enlouquecidos, com a loucura de quem mata o próprio filho e se refugia do pai da criança em sua casa, ali encontraram seu túmulo quando o chicote da Dor derramou suas lágrimas sobre a cúpula, uma cúpula que desabou sobre a multidão aterrorizada.

Horror, pavor, desolação. A dor do Pai de Cristo em plena explosão violenta. O sangue de um Deus transformado em blocos de pedra caindo sobre uma multidão aterrorizada, esmagando cabeças, reduzindo homens e mulheres a escombros. “Gritem novamente: ‘Crucifica-o!’”, escreviam com seus estalidos as pedras da cúpula do Templo enquanto caíam do teto ao chão.

Enquanto tudo isso acontecia aos pés da Cruz, restavam apenas um homem e três mulheres. Como se um escudo de energia o protegesse, o rapaz, de pé, contemplava o espetáculo. Aos pés do Monte da Paixão, os cadáveres carbonizados, os moribundos esmagados sob o peso daqueles que fugiram ladeira abaixo. Contra as muralhas, sem possibilidade de fuga diante dos mortos que haviam saído de seus túmulos, as vítimas paralisadas pelo horror se amontoavam enlouquecidas. Quando, pouco depois, a cúpula do Templo desabou e cessaram os trovões, os relâmpagos e o estrondo de carne e sangue, João pegou a espada do romano que havia se confessado. O rapaz voltou a cabeça para as três Mulheres, falou com elas com os olhos e começou a abrir caminho para elas. A multidão de feridos e moribundos, horrorizada, se afastava como se se tratasse de um anjo de Deus no auge da tarefa iniciada por seu Senhor. Tal era o fogo que emanava dos olhos do mais novo dos filhos do Trovão.

Ao chegarem às ruas, incapazes de resistir ao olhar daquele querubim humano, os alucinados se afastaram de seu caminho. Juan conduziu as três mulheres até casa e fechou a porta atrás de si. Lá estavam os Dez e as demais mulheres. Como se estivesse morta, a Mãe se jogou na cama e fechou os olhos para um mundo ao qual já não parecia querer voltar.

Os sobreviventes juraram arrancar de suas memórias e das de seus filhos a lembrança da Noite em que Deus rompeu sua Aliança com os filhos de Abraão. Seus historiadores enterraram a lembrança daquela Noite no túmulo dos silêncios milenares. Muitas vezes, na História da Humanidade, um povo jurou arrancar de sua memória um determinado acontecimento, especial e crucial para o desenvolvimento de seu futuro. Poucas vezes um povo conseguiu enterrar de forma tão definitiva um capítulo tão traumatizante.

Os Onze também acreditavam que tal era o destino daqueles três anos de glória inesquecível. Na verdade, a única coisa que os manteve naquela sexta-feira e no sábado seguinte trancados naquela Casa foi a inquietação em saber o que havia acontecido àquela Mãe que jazia como morta no leito.

A Mãe acordaria de seu sono? Não se via em seu rosto, marcado pelo sofrimento, os pedaços em que seu coração se partira?

Senhor, como olhar para o rosto dela quando acordasse? Que palavras de consolo diriam a ela para justificar a fuga vergonhosa que empreenderam?

O que poderiam fazer? Abandoná-la à sua sorte? Continuar fugindo até que a distância entre eles e suas lembranças se tornasse um abismo?

Ele não lhes havia dito que tudo o que estavam vivendo passaria, e que ressuscitaria ao terceiro dia?

As horas pareceram intermináveis para todos aqueles que vigiavam o sono da Mãe. Apesar do perigo que corriam, ninguém iria embora sem acompanhá-la até Nazaré.

Quanto tempo levaria para aquela Mãe acordar? Mas, claro, por que ela iria querer acordar?

No sábado, ao meio-dia, a Mãe começou a sair de seu estado. Os Onze acharam que não conseguiriam suportar o olhar dela. Ai, como estavam tolos!

Já estavam olhando para aquele rosto envelhecido há mais horas do que podiam calcular. Já conheciam de cor cada mícron de suas bochechas laceradas.

De repente, naquele sábado, aquele rosto começou a ganhar cor. Todos ficaram observando cada movimento dela. Nesse momento, a Mãe abriu os olhos cheios de vida.

Ao seu lado, sua irmã Juana acariciava sua testa como quem acaricia a cabeça da pessoa mais amada do mundo. De repente, a Mãe pediu um pouco de água. A outra Maria, a de Cleofás, levantou-se. Lentamente, a Mãe se sentou na cama e olhou para todos e . Os Onze estavam sentados no chão, encostados nas paredes do quarto. A expressão em seu rosto os deixou maravilhados quando a Mãe abriu os lábios. “O que há com vocês, meus filhos?”, disse ela, sorrindo. “Quem vocês estão velando? Vocês me olham como se estivessem vendo um fantasma”.

Os Onze não saíam da surpresa. Maria, filha de Cleofas, voltou com o copo de água e sentou-se ao lado dela, apoiando a cabeça no ombro dela.

“Já está, Maria, não seja criança, não chore mais, ou você quer que meu Filho a encontre assim quando vier?”.

Os Onze se entreolharam, achando que a dor a havia feito perder o juízo. A Mãe leu seus pensamentos e começou a falar com eles, dizendo:

“Filhinhos, eu sou a culpada por tudo. Há muito tempo eu deveria ter revelado a vocês quem é Aquele a quem chamam de Mestre e Senhor. Isso tinha que acontecer para que Ele me livrasse do meu silêncio. Quem vocês acham que seguiram de um lado para outro?

“Eu sou velha, filhos, e estou cansada. Ouçam-me bem e elevem a alma; quando Ele vier, amanhã, terão a prova de tudo o que vou lhes contar hoje. O que pensaria meu Filho se, ao vir amanhã, os encontrasse assim? Como eu poderia olhá-Lo nos olhos? Tenham paciência comigo se, em algum momento, eu não for clara. Quando Ele enviar a vocês o Espírito da Promessa, vocês se lembrarão das minhas palavras, e eu mesma ficarei encantada com a sabedoria que Ele derramará em suas almas. O que vou contar a vocês, ouvi diretamente Dele. Não tenho a graça nem a sabedoria Dele. Já vos digo: Ele mesmo vos encherá de seu conhecimento e, então, não precisareis mais que eu vos conte nada. Ele me falou de seu Mundo, de seu Pai; eu perguntava e Ele me respondia sem me esconder nada. Pelo menos nada que eu não precisasse saber. Eu era sua confidente, o coração aberto e inocente no qual Ele derramava suas lembranças divinas. Ele me falava de seu Mundo com os olhos voltados para o infinito; eu guardava tudo em meu coração; cada uma de suas palavras eu gravava em minha carne. Até hoje não sei por que Ele selou meus lábios. Hoje Ele me libertou do meu Silêncio e coloco em seus corações o que Ele colocou no meu e que carreguei comigo por tantos anos.”

Ao abrir-lhes seu Coração, a Mãe revelou aos Discípulos: a Anunciação, a Encarnação do Filho de Deus e a História Divina que Ela ouviu dos lábios de seu Menino, naqueles dias em que, sendo “seu Menino”, o Filho de Deus vinha se aninhar nos braços de “sua Mãe”.

LIVRO TERCEIRO

A CRIAÇÃO DO UNIVERSO SEGUNDO O GÊNESIS.

No princípio, Deus criou os céus e a Terra.

A Terra estava confusa e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo,
mas o Espírito de Deus pairava sobre a superfície das águas.
Deus disse: “Haja luz”, e houve luz.

11.-DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS
21.-PRIMEIRA PARTE.- CRIAÇÃO DA LUZ DO GÊNESIS
42.-.- SEGUNDA PARTE.- CRIAÇÃO DO FIRMAMENTO DOS CÉUS
50.-TERCEIRA PARTE.- A ESCADARIA DOS ELEMENTOS NATURAIS
61.-QUARTA PARTE.- CRIAÇÃO DA BIOSFERA
66.-QUINTA PARTE.- CRIAÇÃO DA ECOSFERA
77.-SEXTA PARTE.- CRIAÇÃO DO SISTEMA SOLAR
89.- SÉTIMA PARTE.- CRIAÇÃO DOS CÉUS

INTRODUÇÃO À COSMOLOGIA DO SÉCULO XXI

Eis o segredo mais bem guardado do mundo. Durante os 3.500 anos que se passaram desde Moisés até Cristo Raul, a nenhum ser humano foi permitido abrir o Selo com o qual YAVÉ, Deus, determinou que a História da Criação dos Céus e da Terra permanecesse fora do alcance da inteligência dos milênios; até o Dia fixado em Sua Presciência, é claro.

Uma vez aberto esse Selo, e exposto o Hieróglifo escrito por Moisés à leitura de todas as nações, a Inteligência de YAVÉ Deus, seu Criador, é magnificada até o infinito, tanto mais quanto os sábios e gênios de todos os séculos tentaram abrir esse Selo, ler seu Conteúdo, e não conseguiram. A inteligência de YAVÉ, Deus, Criador do Universo, torna-se ainda mais elevada e inacessível quando se percebe que o homem a quem Ele concedeu a glória de abrir esse Selo

e ler seu conteúdo para todas as nações não passa de um homem sem mais estudos do que os elementares, próprios de sua época e de seu povo.

Obviamente, a força a ser vencida por este Livro se multiplica pelo número de homens que, frustrados por sua incapacidade de abrir o Selo do Gênesis, convenceram-se de que tal impossibilidade decorria do fato de o Relato bíblico do Gênesis não ser outra coisa senão "uma metáfora sem qualquer conteúdo científico".

Tendo a inteligência humana sido criada para elevar-se à imagem da inteligência divina, conforme se lê: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança", essa frustração não poderia deixar de trazer à luz uma visão sobre a origem do Universo, nascida para abafar a ignorância humana e manter à tona "o poder absoluto da Razão científica". O fruto dessa dualidade emocional trouxe ao mundo uma cosmologia sem Deus, defensiva em um primeiro momento e, posteriormente, ofensiva — ou seja, anticriacionista —, com o objetivo de salvar a grandeza humana diante da "morte de Deus".

Ora, Deus não mente; não foi à toa que Ele disse de Si mesmo: "Eu sou a Verdade". Assim, tendo Ele escrito, na forma de hieróglifos, a Memória da Criação do nosso Universo, pela própria razão da impossibilidade de penetrar em seu Texto, sem a intervenção da Mão de seu Autor, e porque essa impossibilidade se manifesta na queda da ciência do século XX nos abismos do nazismo, por essa impossibilidade a existência do Texto passou a ser uma promessa de revelação, a ser cumprida, graças a Cristo, em data conhecida exclusivamente por Ele.

Em suma, o Selo deveria ser aberto e o Mistério de seu Conteúdo viria à luz.

Ora, tendo o ateísmo científico do século XIX evoluído para a cosmologia do século XX, e tendo o século XX construído uma estrutura artificial para o edifício irreal de sua imagem fictícia do Universo no Tempo e no Espaço, por lógica o choque entre tal visão artificial e fictícia e a verdadeira imagem do Universo, aqui revelada, deve fazer saltar faíscas.

Digamos que a necessidade de fundamentar, com base em princípios pseudocientíficos, uma imagem cosmológica sem qualquer apoio na estrutura da Realidade tenha dado origem, em torno daquele castelo no ar que foi a CSXX, toda uma religião neopagã, com as universidades como templos e a Academia de Ciências como Vaticano, demonstrando assim, mesmo em seu ateísmo, que qualquer estrutura humana que aspire a ser invencível deve seguir o modelo que Cristo estabeleceu em vida: a Igreja Católica.

Em suas aspirações à imortalidade, tanto o Terceiro Reich quanto o Partido Marxista-Leninista-Estalinista não hesitaram em adaptar a estrutura católica aos seus partidos. O ateísmo anticriacionista do século XX não ficaria atrás, nem deixaria de levar essa cópia à perfeição, tanto mais que entre seus construtores contavam-se os gênios que deram origem à Era Atômica.

A tarefa de Deus neste século não é pequena, nem insignificante.

Mas é na impossibilidade que a Onisciência e a Onipotência Divinas se manifestam em sua verdadeira natureza infinita e eterna.

Quanto ao aspecto literário, todos os defeitos que este livrinho possa ter devem ser atribuídos a mim. Por se tratar de uma Introdução, isso não implica infalibilidade nem dogma. No entanto, tendo seus fundamentos sido estabelecidos pelo próprio Criador dos Céus e da Terra, qualquer ruptura com esses fundamentos é reabrir a porta para as Guerras Mundiais.

Com o passar dos anos, meu pensamento foi se aprofundando. A essência original permanece.

A leitura deste livrinho não é fácil, nem pretendo adaptar meu estilo às leis do mercado. Tanto menos fácil me é, quanto mais complexa foi a estrutura artificial que a cosmologia do século XX construiu para o ateísmo da classe científica.

Foram muitos os gênios que usaram as costas de Newton como alavanca para chegar às de Einstein. Ignorando as revoluções tecnológicas e científicas vividas nos dois séculos passados, os herdeiros daquele Sistema Cosmológico, fundado em uma Hipótese cuja grandeza consistiu em ter reinventado um Universo que existia apenas em suas mentes, os astrônomos de nossos dias preferem continuar trabalhando com os olhos fechados diante dos dados a comprometer esse maravilhoso edifício cosmológico criado pelo homem e, sob o peso das evidências, ter que assinar a demolição da religião do ateísmo do século XX. A Verdade Divina, no entanto, é invencível. Os dados armazenados na memória astronômica do século XXI se levantam para, de uma só vez, derrubar esse castelo no ar que foi o século XX.

A Estrutura Dinâmica de nossos Céus, esse Firmamento dos Céus que todas as noites nos abre os olhos para as imensidões de sua Criação, e do qual, por razões de barbárie social histórica, os homens foram alienados de sua livre contemplação, escravos como são de um Sistema Social Animal fundado precisamente sobre aquele Sistema Cosmológico de cujo seio nasceram todos os males do século XX; quando, ao estudarmos os dados físicos que a Astronomia Natural nos fornece, nos revela-se uma Edificação de beleza infinita, cujos fundamentos abrem os olhos do pensamento para a existência de uma Sabedoria Criadora fundamentada na inteligência ilimitada de um Ser Todo-Poderoso, cuja força foi colocada a serviço da Árvore das Ciências da Criação dos Universos, em cuja atividade seu Ser adquire as propriedades sobrenaturais próprias do Criador do Cosmos: onisciência e onipotência.

É lógico, portanto, que diante da questão do ser ou não ser da CSXX, na medida em que se trata de uma religião da ciência, os astrônomos de nossos dias continuem com os olhos fechados diante das evidências que os dados astrofísicos universais lhes apresentam.

Meu trabalho neste contexto consiste em tornar simples o que é difícil e mostrar que a Luz que cega os olhos é a Luz que abre a inteligência da criatura humana à imagem da Inteligência Divina de seu Criador. Pois continua-se preferindo viver sob a condição animal única e exclusivamente por medo de viver uma Liberdade que, à imagem e semelhança da Divina, vence tudo e enfrenta os problemas do Espaço e do Tempo com a consciência vitoriosa de quem aprendeu que Viver é uma Aventura, uma Epopeia em avanço constante e contínuo rumo a um Horizonte que revela sua natureza à medida que nos aproximamos de sua Meta. Nas palavras d , nosso Criador, Deus Filho Unigênito, nosso Rei e Senhor, nosso Pai e Mestre: “Cada dia trará sua preocupação”.

Compreendo que, tendo trabalhado neste Campo da Criação do nosso Universo com a perseverança de quem dedicou sua vida a recriar a Verdadeira Imagem dos nossos Céus e sua Relação no Espaço e no Tempo com o Cosmos no qual foi criado, tendo minha inteligência sido formada para trabalhar com imagens simples sustentadas pelos Dados Astronômicos Naturais, preciso partir de um Princípio Universal claro, que não deixe margem para dúvidas e sirva de Ponte entre o século XX e esta Introdução ao século XXI. Para atender a essa necessidade, direi desde já que esta Introdução é exatamente o que seu título indica: “Uma Introdução”. Quem abre a Porta cumpre sua tarefa; cabe àqueles que entram continuar trabalhando e atualizar o pensamento cosmológico e astrofísico para que as novas gerações possam trilhar, nos próximos séculos, um caminho alimentado por uma árvore de ciências criadoras cujo fruto viva sob a Lei da Vida e não sob a Lei da Morte — que foi o fruto que a árvore do ateísmo científico veio oferecer ao século XX.

No que diz respeito à Origem do Cosmos, estabelecendo aqui o Princípio do Nosso Universo como uma Obra posterior à Criação do Cosmos, e um Cosmos que foi criado para ser

o Campo de Matéria-Prima do qual seu Criador se serviria para a Criação de Novos Universos, essa Origem Cosmológica ocorreu em uma Transformação Massiva de matéria astrofísica em energia cósmica; energia global que, ao ser redirecionada para campos de energia espaço-tempo, iniciou sua jornada de retorno à matéria astrofísica.

Basicamente, esse Big Bang Original continua ocorrendo nas Fronteiras do Cosmos, onde a energia cósmica criada pelas Galáxias é captada por campos de energia espaço-tempo que transformam energia em matéria. Assim até o infinito, pela eternidade, e daí a expansão ad infinitum natural do Cosmos. A criação de galáxias é um evento sem fim que o Criador do Big Bang Original alimenta, expandindo o espaço das fronteiras de sua criação à medida que o tempo se materializa em galáxias e aglomerados de galáxias.

Não é, portanto, por acaso que a Revolução Radioastronômica que estamos vivendo soma e continua somando novas galáxias às já detectadas, e expande as fronteiras do Cosmos à medida que essa nova soma nos abre os olhos para uma Expansão alheia a qualquer Contração Cosmológica Final.

Assim como a Eternidade, o Infinito e Deus não têm Princípio nem Fim: a Criação veio para permanecer para sempre, por toda a eternidade. O contrário, negar a Expansão até o Infinito do Cosmos ao afirmar uma Contração que teria início em algum ponto da linha da Eternidade, é entregar-se à ficção científica; ou seja, é retornar à Era da Falácia do século XX, quando uma Hipótese era Lei enquanto não se demonstrasse sua Maldade. Tendo a maldade do século XX inundado os campos da Terra com duas guerras mundiais, a persistência em tal falácia é declarar-se em guerra aberta contra a humanidade, contra a vida e contra Deus.

E, concluindo este Prólogo, a observação em tempo real da evolução que as ciências astronômicas e físicas em geral têm experimentado nos últimos 40 anos é uma fonte de estudo de recursos intelectuais favoráveis à construção de um Pensamento nítido e sem fissuras sobre a Imagem Natural que corresponde aos nossos Céus e à nossa Terra. Não há como duvidar, a esta altura, que a imagem que as ciências geológicas e astronômicas projetam para a humanidade afeta sua posição em relação à sua civilização e sua atitude diante do universo. Querer se esquivar das responsabilidades e atribuir a culpa dos próprios males a uma força externa ao próprio sistema é um recurso patológico que, conforme se depreende da realidade histórica em que nos encontramos atualmente, não leva a lugar algum; ou melhor, leva a um lugar muito preciso: a destruição.

O papel que as ciências naturais desempenharam no início da Segunda Guerra Mundial é um mea culpa que paira no ar como uma laje sobre um túmulo.

A relação entre Conhecimento e Comportamento é uma lei perfeitamente aceita pelas ciências desde os dias mais gloriosos da Etologia; para não nos alongarmos demais no tempo, o papel que o ateísmo científico, sustentado pelo século XX, desempenhou na tragédia do século XX está longe de ser contestado. A menos, é claro, que agora, além de cegos, queiram que sejamos todos sem cérebro.

Pessoalmente, não acredito que a Maldade tenha sido consciente. Mas, uma vez que a Consciência é adquirida, as consequências da Liberdade não podem ser atribuídas à Impossibilidade de abrir um Selo que Deus manteve fechado com seu Punho e sua Letra. Não há, portanto, Condenação; nem meu trabalho consiste em julgar os Pensadores dos últimos séculos. A Verdade está além do julgamento dos outros; está em sua Natureza libertar aqueles que se viram aprisionados nas trevas de um Silêncio cuja Origem está em uma Necessidade Cosmológica, hoje superada.

Assim, abramos a Porta que, durante 3.500 anos, permaneceu fechada para a Glória de nosso Criador Divino e para a Libertação de todas as nações da humanidade das forças que a

Ignorância, nascida da Queda do Primeiro Homem, desencadeou sobre todos os povos da Terra.

CAPÍTULO 1
DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

1. Mas, para começar, e visto que sempre se deve escolher um bom ponto de partida, direi que este estudo sobre a Memória da Criação do Universo (Céus e Terra) tem sua origem na necessidade de abrir a Fé aos princípios científicos da Natureza. Não pretendo fundamentar a Fé nesses princípios, pois a Fé foi e está fundamentada nos princípios sobrenaturais, dos quais os Evangelhos são seu Tratado Eterno. A Encarnação e a Ressurreição são as duas colunas do Templo da Fé; quando se trata de perguntas sobre a Origem de todas as coisas, a única explicação que nossos pais puderam nos dar — e que nós mesmos pudemos dar, até agora, aos nossos filhos — é o Relato da Criação do Universo segundo o Gênesis. Ou seja, "Deus criou os Céus e a Terra"... E o restante, o "como" e o "quando", são aspectos da Atividade Criadora que podemos conhecer ou desconhecer, mas que não acrescentam nem tiram nada da Fé.

2. A tarefa que me propus neste livro é superar a primeira das duas incógnitas: "o como". Pois, embora a fé seja invencível, ninguém pode negar que a fé sem a inteligência é corruptível, como bem ficou demonstrado ao longo dos séculos. Devemos, portanto, atribuir à ignorância todos os erros do cristianismo. Consequentemente, neste livro irei direto à Verdade; e a verdade é esta: o Universo, essa estrutura de engenharia astrofísica dentro de cujas paredes orbita nosso Sistema Solar, foi criado pelo Deus do Gênesis. O contrário — o suposto fato circunstancial de que esse conjunto final de beleza impressionante que chamamos de "o Universo" tenha surgido a partir de uma série caótica de elementos — não causou ao materialismo científico nenhum tipo de conflito psicológico, na medida em que a Ciência negou a existência de uma Estética Natural. (Esse tema da Estética dos Céus e sua função estimulante da Inteligência é uma questão que o ateísmo científico declarou ser fruto de uma série de acasos, todos com origem no Caos. Quanto ao resto: como é possível que o Caos produza Céus de uma beleza tão impressionante, esse é um ponto ao qual se recusaram a responder. Ou responderam com o desdém que merece a pergunta de um tolo). Não à toa o pai da Etologia e ganhador do Prêmio Nobel Konrad Lorenz relacionou Conhecimento e Comportamento em sua equação clássica: "Verdade = Sobrevivência; Mentira = Destruição".

3. Os exemplos que o sábio Konrad Lorenz, pai da Etologia, ao falar sobre a relação direta entre Conhecimento e Comportamento, colocou diante de nossos olhos são infinitos, mas, em suma, convergem para uma conclusão universal; a saber: o Comportamento positivo, ou de sobrevivência, adaptação e evolução de todo ser vivo, é fruto de seu Conhecimento verdadeiro e real sobre a Natureza; informação que adquire por meio de seus sentidos, por um lado; e de sua herança filogenética, por outro; de tal forma que, pela natureza do comportamento vivo de uma espécie, podemos definir a natureza do conhecimento que lhe serve de base para se mover no espaço e no tempo.

Ou seja, se fornecermos a um indivíduo uma informação falsa sobre o cenário em que ele se move, a consequência será que ele passe a se desorientar. Exemplo: se, a um indivíduo em movimento, transmitirmos uma informação falsa sobre o comprimento de uma fenda em seu caminho — para a qual, à medida que se aproxima, ele deve se preparar para atravessá-la —,

informando-lhe que ela tem dois metros de comprimento como um fato, quando na verdade são dez, a aceitação dessa falsidade levará à sua ruína.

Nos animais, são os sentidos, quaisquer que sejam, que captam a informação à medida que o movimento ocorre. No ser inteligente, no caso humano, a informação provém da comunicação e, portanto, o indivíduo fica exposto a uma manipulação factual externa que, ao direcionar seu comportamento, pode ou não buscar sua destruição. Ora, quando é toda a espécie, todo o gênero humano, neste caso, que segue por um caminho autodestrutivo, por lógica devemos falar de uma patologia intelectual que, ao afetar todos os homens, inevitavelmente os arrastará a todos para o abismo de sua extinção. E como a Cosmologia se refere à Estrutura da Natureza, origem de toda a vida na Terra, o Comportamento Global Autodestrutivo que o Gênero Humano vive deve ser buscado em uma Patologia do Intelecto para recriar intelectualmente a natureza do mundo em que o Homem vive, existe e é.

4. Voltando ao tema metafísico, o fato é que a Ética também não está implicada na Genética e, no entanto, sua manifestação ocorre em todos os níveis históricos conhecidos. Assim, sendo a necessidade inata, o Conhecimento faz parte de nossa estrutura genética. Ou, o que dá no mesmo, não reagiríamos à Estética do Universo se nossa estrutura genética não estivesse preparada para responder às faíscas que os Céus fazem saltar em nosso cérebro.

Assim, ao negar a relação entre Inteligência Natural e Estética Universal, o que o materialismo científico fez foi conduzir o trem da pesquisa cosmológica criacionista a um beco sem saída. Contra essa tentativa, é preciso dizer que a história das civilizações, desde seus primórdios, mantém um registro das respostas das diferentes culturas a esse estímulo natural (Inteligência Natural – Estética Universal), em relação ao qual o Gênero Humano, encontrando-se como se encontrava em sua Infância Ontológica, não tinha capacidade de manipulação nem domínio. Ou, o que dá no mesmo, o ser humano reage diante da Beleza do Universo com a naturalidade das árvores diante da chegada da primavera e dos ventos diante do inverno.

Sendo “a admiração a mãe do pensamento filosófico”, é a própria Natureza que, carregando em sua Estrutura Universal a marca da Inteligência de seu Criador: seu efeito sobre a Vida, não podendo ser outro senão uma Criatura Inteligente “à imagem e semelhança de seu Criador”, engendra no ser humano o Pensamento Metafísico, com base no qual ele transcende a própria materialidade da informação registrada pelos sentidos para elevar-se a uma Causa Externa Universal que tem em Deus sua Origem.

Nesse sentido, pode-se objetar que a Metafísica tem pouco ou nada a ver com a Cosmologia. Objeção sem fundamento, pois a Filosofia, sendo a mãe da Metafísica, é o fogo que acende no Ser a Inteligência que o conduz à Ciência. E a Ciência direciona seu Pensamento para a Criação. Modelo de conduta que observamos em todas as civilizações. E do qual deduzimos que a marca do Criador se integra à Criação para elevar a Vida de sua Criatura à sua Existência e Participação na Eternidade.

5. Quanto à Criação da Vida Inteligente sobre a face da Terra, naquela época (referindo-se ao Homo Sapiens Adanensis), o ser humano em sua Infância Ontológica, a resposta do Homem ao estímulo do Universo em seu Cérebro foi a Palavra. Ou seja, se o fato da admiração constitui o passado da Ciência, esse mesmo fato revolucionou, muito antes, o futuro do Homem, abrindo-lhe a boca para articular sua Primeira Palavra.

A Primeira Palavra, a palavra de admiração por excelência, que outra poderia ser senão “Deus!”.

De fato, o relato bíblico sobre a Criação do Universo tem sua origem na satisfação daquele estímulo que despertou no Homem a busca pelo Conhecimento da Origem de todas as coisas.

No seio dessas respostas que as diversas nações da Antiguidade deram a esse estímulo (Estética Celeste – Inteligência Natural), a Resposta Bíblica abriu entre Moisés e seus contemporâneos uma distância tão intransponível quanto seria impossível para o Faraó atravessar o Mar Vermelho.

6. De fato, em comparação com o relato de Moisés sobre a Criação do Universo, os relatos cosmogônicos dos povos antigos traziam a marca do trauma histórico vivido por seus antepassados em algum lugar do outro lado do Dilúvio. Deuses, demônios, oceano, céu, terra, semideuses... Todas as paranoias daqueles homens se misturaram em um caos mítico, de cujas entranhas nada de bom poderia surgir, exceto a justificativa do comportamento social que constituía seu patrimônio histórico. Por isso, neste livro, prefiro deixar para outra ocasião uma análise sobre a gênese das respostas da Antiguidade ao desafio do cosmos. Tampouco vou me perder na análise e refutação das teorias cosmológicas modernas, pois, embora sob uma roupagem diferente, as respostas da Era Atômica às antigas questões clássicas sobre a Origem e a Estrutura do Universo tiveram suas raízes na mesma atitude psicológica que arrastou o homem antigo para a Era dos mitos e das lendas.

No momento oportuno, quando a ocasião surgir, irei desmembrar suas estruturas até revelar a natureza de suas hipóteses. Pois, não sendo esta Nova Cosmologia o desenvolvimento de uma hipótese anterior, e não sendo devedora de nenhuma delas, a teoria histórica que dá início a este livro não tem por que seguir o mesmo método de registro e refutação de todas as hipóteses que, desde os dias do Mundo Clássico até a Era Atômica, fizeram o mesmo, ou seja, tentar satisfazer a necessidade de conhecimento do ser humano. E, considerando que a liberdade de expressão se une à liberdade de pensamento para criar seu próprio método, preferi seguir como linha de ação a plataforma que Moisés traçou no Gênesis. E digo isso ciente de que, sem o trabalho das gerações passadas, seria impossível estarmos aqui presentes.

Ora, levando em conta que esse progresso já estava inscrito na História de nossa Civilização desde o momento em que seu Fundador não foi outro senão Aquele que, abrindo a boca, disse: “HÁ LUZ”, esta Introdução não reconhece outro parentesco senão com Aquele que dispôs que a Inteligência humana encontrasse a Porta aberta para a Ciência d a Criação. As ciências cumpriram uma função histórica sagrada, que não é outra senão preparar a inteligência do nosso século para acessar a inteligência sem limites do nosso Criador.

7. A partir do estudo da História das Ciências, em geral, e da Astronomia, em especial, percebe-se de que maneira e em que medida a Ignorância foi a herança deixada à Humanidade pela geração daqueles míticos fundadores das primeiras cidades construídas pelas mãos dos homens, cuja idade de ouro foi alcançada quando “a coroa desceu do céu”, quando as cidades se ergueram como o corpo do Primeiro Rei da Terra, aquele Adão que, desafiando a Lei e desprezando a Paz enquanto caminho para a civilização da plenitude das nações do gênero humano, fez da Guerra Santa sua lei de ferro; herança que levou todos à Morte. Destruição onde se aprecia melhor do que em qualquer outro lugar a delicada relação entre Conhecimento e Comportamento.

Uma informação “falsa” sobre a Identidade e a Personalidade do Criador, aceita como verdadeira e certa, desencadeou a primeira guerra civil mundial, encenada no fratricídio de Caim contra Abel; informação que, se não tivesse sido aceita — caso o Homem tivesse empreendido um Caminho direto para a Civilização Universal —, teria poupado à Humanidade tanta desgraça.

Mas, como não estamos neste livrinho para corrigir os erros dos historiadores da Antiguidade, é melhor deixarmos de lado, por enquanto, o tema da Queda à luz das ciências históricas, e já teremos tempo, quando Deus assim o determinar, para viajar ao Sétimo Milênio a.C. e recriar, à luz das evidências, o Mundo antes da Queda daquele primeiro reino cujo rei

recebeu a coroa “que desceu do Céu”, Adão para nós, “Alulim” para os herdeiros daquele mundo perdido... por causa de uma maçã!

8. Continuando com o tema, a título de introdução, e embora possa parecer fora de contexto uma breve visão geral, a entrada de Moisés na História Universal revolucionou a estrutura do Futuro da Humanidade por muitas razões. Ele foi o primeiro legislador a abolir os sacrifícios humanos. Uma vez purificado por Jesus Cristo das penas relacionadas ao crime bíblico, o Código Mosaico de Justiça continua sendo a base de nossa Ética Social, mantendo-se seus “NÃO matarás, NÃO roubarás, NÃO cometerás adultério, NÃO darás falso testemunho”... os pilares sobre os quais o Palácio da Justiça mantém sua estrutura básica.

Obviamente, o mundo continua sendo o que é devido à batalha até a morte que a semente de Caim vem travando contra Cristo.

Desde as origens do Mundo, daquele mundo renascido das cinzas do antigo mundo pré-cristão, o objetivo de reinos e impérios, tiranos e ditadores não foi, nem é outro senão legalizar o Roubo, o Adultério, o Crime, o Testemunho Falso, o Sexo contra a natureza, etc. A história dessa luta entre a lei da Natureza, escrita por Deus Criador no coração de todas as primeiras famílias da Terra, e a lei do Crime, cujo objetivo era e é a legalização dessa transgressão (em nome do Estado, da Casta, da Democracia e até mesmo de Deus), teve e tem como linhas-guiadoras conduzir as nações à aceitação da guerra como modo de vida.

Não é necessário enfatizar a transcendência do Código de Moisés e sua natureza revolucionária. Como já disse, esse Código foi o fogo que fez surgir das cinzas aquele Mundo Antigo que, com a Quadratura dos Césares, conduziu a Civilização Antiga à sua ruína. Animado pelo Espírito de Cristo, daquelas cinzas surgiu o Mundo Moderno, que atualmente volta a galopar rumo à sua ruína nas costas dos mesmos cavalos que conduziram à queda do Império Romano.

9. De muitas maneiras, portanto, a Revolução de Moisés continua a nos afetar três mil e quinhentos anos após seu nascimento.

Sem contradizer de forma alguma nossa Dogmática sobre a Trindade, seu monoteísmo continua sendo a Rocha sobre a qual Cristo ergueu sua Igreja. (Da oposição entre aquela força Antiga, estagnada em sua inércia, que se recusava a dar o salto para a frente, e a Nova, que clamava por renascimento, surgiu o grande conflito que, com sua explosão, devolveu à Sagrada Escritura a natureza revolucionária que ela possuía em suas origens e à qual nunca renunciou. Graças a Jesus Cristo, mesmo ao preço de ser considerado “traidor da pátria” por querer transformar a Sagrada Escritura em patrimônio universal da Humanidade, a Inteligência Natural Clássica encontrou a porta aberta para o estudo da Criação. E o que é mais importante, Jesus Cristo deu à Bíblia um Povo que a protegeria da Queda do Império Romano, que se aproximava).

10. O povo judeu, é verdade, havia carregado a Sagrada Escritura contra o vento dos séculos. Mas o havia feito como quem carrega um fardo do qual não se pode livrar. Seus períodos de idolatria, suas épocas de corrupção, tão comuns em sua história, não eram mais do que isso: a manifestação dessa impossibilidade de tirar aquele fardo das costas. Moisés firmou uma Aliança entre Deus e o povo hebreu, pela qual Israel nunca seria destruído; mas, ao vincular ambas as partes e com o Olho de Deus onipresente, isso criaria — e de fato criou — na consciência do povo judeu a necessidade de não se sentir vigiado de maneira tão constante e onipresente. O efeito dessa necessidade de libertação foram aqueles períodos de idolatria e corrupção dos quais a Bíblia está repleta.

Foi essa relação de natureza sadomasoquista — na medida em que Deus sabia que era impossível ao homem não pecar, e o homem sabia que era impossível a Deus deixar de punir

— que conduziu o povo judeu à situação final que, por meio de seu confronto com os poderes sacerdotais de Jerusalém, nos revelou Jesus Cristo.

Após um milênio e meio estudando a Sagrada Escritura, vivenciando-a na própria pele — eu diria —, tal foi o modelo de relação entre Deus, o Universo e o Homem que moldou Jerusalém e seus filhos. Seus ritos litúrgicos, suas prescrições legislativas, o modo de vida judaico em geral, salvo algumas exceções, mantiveram as mãos do resto do mundo longe da Sagrada Escritura, e as do povo judeu, salvo raras exceções, longe dos livros da Idade de Ouro da Filosofia e das Ciências Clássicas.

Essa situação, esse muro psicohistórico intransponível nos dois sentidos, Jesus Cristo se propôs a derrubar.

E ele o derrubou.

A necessidade era vital. Como depositários da Sagrada Escritura, os judeus não podiam ignorar que a História Universal continuava em evolução e que, ao seu redor, havia outro povo no qual Deus havia depositado outro tipo de "escritura sagrada".

Se a Sagrada Escritura foi fruto do amor de Deus pelo Homem, o fruto do amor do Homem pela Sabedoria seria a Filosofia, mãe da Ciência.

11. Longo foi o caminho da Ciência ao longo dos séculos. Como não poderia ser de outra forma. Pois, tendo o Homem sido criado para ser participante da Onisciência criadora, a inteligência humana, reflexo vivo da Inteligência Divina, não podia nem pode deixar de aspirar a viver seu crescimento dentro da dimensão onisciente natural à Fonte de sua existência. A consequência direta e maligna que a Queda legou a todas as famílias do mundo foi essa desconexão; de modo que, tendo o homem "em si a potência de ser", ele se viu, após a Queda, diante da impossibilidade de passar do "dito" ao "feito", o que na Filosofia se denomina: passar da "potência" ao "ato".

Essa impossibilidade natural traduziu-se em mitologias e cosmogonias, uma a uma e todas em conjunto, impulsionadoras do Delito contra uma Natureza que, portando em seu seio a lei Divina, viu-se impotente para reconectar a Criatura Humana com seu Criador.

A ignorância foi o destino do gênero humano (sobre cuja natureza já falaremos no momento oportuno, mas não aqui, uma vez que este livro se destina a permanecer exclusivamente no campo do conhecimento de Deus como Criador dos Céus e da Terra)... Contra essa ignorância se ergueu o Pensamento Filosófico e, embora a inteligência humana estivesse escravizada à lei da razão animal, pelo fato de o ser humano portar em seu seio a semente da inteligência divina, esta, por disposição do Criador, acabaria por dar seu fruto.

12. Assim, mil e quinhentos anos após o Nascimento, chegou para a Ciência a hora de sua liberdade. A tutela que a Teologia exercera sobre seu corpo chegava ao fim. Só que a situação não era a mesma. Não se pode comparar o mundo mil e quinhentos anos depois de Moisés com Galileu, mil e quinhentos anos depois de Jesus Cristo. Mas, no que diz respeito ao fim da tutela da Teologia sobre a Ciência, a Hora realmente havia chegado.

Os ponteiros do relógio do Tempo vinham avançando em direção a essa Hora.

Se os teólogos se escandalizaram com Galileu, não foi porque Deus tivesse deixado de ser o espírito que, em seu rosto, insufla o sopro da vida às suas criaturas. Eu diria que foi exatamente o contrário; foi porque a Teologia havia tentado monopolizar esse sopro da vida e, ao não conseguir, logicamente teve que se escandalizar com Deus. Mas essas coisas já haviam sido preditas. O verdadeiro problema, na essência da independência da Ciência, surgiu quando, a partir dos atritos, surgiu aquela sensação de liberdade de quem se liberta, finalmente, da proteção de uma mãe exageradamente — como eu diria — madona. Sensação

crescente que, alimentada pela crítica da razão independente a uma igreja ancorada em seus comportamentos medievais, acabou por converter o Mundo Moderno aos diversos tipos de materialismos científicos.

Dado o condicionamento intelectual adquirido pela Ciência Moderna, dificilmente o progresso do conhecimento físico do Universo poderia convergir para o encontro com seu Criador.

13. Embora possa soar como uma crítica destrutiva — o que não é —, é fato que o fracasso da Era Moderna já estava escrito em seu legado para a Era Atômica. Muitas ideias sobre possíveis modelos cosmológicos, cada uma delas uma peça de um quebra-cabeça que se vislumbrava maravilhoso, mas que ninguém conseguia organizar. Coube ao gênio de Einstein e à sua geração elevar o Número à condição da Palavra e, com seu poder onipotente, ordenar o Cosmos. (A loucura que — segundo eles — havia no gênio levou os sábios da Era Atômica a acreditar que estavam em uma corrida de revezamento e que havia chegado a sua vez de correr. Com a fidelidade dos sábios a uma causa perdida, os gênios da primeira metade do século XX saltaram para a pista que conduzia ao inferno das guerras mundiais. Quando perceberam, quando quiseram parar o trem, já era tarde demais, e a inércia fez o resto). Eles saltaram e, como Pilatos lavando as mãos, se afastaram do caminho.

Nós, como não implicá-los no nascimento do monstro que alimentaram com o leite da lei do mais forte e o pão da guerra como instrumento de progresso e evolução!

Alimentados pela doutrina do materialismo científico, o monstro nazista e o monstro bolchevique cresceram até se tornarem os exércitos daquele inferno que fez do século XX o período mais maligno vivido até então pela humanidade.

É verdade que a Queda do Império Romano não foi menos infernal, mas o fato de o século XX ter contado com todos os meios necessários para impedir a hecatombe apocalíptica, o fato de ter visto na Guerra o único meio possível para sair da crise ideológica e econômica que afetava todas as nações por igual, transformou a Queda do Mundo Moderno na maior tragédia já conhecida, tanto pelo número de almas presas na hecatombe apocalíptica quanto pelo ódio e pela maldade que se liberaram nas guerras mundiais do século XX.

Ou seja, segundo o evangelho do mais forte: a Guerra Mundial era legítima.

Elas tinham que começar.

E começaram

14. Felizmente para nós, tudo o que tem um começo tem um fim, e a maior das guerras vividas pela humanidade também chegou ao fim.

Acabou; mas, fugindo da derrota do Forte, os atletas da Ciência correram em todas as direções e entregaram o bastão da energia atômica às duas grandes potências vencedoras do conflito.

Surgiu a Guerra Fria.

Uma Guerra Fria que teve sua origem na decisão de Deus de armar Caim e Abel com a mesma mandíbula, com o objetivo de impedir o fratricídio por meio do medo da destruição de ambos. Política maravilhosa, cujos frutos todos nós desfrutamos agora. Não que a Era Atômica seja, ou tenha sido, um paraíso de acordos com o pensamento voltado para a salvação das nações e a redenção da Mãe Terra. De jeito nenhum! Mas a revolução tecnológica tinha que seguir seu curso.

E, por uma dessas decisões maravilhosas da Providência, os olhos da inteligência humana se abriram; começaram a penetrar nas distâncias astronômicas.

E, à medida que o campo universal se expandia aos olhos telescópicos da Civilização, aquele Universo do Mais Forte foi se evaporando, desaparecendo como faz a bolha de sabão que, segundo seus criadores, existia. Atônitos, com os olhos incrédulos de quem vê seus ídolos vacilarem em seus pedestais e não conseguirem suportar o peso do terremoto que abala os alicerces da terra, as últimas gerações da Guerra Fria viram como a religião de Einstein e sua doutrina cosmológica tremeram em seu altar, e não havia nada que seus sacerdotes pudessem fazer para impedir isso.

Mais uma vez, a Realidade negou, nega e continuará negando a ideologia do materialismo científico. Primeiro, negou seu evangelho do mais forte; depois, negou sua doutrina da necessidade da guerra como instrumento biológico da civilização; e agora faz tremer os alicerces do Cosmos, segundo a Ciência.

15. Mas, em vez de me perder em uma crítica ao comportamento científico, prefiro passar diretamente a destacar o desenvolvimento da Civilização como resultado da evolução da linguagem humana, cavalo de batalha que nos conduziu à vitória sobre aquela ausência de conhecimento da qual o Filho de Deus se lamentou, dizendo: “Se não compreendeis as coisas da Terra, como ireis compreender as do Céu?”.

Não é um exercício de retórica afirmar que o sentido, o objetivo, a meta para a qual caminhamos nestes dois milênios passados tem sido a superação dessa deficiência intelectual. Lembremos que Deus havia falado como profeta, Deus havia falado como legislador, Deus havia falado como rei e senhor; finalmente, Deus falou como Pai, mas nunca nos falou como a Inteligência Criadora daquele que, abrindo a boca, disse: “Haja luz”.

E, no entanto, tendo afirmado que criou o Universo, no seio dessa afirmação estava a promessa de fazê-lo. Assim, no lamento do Filho de Deus, essa promessa pulsava em forma de Futuro, que estava por vir, que Ele gostaria de ter visto já, mas que, infelizmente, ainda estava por chegar.

E é que a inteligência do Homem Clássico teria de crescer muito para poder compreender as leis da Ciência da Criação. O Caminho da barbárie no alvorecer de nosso tempo seria longo e estreito; mas aquele Dia viria. A História abriria seu horizonte, e a Estrela da Manhã, que anuncia a chegada do Novo Dia, faria brilhar sua luz sobre a Plenitude das Nações.

16. Ao vê-la se aproximar, à distância dos séculos, um dos discípulos de Jesus a saudou, dizendo: “A ansiosa expectativa da Criação aguarda a manifestação da glória da liberdade dos filhos de Deus”. Filhos de Deus que eram todos os apóstolos de Jesus Cristo, ao afirmar Paulo que “toda a Criação” aguardava a “manifestação da glória da liberdade dos filhos de Deus”, à sua maneira, da maneira tão inteligente que São Pedro reconheceu, São Paulo profetizou o Nascimento desse Dia em que Deus nos falaria como aquele Criador do Universo que se revelou no início de seu Livro.

Além disso, os dois primeiros passos nessa direção já haviam sido dados. Havia a Revelação e a Ciência.

Embora fosse verdade que entre ambas existisse uma barreira, o cristianismo, como se veria na primeira metade do primeiro milênio, derrubou-a, e à luz de seu Magistério, a Teologia e a Ciência aprenderam a conviver, a crescer juntas.

Obviamente, a Civilização ainda teria de passar por momentos amargos e críticos; pairavam sobre seu caminho as invasões, a divisão das igrejas, a batalha entre a Fé e a Razão e, ao final dos dois milênios, as Guerras Mundiais. Somente no final o espírito da Inteligência entraria em cena.

PRIMEIRA PARTE
A CRIAÇÃO DA LUZ NO GÊNESIS

CAPÍTULO 2
NO PRINCÍPIO, DEUS CRIOU...

17. Entramos de cabeça no tema central deste livro: a Criação do nosso Universo. E, para começar — pois não poderia ser de outra forma —, escolhi a Revelação Bíblica como caminho para a descoberta da Origem e da Constituição dos nossos Céus e da nossa Terra.

Pelo simples fato de o pensamento científico ter se afastado da Revelação, o direito de inventar um Universo à medida de cada um não se torna, de forma alguma, legítimo. A legitimação dos modelos do universo, "desde que, em sua construção, se utilizem como tijolos as ciências dos números", nada mais é do que uma forma sutil de reconhecer em particular — sem afirmá-lo publicamente — a incapacidade da Ciência de desatar a correia das sandálias daquele que é a Origem de todas as Ciências.

Mas será que poderia ser de outra forma? Nascidos, por assim dizer, ontem, pretendemos negar Deus para que nosso orgulho se salve da ruína?

18. Curiosamente, a Teologia, contagiada pela ousadia do ateísmo científico, deixou-se enganar pela farsa da cosmologia do século XX; e, compartilhando da impossibilidade de acessar o Pensamento de Deus, passou a fazer a Igreja acreditar que o Relato da Criação do Gênesis não passa de mais uma metáfora sem qualquer conteúdo científico; ou seja, que o único objetivo da Revelação do Gênesis consiste em relacionar a experiência do Universo com a Ideia de um Criador Divino.

Assim, daí a promover um constante aggiornamento do Texto, adaptando-o à mentalidade e à inteligência dos séculos, que mais!

Para o orgulho da *intelectualidade*, será sempre mais útil negar sua incapacidade de se colocar à altura do Deus Criador do Cosmos do que admitir a impossibilidade de se colocar à altura da sola dos sapatos do Criador de tantas maravilhas que adornam o Traje do nosso Universo.

19. Uns por uma razão e outros por outra, o fato é que, ao entrarmos no terreno da Onisciência Criadora, todos o fazemos como quem pisa em território virgem. Quer uns, negando a existência de um Deus Criador do Universo e do Cosmos, quer outros, afirmando sua impossibilidade de entrar na Palavra Criadora por meio do artifício teológico de que o Relato é uma metáfora; além das crenças e opiniões de uns e de outros, o Relato da Criação do Universo cumpriu sua função histórica de apresentar o Homem ao seu Criador.

Nas mãos de Deus está o direito de intervir em sua própria Criação; a Revelação foi concedida para revelar a vaidade de toda inteligência natural. Mas, visto que Deus não se glória em zombar de suas criaturas, sobretudo quando se uniu à sua Criação na qualidade de Pai, e sendo a Sabedoria o oposto da Ignorância, no corpo literário da Revelação estava selada a Promessa Todo-Poderosa do Acesso, no espírito da Fé, da Inteligência do Homem à Onisciência Criadora Divina.

Alegria, então, e deixemos que o rio dos séculos arraste para o mar do Passado os argumentos que surgiram para mascarar o fracasso de todos: cientistas e teólogos, para abrir a Porta, entrar e ver.

20. Dito isso, tendo em mente o Pensamento de Deus, o Texto Original do Gênesis diz que:

“A Terra estava... confusa!”.

“No princípio, a Terra estava confusa e vazia”, é a frase completa.

Na imensa maioria das traduções do original bíblico, especialmente desde os dias da Rebelião de Lutero contra a Unidade da Igreja Universal fundada pelo Senhor Jesus, Único Rei Eterno, Único Pontífice Universal, Deus Filho Unigênito, que com seu Poderoso Verbo trouxe à existência a Luz, o Firmamento, e toda a vida com que a Mãe Terra foi preenchida por seu Criador, as palavras: “A Terra estava confusa e vazia”, não são exatamente as mesmas.

E isso é compreensível.

Os próprios tradutores modernos viram-se presos à razão científica e, para evitar “a confusão” aos seus leitores, preferiram adaptar a Palavra de Deus ao espírito da época.

Aqui, com total independência dos complexos e preconceitos da época e de suas adaptações — pois consideramos que Deus é Eterno —, optei por manter o texto original e trabalhar a partir de suas informações:

“No princípio, Deus criou os Céus e a Terra.

A Terra estava confusa e vazia...”.

21. Ora bem, o fato de a Terra ter passado por um período geohistórico caracterizado por um vazio planetário (no que se refere à biosfera) é um dado tão elementar e evidente quanto o fato de nascermos nus. Do ponto de vista da geologia clássica, não se fala de um período histórico de vazio cortês, no estilo que o autor do Gênesis quer nos apresentar. Mas, se devêssemos nos ater ao critério da geohistória moderna, também não seria correto falar de um vazio, para a superfície da Terra, à imagem e semelhança daquele que vemos na superfície da Lua. E é precisamente desse tipo de vazio cortês que nos fala o autor do Apocalipse.

22. A Lua, por exemplo; falando da Lua, podemos dizer — e dizemos — "que ela está vazia". Por razões evidentes. Na Lua não há plantas; a Lua não tem atmosfera; a Lua não tem oceanos; a Lua não tem nada em sua crosta externa cujas propriedades nos permitam afirmar que a Lua teve, ou está a caminho de ter, uma biosfera.

Da crosta da Lua, em especial, além de não ser mais do que um deserto interminável que, por não ter nada, não possui sequer vestígios de alguma civilização perdida nas dobras de um desses cataclismos asimovianos de que tanto gostavam os leitores do século XX; e da Lua, em geral, podemos afirmar e afirmamos que "a Lua está vazia". Sem atmosfera, sem oceanos, sem continentes, sem vida de qualquer tipo, nem vegetal nem animal, a Lua está hoje tão vazia quanto a Terra estava ontem, antes de Ele, o Filho de Deus, abrir a boca e dizer: "Haja luz".

23. Não há necessidade de insistir, e insistir novamente, na imagem geohistórica a partir da qual o Verbo, abrindo a boca, com sua Palavra Todo-Poderosa, vestiu a nudez da Mãe Terra com o manto de gelo que Ele chamou de "a Luz".

Quando, portanto, o Autor Divino nos revela que a Terra "no princípio estava vazia", a imagem científica que seu Criador, Deus Pai, deseja nos transmitir e nos faz perceber é esta: a de uma Lua supergigante chamada Terra. E foi a esse planeta em sua infância, "nu" e exposto à destruição, que Deus Filho se aproximou, para maravilha de todos os filhos de Deus, "não desta Criação", e, abrindo a boca, deu início à criação do gênero humano.

24. Assim, e para ir ampliando horizontes, a escada dos elementos naturais que o Gênesis nos convida a subir nos coloca diante de uma Terra sem oceanos, sem atmosfera, sem continentes, sem calotas polares, sem plantas, sem animais, sem aves nem peixes. Em uma palavra, sem biosfera. E a partir dessa retrospectiva, com toda a tranquilidade do mundo, um homem de 35 séculos atrás perguntava a todos os sábios de todos os tempos e lugares, nascidos e por nascer:

"Senhoras e senhores, partindo daquele planeta vazio, tão vazio quanto a superfície da Lua: como Deus criou a água, o gelo, o ar, a terra, o fogo? Ou seja, os oceanos, os continentes, a atmosfera, as calotas polares, as plantas, as aves, os peixes e toda a vida".

Desde então, a pergunta do Autor do Apocalipse tem pairado sobre a inteligência dos milênios.

25. A esta altura, diante da distância entre o autor divino e o leitor do século XXI, a resposta oficial, na boca de teólogos e cientistas, é que Moisés se limitou a criar uma metáfora baseada em uma espécie rara de hipérbole mística.

Pessoalmente, não sei como chamar um fracasso que nega a possibilidade de qualquer vitória, e na afirmação do Nada espera afogar no mar do esquecimento sua derrota. Talvez algum dia eu consiga encontrar a resposta. Enquanto isso, a primeira tarefa deste livro é demonstrar, contra Descartes, que Deus não mente. A segunda, que os gênios se achavam mais espertos do que realmente eram. E a terceira, dar a resposta correta à pergunta em direção à qual a Civilização tem caminhado: "Como Deus criou o Universo?".

26. A necessidade de começar por algum lugar nos colocou diante da informação bíblica em questão:

"No princípio, Deus criou os céus e a Terra.

A Terra estava confusa e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, mas o Espírito de Deus pairava sobre a superfície das águas.

Disse Deus: 'Haja luz'; e a luz se fez".

Quantas vezes essa informação já foi lida? Quantas vezes essa revelação já foi comentada? Quantas gerações tentaram desvendar seu segredo! E quantos pensadores foram honestos consigo mesmos e com os outros e reconheceram que o quociente intelectual de quem criou esses Céus e esta Terra está tão distante do quociente intelectual humano quanto o Inferno está do Céu?

(Neste livro, o tempo será sempre entendido em escala geológica. À medida que avançarmos, novos horizontes irão se abrindo. O Princípio é o problema. E o problema está na escolha da plataforma).

CAPÍTULO 3. – CRIAÇÃO DA TERRA

27. A Informação bíblica nos coloca sobre uma plataforma geológica específica. Mais especificamente, a Revelação estende aos nossos pés um período geohistórico. Se, a partir de sua informação ("a Terra estava vazia"), olharmos ao redor e apagarmos da superfície do Globo todos os elementos clássicos da Natureza: atmosfera, continentes, oceanos e calotas polares; o que nos resta? Resta-nos um planeta vazio na véspera do Nascimento de sua Biosfera!

Mas o ponto, para o qual a inteligência foi mobilizada, centra-se na busca pela resposta atrás da qual tantos esforços se perderam. Quero dizer: partindo de um planeta com essas características geológicas, com uma crosta primária desprovida de qualquer elemento natural com o qual se pudesse começar a fazer algo — sendo que a imagem mais próxima de seu estado primário é a visão da superfície da Lua —, partindo desse estado primário, a pergunta é:

Como Deus conseguiu criar a Biosfera?

Essa seria a maneira tradicional de abordar o tema.

Mas há outra.

28. Abordemos o tema sob uma nova perspectiva. Por que não fazemos a nós mesmos a pergunta? A saber: que série de processos físicos teríamos que desencadear, controlar e dirigir para, trabalhando com uma plataforma geológica semelhante, criar uma biosfera?

Ver para acreditar! No futuro, veremos com nossos próprios olhos Deus em ação e nos maravilharemos ao contemplar como Deus realiza Suas Obras. Falando sobre elas, seu Filho, ao nos lançar um convite para assistir ao espetáculo da Criação, nos maravilhou dizendo-nos "que seu Pai fará obras maiores do que esta". Com isso, também compreendemos que esse convite foi a causa da participação dos filhos de Deus nessa obra, a Criação de nossos Céus e de nossa Terra; Convite que atingiu sua felicidade suprema quando, chamando seus filhos, Ele os tornou participantes de nossa Formação e, dizendo "Façamos o Homem à nossa Imagem e à nossa Semelhança", o Convite foi aberto à Participação no Ato Criador.

Dito isso, e para não nos perdermos em caminhos paralelos, e visto que a Origem do nosso Universo não pode ser vista por nós senão com os olhos da Inteligência, será com esses olhos da inteligência que veremos como Deus criou a Luz e todas as coisas.

29. Nem é preciso dizer que a recuperação, para a Memória da Humanidade, de uma Realidade Histórica à qual foi negado o acesso ao Gênero Humano, por lógica, entrará em conflito com os sistemas cosmológicos que o Mundo Moderno criou para preencher esse vazio.

Independentemente dos detalhes sobre as origens dos sistemas cosmológicos do século XX — aos quais, para conferir maior veracidade virtual, foi atribuída a medida do tempo até mesmo em nanossegundos —, a entrada em cena do verdadeiro sistema histórico na origem do Universo deve atordoar a inteligência de todos aqueles cujo pensamento ainda está ancorado no oceano sob cujas águas o Mundo Moderno pereceu.

Por minha parte, acostumado a navegar livremente pelo Conhecimento das Memórias do Universo, corro sempre o risco de avançar a uma velocidade maior do que a que o leitor consegue acompanhar. Confio em poder superar esse problema. Pelo menos é o que espero.

Desenhei a plataforma geohistórica da qual partiremos.

Ao amanhecer do Primeiro Dia do Gênesis, a Terra estava vazia, nua, sem oceanos, nem continentes, nem atmosfera, nem calotas polares. Nenhum dos elementos naturais revestia a nudez da Terra no dia seguinte ao seu nascimento. Como, então, Deus criou a Biosfera?

Como, se tivéssemos o Poder, nós mesmos a criaríamos?

30. De fato, *Deus criou a Terra nas Trevas*, pois o Autor escreve que, uma vez criada a Luz, Deus separou a Luz das Trevas; e depois diz que “Deus criou as estrelas para separar a Luz das Trevas”.

Daí surge a pergunta: onde estavam, e onde estão, essas trevas “que cobriam a superfície do abismo”, entre as quais Deus criou a luz?

Essa questão receberá, no devido tempo, a resposta que merece. Pelo que se lê, percebe-se, com olho de águia, que, onde quer que estivessem essas trevas entre as quais Deus criou a Luz, em sua Origem a Terra não foi criada no seio das estrelas de nossos Céus. Afirmação precoce avançando sobre as asas da aurora, mas que se verá cobrindo o firmamento do Século com a potência do Sol, afastando a Noite do Dia.

Basta pegar papel e lápis, dar vida à informação partindo do Princípio, relacionar a Luz com a Terra e deparar-se com uma imagem revolucionária na plenitude de sua grandeza. Ainda há um caminho a percorrer até que essa imagem seja desenhada.

Vamos percorrê-lo.

31. Na verdade, meu trabalho nesta Introdução consistirá em criar essa pintura, integrá-la à História da Terra e, a partir desse quadro, abrir a Porta da Luz da Inteligência para todas as ciências.

Há algo mais natural do que saber de onde viemos!

Por enquanto, uma vez colocado no papel o Mar das Estrelas de nossos Céus entre a Luz e as Trevas, a Admiração não apenas desperta, mas nos abre os olhos para um Cenário Criador que beira a incredulidade: “A Terra foi criada do outro lado do Mar das Estrelas de nossos Céus”.

Mas deixemos que a Luz nos desperte, nos abra os olhos, e que a “potência” sufocada, criada para se tornar “ato”, essa vocação de uma inteligência nascida para crescer na onisciência natural de seu Criador, realize essa natureza tão nossa, por culpa de uma rebelião

sufocada no abismo da ignorância, mãe de todos os crimes, entre cujos rios de sangue a Mãe Terra sente-se morrer de vergonha e tristeza diante dos olhos do Céu. Por ela, levanto minha alma do pó, e que Deus transforme nossas lágrimas de horror diante de um ódio que não cessa em rios de alegria que jamais se sequem.

32. No que diz respeito à inteligência da Criação, que pai não revelaria aos seus filhos seus segredos mais íntimos!

A Terra foi criada lá, nas Trevas, do outro lado das estrelas do Firmamento. Sim, mas por quê?

Vista à distância, a Terra desenhava no espaço um planeta com toda a aparência de um satélite, do tipo Lua, só que muitas vezes maior. Um planeta "vazio" sobre aquele Abismo cuja superfície estava coberta pelas Trevas; como não se sentir confusa!

Será que seu Deus a criou para abandoná-la nas Trevas? Onde estava aquele esposo estelar que seu Criador lhe dera para que ela fosse sua esposa celestial? Desde o seu nascimento, a Terra e o Sol haviam sido prometidos em matrimônio perpétuo; de seu abraço, a Vida à Imagem de Deus emergiria para a alegria de todas as estrelas. Separada de seus irmãos, os planetas, abandonada nas trevas que cobrem a face do Abismo do outro lado do Mundo das estrelas, com a destruição cercando-a, seu futuro pendurado por um fio sob uma ponte de pedra, como não sentir a confusão rasgando a alma!

33. Será que Deus promete aleluias que enlouquecem de alegria e, uma vez consumado o nascimento, vira as costas para sua criatura, entrega-a à destruição e parte para outra coisa?

Ai, o coração da Terra, esse coração terno em sua esperança mais forte que o raio e a tempestade, entregue à solidão perpétua que precede a desintegração da consciência e da razão. "Ai, minha alma, que se parte em pedaços diante da indiferença do meu Criador", chora desconsolada a Mãe que nunca deu à luz, e em sua confusão sente acreditar que nunca dará à luz.

O casamento foi anunciado, ela foi escolhida como dama de honra, bela como só ela, aquela Lua que espera em silêncio, com seu buquê de flores, a chegada de sua senhora e rainha, e logo se vê abandonada nas Trevas...

34. "Vazia e confusa", abandonada nas Trevas do outro lado do mundo das estrelas, a Terra se encolhe, com os braços em volta dos joelhos, esperando a Morte. Ela já a cerca. Ela já se deixa cair, sem forças. O sono que tudo cura, lançando-a da Criação como uma pedra que se partiu ao golpe do escultor, a levará de volta ao pó de onde seu Criador a tirou. A Terra respira sem fôlego. Deita-se em torno da última centelha de calor. É a Sabedoria que, abraçando-a, a cobre com um cobertor e, ao ouvido, sussurra palavras de confiança e amor:

"Aguenta firme, minha filha, o teu Criador já está chegando".

Esse era o cenário; e essa será a plataforma a partir da qual começaremos a subir a escada dos elementos naturais.

Como cheguei a montar esse cenário para uma Introdução Cosmológica, isso ficará claro no momento certo. Na falta de números, as letras servem bem. E estimular a inteligência com palavras é como açúcar na mão de uma criança. A inteligência sem o poder é estéril, e o poder sem a ciência se torna força de destruição. Pretender que o homem é a medida de todas as coisas é como uma arma nas mãos de um suicida; negar a existência de Deus com base na ignorância é alimentar o genocídio da extinção. As razões do Criador do Cosmos não precisam de justificativa, e é de criatura insensata pedir explicações ao seu Criador. Quem pode destruir um Universo com sua única Palavra faz o que faz porque ama a Vida; escandalizar-se com Seu Poder e com as razões pelas quais Ele determina que sua Criação siga por um caminho ou por

outro é fazer uso da Liberdade para cometer homicídio. Não é na ignorância que provém da negação que se encontra a vitória da ciência; e, enfim, tudo o que sobe tem de descer, e a mentira não pode reinar para sempre enquanto a verdade viver.

Vamos prosseguir, então.

CAPÍTULO 4. – CRIAÇÃO DA BIOSFERA

35. Temos, portanto, duas realidades: a Terra, de um lado, e, do outro, Deus. Trata-se aqui de saber como, partindo daquela plataforma geológica "vazia", Deus criou a Biosfera.

Eu disse antes que poderíamos fazer essa pergunta a nós mesmos. Pois, como conhecedores das ciências da matéria e de seu comportamento, sempre poderíamos apresentar uma sequência geofísica que se aproximasse o mais possível do modelo histórico real. E eu disse " " porque esse é o mesmo problema que Deus enfrentou e precisava resolver. E Ele resolveu. Sobre isso, não é necessário nos alongarmos nem insistirmos mais do que o necessário. Os resultados saltam aos olhos e preenchem tudo o que a Terra contém.

36. O fato é que "porque Ele conhecia a resposta", Deus resolveu o problema da criação da biosfera a partir daquela estrutura geológica, aparentemente informe. E Ele conhecia a resposta porque conhecia todas as igualdades que as equações geofísicas colocavam diante Dele.

Perfeito conhecedor dessas equações e de suas soluções, Deus se levantou, subiu ao palco, abriu a boca e revelou o seu Verbo: "Haja Luz".

37. Falamos da fusão do corpo geofísico externo. E aqui poderíamos nos lançar à descrição de uma fusão por fogo a partir do exterior, ou então trazer à tona uma fusão causada por uma compressão de fora para dentro, como se o campo gravitacional entrasse em colapso sobre si mesmo até reduzir seu raio à mínima expressão possível.

Se a Ignorância ainda nos mantivesse escravizados à Muralha da Morte, a escolha estaria em aberto. Não é esse o caso e, consequentemente, vou direto ao ponto.

38. O primeiro passo que Deus deu, para proceder à fusão do corpo geofísico, foi "o aumento da densidade por unidade cúbica astrofísica do campo gravitacional terrestre". O efeito imediato foi o seguinte:

Imediatamente, a Terra começou a girar em torno de seu eixo a uma velocidade cada vez maior.

Sob a pressão gravitacional gerada — assim como uma rajada de vento transmite a tudo o que está nas bordas de sua trajetória um movimento acelerado —, o Globo Terrestre começou a girar em torno de seu eixo a velocidades cada vez mais elevadas.

Esse foi o primeiro efeito.

39. No que diz respeito aos fundamentos dessa Natureza dos campos gravitacionais envolvidos em um espaço tridimensional específico, de tal forma que a densidade pode aumentar ou diminuir de acordo com a lei da transformação da energia, estando essa natureza dos campos na raiz da relação entre a energia universal e a matéria astrofísica, a Criação não teria podido nascer sem que Deus fosse um Conhecedor até o infinito dessa Relação Cosmológica na base da Expansão do Cosmos e da Construção dos Universos.

A transformação da energia gravitacional em forças físicas materiais — campos elétricos, luz, energia cósmica etc. — é, de fato, o pilar fundamental sobre o qual toda a estrutura da Criação se sustenta. Ver-se-á a seguir o que essa relação implica e significa.

40. Consequentemente, partindo de uma rotação nula — o que é natural para todo corpo astrofísico cujo núcleo se encontra à beira do colapso —, a Terra começou a girar em torno de seu eixo a uma velocidade cada vez maior. Velocidade de rotação que Deus calculou de acordo com a necessidade; a elevação cinética do corpo da Terra deveria estar em correspondência com a densidade gravitacional por unidade cúbica astrofísica que a produziria.

Essa correspondência entre a densidade gravitacional de um campo e os parâmetros termodinâmicos dos corpos astrofísicos é uma das leis fundamentais do comportamento da Matéria Cósmica.

41. Esta foi, portanto, a primeira etapa da sequência geohistórica na Origem de nossa Biosfera.

O efeito de fusão do corpo geofísico externo — Manto e Crosta —, em resposta à ativação do Núcleo Astrofísico da Terra, não demorou a se manifestar.

Vamos ver se conseguimos entrar no quadro e, a partir do interior da tela, sentir o Movimento que, por ser Memória, se encontra como objeto de decoração pendurado na Parede de nossa História Universal.

Como sabemos que a Matéria que reage diretamente à Gravidade é a Matéria Astrofísica, e, pelos efeitos que levam à causa, compreendemos que os parâmetros cinéticos de um corpo estelar provêm dessa relação de correspondência com as propriedades do campo gravitacional em que se localiza, podemos abrir nossa inteligência à aceleração rotacional do Núcleo da Terra como efeito do aumento da Densidade do Campo Gravitacional da Terra impulsionado por Deus.

42. Criada essa ativação do núcleo astrofísico da Terra, pela qual o transformador geonuclear passou a produzir forças físicas naturais em seu corpo, a saber, forças eletromagnéticas e calor, o pulso sismológico da estrutura geofísica interna disparou, sendo que tanto o Manto quanto a Crosta da Terra experimentaram, no momento, o efeito natural de sua sujeição ao processo de expansão do Núcleo físico desencadeado por Deus, por um lado, e ao seu aumento de temperatura, por outro.

43. Como o rugido do rei da selva ao despertar, como os ecos dos primeiros raios da tempestade, como uma estrela no dia de sua implosão, como um terremoto de proporções astronômicas sacudindo o Manto sob o qual o Núcleo vinha dormindo, tanto o Manto quanto a Crosta começaram a se aquecer e a estalar sob uma sinfonia de terremotos e vulcões.

O espetáculo do despertar daquele gigante que jazia adormecido no coração da Terra transformou a superfície terrestre em um mar de lava viva, sacudida por um processo vulcanológico de poder e beleza indescritíveis.

Assim como o soldado que obedece ao seu rei e senhor e, ao ouvir a ordem de batalha, dá um salto, empunha a espada e o escudo e, sem hesitar, lança-se ao combate rugindo com a voz de um vulcão, e com o poder de pernas que provocam terremotos faz o solo estalar sob seus pés, dessa maneira maravilhosa, em algumas horas geológicas, aquela Terra “confusa e vazia” transformou-se em um oceano de lava viva, sob cujas correntes parecia mover-se um exército de vulcões lutando contra as ondas magmáticas de um Manto que havia rompido as barreiras externas e se espalhava alegremente pela superfície da Terra. Maremotos, gigantescos tsunamis de lava, sacudiram a superfície terrestre; de suas cristas foram lançadas para a

estratosfera ilhas de magma que, ao esfriarem, transformaram-se em rocha e voltaram a cair no oceano de fogo com o estrondo de um meteorito ou de um cometa.

CAPÍTULO 5. – FUSÃO DA CASCA TERRESTRE

44. Vemos, portanto, que, partindo do que se vê para o que se deduz — tal como a inércia por si só propõe —, ao partir do que se possui para as consequências a que os fatos conduzem, não se admitem incongruências, embora seja verdade que quem possui não costuma valorizar o que o outro perde; é seguindo essa linha de pensamento que a resposta, de ordem física, ao enigma bíblico, põe em movimento uma série geofísica cujas principais etapas são:

1: Fusão da Crosta Primária

e 2: Sublimação da proto-atmosfera resultante.

45. O motor dessa série geohistórica foi o Núcleo. A energia necessária para provocar essa mudança de estado foi produzida por Deus por meio da aceleração do ritmo de trabalho do Núcleo; aceleração revolucionária que, por sua vez, foi efeito do aumento da Densidade Gravitacional por Unidade Cúbica Astrofísica do Campo Gravitacional Terrestre.

Em termos práticos, comparando agora o Corpo Geofísico a uma Máquina, digamos que Deus encheu o tanque (Campo Terrestre) de energia (Gravidade), provocando assim o aumento automático dos parâmetros do Motor Geonuclear até o Ponto Crítico de Implosão Astrofísica.

O fato de esse Ponto Crítico não ter sido ultrapassado é evidenciado pelos efeitos causados pela Sublimação da Proto-Atmosfera, que, por sua vez, deu origem às calotas polares, sem as quais o Sistema Biosférico não teria surgido, e cujo desaparecimento pressupõe seu colapso irrecuperável.

Assim, uma vez que a Crosta Primária se transformou em um mar de lava viva, abrangendo suas margens de um polo ao outro do Globo, e a Proto-Atmosfera (Primordial) elevou-se até o teto do Planeta, o corpo geonuclear começou a diminuir sua rotação por unidade geológica de tempo.

46. Já era meio-dia quando os gases produzidos pela fusão da crosta se acumularam ao redor do Globo e deram origem a uma atmosfera planetária, primitiva, mas que continha em seu volume todos os elementos necessários para dar origem à nossa biosfera.

Aquela atmosfera continuou a se expandir durante toda a manhã e, com o passar das horas, começou a ocultar, sob seu volume rarefeito, o mar de magma que lhe dera origem. (Sempre falando em linhas gerais, de maneira aproximada, concentrando a atenção no todo em vez de nos detalhes).

Essas coisas aconteceram durante a manhã do primeiro dia. Ainda restava uma tarde pela frente.

47. Levando em conta a mecânica da fusão dos sólidos — uma lição para crianças pequenas que costuma ser ensinada em todas as salas de aula desde tempos muito antigos, e cujo cerne iremos poupá-los, omitindo o conhecimento aprofundado das estruturas cristalinas e a manipulação a que se presta tanto na química quanto na física —, e entendendo que essa mecânica elementar foi a que Deus aplicou à Crosta Primária da Terra, podemos afirmar, sem medo de cair no absolutismo da razão onipotente da ciência, e muito menos na armadilha nobeliana do dogmatismo da Academia, que a estabilização dinâmica da estrutura geofísica

externa daquela Terra Primária surgiu como consequência da diminuição da atividade sismológica de seu corpo interno.

Digamos que aquela Força que Deus empregou para brincar com a Terra como se fosse uma bateria de vulcões com a qual compor uma sinfonia única, espetacular, maravilhosa e alucinante, e depois de ter tirado faíscas e trovões dos pratos, seja porque se cansou e não aguentava mais, seja porque quebrou as baquetas, o fato é que a Força cessou, e se fez o silêncio. Traduzindo para o leigo:

48. Seguindo a lei da inércia, transformada a energia causadora da fusão da Crosta Primária, uma vez cumprida sua tarefa, o Núcleo Astrofísico da Terra retornou ao estado de equilíbrio anterior ao momento em que Deus abriu a boca e proclamou Sua Palavra: “Haja luz”.

Assim, à medida que o silêncio se tornava mais denso, até igualar a densidade da Atmosfera Primária assim criada, a cor vermelha e amarelada vulcânica da Crosta Primária começou a se dissipar, a se dissipar e a adquirir a cor da matéria sólida vulcânica. E assim, ao entrar na reta final da Tarde do Primeiro Dia do Gênesis, a Terra começou a retornar ao seu estado natural de equilíbrio entre as diferentes partes que compõem seu corpo geofísico.

49. A etapa final desse processo (a criação da Atmosfera Primordial por meio) foi a Sublimação de uma Proto-Atmosfera, cuja composição química primária podemos comparar à dos planetas “gasosos”, cuja evolução não foi submetida a esse evento especial, embora sem esquecer a fenomenologia única a que Deus submeteu a formação da Crosta Primária da Terra, assunto que será abordado quando for a hora certa e se adequar ao ritmo desta Introdução.

Portanto, e continuando, uma vez isolada a Terra de uma fonte de energia externa com a qual estabelecer uma “conversa” energética — para introduzir termos do dia a dia no assunto —, o Núcleo da Terra, em decorrência da transformação do campo gravitacional em forças mecânicas, entrou em uma perigosa trajetória de colapso astrofísico (assunto esse que também será abordado quando for oportuno e pertinente. O importante são os fatos, e o fato foi que:) Durante a transição do “estado de fusão maciça” para o “estado de equilíbrio geofísico”, a crosta terrestre se solidificou e, como resultado, a proto-atmosfera entrou em uma fase de sublimação repentina.

50. Ao cair a noite do Primeiro Dia, sem ir mais longe, a proto-atmosfera havia se transformado em um manto de gelo.

Manto de Gelo que cobriu a Terra do Polo Norte ao Polo Sul, e era a Luz de que fala o Gênesis.

Em linhas gerais: do Fogo ao Gelo.

CAPÍTULO 6. – CRIAÇÃO DA ATMOSFERA PRIMORDIAL

51. Naturalmente, passei por este Primeiro Dia o mais rápido possível, pensando em trabalhar a partir de uma base sólida. Não queria que, sem saber do que estou falando, o leitor se perdesse na tentativa de compreender a ideia que estou delineando.

Fusão da Crosta Primária e Sublimação da Atmosfera Primitiva: esses foram os dois principais processos que Deus realizou durante o Primeiro Dia.

(O fator tempo permanece uma incógnita. Não serei eu quem atribuirá valores numéricos ao tempo que Deus levou para realizar cada processo.

Pelas razões que veremos a seguir, meu conselho ao leitor é que ele também não se preocupe demais. Acima de tudo, porque, sendo Deus onipotente e uma vez definida a potência a partir da relação entre força e trabalho, uma das coisas ao alcance do Criador é acelerar um processo até sua máxima expressão possível.

Quando falo de onipotência, entendo-a sob essa perspectiva. Logicamente, a matéria impõe alguns limites, tanto para cima quanto para baixo.

Também considero isso como um dado adquirido).

52. Mas o que Deus fez para desencadear a rotação acelerada do Globo na origem da fusão de seu corpo geofísico?

Muito bem, "Deus disse e assim se fez". Sou o primeiro a não me importar nem um pouco em saber como Ele fez isso ou como Deus faz o que quer fazer. O fato é que, tendo sido criado à sua imagem e semelhança, desviar o olhar e não me preocupar com uma resposta sem a qual meu ser se sentiria insatisfeito, não é o meu estilo. Não me basta acreditar. Quero dizer, isso já é mais do que o suficiente, mas se eu puder ver — e como acontece que tenho olhos para ver — , se eu vir, melhor ainda.

Portanto, insisto: que força capaz de provocar tal série de processos geofísicos Deus colocou em ação para desencadear, daquela maneira, a rotação acelerada do globo terrestre?

O que Deus realizou no alvorecer do Primeiro Dia foi gerar um campo de energia. (Veremos que a Natureza Divina e a Essência do espírito Criador se encontram na essência desta afirmação: "Deus é Energia", campo sobre o qual já teremos tempo de nos aprofundar. De fato, à medida que a inteligência for abrindo caminho para a contemplação da Natureza Não Criada do Ser Divino, veremos como a energia criadora se transforma nas forças naturais do corpo sobre o qual o Ato Criador está se realizando).

A primeira coisa, portanto, que Deus fez no alvorecer deste Primeiro Dia foi gerar um campo de energia. E a segunda, projetar esse campo de energia sobre a Terra.

53. Eu dizia que a primeira coisa que Deus fez no alvorecer deste Primeiro Dia foi gerar um campo de energia. E a segunda, projetar esse campo de energia sobre a Terra. E eu declarei que Deus é Energia; e que sua manifestação física ocorre por meio de sua transformação na natureza do campo do objeto sobre o qual Deus projeta sua força. No caso que nos ocupa, a Terra, o campo de energia que Deus gerou transformou-se em energia gravitacional.

54. De forma mais dinâmica, para não nos perdermos em movimentos muito lentos devido ao seu peso científico, direi que o campo gravitacional terrestre absorveu aquele rio de energia e duplicou sua densidade média por unidade cúbica astrofísica. Isso, por um lado. E, por outro, que Deus duplicou a densidade original do campo gravitacional terrestre com base nos cálculos estimados que havia feito para levar o Núcleo da Terra ao seu Ponto de Implosão Astrofísica, cujo efeito seria a fusão da Crosta Primária.

A consequência imediata da multiplicação da energia por unidade cúbica astrofísica a que o campo gravitacional terrestre foi submetido foi produzir o efeito de rotação orbital acelerada que a Terra iniciou.

(À medida que formos avançando, já ficará claro em que medida a velocidade de transformação da energia gravitacional em massa e calor e a velocidade de rotação do corpo celeste em questão mantêm uma espécie de relação semelhante à de qualquer máquina com o combustível necessário para seu funcionamento).

55. Eu sei, imagino que, ao abordar o tema nesse ritmo, comparar o campo gravitacional a um tanque de combustível que se enche e se esvazia não pareça nos levar a lugar algum. Mas

foi isso que aconteceu: a resposta automática da Terra à multiplicação da densidade média de seu campo gravitacional foi a aceleração instantânea do número de rotações a que seu Núcleo vinha se movendo até então. E a resposta do Núcleo ao aumento de suas rotações de trabalho foi a produção de calor.

(De forma mais superficial, ou menos aprofundada, todos, em maior ou menor grau, sabem qual é o produto final da fusão de sólidos. Digo isso ao falar sobre a fusão da Crosta Primária. Os vulcões são o melhor exemplo que posso citar. A associação entre erupção vulcânica e massas de gases subindo ao céu é um clássico da Natureza, e a foto nos poupa de ter que navegar pelas redes cristalinas e suas ligações moleculares — uma viagem agradável para alguns, bastante pesada para outros. No âmbito industrial, os altos-fornos nos oferecem gratuitamente outro exemplo. Mas se o que nos preocupa é conhecer o assunto a fundo, o melhor é recorrer a um especialista em ciências da Natureza e perguntar-lhe como a matéria sólid e se comporta para retardar o pior; afinal, o comportamento das redes cristalinas submetidas a uma fonte de calor crescente é um caso onipresente nos manuais mais elementares de física).

56. As perguntas que aqui nos deixam perplexos são as seguintes:

O que Deus pretendia ao acelerar ao máximo os motores do transformador geofísico?

O que Ele pretendia ao provocar a aceleração das rotações de trabalho do Núcleo da Terra e produzir a fusão da Crosta Primária?

(As outras questões que deixei em aberto — a natureza química da Casca Primária e sua formação — são detalhes que tentarei abordar mais adiante, quando chegar ao capítulo sobre a Criação da Terra. Na hora certa, procurarei também abordar a natureza astrofísica do Núcleo e a relação entre a matéria estelar e os campos gravitacionais, que estão na origem das propriedades do cosmos. Salientar, como fiz, que essa relação entre energia e matéria se traduz em luz e calor não é uma ideia sem fundamento, mas simplesmente a forma mais natural e simples de explicar o processo básico no qual as estrelas e as galáxias têm sua origem e de acordo com cuja fenomenologia elas se distribuem e interagem. Mas, como o que foi prometido é uma dívida, espero lembrar-me disso mais adiante; e, caso não o faça, espero que o leitor desculpe esse tique psicológico que me afeta na hora de saldar “dívidas”).

57. Voltemos, então, retomemos o fio da meada e sigamos o caminho que, nas trevas do túnel, a Luz nos indica.

Eu estava dizendo que, uma vez ativado o Núcleo, devido à pressão causada pela multiplicação da densidade gravitacional do campo terrestre, a transformação da energia em calor precedeu a fusão do corpo geofísico. E perguntava, em seguida, o que Deus esperava obter dessa fusão.

Com base na representação da fusão da Crosta Primária, a resposta é a seguinte:

Deus buscava a produção de uma atmosfera quimicamente predeterminada. Em outras palavras, o efeito final que Deus produziu ao pisar no acelerador do transformador geonuclear tinha na Atmosfera Primária sua estrela polar.

(Omitiremos nesta seção tudo o que se refere à matemática do controle de voo, desde o estado inicial até o final. A lógica da vitória alcançada implica, em sua estrutura e desenvolvimento, a superação de um complexo sistema de incógnitas. Com os resultados à vista, não seria justo arriscar-se a perder o fio da meada com base em considerações específicas “apenas adequadas para gênios”.

Mas seria bom deixar claro que a necessidade de atravessar esse mar de equações tinha o futuro como recompensa. Qualquer erro ao duplicar a densidade gravitacional por unidade

cúbica astrofísica além de um ponto crítico teria levado o sistema geofísico a se transformar em uma espécie de supernova planetária. Nesse caso, a Terra teria se desintegrado em um enxame de meteoritos. Mas voltemos ao assunto).

58. Eu estava dizendo que, uma vez atingido o meio-dia dessa jornada, a Terra se viu envolvida por uma atmosfera supersaturada com um dos elementos mais abundantes nos espaços exteriores: o hidrogênio. Em todos os outros aspectos, a atmosfera terrestre era semelhante às atmosferas dos demais planetas.

Em termos de cores, digamos que, do preto e branco típico do corpo lunar, a Terra passou para o vermelho brilhante e vivo das fulgurações solares, só que, em estado líquido, para finalmente ir se apagando e esfriando até que sua superfície se dissipasse no seio de uma nuvem espessa, tão envolvente e enigmática quanto uma nebulosa que orbitasse em torno de um campo imaginário à velocidade de cruzeiro de um cometa de Natal.

Digamos...

E vamos deixar por aqui.

CAPÍTULO 7. – CRIAÇÃO DA LUZ

59. E continuamos.

Espero que vocês tenham acompanhado meu raciocínio até aqui e que a velocidade com que meu pensamento se lançou a recriar as Memórias do nosso Universo não tenha representado nenhum inconveniente para vocês.

Vamos em frente, então.

Assim que a Terra transformou a energia que seu Criador lhe fornecera em forças naturais para seu sistema geofísico, e a implosão geonuclear provocou na arquitetura de seu corpo os dois processos mecânicos descritos: Fusão da Crosta Primária e Produção da Atmosfera Primitiva; uma vez concretizada essa primeira sequência, o motor geonuclear foi diminuindo sua rotação até atingir um novo estado de equilíbrio.

60. É possível acompanhar esse processo a partir dos manuais de Física. Na verdade, basta inverter a sequência: diminuir a velocidade de rotação do Globo, bem como a temperatura do Planeta, e o resto é brincadeira de criança — embora seja preciso dizer: de criança, sim, mas de crianças intelectualmente capazes de perceber o jogo de forças que constitui o Sistema da Criação, no qual Deus entra como “fonte universal de energia”, e onde o campo gravitacional se manifesta de acordo com os princípios clássicos da energia, ou seja, transforma-se, neste caso, nas forças naturais que atuam sobre um determinado corpo astrofísico — transformação que está na raiz do movimento universal e torna possível a existência tanto de estruturas astrofísicas sistemológicas pontuais, abertas ou globulares, quanto de estruturas do tipo das galáxias; não é à toa que, tomando sempre o Verbo como fonte de inspiração, verdade que se tornará evidente à medida que avançarmos, quando entrarmos na criação do Firmamento, Deus fala da Gravidade como daquelas “águas... que estão acima do Firmamento...”, abrindo assim nosso Criador nossa compreensão para a comparação da Gravidade com o elemento líquido, realidade à qual Ele mesmo está acostumado, que Lhe é natural e, a partir dessa realidade: Gravidade = combustível líquido, Ele trabalha. Certamente a Gravidade enquanto “energia líquida singular”, mas isso já será visto com mais detalhes à medida que avançarmos.

61. Assim, uma vez transformada a multiplicação adicional do volume original do campo gravitacional que Deus causou ao dizer “Haja luz” — transformação de energia no trabalho que implicava a fusão do corpo geofísico externo —, e uma vez consumada a fusão da crosta primária e do manto geológico, concluída essa série, a velocidade de rotação do núcleo do globo terrestre diminuiu, e, ao diminuir, arrastou consigo a temperatura geral do planeta em sua queda.

As duas consequências imediatas da queda da temperatura em todo o corpo geofísico foram:

1: Formação da litosfera

e 2: Sublimação da atmosfera.

62. O que eu disse antes, reitero agora. Meu hábito de lidar com esses processos como parte da minha Memória Viva me leva, por inércia, a pular etapas sequenciais que, aos olhos dos outros, podem não ser tão óbvias.

Vou me explicar.

Se eu disse que a velocidade de rotação e a velocidade de transformação da gravidade em luz e calor estão diretamente relacionadas, e agora digo que a velocidade de rotação da Terra começou a diminuir, entende-se que essa redução afetou o Núcleo. À medida que suas rotações de trabalho entravam em queda vertical descendente, uma vez que o combustível fornecido havia sido consumido no processo de transformação da gravidade em calor, a temperatura geológica geral começou a diminuir. Primeiro a do Núcleo, depois a do Manto e, finalmente, a da Crosta. A consequência desse resfriamento seria a formação do anel litosférico e a sublimação da Atmosfera. Abordaremos essa sublimação a seguir.

63. E, mais uma vez, ao falar sobre a Fusão da Crosta Primária, insisto na importância fundamental do conhecimento sobre a fusão de sólidos como ponto de partida para compreender a mudança na estrutura cristalina que ocorreu na estrutura da Terra em decorrência da Fusão de seu corpo geofísico primário.

Nesse sentido, o pré-condicionamento artificial existente, no âmbito universal, em relação à origem natural dos planetas, é uma barreira que o leitor deve superar. Essa imagem arquetípica para ignorantes que ainda se movem às cegas no túnel das vergonhas do século XX, onde uma Gravidade que surge como por magia do Nada comprime um mar de matéria flutuante que sai da cartola do Merlin de plantão e, abracadabra, produz um ente físico, essa imagem, tal como se depreende do próprio discurso, se encaixa perfeitamente em um conto de Alice no País da Ficção Científica.

E nada mais.

64. Toda inteligência que se preze e trabalhe com um sistema em que os valores astrofísicos são determinados pela relação entre a matéria (estrela) e a energia (gravidade) chega à conclusão, tomando a astro-iconografia como reflexo da Realidade, de que o resfriamento temporal dos corpos estelares provoca a fixação da matéria nebulosa em seu corpo externo, sendo esta a Origem Natural dos Planetas.

No caso da Origem do Planeta Terra, sua Singularidade Cósmica decorre do fato de sua Origem ser uma Aplicação direta da Inteligência Criadora sobre o sistema matéria-energia — assunto que abordaremos no momento oportuno —, e determinou tanto os parâmetros geofísicos primários quanto os efeitos geohistóricos dedutíveis dessa Aplicação Criativa.

Aqui, poderíamos nos perguntar por que Deus não se limitou, então, a brincar com um planeta de origem natural; questão que será respondida à medida que avançarmos, mas que

envolve a Teologia, pois tem a ver com o “porquê”, sendo o “como” o domínio próprio das Ciências Físicas.

65. Voltando ao nosso tema principal:

Por sublimação dos gases entende-se a passagem da matéria do estado gasoso para o sólido sem passar pelo estado líquido. O exemplo mais cotidiano de sublimação gasosa nos é oferecido pela Natureza todos os invernos. As nuvens se transformam em neve e granizo.

No âmbito das experiências caseiras, o horizonte de experimentação nos parece muito limitado, mas, no âmbito do laboratório, os experimentos abertos à curiosidade são numerosos. Como aqui não temos espaço nem meios para transformar as palavras em imagens, concluo dizendo que:

O Manto de Gelo em que Deus transformou a Atmosfera Primitiva, protagonista deste Primeiro Dia, era “a Luz” do Gênesis.

66. E deixo aqui aos meus leitores a reflexão sobre o mais incrível dos mistérios: como um homem de três mil e quinhentos anos atrás pôde ter uma concepção física tão moderna sobre a Origem da Biosfera?

A. Fusão da crosta primária,

B. Formação da proto-atmosfera,

C. Resfriamento da crosta e sublimação da atmosfera primitiva.

Não é de tirar o chapéu?

Este é um ponto sobre o qual eu deveria insistir, creio eu, ou pelo menos é o que eu deveria pensar. Imagino que teremos tempo para voltar a essa questão da relação cognitiva, tal como descrita nesta Introdução, do pensamento de Moisés a respeito do Conteúdo do Hieróglifo que chamamos de “Gênesis”.

67. De qualquer forma, a relação de Moisés, o hebreu, com a História Universal não se deu por meio da ponte da Ciência, mas sobre os trilhos da Onipotência e do Todo-Poder, deixando a Onisciência — entendida como Ciência — a Deus, o verdadeiro Autor desse Hieróglifo, não sendo as mãos humanas senão canetas movendo-se ao ritmo marcado pelo Pensamento daquele que se coloca diante da Eternidade e desenha Acontecimentos na tela dos Milênios com a mesma facilidade com que outros planejam seus crimes à luz do mundo inteiro. Dois assuntos, portanto: a Onisciência e a Onipotência, pratos distintos, que serão servidos no momento oportuno, seguindo as regras da boa mesa.

SEGUNDA PARTE

CRIAÇÃO DO FIRMAMENTO DOS CÉUS

CAPÍTULO 8. – RECAPITULAÇÃO GEOHISTÓRICA

68. A surpresa ao descobrir essa sequência de acontecimentos geohistóricos — na qual os gênios do mundo moderno julgaram não haver nada, exceto a imaginação febril e fanática de uma mente em estado religioso febril (sequência perfeitamente científica em sua abordagem e desenvolvimento) — não deve desviar nosso olhar da série completa de fatos sobre os quais, para facilitar a visão geral do todo, passei rapidamente.

Recapitulando:

69. Um: Multiplicação Controlada da densidade por unidade cúbica astrofísica do campo gravitacional terrestre. A origem dessa Multiplicação Controlada, como afirmei, é a Natureza do Ser Divino.

70. Dois: Aceleração vertical das rotações de trabalho do transformador geonuclear da Terra. Daí derivou-se a aceleração rotacional do Globo em torno de seu eixo e a implosão astrofísica do Núcleo, na origem do calor do Planeta.

71. Três: Elevação termodinâmica global do corpo geofísico, que, a partir do Manto, se estendeu até a superfície e produziu a fusão da Crosta Primária.

72. Quatro: Liquefação da Crosta Primária sob os efeitos da Fusão do Globo externo e formação da Atmosfera Primitiva.

(A natureza química da atmosfera terrestre, única entre as de sua família planetária, nos apresenta um problema alternativo que não abordarei neste momento, mas sobre o qual voltarei a tratar oportunamente).

73. Cinco: Uma vez concluída a transformação do combustível gravitacional em calor, a Terra voltou às mãos da Natureza, ajustando-se, em suas novas mudanças, à lei da inércia.

A. Desaceleração das rotações de trabalho do transformador geonuclear.

B. Queda da velocidade de rotação do planeta.

C. E queda da temperatura do Globo.

Esses foram os três primeiros efeitos visíveis.

74. Seis: esses três efeitos foram a causa de uma nova sequência de efeitos. O primeiro desses novos efeitos foi o resfriamento da superfície externa do Globo, o que, ipso facto, lançou a primeira pedra para a criação do anel geofísico externo, a litosfera.

75. Sete: Também podemos falar de solidificação da Crosta Secundária. Enfim, isso já é uma questão de preferência. Assim que nos aprofundarmos mais no assunto, teremos tempo para diferenciá-las. Avançando um pouco no assunto, digamos que a litosfera é para o Globo o que a crosta secundária é para a litosfera. Resumindo, a crosta secundária é a camada externa da litosfera. Foi, portanto, a crosta secundária a primeira camada litosférica a se solidificar.

76. Oito: O contínuo abaixamento da temperatura geofísica até seu antigo estado inicial — que nunca mais seria alcançado — provocou a solidificação da Crosta Secundária, como já mencionei, e a formação do anel litosférico. A Arquitetura Geofísica continuou a completar sua estrutura com o surgimento do segundo anel, o Manto, cujo resfriamento fecharia a fonte de calor da qual, até então, a Atmosfera Primitiva vinha se abastecendo para conservar seu estado natural.

77. Nove: O resfriamento de fora para dentro do Globo, por lógica, tinha que transformar o anel litosférico em uma barreira que impedisse a transferência de calor do Núcleo para a Atmosfera.

78. Dez: Termicamente isolada do Núcleo, a temperatura da Atmosfera despencou à velocidade vertiginosa imposta pelo isolamento. Seu volume congelou. O resultado foi a transformação da Atmosfera no Manto de Gelo que cobriu a esfericidade do Planeta, do polo norte ao polo sul, durante a Tarde do Primeiro Dia.

Como disse antes, esse Manto de Gelo é a Luz no Verbo do Primeiro Dia.

79. Esta é a sequência que percorremos com alegria. Ao longo do caminho, fui apresentando fatos específicos que demonstram a grandeza da Inteligência Criadora e seu domínio das ciências do espaço, do tempo, da matéria e da energia. Domínio cognitivo que é como um campo onde a Árvore da Ciência da Criação lança suas raízes. Nesses fatos nos deteremos por um momento na próxima seção.

CAPÍTULO 9. – PRIMEIRA LEI DO COMPORTAMENTO DO UNIVERSO

80. Deus aplicou ao sistema geofísico a primeira das leis que regem o comportamento do Universo: a transformação da energia gravitacional em luz e calor. Sendo essa primeira lei o princípio geral sobre o qual Deus construiu a Arquitetura dos Céus, é graças à sua manifestação no espaço local que a geometria do nosso Universo se mantém constante ao longo do tempo. Sei que é um pouco precipitado afirmar algo tão contundente, mas, à medida que formos avançando, a imagem que os resultados expostos pretendem transmitir à nossa inteligência irá se revelando até desdobrar, em cores, a magnitude de sua beleza.

81. Dito isso, a aplicação ao sistema geofísico da primeira lei entre o conjunto que rege a Física dos Céus nos leva a nos interessar pelas reações que corpos estelares com propriedades diversas desencadeiam diante de um mesmo fator externo, como poderia ser a entrada em torrente no interior de seu sistema de uma corrente de energia, do tipo corda gravitacional intergaláctica que, à medida que atravessa os abismos, arrasta toda a matéria solta que encontra em seu caminho.

82. As explicações a que possamos chegar terão sempre, neste Acontecimento Histórico (multiplicação da densidade gravitacional do campo terrestre), seu ponto de partida. São suas

derivações que nos levam a formular a relação entre a energia universal e a matéria astrofísica no âmbito da produção de luz e calor, as duas consequências visíveis mais diretas que chegam aos nossos sentidos. Quando falo em produção de luz, entende-se todo o espectro da radiação estelar na origem da energia cósmica. A importância dessa relação entre energia gravitacional e matéria estelar será revelada nos capítulos seguintes. Por enquanto, limitarei-me aos fatos, tomando sempre a multiplicação da densidade original do campo gravitacional como a plataforma de partida desta Nova Cosmologia.

83. Observamos (e isso foi feito porque se inferiu a causa primeira a partir dos efeitos finais) que, ao dobrar a densidade cúbica astrofísica — ou seja, a quantidade de energia presente em um campo gravitacional, no caso de um planeta e, mais especificamente, da Terra —, a produção de calor do transformador astrofísico se multiplica por esse múltiplo.

Se estivéssemos falando de um transformador estelar, a primeira consequência visível se manifestaria na intensidade da luz produzida.

No caso que nosso Criador nos apresenta, o calor é a consequência direta, em função da natureza do transformador sobre o qual Deus atuou.

(A variedade de transformadores astrofísicos está além da nossa imaginação. Dentro do horizonte que se abre diante de nós, é de se supor que essa variedade compreenda fontes de raios gama, raios X e raios de natureza indefinível para o nosso limitado alcance de conhecimento do Cosmos. E, enfim, como ousar colocar limites ao que não tem fim!).

84. As perguntas são: o que aconteceria se, em vez de Deus controlar o processo de transformação da energia de um sistema astrofísico em luz e calor, nos encontrássemos nas fronteiras dos Céus e, por qualquer causa externa, um sistema estelar binário ou múltiplo sofresse uma multiplicação descontrolada da densidade de seu campo gravitacional? E, inversamente, o que aconteceria se a velocidade de transformação do campo gravitacional em luz ou em qualquer outro tipo de fonte de radiação ultrapassasse o ritmo de transferência de energia de um sistema para outro? Não teríamos que começar a corrigir nossas hipóteses sobre a origem das novas e das supernovas?

85. Aqui vai outra: as flutuações na intensidade da luz das estrelas e as variações em seus períodos e ciclos orbitais não são um apelo à nossa inteligência, com a intenção de abrir nossa mente para a compreensão do universo como um oceano de energia sobre cujas águas flutua a matéria?

Não é maravilhosamente curioso que, ao falar sobre si mesmo e relembrar aqueles dias, Deus nos tenha contado dizendo: “que pairava sobre a superfície das Águas”?

Pessoalmente, não tenho nenhuma dúvida quanto à identificação do campo gravitacional universal com um oceano de energia onde ocorrem correntes que funcionam como canais de transferência da gravidade de algumas zonas para outras, mantendo Deus, por meio desse sistema de irrigação, a geometria de Sua Criação em perfeito estado de equilíbrio.

Mas a questão que levantei anteriormente diz respeito à relação do nosso universo-galáxia com o cosmos exterior, com o reino das galáxias.

86. A pergunta era: o que acontece quando uma corrente extralocal irrompe com força no perímetro de nossos Céus e desequilibra uma zona, seja pela multiplicação da soma total de energia presente, seja pela aceleração instantânea das rotações de trabalho da matéria astrofísica.

Por meio desta análise, a ideia é recuperar o efeito de rotação acelerada que a Terra experimentou quando Deus multiplicou a densidade de seu campo gravitacional, efeito do qual

extraímos uma lei de regularidade direta entre o processo de produção de calor e a velocidade de rotação do transformador astrofísico.

A ideia nos leva a perceber que, ao levar uma estrela a uma rotação acelerada instantânea, o efeito deve nos proporcionar, em sequência: a criação de uma nova ou de uma supernova, caso o corpo afetado pela multiplicação instantânea de suas rotações de trabalho seja um sistema múltiplo.

Também, no momento oportuno, nos dedicaremos a analisar detalhadamente esse processo de formação de novas e supernovas.

CAPÍTULO 10. – E O VERBO É DEUS

87. E retomamos agora o fio condutor que nosso Criador estendeu diante de nós, que sempre esteve ali, mas que, em Sua Presciência, Ele deixou repousar nas trevas até que a Inteligência de nossa Civilização abrisse seus ouvidos à Linguagem da Ciência da Criação. Dito isso, o resumo sequencial dos acontecimentos históricos protagonizados por Deus durante aquele Primeiro Dia pode ser apresentado da seguinte forma:

A: Multiplicação da densidade do Campo Gravitacional Terrestre. (Essa questão da multiplicação, por Deus, do volume de energia de um determinado sistema astrofísico — questão que está na base da própria Criação — é algo que resolvemos ao assumir a natureza do próprio Criador, natureza que Lhe permite ser a fonte de energia fundamental da qual se alimenta o oceano cósmico).

B: Aumento vertical ascendente do ritmo de funcionamento do Transformador Geofísico Central. (A existência de uma correspondência inata entre densidade gravitacional e rotação estelar está na base da luz e de sua intensidade).

C: Fusão do Manto e liquefação vulcânica da Crosta Primária. (Abro mão de qualquer comentário a esse respeito, pois confiei à inteligência natural do leitor a conexão entre a causa primeira apontada e os efeitos finais expostos).

D: Formação da atmosfera primitiva “clássica”. (Ao falar de “clássica”, tenho em mente a atmosfera planetária típica, rarefeita e caótica, tal como a encontramos nos demais planetas do nosso Sistema).

E: Resfriamento do Núcleo e solidificação da Crosta Secundária, ou Litosférica.

(Essa foi a origem da Crosta Secundária. Sobre ela e durante o resfriamento, Deus atuou visando a formação do Substrato Ecosférico Autônomo, sobre o qual ainda não falei nada, mas sobre o qual já se falará algo. Enfim, aí estão as dorsas oceânicas como provas das forças de arrasto que Deus colocou em ação, e de cuja solidificação se depreende o momento durante o qual Deus moldou a geografia dos continentes.

A lógica mais elementar impõe seu critério e pressupõe que um estado de semilíquido é o momento perfeito para remover da superfície do corpo semissólido parte de sua matéria, assim como faz quem trabalha com barro e depois leva a figura resultante ao forno. Nesse caso, o efeito do forno foi assumido pelo processo acelerado de solidificação que a Crosta Secundária havia iniciado.

O motivo pelo qual Deus abriu o hemisfério atlântico em canal faz parte da Arquitetura Geofísica na base da Criação do Plano Biosférico, sobre o qual falaremos em breve.

O fato é que as forças de arrasto que criaram o Canal Atlântico e deram origem às dorsas oceânicas deixaram suas marcas ao se solidificar a camada litosférica. E lá estão elas, como testemunho da existência da atividade criadora que molda as plataformas continentais.

Não pretendo me pronunciar sobre como essa criação afeta a teoria da tectônica de placas. Além da Teoria do Plano Biosférico, apresentarei outra evidência adicional contra o modelo geofísico que o século XX impôs como norma.

F: Sublimação da Atmosfera Primitiva. (Eu disse que, quando a litosfera isolou a atmosfera primitiva do Núcleo: levada pela queda da temperatura, a atmosfera congelou, sublimou-se, e o resultado final foi sua transformação em um manto de gelo, que, assim como antes o mar de lava, cobriu a esfericidade da Terra do Polo Norte ao Polo Sul, de leste a oeste).

88. Esse manto de gelo que envolveu o planeta na tarde daquele dia era a Luz que saiu dos lábios do nosso Criador, quando Ele disse: “Haja luz”.

E assim se fez. E assim foi.

O contrário teria sido absurdo.

A dúvida cartesiana, como método de relação entre a Inteligência do Criador e a da Criatura, não é um método; é um muro de separação, uma barreira que limita as possibilidades e capacidades da Ciência de crescer na direção da Onisciência Criadora.

Se antes entendi por Onipotência a faculdade criadora de reduzir o tempo de trabalho de um processo à sua mínima expressão possível, entendo agora por Onisciência o domínio que, em Sua Sabedoria, Deus exerce sobre todas as ciências da matéria, do espaço, do tempo e da energia. E, ao fazê-lo, incluo nessa lista ciências que operam em diferentes universos, sobre os quais nada podemos dizer, a não ser nos maravilharmos com Seu conhecimento infinito.

CAPÍTULO 11. – CRIAÇÃO DO FIRMAMENTO

89. Assim, tendo em mente o estado da Terra ao final do Primeiro Dia, com o Globo Geofísico envolto naquele Manto de Gelo que seu Criador chama de “a Luz”, a visão do nosso Planeta, vista de longe, era a de uma imensa bola de gelo flutuando no Abismo, como a visão de um enorme ovo cósmico nascido nas Trevas.

A próxima sequência geohistórica que Deus tinha em mente era a seguinte:

90. Deslocamento da Terra de sua região de origem para seu lugar definitivo nos Céus.

(A localização da região de origem da nossa Terra será um problema a ser resolvido nos próximos capítulos. A necessidade de alertar o leitor sobre o fator de descrença que essa localização suscitará me leva a isso. Também enfrentarei esse desafio com elegância e tranquilidade).

91. Lançamento da Terra no Sistema Solar e acoplamento em sua terceira órbita.

92. Sublimação do manto de gelo. (Por sublimação do gelo entende-se a passagem da matéria do estado sólido para o gasoso sem passar pelo estado líquido. Neste caso, seria o processo inverso ao da sublimação dos gases.

Se no dia anterior vimos como Deus conseguiu baixar a temperatura do Globo até o ponto crítico de sublimação de sua atmosfera, neste novo dia veremos o processo contrário. Meu conselho é abrir os olhos da inteligência e se preparar para compreender maravilhas. E, como sempre, se alguma objeção surgir, não se preocupe demais, tudo se resolverá).

93. Ruptura do manto de gelo em dois blocos e recuo em direção aos pólos geográficos. (Esse recuo dos dois blocos de gelo em direção às calotas polares é um período geohistórico que, abordado a partir de uma perspectiva diferente, a geologia clássica incutiu na mente de todos.

Lembro aqui que a Ciência é o ABC da Linguagem da Criação. O resto — pretender moldar o Universo e sua História à medida da onipotência da Razão humana — é um exercício de vaidade sobre o qual não vou dizer nada agora.

Tanto a Ciência quanto a Teologia permaneceram até hoje submetidas à escravidão imposta pela Necessidade da Queda. Não é a partir de uma tribuna de acusação e condenação que devemos analisar as teorias e os estados intelectuais pelos quais tanto a Fé quanto a Razão passaram. Talvez, se estivéssemos no lugar de qualquer um dos que nos precederam, teríamos feito exatamente o que eles fizeram. Portanto, neste dia de alegria, não vamos ficar sérios).

94. Nascimento do Oceano e Formação da Atmosfera Biosférica. (Essa Atmosfera é o Firmamento no Verbo do Segundo Dia. Em seguida, entraremos em sua sequência geohistórica. Antes que o amanhecer desse Segundo Dia se faça e a História se aproxime mais um passo de nós, acho que não é má ideia refletir sobre o lugar onde Deus criou a Luz. Já sei que mais de um vai levar as mãos à cabeça e ficar sem palavras. Bem, basta abrir o Evangelho e ver o que Seu Filho fazia para ficar maravilhado com a surpresa).

TERCEIRA PARTE
CRIAÇÃO DA ESCADA DOS ELEMENTOS NATURAIS

CAPÍTULO 12. – SOBRE AS TREVAS

95. O texto bíblico não mente. No quarto dia do Gênesis, é-nos dito que Deus criou as estrelas para separar a Luz das Trevas. Cito:

"E assim foi. Deus fez os dois grandes astros, o maior para presidir o dia, e o menor para presidir a noite, e as estrelas; e os colocou no firmamento dos céus para iluminar a terra e presidir o dia e a noite, e separar a Luz das Trevas".

Quem nunca leu este texto?:

"Deus criou as estrelas e as colocou no firmamento dos céus para separar a luz das trevas".

O autor do Gênesis primeiro nos diz que Deus criou a Luz e, em seguida, nos afirma que, uma vez criada a Luz, Ele a separou das Trevas.

96. Bem, as opções que nos são oferecidas são essas e não admitem contestação. Deus criou a Luz, depois a separou das Trevas e criou as estrelas para separar a Luz das Trevas. A questão é: o que aconteceria agora se, onde Moisés escreveu "Luz", colocássemos o Manto de Gelo, cuja criação acompanhamos?

O clima está começando a esquentar?

Que tal pegarmos lápis e papel e traçarmos algumas linhas?

Traçamos uma circunferência em um canto da folha e a chamamos de Terra.

No lado oposto, traçamos outro círculo e o chamamos de Trevas.

Agora, traçamos no meio uma parede de separação entre a Terra e as Trevas, que chamaremos de Estrelas.

É a imagem que surge quando colocamos a Terra onde Moisés colocou a Luz. E, de fato, se olharmos para o céu, vemos que os Céus funcionam como uma parede de separação entre a Terra e o cosmos exterior.

97. Conclusão: Se Deus criou a Luz e a separou das Trevas... é porque a Terra se encontrava, naquele momento, naquela região da qual as estrelas a separam atualmente. Ou, o que dá no mesmo, antes de criar a Luz: a Terra se encontrava no meio das Trevas.

98. Compreendo que essa forma simples de construir uma lógica possa parecer ao leitor uma arte sinistra de complicar ainda mais as coisas. A verdade é que, por mais que eu queira, não encontro essa complicação e talvez por isso me lance à recriação dos acontecimentos geohistóricos sem me preocupar com a opinião dos séculos. Na hora da verdade, que é o que

nos interessa aqui, o problema é onde, em que região do espaço sideral, se encontram essas Trevas que cobriam a face do Abismo quando Deus disse: “Haja luz”.

99. O Apocalipse limita-se a nos informar sobre a distância astronômica que Deus colocou entre as Trevas e a Luz. Não fornece números nem coordenadas intergalácticas. Diz-nos que Deus criou a Terra e, entre a Terra e sua região de Origem, colocou os Céus. Tradução maravilhosa e revolucionária que nos deixa grudados na cadeira e nos coloca exatamente onde nosso Criador queria nos ver: no meio das Trevas e olhando para os Céus. Então, de que adianta termos os pés no chão se, no fim das contas, quem tem a cabeça nas nuvens é quem vê melhor as coisas?

100. Uma questão adicional vem à tona.

Deus criou as estrelas para separar a Terra de sua região de origem sem outra razão além de desenhar o zodíaco na abóbada do firmamento?

Ou será que Ele conferiu aos céus dimensões galácticas por alguma outra razão?

A resposta afirmativa implica a afirmação de um impossível histórico: nada mais e nada menos do que um homem de três mil e quinhentos anos atrás ter compreendido, sem jamais ter observado o cosmos, que nosso Universo é uma galáxia no coração de um oceano de galáxias em movimento — razão pela qual Deus conferiu aos nossos Céus suas atuais dimensões astronômicas.

CAPÍTULO 13. – A ESCADA DOS ELEMENTOS NATURAIS

101. Mas continuemos.

Criada a Luz (processo que descrevemos seguindo a linha do tempo com a qual Deus desafiou, desde o Gênesis, a Ciência de todos os tempos; percorrendo essa linha, chegamos à Fusão da Crosta Primária e à Sublimação da Atmosfera Primitiva resultante, fábrica onde Deus produziu o Manto de gelo que, durante a Manhã do Primeiro Dia, cobriu a esfericidade do planeta Terra, e sem julgar os processos mecânicos, dada a naturalidade do tema: Fusão da Crosta Primária e Sublimação da Atmosfera Primordial), deixamos o assunto da Revelação um tanto no ar até que a ocasião nos permitisse voltar a colocar os pés no chão.

102. E, sem entrar em mais detalhes, voltamos ao Texto; ao ler suas letras, concordamos que a definição da Palavra Criadora — cuja identidade a faz abandonar o reino das metáforas, hipérboles, mitos e demais entidades lendárias — transformou “a Luz” em uma Chave de Champolion, cujo uso permite interpretar a Revelação, contra toda opinião, teológica ou científica, defendida até hoje, afirmando que Deus separou a Terra de sua região de origem e a introduziu nos Céus, conclusão que se depreende do Texto: “e Deus viu que a Luz era boa, e a separou das trevas”, declaração que, à luz dessa interpretação, me leva a admirar a coragem que o autor humano demonstrou ao ousar, sem conhecimento científico, confessar tal declaração de separação entre Luz e Trevas pela mão do próprio Deus que criou a Terra e os Céus.

A ignorância de Moisés é precisamente onde reside a sabedoria daquele que lhe ditou o texto, e, por seu silêncio, seu escriba tornou-se o homem mais sábio de sua época. Em uma seção dedicada à ignorância de Moisés enquanto escriba de Deus, voltaremos ao tema da onisciência do Senhor que lhe ditou o relato da criação do universo. Como não poderia ser de outra forma. Ou será que, para nós, tudo não começou quando a Terra foi criada?

103. Já sabemos que dizem por aí que a verdadeira história do Homem remonta até mesmo a antes da existência da Terra. Ora, nem a existência do Homem é transcendental para o Cosmos, nem o conhecimento da estrutura das galáxias é vital para a existência do Homem. Assim, se o Homem não existisse, o Cosmos continuaria e , onde está, seguindo seu curso; e se o Homem não conhecesse a estrutura do Cosmos, isso também não faria com que o Homem deixasse de ser o que é.

Isso não significa que a importância do Conhecimento do Universo não tenha um valor existencial específico para nós; mas sim deixar claro que o conhecimento que é de transcendência vital para o Homem, enquanto Ser, é o Conhecimento de Deus; e, como em Deus está o Criador, a Ciência da Criação vem junto, por assim dizer, com alegria no corpo.

104. Alguém poderá questionar por que, então, Deus manteve em silêncio a Memória da Criação da Terra e dos Céus, separando o Criador em Deus do Senhor. Postura que Deus manteve em Cristo, mantendo a Fé e a Inteligência como dois braços unidos a um mesmo corpo, nascidos para obedecer à mesma Vontade, mas com o movimento de cada braço sujeito ao pensamento da cabeça, sob cujos impulsos todo o corpo se move.

E eu responderei a essa simples questão afirmando que assim foi, de fato.

Ao mesmo tempo, negarei que, desde o início, Deus tivesse disposto o Conhecimento do Criador em Si, seguindo esse padrão de crescimento sob as condições da Ciência do Bem e do Mal. Aconteceu o que aconteceu e já não há remédio. E, por ter acontecido isso, a Formação da Inteligência à Imagem e Semelhança da de nosso Criador sofreu, ao longo do caminho, um contratempo, que obrigou Deus, de fato, a antepor ao Conhecimento da Ciência da Criação o Conhecimento da árvore da ciência do Bem e do Mal, cujo fruto, como sabemos, é a Guerra.

105. Não sei se quem lê estas linhas compreendeu as leis desta Ciência. Pela minha parte, acredito que a estrutura desse Fruto está assimilada e, a partir do conhecimento que vem da experiência, posso escrever o que, com o conhecimento que vem da teoria, tomava forma na língua do Primeiro Homem, a saber: “Maldito seja todo aquele que comer desse fruto, e maldito seja aquele que der de comer do fruto da Árvore da Ciência do Bem e do Mal”.

Confissão final que me traz de volta ao ponto de onde iniciamos esta pequena jornada, falando da Separação da Luz que Deus realizou assim que a criou nas Trevas. Ao escrever sobre isso, afirmei que, enquanto a Ignorância teve sua Lei, a impossibilidade de penetrar em seu Conteúdo levou uns, os teólogos, e outros, os cientistas, a devolver a Deus seu Gênesis envolto no papel das metáforas e dos mitos.

Mas, uma vez que a Luz foi traduzida pelo Manto de Gelo que, ao final do Primeiro Dia, cobria a superfície da Terra — Manto de Gelo produzido pela Sublimação da Atmosfera Primitiva surgida da Fusão da Crosta Primária —, não nos resta mais do que atear fogo no papel da Tradição Teológica e da Cosmologia do Século XX, soprar sobre as cinzas, limpar a mesa e voltar a trabalhar partindo das Informações que Deus nos oferece em Seu Livro.

Talvez eu volte a abordar esse assunto em outra seção, e talvez já o tenha feito em uma anterior.

Não importa.

E não digo isso porque sou daqueles que acreditam que uma verdade é mais ou menos verdadeira dependendo do número de vezes que o martelo cai sobre a cabeça do tolo de turno. Digo isso pensando que a vida é um pensamento que se constrói a partir de raízes universais, e não porque se tenha um sonho muitas vezes esse sonho adquira mais sentido, nem porque, ao deixar de sonhar, o corpo vá perder o benefício que o descanso noturno lhe proporciona.

De jeito nenhum!

106. Pois a insignificância do homem para o Cosmos é um fato; a Verdade existe por si mesma, mesmo que não haja ninguém no Universo. Eu posso deixar de existir neste exato momento, mas a verdade existia antes de mim e permanecerá sem mim.

107. Quanto à minha mania de voltar a um ponto de referência, que pode ser um hoje e outro amanhã, ela se deve mais à necessidade de manter um ponto de referência comum entre escritor e leitor.

Por inércia, o ensaísta tende a se perder em seus pensamentos e o leitor, a se agarrar a uma ideia concreta.

E, sendo o caso em questão de tal complexidade, por mais que eu queira simplificá-lo, o fato é que excluir a Cosmologia e a Teologia — abordando sua postura em relação ao Gênesis de Moisés — da mesa de trabalho sobre cuja superfície o espírito da Inteligência de Deus está se movendo neste século XXI, pressupõe um ato mais próximo da arte do que da ciência, supondo que escrever seja uma arte, e que seja arte dar expressão ao pensamento; algo com o qual, pessoalmente, concordo, e deduzo dos filósofos e heróis das revoluções do segundo milênio, os primeiros afiando suas canetas com a arte do polemista e os segundos suas espadas com a arte dos filósofos.

Nas duas vezes em que essa união deu à luz, trouxe ao mundo dois Acontecimentos para a eternidade: a Revolução Francesa e a Revolução Russa.

108. O problema, portanto, não está na Palavra, mas no uso da arte de sua ciência. Nesse caso, a Verdade, e não o Poder, é o Princípio e o Fim. E daí que, sendo o homem insignificante e a Verdade eterna, a opinião humana seja pó sobre a mesa. Cuja superfície limpamos com o objetivo de colocar a Terra em seu devido lugar durante o Dia em que Deus criou a Luz e, uma vez criada: “a separou das Trevas”.

109. Voltando, portanto, ao ponto da restauração, direi que qualquer um que tenha dois olhos na face verá que, criada a Luz nas Trevas, a Terra — sendo a Luz o Manto de Gelo que, ao término do Primeiro Dia, cobria sua superfície — encontrava-se nas Trevas.

Dessa região Deus a separou uma vez criada a Luz, ou seja, o manto de gelo que cobria a esfericidade da Terra ao final do Primeiro Dia, conforme está escrito há três mil e quinhentos anos: “e Deus viu que a luz era boa, e a separou das trevas”.

Se Deus a separou, é porque ela estava lá. E se depois Deus criou as estrelas para separar a Luz das Trevas, como se pode ler no Quarto Dia: “Deus fez os dois grandes astros, o maior para presidir o dia, e o menor para presidir a noite, e as estrelas; e os colocou no firmamento dos céus para iluminar a Terra, e presidir o dia e a noite, e separar a Luz das Trevas”.

110. Assim, traduzindo nesta Linha do Hieróglifo de Moisés “Luz” por “Manto de Gelo”, temos que a Terra se encontrava em uma Região exterior aos Céus. Tradução impressionante e surpreendente que, se não fosse pelo fato de ser Deus quem a subscreve e seu Escriba quem a escreve com a Vara de comando da qual se serviu para separar as águas do Mar Vermelho, nossa inteligência se lançaria ao mundo dos extraterrestres e onde coloco C — de Cosmologia — teria que colocar F — de fantasia.

Dito isso — porque merece ser dito — e já que a porta está aberta, vamos entrar.

111. Como Deus produziu essa mudança de uma região do Espaço Geral para a região onde ela se encontra atualmente? Sobre esse particular, o autor nada disse. Tampouco disse nada sobre a natureza específica da região de origem onde Deus criou a Terra. Nem neste momento vou entrar em mais detalhes. Quando for conveniente para esta Cosmologia, já levantaremos o véu. Por enquanto, basta aceitar que Deus criou a Terra fora de nossos Céus, além das constelações de nossa galáxia, no Abismo coberto pelas Trevas.

112. De fato, voltando ao tema da Formação da Crosta Secundária e da Sublimação da Atmosfera Primitiva, o fato de a Terra se encontrar em uma região sujeita ao zero absoluto foi o catalisador de que Deus se serviu para criar o Manto de Gelo.

Vemos como, estando Marte a uma distância maior, sua atmosfera não passou por aquele processo de sublimação pelo qual passou a Terra. A singularidade que a Biosfera representa entre os planetas aponta para a existência de um período geohistórico especial que, por mais incrível que nos pareça, se revela a partir da Revelação, quando Deus declara que a singularidade da Biosfera obedece e é a resposta à região de origem onde Ele a criou. Afirmação espontânea que nos conduz imediatamente ao problema do Poder do Criador do Universo. Pois, se, intelectualmente falando, o processo de criação da Biosfera revela, na sequência exposta, sua natureza científica, a objeção insuperável diz respeito à Natureza desse Ser que não apenas pensa em como fazer as coisas, mas que também possui Poder Infinito para realizá-las.

113. Não sei se já disse isso, mas se não o disser agora: o Poder sem a Inteligência não satisfaz a necessidade que a transformação da Realidade exige; e vice-versa, a Inteligência sem o Poder fica restrita a sonhos, à fantasia, a respostas que o vento leva embora.

Nesse caso, conhecendo Deus pela Teologia e o Universo pela Ciência, a única coisa que precisamos fazer é fundi-los em uma Nova Ciência, a Ciência da Criação, e seguir suas leis e seus princípios.

Nesse caso, sabendo Deus que, ao expor uma atmosfera a uma região sujeita ao zero absoluto, seu volume se sublimaria e daria origem à criação de um bloco de gelo, e podendo fazê-lo, Ele o fez.

E chamou de Luz o manto de gelo.

114. Mas a integração da Terra nos Céus foi preparada por Deus antes de abrir a boca e dar início à sequência criadora da Luz. Não foi por acaso que Deus encontrou um sistema estelar com características planetárias compatíveis com a Terra. Antes de mergulhar no oceano das constelações da Via Láctea, Deus sabia o que estava procurando, onde se encontrava o que procurava e quais eram as características do Sistema Solar que buscava. E sabia disso porque Ele mesmo formou sua estrutura planetária com o objetivo de não provocar uma rejeição à integração da Terra na estrutura solar.

115. O Gênesis parte de uma plataforma prévia: a Terra e os Céus já haviam sido criados, e sobre sua superfície nos lançamos a navegar. Poderíamos ter iniciado essa jornada mergulhando nas profundezas do Tempo, mas preferi seguir a rota traçada por Deus de antemão, entre outras coisas, porque Ele conhece o terreno melhor do que nós. No momento oportuno, vou me empenhar na tentativa de recriar a Criação do Sistema Solar. Até que esse momento chegue, devemos colocar em discussão as leis básicas necessárias para a compreensão de uma sequência sistemológica de tanto interesse para nós.

116. Assim, a integração da Terra no Sistema Solar, por mais natural que pareça para quem associa a Divindade ao poder de abrir a boca e ter tudo pronto, implicava a resolução de um mar de equações complexas, repleto de incógnitas e fatores a serem levados em conta. Como qualquer outro sistema do Universo, o corpo solar não pode aceitar a integração de um novo elemento sem passar ele próprio por uma transformação de estado. Pensando nessa regra universal simples de integração de corpos astrofísicos em sistemas complexos, Deus garantiu a impossibilidade de rejeição ou perturbação destrutiva do Sistema Solar em resposta à integração da Terra em sua estrutura, criando o Sol, a Terra e a Lua com uma mesma Origem no espaço e no Tempo.

117. Uma vez criados o Sol e os planetas com suas luas e seus anéis, Deus procedeu ao isolamento da Terra, raiz da Confusão à qual o Texto se refere, para, após criar a Luz — como já vimos —, reunir novamente a Terra e o Sol, momento em torno do qual estamos nos concentrando nesta seção. Essa integração tinha um caminho. E, nesse caminho, a camada de gelo deveria iniciar sua trajetória particular rumo à sua transformação em ar e água. Descrever essa trajetória é o objetivo que nos propomos na próxima seção.

118. E, enfim, a consequência do lançamento da Terra na trajetória boreal (porta pela qual a Terra entrou no campo elétrico do Sol) fez-se sentir na superfície do manto de gelo. O fato de a Terra ter acessado sua órbita biosférica por essa rota boreal tinha causas mais complexas do que aquelas que nos interessam abordar aqui. Por enquanto, vamos nos concentrar no derretimento do Manto de Gelo e nas consequências físicas de sua aceleração até o ponto crítico máximo ao longo da duração desse processo. Elevação instantânea buscada por Deus ao proporcionar à Terra o acesso pela rota boreal.

119. O certo é que, ao introduzir a Terra pela rota solar boreal, o que Deus conseguiu foi acelerar, à velocidade máxima permitida, o processo de degelo do manto de gelo, bem como fazer o mesmo com a consequente evaporação do produto resultante.

O jogo de forças sobre o qual a fusão do Manto de Gelo se acelerou ao seu máximo possível combina as forças clássicas com as revolucionárias, e aponta para essa cosmologia quântica indescritível na origem de todos os processos de criação de matéria astrofísica e de energias eletromagnéticas.

Quanto mais se aproximavam a Terra e o Sol, menor ficava a distância Sol-Terra e mais intenso se tornava o processo de derretimento do Manto de Gelo. É a rapidez desse movimento de aproximação que nos leva a falar em sublimação. Nesse sentido, a sublimação do Manto de Gelo foi uma evaporação direta. Que, buscando compreendê-la da forma mais simples possível, podemos compará-la à aplicação de um ferro em brasa sobre a superfície de uma barra de gelo. O Sol funcionou como a barra de ferro em brasa na mão de Deus e a Terra, como a barra de gelo.

Não estou falando figurativamente ao dizer que, se Deus tivesse continuado aplicando o ferro indefinidamente, a massa total da camada de gelo teria se transformado em atmosfera. Pelo menos é essa a impressão que nos causa a extensão infinita do tema. Eu diria que se trata apenas de uma simples aparência e nada mais. Uma aparência que nos convida a dar mais um passo adiante. E a afirmar que a estabilidade do universo em geral, e do nosso Sistema em especial, baseia-se em dois pilares fundamentais. O primeiro já vimos: é a transformação da energia em novas formas de energia. O segundo é a natureza eletrodinâmica da matéria cósmica fundamental.

CAPÍTULO 14. – SEGUNDA LEI DO COMPORTAMENTO DO UNIVERSO

120. O estudo que Deus realizou sobre o comportamento da Matéria Cósmica o conduziu ao reino da Eletrodinâmica Astrofísica. Durante as pesquisas sobre a natureza do espaço, da matéria e do tempo que Deus realizou em sua busca pelo domínio da Ciência da Criação — o que Lhe permitiria transformar a Realidade Universal —, Deus observou como a matéria fundamental, apesar de suas transformações e saltos dimensionais no espaço geral, conserva as propriedades de sua natureza atômica.

A descoberta da conservação das propriedades atômicas naturais na energia cósmica fundamental, independentemente da direção percorrida, abriu para Deus um horizonte

criativo sem limites. Pois, por maiores que sejam as distâncias percorridas durante o salto da matéria microcósmica para a macrocósmica, a natureza de suas forças eletrodinâmicas se conserva; o cenário que se abre para a inteligência criadora é ilimitado. Além disso, essa descoberta, por si só, faz com que as estrelas e suas redes sistemológicas se transformem em tijolos, em blocos, em um campo de matéria-prima do qual extrair toda a massa necessária para erguer edifícios constelacionais.

121. Assim, aplicando agora: se a primeira lei (transformação do campo gravitacional em luz) se opõe à contração infinita do universo, uma vez que a quantidade de energia não permanece estática na equação — instabilidade equacional derivada da transformação da gravidade em luz e forças eletromagnéticas —, condição de estabilidade exigida pela hipótese para dar via livre à contração do campo universal em um núcleo primordial, e que não é cumprida — realidade que a estabilidade do sistema astrofísico local demonstra; essa segunda lei — natureza eletrodinâmica dos campos gravitacionais — impede o movimento contrário (destruição por dispersão) ao estabelecer entre os sistemas siderais uma rede eletrodinâmica de comportamento.

Ou seja, a operacionalidade dessa lei de transformação da energia gravitacional em forças eletromagnéticas e outras formas de energia luminosa, a operacionalidade dessa lei — dizia eu — contra a dispersão por enfraquecimento constante do volume da energia universal: mantém a concentração a partir das leis da eletrodinâmica.

122. E, finalmente, a ativação dessa barreira eletrodinâmica de proteção permite a existência de correntes gravitacionais ao redor de continentes astrofísicos, sujeitos a uma teoria de estruturas moleculares em que as partículas são astros.

123. A aplicação visível dessas duas leis a um Sistema Estelar Individual está presente no nosso próprio sistema.

Por um lado, o campo magnético atua como elo entre a Terra e o Sol. O que se estende a todos os demais planetas.

Por outro lado, o campo elétrico ergue uma barreira entre o Sol e a Terra. O que, poeticamente falando, poderíamos resumir assim: Lançada a Terra ao encontro impossível de sua destruição, a natureza de seu espírito positivo transformou a aparência em admiração quando a igualdade entre os signos resolveu o conflito.

E continuamos.

124. De maneira mais ou menos simples, vou recriar o primeiro trecho dessa nova sequência geohistórica que ocorreu no Segundo Dia.

Mas voltando ao assunto, a incorporação de um novo planeta pelo Sol significava para seu Sistema a integração, em seu campo, de um novo transformador de energia gravitacional, com suas propriedades exclusivas. Como essa mudança estrutural alterou a relação entre a família planetária não é fácil de determinar, mas esse era um fator que Deus conhecia por experiência própria e, a partir dessa experiência, resolveu no papel todas as incógnitas antes de passar à ação. Não é preciso ir muito longe para encontrar o sucesso da aplicação de sua matemática à realidade; os resultados estão à vista. Vamos nos concentrar na Terra e no que sua integração em um campo gravitacional compartilhado significou para seu corpo físico.

125. Começarei dizendo que qualquer corpo de natureza astrofísica, enquanto estiver isolado de qualquer outro corpo, limita-se a consumir sua própria energia. Enquanto esteve isolada em sua região de origem durante o Dia Zero, a Terra se alimentava de seu próprio campo gravitacional. A baixa velocidade de transformação com que seu núcleo operava manteve seu pulso em um mínimo estável de rotações. O problema era que o campo

gravitacional continuava aumentando a massa cortésia por meio de seu efeito de buraco negro. Portanto, a Terra tinha motivos para estar confusa.

126. E diz Deus que ela estava vazia porque a Terra, por si só, não conseguia sair daquela situação. Somente estando conectada a uma rede de energia ela poderia superar o fim para o qual, abandonada às suas próprias forças, se via condenada. Quando Deus retornou e duplicou a energia de seu campo, acelerando a rotação de seu corpo externo, rompeu aquela situação. Daí resultou, como mostrei, a fusão da crosta primária e a criação do Manto de Gelo que cobriu o Globo ao final do Primeiro Dia.

127. A energia fornecida, uma vez transformada em calor, e tendo o Núcleo retornado a um novo estado de equilíbrio ao final do Primeiro Dia, ao introduzi-la no Sistema Solar ao amanhecer do Segundo Dia, a Terra se viu repentinamente na situação em que se encontra um transformador conectado a uma rede de energia.

A primeira reação de seu Núcleo foi passar de um estado lento de funcionamento para outro mais avançado.

Podemos compreender o que isso significa relembrando como a variação da energia com a qual seu campo pode interagir a afetou no início do Primeiro Dia. Efeito do qual se deduz, de maneira universal, que o motor que mantém constante o movimento estelar é o Núcleo.

128. O movimento das estrelas e de todos os corpos do Universo, portanto, como se vê muito bem em nosso Sistema, possui uma singularidade. Todos giram em torno de seu eixo. O efeito físico natural desse tipo de movimento é, como se observa nos helicópteros, o movimento para cima. Daí deveríamos deduzir que todas as estrelas e seus sistemas seguem uma trajetória ascendente. Como se disséssemos que o Universo se comporta como um corpo que se move para cima eternamente. Agora, voltemos ao ponto em que interrompi este Relato.

QUARTA PARTE
CRIAÇÃO DA BIOSFERA

CAPÍTULO 15. – CRIAÇÃO DOS CONTINENTES E DOS OCEANOS

129. Eu dizia que Deus criou a Terra nas Trevas e que, após criar o Manto de Gelo — que, em Seu Livro, Ele chama de Luz —, Ele o separou das Trevas e o introduziu nos Céus, onde se encontra.

E creio ter dito que o primeiro de todos os efeitos que a Terra experimentou em decorrência dessa integração pode ser comparado ao efeito que um transformador experimenta ao ser integrado a um circuito elétrico. E que, assim como no início do Primeiro Dia, no início deste Segundo Dia, o aumento da velocidade de rotação do Globo — sinal externo do aumento das rotações que seu Núcleo experimentou — foi o efeito imediato da integração da Terra no campo do Sistema Solar.

130. Ora, sendo a trajetória natural entre dois pontos que se atraem a linha reta, e o movimento em um campo gravitacional semelhante ao de um líquido em um copo, o movimento aproximativo de um corpo externo em direção a um corpo astrofísico, em virtude dessa relação, traça um círculo ao redor da estrela. Mas, como Deus descartou a opção de aproximação pela trajetória planetária, a trajetória que a Terra deveria descrever não poderia ser outra senão a parábola. E foi precisamente essa que ela começou a traçar como reação à ação de aceleração instantânea que sua rotação sofreu. Isso no que diz respeito ao primeiro trecho do voo da Terra em busca de sua órbita biosférica.

131. No primeiro efeito desenhado — a lei que rege o voo dos helicópteros a lápis —, é preciso incluir nesse processo de acoplamento a natureza dos respectivos campos elétricos. Dito isso, qualquer campo eletromagnético é definido por suas duas componentes: a força magnética que atua à distância entre os corpos e a força elétrica que os posiciona em torno de um núcleo de referência. No caso do lançamento da Terra, temos a força magnética em ação, em combinação com a lei do movimento rotativo. A descrição que essa combinação nos oferece da aproximação da Terra ao Sol é a que nos traça uma parábola desde o exterior do Sistema Solar em direção ao polo boreal do Sol como rota de acesso.

132. A entrada em ação da segunda força eletromagnética, a elétrica, criou no horizonte de eventos uma faixa de inversão à medida que a Terra se aproximava indefinidamente do Sol.

Uma vez dentro dessa faixa, em resposta à igualdade dos sinais elétricos entre os respectivos campos, a trajetória da Terra iniciou seu descida em direção à sua órbita biosférica.

(Independentemente das equações que regulam a massa dos corpos astrofísicos sujeitos a uma relação sistemológica, as energias em jogo entre os corpos que compõem um sistema estelológico do tipo solar, e a distância percorrida por um corpo planetário durante sua órbita, a sequência de efeitos que a Terra experimentou durante sua trajetória de aproximaçã e ao Sol repercutiu no superaquecimento de seu núcleo, efeito do qual decorreu a série de ondas termonucleares na origem do estado termodinâmico do manto).

133. O efeito decorrente da transformação do Manto — algo que já vimos ao falar da Criação do Anel de Gelo — em uma massa de reação termonuclear foi a fusão da Litosfera Inferior.

(Por “Litosfera Inferior” entende-se a zona de contato geofísico com o Manto Superior. Vale lembrar que a divisão do corpo da Terra em três zonas principais, com suas faixas de contato intermediárias, não é um mero capricho da natureza. A zona que passou a ser chamada de Núcleo Externo pertence, dentro dessa Estrutura, à faixa de contato entre o Núcleo propriamente dito e o Manto. Levando em conta que o Núcleo é o corpo estelológico em torno do qual se forma um planeta e, portanto, é o Transformador da Energia Gravitacional em calor, a física do Núcleo Externo corresponde ao estado da matéria no Manto Inferior, que seria equivalente ao que se encontraria em uma massa ao redor de um microastro com baixa temperatura, ou seja, matéria comprimida no estado gasoso, embora esse estado não seja adequado para caracterizar a física da faixa dentro da qual o Núcleo oscila, causando com sua oscilação — como já mencionei em outra ocasião — o achatamento do Globo. Mas voltemos ao ponto principal:)

134. Em outras circunstâncias, o aquecimento do corpo do Manto Superior, ou massa de reação termonuclear, origem do Vulcanismo Geológico Global, deveria ter atingido o Anel Litosférico Superior ou externo, mas o fato de o Anel Litosférico estar sob a Camada de Gelo, cuja Criação vimos no início, manteve a estrutura da Crosta Litosférica em estado sólido, embora a Crosta Secundária estivesse sujeita à dinâmica da elevação da temperatura dentro de uma panela de pressão. É compreensível que a temperatura, no interior daquela panela de pressão em que Deus havia transformado o corpo geofísico, não pudesse continuar subindo indefinidamente.

135. Nossos geólogos determinaram a física da Terra partindo de um Núcleo frio, mecanicamente inativo e vivo apenas de acordo com a reação termodinâmica dependente da pressão gravitacional, que, neste caso, atuava como pressão sólida. Eles precisavam de um modelo virtual a partir do qual pudessem explicar a constância do calor geofísico determinante da atividade vulcânica litosférica. O fato de que a radiografia por ondas lhes traçasse na mesa uma estrutura termodinâmica de menor para maior, ou seja, de fora para dentro, acabou por dar razão ao modelo infantil do calor geonuclear por pressão da massa que haviam pré-estabelecido em suas mentes; modelo pueril que, por sua vez, se baseava na hipótese da origem da matéria estelológica a partir de uma concentração de poeira no coração de um campo gravitacional à deriva pelos mares estelares... não corta o mar sem que voe... blá blá blá... Que o leitor desculpe meu infinito cinismo.

136. E, fazendo amor, deram à luz uma Ecosfera por arte de magia, regulada por Equações Perfeitas que, claro, ao contradizerem a Origem a partir do Acaso, por lógica tinham que lhes parecer suspeitas e, consequentemente, sem qualquer possibilidade de prosperar. E preferiram continuar se agarrando ao modelo infantil a seguir buscando um Modelo Geofísico capaz de explicar o Equilíbrio Termodinâmico da Biosfera.

137. Como, no entanto, um planeta sem gerador de energia térmica pode permanecer quente por milhões de anos, de tal forma que, conforme demonstram os registros fósseis, é possível falar de um Ciclo Termodinâmico Ecosférico, esse é um ponto que, uma vez elevado à categoria de dogma o Modelo Infantil da Pressão da Matéria como Origem do Calor Geonuclear, e por não haver nenhuma hipótese com a qual substituí-lo, preferiram a ignorância de quem prefere o mal que conhece ao bem que ainda não conhece. E daí surge o desafio que “ ” — uma teoria em que o núcleo de todo planeta se torna um corpo estelológico, transformador da energia gravitacional em calor —, portanto, abre neste novo século.

138. Dizíamos, portanto, que a liberação do calor geonuclear (em consequência da entrada da Terra no Sistema Solar), que se acumulava entre a crosta e o manto, caso não encontrasse uma saída, acabaria provocando uma explosão astronômica, o que significaria a desintegração do corpo geofísico. Ou seja, e para centrar o tema: sem destruir a litosfera, Deus

precisava romper aquela enorme barra de gelo sob cuja massa as reações termonucleares que cresciam no corpo do manto ameaçavam fazer o núcleo explodir. A solução estava na atração gravitacional que o campo magnético solar exerceria sobre o corpo geofísico ao cruzar a Terra (na direção de sua órbita estacionária) a faixa de interação entre os respectivos campos elétricos.

139. A origem da cadeia de reações termonucleares que mantêm o Manto ativo é um assunto a ser estudado sob a perspectiva da Arquitetura Geofísica que estamos desenvolvendo. Por exemplo, como uma série em cadeia de reações termonucleares pode estender sua frente de onda até a litosfera e abrir vias de flutuação pelas quais o calor magmático é liberado. Também este outro: a relação entre o Núcleo e a forma irregular do geoide da Crosta. Assunto esse que nos leva a considerar a oscilação do Núcleo dentro do Manto como a origem do abaulamento da região equatorial. E, consequentemente, a introduzir entre a zona externa do Núcleo e a interna do Manto um anel geofísico em estado cromosférico, sobre cuja singularidade não vou me aprofundar agora.

140. Vimos — recapitulando — que, lançada a Terra na direção do Sol, nosso planeta atravessou a faixa de interação entre os respectivos campos elétricos, o que provocou a reação elétrica natural entre dois campos do mesmo sinal. (A mesma lei operativa que configura as órbitas estacionárias das partículas ao redor de um núcleo atômico em função dos campos elétricos é a lei que devemos aplicar à estrutura do Sistema Solar. Embora pareça simples demais para ser verdade, em breve demonstraremos que a configuração planetária obedece às leis da eletrodinâmica. A órbita da Terra é uma consequência natural).

141. E é curioso que, tendo percebido a semelhança entre a estrutura de um átomo e o Sistema Solar, bem como a semelhança entre as forças intra-atômicas e as forças eletromagnéticas sistemológicas — por ser óbvia — e por se recusarem a acreditar que a Natureza e a Criação obedecem a princípios tão lógicos, os cientistas do século XX se recusaram a acreditar no que tinham diante dos olhos e, tendo a resposta bem debaixo do nariz, rejeitaram-na por considerá-la indigna de seu gênio, preferindo mergulhar em uma Teoria de Unificação dos campos eletromagnéticos e gravitacionais, que, no entanto, tem seu milagre diário na estrutura da matéria atômica. Pois, se a origem do calor geonuclear provém da pressão material, como é possível que essa mesma pressão não tenha feito com que toda a massa planetária afundasse no corpo do Sol nos milhões de séculos em que o Sistema está em atividade?

142. Eles respondem com a energia centrífuga, mas ignoram que um trabalho não pode ser executado até o infinito; a constância orbital contradiz isso. Assim, tendo que buscar uma força diferente, empreenderam a busca por um campo unificado e, ao falarem de forças eletromagnéticas, faziam-no eliminando a componente elétrica do campo magnético. Verdadeiros sábios!

Então: com a trajetória terrestre direcionada para sua órbita estacionária, por efeito da repulsão elétrica entre campos do mesmo sinal, em termos de trabalho podemos comparar esse efeito ao de uma força centrífuga acelerada. De fato, sujeita a esse efeito, se o campo magnético não tivesse freado as consequências: a Terra, arrastada pela tempestade elétrica, teria sido lançada contra a órbita de Marte, por exemplo. A atração gravitacional que a interação entre os respectivos campos magnéticos produziu, quando a Terra cruzou a faixa elétric e que lhe correspondia no Sistema, foi o freio que a estacionou em sua órbita. Essa atração repercutiu na Litosfera Inferior, arrancando do Manto Superior as bases das grandes cadeias montanhosas. Com essa ação de elevação das raízes das grandes cadeias montanhosas: a ação do martelo contra a barra de gelo sob cujo anel se encontrava a Litosfera já estava consumada. Reproduzir essa ação sismológica global seria abrir uma porta no tempo e ousar permanecer

firmes sobre um terremoto com epicentro no Núcleo e cujo raio de extensão universal faz dançar sob nossos pés, plantados sobre o Anel de Gelo, todo o corpo da Crosta terrestre.

(Os sábios do século XX encontraram, certamente, evidências de um recuo dos gelos; o que jamais ousaram sonhar é que a massa de gelo que se retirou, no início, cobria toda a esfericidade do Planeta. Como seu Criador conseguiu partir aquela Barra de Gelo é o ponto tratado nesta seção, sobre o qual há muito a ser dito, e cuja Mecânica, Origem da Orografia Ecosférica, teremos tempo de abordar, em todos os níveis, ao longo deste Século XXI).

Uma vez rachado dessa forma o manto de gelo que Deus chamou de “a Luz”, o calor acumulado no corpo geofísico interno encontrou a válvula de escape pela qual se libertar: na forma de gases e lavas, obtendo Deus, com esse efeito, a transformação do gelo em água. Essa é a sequência da origem da Água e do Ar. Mas lembremos como o Manto de Gelo reagiu à aproximação da Terra ao Sol.

QUINTA PARTE

CRIAÇÃO DA ECOSFERA

CAPÍTULO 16. – SUBLIMAÇÃO DO MANTO DE GELO

143. Há duas maneiras de fazer as coisas. Uma é deixar que a lei do tempo atue e a outra é acelerar o desenvolvimento de uma ação por meio dos recursos disponíveis. Se estivesse sujeito à lei do tempo, o Manto de Gelo teria respondido à energia solar derretendo-se, teria se partido em dois e, com o tempo, as duas barras de gelo teriam-se retirado em direção aos casquetes polares. As águas do primeiro grande oceano teriam se evaporado. Lentamente, mas sem parar, o oceano teria se dividido para se multiplicar; dos oceanos teriam surgido os mares... Mas Deus conhecia uma maneira mais rápida de desenvolver esse processo global.

Por que derreter o manto de gelo a baixa temperatura quando Ele poderia provocar, por meio da integração pela rota boreal, o efeito do ferro em brasa contra uma barra de gelo? A esse efeito chamamos de sublimação do gelo. O efeito imediato do encontro Terra-Sol nas condições expostas determinou a sublimação acelerada do manto de gelo. A energia solar agiu como ferro em brasa aplicado diretamente sobre a superfície do manto. Sublimação que determinou a ruptura do manto em dois grandes blocos e o nascimento da atmosfera biosférica. (Quando digo "condições expostas", refiro-me à parábola de acesso, que determinou que a Terra permanecesse, por um tempo, a uma distância menor do que a natural de sua órbita estacionária).

144. Já mencionei que a atração gravitacional solar surgiu como consequência do efeito contrário que impulsionou a Terra em direção à sua órbita biosférica. E que, em consequência dessa atração — resultado da interação magnética entre os dois campos —, as bases das grandes cadeias montanhosas se soltaram completamente. Talvez "elevação" seja a palavra correta. A liberação foi promovida pelo aquecimento da estrutura geofísica. Lembremos que, ao esfriar o Manto, o anel litosférico se solidificou, ficando a placa de contato fundida em um único corpo. Quando a Terra entrou no Sistema Solar, o Núcleo se aqueceu, o diâmetro do Manto se ampliou e a pressão térmica criou ondas naturais que provocaram um movimento de expansão do centro para o exterior do corpo geológico. Esse movimento não era suficiente para lançar as cadeias montanhosas contra uma litosfera externa aprisionada sob um manto de gelo que, embora estivesse sendo sublimado externamente, internamente permanecia em seu estado original.

145. A solidez do manto de gelo resultou no acúmulo de calor no interior da Terra. Esse acúmulo começou a provocar um movimento sísmico generalizado que, a partir do manto e por meio de séries ininterruptas de reações termonucleares, aqueceu a crosta, abrindo vias de liberação do calor que ameaçava desintegrar toda a estrutura. A fusão entre a camada superior do Manto e a inferior da Crosta, assim rompida, fez com que a pressão térmica começasse a elevar as bases das cordilheiras, em torno das quais o calor geonuclear encontrou linhas de flutuação para o exterior. Assim, enquanto na zona externa a energia solar fazia o seu trabalho, na parte inferior a energia geofísica fazia o mesmo, rachando o Manto de Gelo, por entre cujas fendas os gases começaram a sair e a contribuir para a formação da Atmosfera em andamento.

146. A distância do Sol interrompeu a sublimação e deu lugar ao degelo do Manto de Gelo. A pressão térmica externa e interna sobre o Gelo resultou no derretimento do Gelo, transformando-o em Água. Processo que, dada a temperatura do Globo, deu origem a um oceano que cobriu o Equador e as regiões tropicais, e continuou empurrando em direção aos pólos geográficos os dois grandes blocos de gelo em que se dividira o bloco original. As águas desse Oceano-Mãe eram as águas que estavam sob o Firmamento dos Céus.

O Firmamento dos Céus que “estava entre as águas que estavam abaixo e acima de seu corpo” era a Atmosfera.

147. Identificação do Firmamento que esclarece muitas questões.

Primeiro: sendo que as águas que estão abaixo do Firmamento são as águas do Oceano Mãe, as águas que estão acima desse Firmamento são as águas do campo gravitacional solar.

Esse ponto nos revela a necessidade de abordar o comportamento da gravidade a partir da natureza dos fluidos. O que dá origem à imagem do Universo como um oceano de energia sobre o qual flutuam os continentes com suas ilhas, que, neste caso, seriam os sistemas astrofísicos. Um oceano de energia sobre o qual há mais a ser dito, mas que, por enquanto, nos abre o horizonte para a compreensão do comportamento do campo gravitacional à imagem da fenomenologia típica de um fluido exposto a forças internas e externas.

148. Resumindo:

A Luz era o Manto de Gelo sob cujo corpo ficou encerrado o restante da estrutura geofísica ao final do Primeiro Dia. Sua criação ocorreu por meio da fusão da Crosta Primária; e a fusão dessa Crosta Primária foi iniciada por Deus, acelerando o pulso geonuclear do Globo. Esse aumento do ritmo de trabalho do coração astrofísico da Terra foi consequência da multiplicação da densidade do campo gravitacional terrestre por unidade cúbica astrofísica.

149. No início do Segundo Dia, a Terra e o Sol se reencontram. Deus cria uma série de efeitos, dos quais a Sublimação do Manto de Gelo será o primeiro. O Manto se rompe e nasce a Atmosfera, cujo crescimento, ao interagir com a atração gravitacional na origem da órbita estacionária, receberá uma impressionante aceleração física. Os dois blocos de gelo resultantes iniciam sua jornada em direção aos pólos geográficos, deixando entre si as águas do Oceano Mãe, cujo volume, por evaporação, continuará alimentando o corpo da Atmosfera. Essa Atmosfera é o Firmamento no Verbo do Segundo Dia.

150. Uma vez identificado o Firmamento, o movimento do Espírito de Deus sobre as Águas se resolve como seu movimento no Espaço. E nos aprofundamos no comportamento da Gravidade, que podemos compreender a partir de nosso conhecimento da natureza dos líquidos. O que abre nossa inteligência para a compreensão do campo gravitacional universal como um oceano no qual os sistemas siderais se apresentam como continentes e ilhas, permitindo a navegação sideral graças às suas posições no espaço galáctico local.

151. Fogo, Gelo, Água e Ar. Esses são os primeiros degraus da escada dos elementos naturais que estamos subindo. O próximo que vem não precisa de apresentação. Em suma, e para encerrar:

A. – Fusão da Crosta Primária.

B.- Sublimação da Atmosfera Primitiva.

C. – Descongelamento e retirada dos gelos.

D.- Formação da Atmosfera Biosférica.

CAPÍTULO 17. – CRIAÇÃO DO PLANO DE INTER-RELAÇÃO BIOSFÉRICO

152. Encerramos a ascensão pela escada dos elementos naturais e abrimos um novo caminho.

Gelo, água, ar: todos os elementos estavam em seu devido lugar e preparados para o grande acontecimento da transição da matéria inorgânica para a orgânica. (Ponto em torno do qual a Razão e a Fé se perderam e seguiram caminhos tão opostos quanto suicidas).

Falando da evolução das espécies, o sábio bíblico por excelência lançou a pedra na água, dizendo: "E para exercer justiça sobre eles, os elementos se harmonizaram, assim como no saltério os sons se harmonizam em uma harmonia inalterável, como se pode ver claramente pelos acontecimentos. Pois os animais terrestres transformam-se em aquáticos, e os que nadam caminham sobre a terra". Palavras perspicazes de um homem que não hesitou em lamentar a solidão do gênio em outro lugar, mas que, enquanto esteve em seus melhores momentos, também não hesitou em antecipar-se à mente científica e afirmar que Deus lhe deu "a verdadeira ciência das coisas e o conhecimento da constituição do universo e da força dos elementos; o princípio, o fim e o meio dos tempos; as alternâncias dos solstícios e as mudanças das estações; o ciclo dos anos e a posição das estrelas; a natureza dos animais e os instintos das feras; a força dos ventos e os raciocínios dos homens; as diferenças das plantas e as virtudes das raízes. Tudo o que é oculto e o que é manifesto ele conhecia, pois a Sabedoria, artífice de tudo, me ensinou isso".

É de se acreditar que, se a Fé e a Razão tivessem ouvido com ouvidos mais humildes essa confissão de Salomão, a inimizade entre o cristianismo e a ciência não teria chegado aos extremos que atingiu nas primeiras décadas do século XX.

Voltando ao tema da evolução da árvore da vida, o primeiro passo são as raízes. É por onde a árvore começa a germinar. Mas, para que haja árvore, deve haver semente. Partindo do pressuposto de que a Célula-Mãe, a Semente da Vida, teve em Deus sua origem, depreende-se das sequências biohistóricas que estamos acompanhando que a semente da árvore das espécies foi plantada por Deus sob as águas do Grande Oceano. E, consequentemente, primeiro vieram as plantas. Desse reino vegetal subaquático, por meio da adaptação dos primeiros ramos à vida terrestre — à medida que o nível das águas do Grande Oceano foi baixando —, surgiu a árvore das espécies vegetais terrestres. A evolução desse novo reino se completou quando a fotossíntese transformou a composição química da atmosfera.

153. Esse passo biohistórico ocorreu durante a Tarde do Terceiro Dia. Já vimos como, uma vez rompido o Manto de Gelo, os dois blocos resultantes iniciaram a retirada em direção aos pólos, e como a evaporação do oceano, em conjunto com o levantamento das cordilheiras pela atração gravitacional, produziu a multiplicação do oceano em oceanos e a divisão dos oceanos em mares. Assim, à medida que o nível das águas foi baixando, as plantas marinhas se adaptaram à vida terrestre, acabando, com o tempo, por transformar a atmosfera pré-histórica na atmosfera histórica, tendo o oxigênio como elemento principal. Por sua vez, e sob a necessária adaptação à revolução que o próprio reino vegetal estava produzindo, a fibra vegetal pré-histórica do substrato submarino adquiriu as propriedades das árvores terrestres históricas. Com a criação do reino das árvores, Deus completou a estrutura do Plano de Inter-relação Biosférico. Plano sobre o qual vou me deter por um momento antes de decolar do solo e lançar este relato aos espaços.

154. A autonomia do Plano de Inter-relação Biosférica pode ser resumida dizendo que as calotas polares foram estabilizadas para serem os dois principais focos termorrefrigeradores do sistema ecosférico. Focos dos quais Deus fez depender o equilíbrio da temperatura da biosfera e que, para estabilizar o degelo de ambos os focos termorrefrigeradores, Deus fez depender do ângulo de rotação do globo terrestre. Vamos por partes, no entanto.

155. Imaginemos por um segundo que a Terra fosse plana e permanecesse sempre à mesma distância do Sol. O que aconteceria? Quanto tempo o Sol levaria para aquecer os oceanos até o ponto de ebulição e transformar os oceanos em uma panela de água fervente? E

em quantas horas geológicas a atmosfera perderia seu equilíbrio termodinâmico e toda a sua estrutura se desintegraria por não levar em conta o ângulo de rotação da Terra com um mecanismo regulador? Vamos calcular quantos anos seriam necessários para que, na ausência dos dois focos termorrefrigeradores polares, a temperatura dos oceanos e da atmosfera disparasse dez graus. Como esse aumento de temperatura afetaria a vida marinha? Se, em consequência de uma onda de calor, os seres humanos morressem, quantos morreriam por ano se essa onda de calor persistisse e, pior ainda, ameaçasse subir mais dez graus nos próximos vinte anos, por exemplo?

156. O que vem acontecendo ao longo desses milhões e milhões de anos é exatamente o contrário. Os focos termorrefrigeradores ecosféricos permaneceram constantes, mantiveram a temperatura biosférica estável, sempre levando em conta que, à medida que sua massa diminuía, a temperatura geral inevitavelmente aumentava. Mas, ao fazer com que a temperatura biosférica dependesse dos focos termorrefrigeradores polares, nosso Criador viu-se obrigado a proporcionar-lhes uma plataforma geofísica. Plataforma à qual chamarei de Substrato Ecosférico Autônomo e que está relacionada às equações que fundamentam a imutabilidade do ângulo de rotação da Terra.

CAPÍTULO 18. – O SUBSTRATO ECOSFÉRICO AUTÔNOMO

157. Temos a Terra girando em torno do Sol. Vimos que Deus fez com que a estabilidade termodinâmica da biosfera dependesse das massas polares. Agora cabe a nós estudar a mecânica de manutenção das calotas polares, pois tudo nos leva a acreditar que a temperatura e o ângulo de rotação estão diretamente relacionados; no entanto, a Terra orbita dentro de um campo gravitacional sujeito às alterações que, a partir do astro central, transformam o espaço interplanetário em função de sua inter-relação com o mundo sideral ao qual pertence. O que provoca nos planetas uma dinâmica rotacional instável, reflexo da oscilação do Sol.

(O fato de o Sol oscilar significa que seu ângulo de rotação parece se mover como se estivesse bêbado e, assim como o corpo de um bêbado se balança da esquerda para a direita, da mesma forma seu eixo geográfico se inclina ora para a direita, ora para a esquerda. Movimento que se reflete com especial intensidade na rotação de Marte e que, por natureza, deveria ser o natural para o eixo da Terra. Se a oscilação do ângulo de rotação planetária é a regra, a Terra é a exceção à regra. A importância dessa dinâmica constante é vital se lembrarmos que a temperatura e o ângulo de rotação estão diretamente relacionados).

A sujeição do nosso planeta à lei da inclinação solar — cuja causa teríamos que abordar em outro capítulo — alternaria a área de incidência da energia solar sobre a geografia continental, com o consequente efeito de degelo irregular das calotas polares. Mas isso não ocorre, e daí surge a pergunta: por que a Terra sempre apresenta ao Sol o mesmo ângulo de rotação?

158. Essa singularidade tem uma explicação. A resposta está na lei que rege a inclinação do eixo de rotação para um hemisfério ou para o outro de um corpo que gira sobre si mesmo. A experiência não falha. A realidade cotidiana nos oferece exemplos variados sobre a natureza e os efeitos práticos dessa lei. Sua descrição não é complicada. Pensemos: o que aconteceria se começássemos a girar com os braços abertos, segurando uma enciclopédia em uma das mãos? O braço carregado não cairia na direção natural, devido ao peso que sustenta? Enfim, sobre exemplos, assim como sobre gostos, não há nada escrito. Uma vez compreendida a natureza da lei e o efeito a que ela dá origem, cada um pode inventar o seu próprio exemplo. Compreendida em toda a sua extensão, o que precisamos fazer agora é aplicá-la à realidade do

Globo Terrestre. Quero dizer, basta pegar um globo terrestre, colocá-lo sobre a mesa e parar para observar esse exemplo da enciclopédia em uma mão com o fenômeno da concentração dos continentes em um hemisfério. Toda a massa continental não está agrupada em um hemisfério? O outro hemisfério é ocupado pelas águas do Pacífico. Já temos a enciclopédia em um braço da Terra; que efeito teremos se agora pegarmos o globo terrestre e começarmos a girá-lo em torno de seu eixo?

159. Esse efeito de inclinação do ângulo de rotação em direção ao hemisfério sobrecarregado é exatamente o que Deus buscou ao concentrar a massa pentacontinental em um hemisfério. O efeito final produzido era um ângulo de rotação fixo. Por que se dar ao trabalho? Bem, a necessidade de estabilizar o Plano de Inter-relação Biosférico era uma causa de primeira ordem. A criação de uma plataforma termodinâmica estável era uma necessidade da Evolução. Graças à concentração pentacontinental dentro de um hemisfério do planeta, Deus tornava possível que a área de incidência que o Globo apresenta à energia solar fosse sempre a mesma. Graças a essa constância óptica, a curva de crescimento da temperatura biosférica e, portanto, do degelo das calotas polares se manteria em um ritmo estável durante todas as eras geológicas. (Conclusões extremamente simples e naturais estas que, para os defensores da tectônica de placas, por exemplo, devem parecer uma heresia. Mas o que se pode fazer? Nem sobre gostos há nada escrito, nem é possível agradar a todos).

CAPÍTULO 19. – TEORIA DOS ANÉIS GEOFÍSICOS

160. Afirmei que, ao estabilizar o ângulo de rotação do Globo por meio do deslocamento da massa continental sobre um hemisfério, Deus obtinha um ângulo constante de incidência da luz solar sobre os pólos geográficos. Desse efeito, esperava obter o degelo gradual que concederia à evolução da árvore das espécies o tempo necessário para ser levada a bom termo. E destaquei que, evidentemente, essa versão arquitetônica entra em conflito com a famosa hipótese da deriva continental. Mas não poderia ser de outra forma. A deriva continental não consegue explicar a constância do ângulo de rotação; e, pior ainda, contradiz sua própria existência. Além, obviamente, de não conseguir responder a nenhuma das incógnitas que a estrutura e a morfologia da litosfera apresentam. Negar as incógnitas para impor a ficção sobre a ciência foi, infelizmente, a atitude que a era moderna adotou como filosofia em seu ateísmo.

161. Deixando de lado discussões rebuscadas e partindo da materialização da matemática do Substrato Ecosférico Autônomo, digamos que a arquitetura geofísica a que Deus deu sua aprovação nos configura uma estrutura em que a litosfera se apresenta como um anel compacto girando uniformemente sobre um anel magmático, líquido. O anel magmático, ou Manto, por sua vez, flutua sobre um anel cromosférico. E, no centro, a microestrela que compõe o Núcleo oscila no seio das correntes gravitacionais que lhe servem de órbita. Dentro dessa configuração, o fato de haver igualdade de temperatura entre a superfície do Núcleo e a e e do Sol não é uma coincidência. Nem o fato de que, ao manter constante a temperatura litosférica, os oceanos se comportem como as águas do rio de que o reator nuclear precisa para manter sua temperatura em equilíbrio. (Quanto à igualdade de temperatura entre a superfície do Núcleo e a do Sol, não se sabe se ela se verifica em todos os membros do Sistema ou se se aplica apenas à Terra. Caso valha apenas para a Terra, é possível chegar a uma lei de interação entre estrela e planeta que confirme essa regra de igualdade para todo sistema biosférico. O tamanho do astro e sua temperatura superficial determinariam a distância até o planeta em questão. Embora, atualmente, isso seja apenas especulação, a igualdade mencionada não implicaria uma paridade entre os ciclos termodinâmicos do Sol e do Núcleo? Nesse caso, o importante não é tanto determinar, mas compreender a interação entre o Sol e a Terra).

162. Dito isso, vocês dirão então que o que estou propondo é uma espécie de engrenagem com mancal, em que o anel magmático desempenha as funções das esferas sobre as quais se move a roda externa. E concordo plenamente com vocês. Vocês vão me objetar, então, que, nesse caso, é preciso explicar como essa panela de pressão não explode. Pergunta sutil que lhes faz honra, e à qual vocês mesmos poderão responder a partir da visão cotidiana do sistema de flutuação do calor interno que são os vulcões. As linhas de flutuação do calor geonuclear não são constantes e não são marcadas pela circulação das correntes eletromagnéticas?

CAPÍTULO 20. – TEORIA DO SISTEMA SISMOLÓGICO DE FLUTUAÇÃO

163. Embora pareça um exercício sem sentido, vamos recomeçar. No primeiro Dia, nosso Criador duplicou a densidade de energia por unidade cúbica astrofísica do campo gravitacional terrestre. A resposta do Núcleo, naquele momento em estado frio, foi ativar-se e proceder à transformação desse suprimento em calor. Imediatamente, o Manto se liquefez e a crosta Primária se fundiu. Concluídos esses processos, o Núcleo esfriou novamente, de modo que a Crosta se solidificou e se transformou no anel geofísico que chamamos de Litosfera. Se a Terra tivesse permanecido na região onde esses processos ocorreram, o resfriamento de seu Núcleo teria levado o Manto à solidificação. A Bíblia diz que isso não aconteceu porque Deus separou a Terra de sua região de origem e a introduziu em um campo gravitacional de densidade estável, o Sistema Solar.

164. Uma vez dentro do campo de ação do Sol, o transformador geonuclear se reativou e atingiu uma temperatura constante, igual à temperatura externa do astro em torno do qual orbita. Acredito que sejam cerca de seis mil graus Celsius. Essa integração no Sistema Solar interrompeu a solidificação do Manto e, ao mesmo tempo, manteve a solidez do anel litosférico, que, a partir de então, giraria com movimento próprio sobre o anel magmático. Grosso modo.

165. Com a produção constante de calor pelo Núcleo, a física nos obriga a traçar, entre o Manto e o Núcleo, uma espécie de zona cromosférica, dentro da qual o próprio Núcleo oscila, fazendo com que essa oscilação — sujeita às alterações de gravidade de que falei anteriormente — provoque o achatamento dos pólos que o Globo apresenta. (Nesse sentido, a oscilação do Núcleo dentro do corpo geofísico depende de sua própria mecânica de produção de calor e de sua reação às ondas termonucleares na origem dos vulcões. Quanto à morfologia do Núcleo, a reação do próprio corpo geofísico à sua ação oscilatória nos dá certas pistas. Mas isso já será estabelecido em outro momento, a partir de outras bases).

166. É essa estrutura geofísica que nos leva a nos perguntar o seguinte: como a Terra libera o calor interno armazenado que é gerado pelo anel litosférico? A resposta, mais do que teorias, exige fatos; e bem, embora estejamos falando de uma litosfera com ângulo de rotação fixo sobre uma superfície magmática, seu corpo está dotado de um complexo sistema de tubos de flutuação através dos quais o calor geonuclear é continuamente liberado. Falar de vulcões é falar de toda a dinâmica sismológica que acompanha a criação dessa arquitetura geofísica, impressionante em sua manifestação e perfeita em sua execução. Agora: por que as aberturas do sistema de flutuação se estendem ao longo dos limites das grandes cadeias montanhosas?

167. A correspondência entre as linhas sismológicas e as linhas das grandes cadeias montanhosas explica-se a partir da física da atração gravitacional, cuja fenomenologia qualquer especialista pode esclarecer. E já que estamos falando nisso, a objeção à arquitetura geofísica que o aumento contínuo da temperatura de uma litosfera sujeita à lei do Substrato Ecosférico Autônomo apresentaria, elimina de uma só vez a temperatura constante dos fundos oceânicos, graças à qual a superfície mais exposta da litosfera freia esse aumento natural, que,

sem esse equilíbrio, acabaria por fazer explodir essa estrutura de engenharia geofísica. Acredito que os reatores nucleares se valem dessa mesma teoria para frear o aquecimento de seus motores.

168. Esse sistema geofísico autônomo, fonte de tantas dores de cabeça, é complementado por uma estrutura planetária sui generis, especial, avassaladoramente maravilhosa, cujos fundamentos tenho a honra de apresentar a vocês. Mas quero partir de um fato. Melhor ainda, de uma lei: a saber, se todo sistema astrofísico é um transformador de energia universal em luz e calor, sua velocidade de funcionamento dependerá da densidade gravitacional de seu campo e do número de revoluções por século de seu astro. Isso, para começar.

169. Por outro lado, é correto afirmar que a velocidade sideral de um sistema — seja uma constelação ou uma galáxia — é uma constante deduzida das forças da região astrofísica à qual esse sistema pertence. Em outras palavras, se o Sistema Solar não interagisse com o Universo das constelações, sua velocidade de cruzeiro dependeria exclusivamente da quantidade de energia de seu campo gravitacional. Ao submeter o Sistema Solar à lei da atração gravitacional entre os corpos do universo, a própria lei nos diz que, ao diminuir a distância entre as constelações, logicamente a velocidade de cruzeiro dos sistemas estelares que as compõem deve aumentar. Trata-se de um efeito universal do qual podemos inferir que, se a velocidade do astro central — da qual dependem os corpos menores de um sistema — for acelerada, todos os corpos dependentes de sua física sofrerão essa variação. De alguma forma, de algum jeito.

170. E isso é relevante porque a questão não pode ser evitada nem deixada de lado em função de certos contextos, especialmente uma vez que a Evolução da Vida na Terra foi aberta a um complexo sistema de equações físicas, sem cuja resolução o futuro da vida não poderia ser garantido. A nova questão que se coloca é: como Deus impediu antecipadamente as possíveis alterações que, no futuro — e precisamente por nosso Sistema estar sujeito a essa lei universal —, a Terra viria a sofrer? Para compreender melhor o cerne da questão, comparemos nosso Sistema a uma nave. Feita a comparação do Sistema Solar com uma nave em pleno voo, o que estamos tentando descobrir aqui é se essa nave foi dotada de um freio de segurança ou se simplesmente navega à deriva pelo mar das constelações, exposta aos ventos gravitacionais e aos campos eletromagnéticos siderais.

171. Mas por que Deus precisaria dotar o Sistema Solar de um freio de segurança para manter estável sua velocidade de cruzeiro? Essa é a questão oposta à anterior. Bem, acho que a necessidade é tão óbvia quanto o fato de todos os corpos do universo estarem sujeitos às leis que o regem. Se as rodas aceleram, o chassi não fará o mesmo ao mesmo tempo? Se o Sol pisar no acelerador, os planetas não sofrerão as consequências?

172. E em que medida essa aceleração hipotética afetará os transformadores centrais dos planetas, e especialmente o da Terra, uma vez descoberta a relação direta entre velocidade e calor? Mas e se agora a velocidade solar diminuísse abruptamente por razões de interação eletrodinâmica à distância? Ou seja, será que Deus se esforçou tanto para criar um Substrato Ecosférico Autônomo para o Plano de Inter-relação Biosférico e depois iria expor toda a Arquitetura Geofísica à destruição em consequência de uma mudança repentina na orientação das constelações? Ele traçou linhas, deslocou continentes de um hemisfério para o outro, criou zonas sismológicas ativas, regulou a termodinâmica geonuclear, não deixou nada ao acaso, nenhuma ponta solta lhe escapou. E agora, quando a aventura da vida estava começando, ele iria deixar a nave solar à deriva pelas correntes interconstelacionais? A necessidade de corrigir trajetórias no tempo, controlar variações no espaço e governar a matéria por controle remoto obrigava a Inteligência Criadora a dotar o Sistema Solar de um freio de segurança que mantivesse a velocidade de cruzeiro do astro central dentro de uma faixa de máximos e mínimos. A questão é: a que tipo de freio automático um engenheiro astrofísico deve recorrer

na hora de colocar em órbita um sistema do tipo solar? Embora, é claro, se não soubermos a que tipo pertence o Sistema Solar, dificilmente conseguiremos encontrar a resposta. A resposta está bem diante dos nossos olhos.

SEXTA PARTE

CRIAÇÃO DO SISTEMA SOLAR

CAPÍTULO 21. – SISTEMOLOGIA FINÍTICA APLICADA (ESTRUTURA DINÂMICA DO SISTEMA SOLAR

173. A resposta ao enigma apresentado na seção anterior, a saber: que tipo de freio automático mantém a velocidade de cruzeiro do Sistema Solar constante, contrariando a lei da gravidade que aponta para a necessidade de uma aceleração constante devido à diminuição das distâncias entre o Sol e qualquer ponto ao qual ele se aproxime? — a resposta a esse dilema é inequívoca. Ora bem, e confesso minha falha, o dever exige especificar melhor a natureza do problema. Quero dizer, estamos ou fomos acostumados a trabalhar com uma *imagem instantânea* do Sistema Solar. Aqui está ela:

174. Por inércia e devido a uma simulação virtual implantada durante os anos de nossa formação intelectual, tendemos a ser oniscientes e basta-nos aplicar as leis de Kepler à foto imaginária para nos sentirmos como deuses. Essa implantação vem de séculos atrás e a imagem é herdada nas entranhas com tal sutileza que aos profissionais da formação intelectual basta impor a ordem com a batuta de seus regimes estatais para encerrar o problema. O fato é que, hoje em dia, essa imagem simplista do movimento kepleriano é própria de mentes atrasadas e de inteligências sem qualquer atividade independente, com nula capacidade de julgamento crítico. O certo é que o resultado fica bom e até bonito, e atinge seu objetivo: fazer com que até o mais idiota se sinta maior do que São Tomás e Santo Agostinho juntos. Na hora de confrontar com a Realidade, essa imagem de um Sistema Solar congelado no tempo é o oposto da Física do Sistema Solar, que se move entre astros a poucos anos-luz de distância e com os quais forma, sem dúvida alguma, — cacofonia? — um Aglomerado Estelar Aberto. Eis o Sistema Solar aberto aos membros de seu Aglomerado:

175. Se tomarmos como referência os parâmetros dos aglomerados estelares abertos de nossos céus e combinarmos os dos sistemas estelares binários e múltiplos, onde as distâncias entre os astros de um sistema estelar individualizado superam, em muitas ocasiões, a distância existente entre o Sol e Alfa Centauri, por exemplo, eu me pergunto: onde fica aquela imagem destinada a crianças recém-iniciadas na astrofísica que saiu da oficina de Kepler nos dias de María Castaña? Dizem que a lei opera a distâncias infinitas — e nega-se que essa mesma lei atue entre corpos situados a apenas quatro ou cinco anos-luz de distância? Alguém, além do bom senso, perdeu a razão ao longo do século XIX, e a ninguém do século XX — com a Academia lançada na aventura da Busca pela Origem do Cosmos, já acomodados na nave do Tempo que levaria os sábios até o Núcleo da Origem e, de lá, saltariam até o Fim por meio de uma dobra no Espaço... a ninguém ocorreu apertar o botão e ativar a foto de um Sistema Solar congelado no tempo que Kepler lançou para o futuro. Nem mesmo para se divertir um pouco. O dogmatismo dos discípulos da revolução einsteiniana revelou-se tão primitivo e forte que, mesmo com os cálculos dinâmicos mais atuais à disposição, nenhum astrônomo ousou colocar o dedo no botão e ver o Sistema Solar tal como ele existe no Espaço e no Tempo, incrustado em um Aglomerado Estelar Local e com seus membros planetários dotados de estrutura sólida. É, portanto, deprimente a ponto de provocar a mais retumbante gargalhada abrir um Manual de Astronomia, escrito por professores universitários, como, por exemplo, o Manual da Complutense de Madri, para não me perder em outras linguagens mais sutis, e ler que Plutão é um corpo gasoso. Como somos bem-educados, contemos o vômito. Continuemos, então.

176. Afirmei acima que a resposta para o motivo pelo qual a velocidade do Sistema Solar escapa ao domínio da lei gravitacional — sob cuja força é governado todo o universo — deve ser inequívoca, simples e lógica. Reconheço agora que as expressões verbais, ao contrário das matemáticas, possuem uma ambiguidade de natureza tão profunda que é capaz de engolir em seu abismo a pureza de qualquer montanha de números. E gostaria de explicar esse enigma. A palavra, em definitiva, é um veículo capaz de transportar em seu seio diferentes viajantes, e acontece que, dependendo do viajante, uma palavra pode deixar de significar uma coisa para passar a ter um novo significado. Os políticos são mestres nessa arte. Mas não apenas eles; não

sejamos cruéis com esses bichinhos. O número, por exemplo, é um ente perfeito; seu significado é intransferível, divino em sua incorruptibilidade, e daí a adoração pagã e selvagem que os matemáticos sentem por esses entes. Um quatro é um quatro, e quer se aplique a bananas ou a ratos, a essência e a substância do quatro, enquanto ente abstrato, puro e imaculado, permanecem apesar das mudanças. Eu, que sou um idiota, e por ser isso sirvo de exemplo, pois posso ser tanto um cretino quanto uma flor — o que mostra a ambiguidade da palavra, confusão à qual o número não se presta sob nenhuma desculpa —, e porque defendo a necessidade de dar o pontapé inicial no Movimento Sistemológico Solar para superar os traumas keplerianos e os complexos herdados dos séculos passados, guardo para mim o riso que me causa ver na Internet a defesa a todo custo desse antigo sistema sistemológico que, se em sua época nasceu para revolucionar, atualmente é o sistema mais reacionário que conheço. Ignoro por que os astrônomos não cumprem sua função e não processam a montanha de dados com a qual, se Kepler e Newton tivessem trabalhado, a imagem final do sistema herdado já teria passado a engrossar a longa lista de erros — necessários como um passo adiante, mas inimigos da Civilização por sua recusa em passar para a história melhor.

177. Mas o fato de uma resposta poder ser inequívoca não significa que ela não deva ser complexa. Tudo dependerá do modelo com o qual se trabalhe. Se o raciocínio se chocar com uma inteligência ancorada na imagem arquetípica que identifica os planetas com bolas de gás, acabará-se chegando à Ponte dos Suspiros, para escrever sobre as águas um melancólico: “Pobrezinho!” Superado esse problema e partindo do princípio de que o banco de dados à nossa disposição torna impossível manter ativa uma resposta obtida a partir de uma série de dados sem peso aos pés da montanha de conhecimentos, do cujo cume voltamos a contemplar o Universo, o Cosmos e o Sistema Solar, a decisão é nossa, e nas nossas mãos ficou o processamento desse acúmulo de parâmetros cuja igualdade final, e, por se basear em uma nova série de dados, por lógica deve colocar diante de nossos olhos uma Arquitetura Estelológica Local em relação à qual — sem renegar o foto-finish kepleriano — esta Sistemologia Finística Aplicada não pretende ser mais do que o ponto de partida e jamais o ponto final para a questão central desta Seção: por que a velocidade do Sol é estável e se desvia da lei da gravitação universal, segundo a qual, à medida que o Sol se aproxima de um sistema astrofísico, deve dobrar sua velocidade em função da distância?

178. Percebe-se que, pelo simples fato de sua complexidade, uma resposta não deixa de ser simples. É preciso situá-la em seu verdadeiro contexto. Esclarecer a natureza do problema que ela encarna. Definir qual lei a suscita. Abrir espaço e traçar na tela de nossa inteligência a natureza da questão para a qual buscamos resposta. Há um momento em que são os especialistas que devem intervir, pois são eles que possuem esse banco de dados cujo processamento permite demonstrar ou refutar, se for o caso, a integração do Sol em um aglomerado estelar, mais ou menos aberto e mais ou menos populoso, em função da arquitetur e gravitacional a que esses dados dão origem. Consideremos uma nova ampliação estelológica local de 20 anos-luz:

179. Quantos aglomerados estelares abertos poderiam nos servir de modelo astrofísico? Obviamente, estamos falando de uma verdadeira revolução no nível da conceituação sobre o que é um aglomerado estelar. Será necessário descartar conceitos antigos e trabalhar a partir dos sistemas binários até abrir, no espaço universal, campos gravitacionais regionais, dentro dos quais os astros se comportam como átomos dentro de uma molécula astrofísica. Isso explicaria a razão da constância óptica das formações estelares no firmamento, a constância nas distâncias e velocidades dos sistemas estelares dentro da Rede Universal Láctea, e nos colocaria diante de um Universo que se comporta como um Corpo Cristalino, alimentado por correntes gravitacionais, em função das quais o consumo da energia total se mantém ao longo do tempo dentro de uma faixa de máximos e mínimos. Daí as flutuações nas intensidades

luminosas estelares. Isso implica Deus, é claro, mas neste Sistema Cosmológico Deus é dado como certo; portanto, vamos já apontar a resposta local ao problema da constância da velocidade do Sol.

180. Neste momento, preciso me corrigir, depois de ter destacado o ponto verdadeiramente importante: a existência do Sol como membro de um sistema sideral; meu próprio pensamento me leva a definir a transformação da massa planetária em Mecanismo de Correção da Órbita Solar, por cuja ação a Força Centrífuga a que o Sol está sujeito em resposta ao Movimento de seu Sistema dentro de um Campo Gravitacional Cumulativo é anulada e passa a estar sujeita a uma constante específica. Se antes eu disse que "Não temos mais do que transformar a massa total da família planetária em massa de arrasto, e já teremos o freio estabilizador da velocidade de cruzeiro do Sol", agora penso que essa transformação concentra seu peso na Equação Corretora da Órbita do Sol, pela qual, como já disse, a força centrífuga a que o Sol está sujeito é vencida por meio da transformação da massa planetária em Controle de Direção por Mecanismo Remoto. (Se alguma objeção vier à sua mente, imagine correr impulsionando apenas o próprio corpo e, em seguida, repita a mesma operação carregando um saco de areia nas costas. Isso, para começar. Mas antes de colocarmos nas costas não o Globo, à semelhança daquele titã, mas os nove planetas com seus satélites e os cinturões de anéis solares, antes de pegarmos a alavanca para mover o universo, vocês terão que abandonar o lastro da visão decadente dos planetas como imensas bolas de gases flutuando entre os fios eletromagnéticos do campo do Sol).

181. Quero insistir nesse tema porque acredito que seja importante. A afirmação acadêmica de que os planetas são bolas de gases comprimidos sob pressão gravitacional é um desses argumentos pseudocientíficos primitivos, típicos do fundamentalismo do século XX, que não se sustentam de forma alguma por si só, mas que permanecem no século XXI como símbolo da submissão das universidades ao gênio do ateísmo científico. Até quando a idiotice e o gênio continuarão lado a lado, como as duas faces da mesma moeda? Não é algo fácil de afirmar. Até ontem mesmo, por exemplo, Marte era uma esfera de gás, assim como Vênus, Mercúrio, Júpiter, Saturno e os demais membros do nosso Sistema Solar. E assim continua sendo descrito nos manuais elaborados pelas mentes mais prestigiadas do planeta para consumo das massas. As fotos e as expedições a Marte e seus vizinhos servem-nos de prova ao abordar esse tema — o da absurda visão gasosa dos planetas. No entanto, as provas não são suficientes para apagar dos manuais de Astronomia e dos livros de Ciências Naturais essa vergonhosa mentira. É, portanto, engraçado a ponto de parecer palhaçada ver os eminentes gênios dos observatórios astronômicos de todo o mundo continuarem pregando o evangelho da natureza gasosa dos planetas. Devem ter alguma razão oculta para confessar com os lábios o que seus ouvidos consideram heresia. Ora bem, se houver algum super sábio eminente em alguma das universidades do mundo capaz de demonstrar que Marte é uma bola de gás, que não fique parado e nos exorcize; , cumprindo a vontade desse mega-deus, para o Tártaro dos tolos iremos. É uma vergonha alheia — digo eu — ver nos manuais de Astronomia palavras que só na boca de um idiota poderiam ser desculpadas; vergonha alheia porque quem as escreve são todas eminências, titulares de cátedras e coisas do gênero. Será que o século XXI merece a mente típica de um tolo como mestre e guia do conhecimento do universo? A questão continua sendo: sob que tipo de filosofia concederemos voz a uma cosmologia suicida, sabendo que seus efeitos sobre as nações, desta vez com meios de destruição infinitamente mais mortíferos ao seu alcance, serão os mesmos? Lembremos que Satanás não matou com a espada, mas com a palavra, pois, embora ainda haja quem não acredite nisso, a arma definitiva, para o bem e para o mal, é a palavra. Como acreditar, então, nos dias de hoje, que Plutão seja uma bola de gás? A esta altura, é preciso ser um verdadeiro ignorante para ensinar tal absurdo, e um idiota para acreditar nisso. Para quem escreve e quem lê fora desse círculo mortal típico do século XX, o que nos interessa agora é descobrir como a soma da massa planetária total entra em jogo na

hora da estabilização corretiva da velocidade de cruzeiro do Sol. Voltemos, então, ao problema em questão, pois em outra ocasião as próprias circunstâncias nos levarão de volta às entranhas desse buraco negro, em cujo ventre lavam os cérebros da juventude mundial, nos quais, contra a natureza, escreve-se que os planetas são bolas de gás. E eu sou a Chapeuzinho Vermelho, está claro.

182. Retomemos, então, o fio da meada. Navegando à velocidade de cruzeiro X, temos, entre as constelações dos Céus, uma estrela chamada Sol. O atrito desta nave contra a superfície de voo é insignificante para frear sua velocidade; e, o que é mais natural, o impulso da força centrífuga a que sua órbita está sujeita impulsiona esta nave para fora do campo gravitacional ao qual pertence. Nosso problema é saber por que sua velocidade de aproximação em relação à estrela para a qual se move não aumenta com o passar do tempo. Independentemente de o Sol voar em linha reta ou seguir uma linha curva, enquanto ele navega no espaço interestelar, as distâncias entre ele e o ponto aparente de aproximação diminuem. Isso é óbvio. E, à medida que a distância entre o Sol e o ponto aparente de aproximação diminui, a força de atração entre o Sol e esse ponto estelar aumenta. A lei da gravidade é que prevalece. À medida que a atração entre o Sol e o sistema estelar de referência pontual aumenta, a velocidade de aproximação também aumenta. Consequentemente, a velocidade de cruzeiro do nosso Sistema aumenta. E continua aumentando. Quanto mais curta se torna a distância entre dois astros, maior se torna a velocidade do menor dos dois. Podemos estar falando ou não do Sol. Seja o Sol o astro maior ou o menor do par em questão, o fato é que ocorre uma variação em sua velocidade de cruzeiro. Mas, já que estamos falando do Sol... vamos falar.

183. Acredito que a distância do Sol ao sistema estelar mais próximo seja de alguns poucos anos-luz. Próxima Centauri fica a cerca de quatro anos-luz do Sol. Já foram descobertas estrelas ainda mais próximas. Pela velocidade com que o Sol se move, cerca de 600 quilômetros por segundo, a colisão entre o Sol e o sistema de Próxima Centauri, contando a partir de agora, ocorreria daqui a aproximadamente 500 anos. Perguntamo-nos agora, sem rodeios: há quantos milhares de anos o Sol vem navegando entre as constelações dos céus? E desses milhões de anos durante os quais a vida na Terra seguiu seu curso sem sofrer uma alteração letal, não podemos deduzir a estabilidade da velocidade de cruzeiro do Sol? E não temos o direito de acreditar que a velocidade do Sol é uma constante? E, sendo uma constante, essa constante não nos obriga a corrigir a fenomenologia da gravidade, não tanto como lei, mas quanto à sua natureza? Destaco este trecho especificando que minhas questões buscam abrir caminhos, jamais fechá-los. Na medida do meu conhecimento, faço o possível para sintetizar, a fim de enxergar o processo a partir de uma perspectiva dinâmica. Não aceito em minha mente o "foto finish" kepleriano e, se há algo a que eu comparo o movimento dos planetas ao redor do Sol, é a uma corrente elétrica que passa por uma barra de metal, do tipo solenóide. A própria angularidade das órbitas projetadas em um espaço tridimensional expõe a necessidade de um voo em ondas de corrente, onde o Sol ocupa o lugar da barra de metal. Mais ou menos assim:

184. Partindo dessa imagem, a questão tridimensional se simplifica e é possível deduzir as irregularidades nutacionais de algumas órbitas externas. Em outra seção, dedicada exclusivamente ao Sistema Solar, voltarei ao tema tentando definir melhor a imagem por meio da incorporação de dados físicos. Não pretendo, com essa imagem solenoidal, senão deslocar a imagem congelada no tempo que circula desde os tempos de Kepler, Galileu e Newton, e que se tornou uma barreira nos dias de hoje, um ídolo barato diante do qual todo mundo se acredita um gênio e, dobrando os joelhos, volta tranquilo para casa porque já sabe de tudo.

185. A Academia, sempre tão brilhante, sabe encontrar a cada momento a explicação que mais lhe convém para manter intacta sua glória diante das críticas do futuro. E é que, ao que parece, o Sol navega seguindo uma trajetória atípica, de tal forma que evita o contato

gravitacional com as demais constelações. Fingindo ignorância ao estilo daquele Sócrates que só sabia que nada sabia, mas sabendo de tudo, a Academia proíbe as universidades de apagar dos manuais de astronomia as falsidades nas quais se baseia sua ideia sobre o Sistema Solar e seu lugar no Universo. Pois é claro que, se o Sol não segue uma trajetória natural para um corpo sujeito à lei da gravidade universal: que tipo de trajetória o Sol traça entre os demais sistemas estelares de sua vizinhança? O cálculo simplório que fiz acima em relação a Próxima Centauri pode ser extrapolado para os últimos quinhentos milhões de anos; e, considerando que o Sol esteve quinhentas mil vezes à beira da colisão, o fato de isso não ter ocorrido me dá motivos para descartar a ideia ingênua de um Sol solitário, que não pertence a nenhum aglomerado. E isso deveria fazer com que vocês parassem de repente e, olhando para cima, sentissem sob seus pés as vibrações do motor estelar. Perguntem a si mesmos como é possível que o Sol, nos milhões de anos em que vem navegando a 600 km por segundo, não tenha colidido com nenhum desses senhores de sua vizinhança. Não lhes parece lógico pensar que ele não poderia nem pode, simplesmente porque o Sol pertence a esse aglomerado? Insisto na imagem:

186. Na verdade, essa é uma pergunta interessante, que, pela simplicidade de sua formulação, pode soar como uma trivialidade sem importância. Erro grave. Ou será que o passageiro que embarca no avião não se interessa nem um pouco pela mecânica da aeronave, sabendo, como sabemos, que se arrisca a vida no ar? Não é o Sol, em sua totalidade, uma nave eternamente no ar, repleta de passageiros? Quanto à manutenção da velocidade autônoma da nave solar, podemos deduzi-la por meio da transformação da fenomenologia fotosférica solar na queima do combustível necessário para mover um corpo no espaço. Em que as grandes erupções solares diferem do jato do reator que impulsiona uma nave na direção oposta à sua emissão? Ambos os fenômenos não estão sujeitos à mesma lei de ação e reação? Suponhamos, por um momento, que seja assim. E, uma vez que conhecemos o ciclo de onze anos que rege a temperatura do corpo fotossférico solar — já que esse ciclo de aquecimento fotossférico está sujeito a um ciclo estável —, não poderíamos deduzir, a partir de sua constância, a mecânica de propulsão controlada que rege a velocidade de cruzeiro do Sol, mecânica essa, por sua vez, sujeita à lei de transformação da energia gravitacional em energia luminosa? A resposta é difícil, mas não impossível.

187. Consideremos a reação do Sol à passagem do cometa Hale-Bopp. Vocês se lembram? A extraordinária erupção observada na superfície solar imediatamente após a passagem do cometa Hale-Bopp não é um fenômeno suficiente para nos abrir a compreensão sobre a conexão entre temperatura, densidade gravitacional e velocidade de transformação, neste caso provocada por uma frente de onda com cabeça sólida? E se a conexão entre a passagem do Hale-Bopp e a extraordinária erupção observada é um fato científico, como continuar mantendo, dentro dos mesmos parâmetros de comportamento, a relação entre o Sol e os planetas, quando um corpo minúsculo é suficiente para acelerar, por um tempo x, a velocidade de transformação de uma estrela inteira!

188. Um dos pilares básicos do desenvolvimento do pensamento humano refere-se à busca das causas a partir dos efeitos observados e, inversamente, à descoberta dos efeitos a partir das causas dadas. Graças à capacidade da inteligência de valer-se dos instrumentos da lógica, a aventura do pensamento pôde atingir patamares inesperados. Mas, com o passar do tempo e muitas conquistas, os pensadores que em sua época foram revolucionários cometeram o crime nefasto que se define por eliminar a causa originária do efeito observado, sob a alegação de que a descoberta não se coadunava com seus interesses subjetivos e emoções irracionais. Tendo o século XX se perdido na teia de um ateísmo científico que apagou causas e opôs razões à lógica da realidade, é de se acreditar que os herdeiros daqueles gênios saibam como distorcer o caminho entre efeito e causa e conduzir os ignorantes ao abismo de uma irracionalidade ultrapassada. Pois, por mais difícil que seja acreditar, a Ciência tornou-se

ateísta para provar a si mesma que sabia mais do que Deus. O fato de ter encerrado seu discurso às vésperas da Grande Guerra não a fez refletir, durante a Guerra Fria, sobre a patologia na qual sua inteligência havia levado sua lógica. Sua patologia chamava-se ateísmo. Mas voltemos ao tema do nosso Sistema Solar.

189. O primeiro a pensar em todos os fatores a serem levados em conta no que diz respeito à estabilidade dinâmica do Sistema Solar foi o Engenheiro que concebeu sua criação dentro de uma rede molecular astrofísica chamada Céus. A maior dificuldade que Deus tinha de superar era representada pelos milhões de anos que a evolução da árvore das espécies exigia para seu nascimento e crescimento. Se, no caso da criação da biosfera, os processos podiam ser acelerados sem causar nenhum conflito científico, no caso da vida a regra era — e continua sendo — bem diferente. No campo da vida, digamos assim: as leis são mais rigorosas. Os milhões de anos que a evolução da vida na Terra exigiam de Deus, por necessidade, tinham que colocar diante dele um complexo sistema de equações sistemológicas. Entre elas, como manter constante a velocidade de cruzeiro do Sol no espaço e no tempo, e como dotar seu Sistema de uma rota de voo tal que ele planasse entre as constelações sem se integrar aos seus sistemas, foram os dois grandes e principais desafios que sua Inteligência teve de superar. E, buscando aqui como ele fez isso, é nisso que estamos.

190. A autonomia de voo que a natureza das estrelas lhes proporciona, por serem transformadoras de energia em luz e calor — fenômeno muito semelhante ao comportamento de uma partícula excitada, que se defende irradiando uma subpartícula —, é um aspecto que implica a necessidade de corrigir a hipótese do movimento astrofísico a partir, e somente a partir, da lei da gravidade universal. Não se nega essa lei; simplesmente se corrige sua definição. Se até agora a lei era a única força, a partir de agora temos uma mecânica de transformação de energia, cujos efeitos geram a autonomia de propulsão necessária para manter constante a velocidade do Sistema. Nesse sentido, a fenomenologia da fotosfera solar nos serve de quadro de referência a partir do qual podemos ativar a imagem de um astro como uma nave propulsionada autonomamente por meio da transformação de sua energia no combustível necessário para manter o impulso inicial. Outra coisa será se, em sua irracionalidade científica, a Academia quiser negar a aplicação da lei de ação e reação às fulgurações estelares e à velocidade sideral. O autor não vê como tal negação possa ser demonstrada e, consequentemente, prefere prosseguir com sua exposição sobre a relação entre os planetas e a rotação do Sol durante sua trajetória entre as constelações que marcam sua órbita.

191. Imaginemos o seguinte cenário. Temos o Sistema no qual vamos cultivar a Árvore da Vida. Sabemos com certeza que, desde o momento em que a plantarmos até que ela nos dê seu fruto, deverão se passar milhões de anos naturais. Também sabemos que o desenvolvimento da Vida exige que a Natureza mantenha sua Estrutura nas condições que lhe são próprias. O que significa e que devemos evitar a interferência de fatores cosmológicos externos no processo evolutivo. Isso nos obriga a proteger o Sistema Biosférico de tal forma que, sem deixar de estar dentro de um Universo, a existência desse Universo não represente para ele a criação de uma interferência letal. Como fazer isso? A própria velocidade de cruzeiro do Sol, cerca de 600 quilômetros por segundo, e sua sujeição à lei da Gravidade indicam que, com o passar do tempo, essa velocidade deve aumentar, o que é exatamente o que não queremos. E, consequentemente, isso nos obriga a dotar o Sistema Solar de um freio de segurança que atue automaticamente e seja acionado em resposta ao aumento de sua velocidade. É isso que se busca. Vejamos quais soluções práticas nosso Criador encontrou.

192. A primeira solução prática era lógica: carregar a nave solar de tal forma que a aceleração gravitacional fosse freada pelo trabalho de deslocamento e obrigasse a nave a transformar essa aceleração exógena na força necessária para realizar o trabalho de

deslocamento da carga de frenagem. Dessa forma prática, a nave solar manteria sua velocidade de cruzeiro sempre constante, ao mesmo tempo em que superaria a tendência inercial de aumentar sua velocidade com o tempo. Mas vamos transferir esse caso para o solo. Imaginemos que temos o carro abastecido com combustível. O tempo durante o qual o carro permanecerá na estrada dependerá, além da velocidade atingida, do peso com que o carregarmos. Se carregarmos o porta-malas ao máximo, reduziremos o tempo de funcionamento que o tanque pode proporcionar. A esse tipo de freio chamaremos de exógeno.

193. Mas agora imaginemos um tipo de freio exógeno ainda mais sofisticado. Imaginemos que, à medida que a máquina percorre uma distância maior, a carga no porta-malas multiplique seu peso. Não chegaria o momento em que a máquina seria freada, esmagada sob o peso adquirido por esse freio exógeno? A questão é: o Sol está dotado desse tipo de freio exógeno, de tal forma que o peso dos planetas se multiplica pela energia potencial adquirida durante o tempo decorrido? E, inversamente, não é por essa lei do aumento da energia potencial e sua transformação em peso que é freada a tendência do Sol de se comportar de acordo com a lei da gravitação universal?

194. Se as ideias sobre a natureza dos planetas são falsas, os números também devem sê-lo. O que me leva a afirmar que não se chegará a lugar algum enquanto a ditadura da cosmologia do século XX continuar impondo sua lei dogmática e seu absolutismo racionalista à inteligência do século XXI. Até ontem mesmo, Marte — como disse antes — era uma bola de gás. Portanto, se tivermos que esperar que as sondas cheguem a Plutão para traduzir seu corpo em massa geofísica, sentemo-nos e esperemos que a morte chegue; a morte chegará antes do que a sonda a Plutão. Assim que os cálculos corretos estiverem sobre a mesa, então poderemos começar a trabalhar com fatos e não com razões impostas com base em prêmios. Deixando de lado, portanto, a crítica destrutiva contra tais gênios, continuemos viajando a bordo da nave solar e continuemos nos fazendo perguntas.

195. O Sol está se aproximando de um sistema estelar e, consequentemente, sua aceleração vai disparar, mesmo com o freio exógeno em ação. Como vamos superar esse novo problema? No jogo imaginário que criamos, estamos no comando, pilotamos a nave e, portanto, seu futuro depende de nós. O que devemos fazer agora é pegar o volante e virar, por exemplo, para a esquerda. Ou isso, ou colidiremos com os astros do sistema estelar para o qual a lei da gravidade nos arrasta. Talvez não amanhã nem depois de amanhã. Dá no mesmo. Nossa missão é encontrar uma maneira de provocar a manobra que nos levará para longe da colisão inevitável contra o sistema que, com sua gravidade, tomou o controle dos comandos da nossa nave. A primeira coisa que nos ocorre é procurar o volante. Onde ele está? Pois ele existe, sem dúvida. Milhões de anos e o Sol ainda em rota são a melhor prova de que Deus dotou a nave solar de um freio exógeno — que são os planetas e o jogo de energias que os movem — e de um volante que é acionado por um programa de controle remoto que, , vence a invencível aceleração interconstelacional, obrigando a nave a girar. Minha inteligência me leva a olhar ao meu redor e me perguntar: que tipo de força endógena é capaz de fazer com que o Sistema Solar se comporte como uma nave pilotada por um capitão inteligente? Para tornar possível essa rotação que o Sol vem executando desde o alvorecer dos tempos e sem cujo mecanismo a nave teria se integrado a qualquer sistema estelar da vizinhança: com que tipo de mecânica autônoma Deus dotou o Sol?

196. Como ontem e como sempre, levanto meus braços ao meu Criador e dedico a Ele a alegria que desperta em minha inteligência minha admiração pela resposta que Ele me deu a esses problemas. O programa de controle remoto de rota chama-se Alinhamento Interplanetário. Criado o freio exógeno, para que serve um freio se não há um pé para pisá-lo? A essa ação do pé sobre o freio chamaremos de Mecânica Endógena de Giro. Se a ação exógena de frenagem surge como resposta do Sistema em seu conjunto ao meio universal, essa ação do

pé sobre o freio surge como resposta dos planetas ao comportamento do Sol. Mais ou menos. Mas antes de abordar o efeito dos alinhamentos planetários sobre a trajetória solar, neste momento gostaria de trazer à memória a multiplicação da força do braço debaixo d'água e a redução do peso de um corpo nesse mesmo elemento. Não pensem que faço isso para despistar. Pelo contrário, faço isso para revelar o ambiente natural no qual se desenvolve o jogo de forças naturais em nosso Sistema.

197. Pensem que o peso de um corpo está diretamente relacionado à gravidade. Uma pedra de um quilo tem a mesma massa na Terra e na Lua. E essa mesma pedra não tem a mesma massa na água e fora dela? No entanto, elas têm o mesmo peso? Não é verdade que não? Agora, vamos aplicar essa realidade ao próprio Sol. Isso sem pretender nos equiparar, em visão, ao gênio que buscou uma alavanca para mover o universo. Imaginemos, então, que colocamos o Sol em uma extremidade da alavanca, nós nos colocamos na outra extremidade e cabe a nós movê-lo. A primeira coisa que devemos nos perguntar é qual é o valor da gravidade no meio em que nos situamos. Embora pareça um truque, quanto menor for a gravidade, menor será o peso do corpo e maior a eficácia da força do braço contra a alavanca. A dedução é óbvia. O peso do Sol e de qualquer corpo celeste varia de acordo com a interação gravitacional do momento. Isso de um lado. Do outro, que, ao contrário do Sol, os planetas do nosso Sistema se movem em um meio gravitacional estável e, portanto, mantêm a igualdade entre a força que desenvolvem e o peso que podem levantar.

198. O Alinhamento Planetário, total ou parcial, múltiplo ou simples, atua como um braço, e sua ação sobre o Sol é a do braço contra a alavanca. A equação sistemológica afirma que a aceleração solar é freada pelo programa regulador em que Deus transformou o alinhamento planetário. Os planetas transformam o peso do único corpo em que o Alinhamento os converte: em força; e, como toda força tem, por natureza, a função de realizar um trabalho, o trabalho que executam é provocar o ângulo de rotação de que falávamos e mantê-lo constante. Este, de fato, é o volante que estávamos procurando.

199. Quanto à descrição físico-matemática dessa nave estelar guiada por controle remoto em voo autônomo no seio das constelações dos Céus, deixo-a para outro mais versado em números, incógnitas e outras equações complexas. Destacando sempre as alinhamentos planetários, tanto parciais quanto totais, no quadro da Sistemologia Astrofísica Aplicada, os primeiros atuando como um contrapeso à velocidade, e os segundos como o deslocamento da proa do Sistema em direção ao hemisfério a partir do qual a carga é realizada. Em suma, antes de semear nas águas do grande oceano a semente da árvore das espécies, foram muitas as equações que Deus teve de resolver.

200. Concluindo: Tudo ainda está por ser resolvido no nível dos dados finais. As ideias são a antecâmara das pesquisas. E, nesse contexto, quis retocar minha primeira ideia sobre a relação entre os Planetas e o Sol no seio de um campo gravitacional compartilhado, no qual, assim como o próprio campo solar é causa de uma força centrífuga que repele os corpos e produz os anéis de asteróides externos; estando integrado ao Sol em um campo multiestelar, cujo centro é gravitacional — como se disséssemos que é um ponto de referência em torno do qual ocorre o movimento cumulativo —, esse centro é a causa de uma força centrífuga geral, que o Sol supera por meio da massa planetária geral que corresponde ao seu sistema. O que nos leva, finalmente, a uma estrutura de Engenharia Astrofísica tão perfeita que abandoná-la ao caos é, pura e simplesmente, próprio de um gênio incapaz de compreender o complexo edifício de equações que Esse Engenheiro Divino resolveu no início, e, como não é capaz de aceitar o fracasso por não conseguir, por si só, emular — se não em três dimensões, pelo menos no papel — a Ciência infinita dessa Inteligência Criadora, opta pela alternativa do louco: Deus não existe. Que os astrônomos e matemáticos deste século tomem nota disso.

201. As coisas, portanto, são o que são, e não o que parecem; embora, às vezes, o que pareçam ser seja o que são. Estamos falando de uma quantidade indefinida de milhões de anos, período durante o qual o sistema biosférico exigia sua integração em uma estrutura astrofísica estável. Até o momento, as quantidades de tempo para as sequências geofísicas descritas não entraram na narrativa. Deixei esses números para os desafios que, um a um, Deus foi superando. E creio ter dito que, uma vez relacionada a Onipotência Criadora com o conceito físico de potência, os cálculos naturais se queimam no Fogo, congelam no Gelo, se afogam na Água e se evaporam no Ar. Em quantos milhões de anos Deus reduziu a sublimação e o degelo do Manto de Gelo ao integrar a Terra ao Sistema Solar por meio da parábola boreal? Se o degelo do Manto de Gelo tivesse ficado exposto à distância correspondente à terceira órbita, quantos milhões de anos teria durado o degelo?

SÉTIMA PARTE
CRIAÇÃO DOS CÉUS

CAPÍTULO 22. – O PRINCÍPIO COSMOLÓGICO GERAL

202. O objetivo e a meta da criação dos Céus e da Terra, o Homem no fim do túnel do tempo: estamos vendo como Deus traçou a arquitetura geral dos Céus e a especial da Terra,

pensando nos milhões de anos que o Nascimento e o Crescimento da Árvore da Vida exigiam para dar seu fruto. Porque podia e sabia fazê-lo, Deus criou um Plano de relação entre os elementos da Biosfera, com dois focos termorrefrigeradores principais nas extremidades da Ecosfera e focos pontuais distribuídos pelos continentes, que são as cordilheiras de neve perpétua. A forma como, a partir dos focos polares, as correntes atmosféricas e oceânicas se reciclam e mantêm estável o termômetro biosférico é uma obra de engenharia geofísica tão maravilhosa quanto surpreendente, que envolvia a morfologia da própria litosfera. Como precisava manter estável o termômetro ecosférico, Deus teve que dotar a Ecosfera de um ângulo de rotação perene. E, como podia e sabia, criou o Substrato Ecosférico Autônomo, graças ao qual, como já disse, o ângulo de incidência da energia solar se manteria constante durante os milhões de anos que a Árvore da Vida precisaria para dar seus frutos. Mas havia ainda mais, pois o Sistema Solar não está isolado do restante da Criação e, estando em movimento e sujeito às leis gerais do Universo, a inter-relação causava e poderia causar interferências que prejudicariam o trabalho de tantos milhões de anos. Como isso era possível, e Deus sabia disso, Ele não hesitou em empregar Sua inteligência e dotar o Sistema Solar de um mecanismo de controle remoto de sua velocidade sideral, ao qual chamei de Sistemologia Astrofísica Aplicada. E, no entanto, tudo isso não era suficiente.

203. O Universo local, a Via Láctea, move-se no seio de um Cosmos em que o movimento é a característica mais marcante. Pode ser que entre as galáxias existam diferenças qualitativas e quantitativas, mas em todas elas há um denominador comum: elas se movem. Dizer que se movem significa dizer que interagem, se multiplicam, se dividem, se somam, se subtraem. A Criação é movimento constante, avassalador, maravilhoso, surpreendente. Mais ainda, o Cosmos retratado nas teorias do século XX e o Cosmos de Hubble se assemelham tanto quanto uma foca a uma andorinha. No real, o de Hubble, não há movimento homogêneo, não há distâncias padrão, não há padrões. O reino das galáxias é pura diversidade, pura harmonia na descoberta do desconhecido, êxtase na apoteose da capacidade infinita da matéria cósmica de se reproduzir no espaço e entreter sem jamais entediar. Gênio espalhado aos quatro ventos, beleza que se manifesta alegremente e não clama por ser a última moda. Desenvolvimento de estrelas em aglomerados de aglomerados de trilhões de astros que não se destroem nem entram em colapso; são como faróis nas distâncias oceânicas. Galáxias que, como criaturas submarinas, viajam pelas correntes cósmicas e, como águias, abrem suas asas e se deixam levar pelos ventos intergalácticos. Onde está o Cosmos do Século XX?

204. De fato, a estrutura celeste que observamos em nosso entorno imediato apresenta características muito típicas. Para que, no fim das contas, o conjunto se resolva em uma arquitetura constelacional de defesa do coração astrofísico, a partir do centro do qual se define sua configuração óptica especial. Pois, tal como podemos contemplá-lo com nossos olhos telescópicos, o universo é percorrido por poderosas correntes gravitacionais que deslocam grandes massas de nuvens de um lado para outro, origem das nebulosas. Assim, ao nos revelar que “criou as estrelas do firmamento para separar a luz das trevas”, Deus nos diz muito sobre como a passagem da Terra por uma dessas correntes nebulosas afetaria o Sistema Solar. E nos revela a natureza dos escudos constelacionais.

205. O texto bíblico é claro como a água. “Deus criou as estrelas para separar a luz das trevas”, diz. No Primeiro Dia, é-nos dito que Deus criou a Luz e a separou das Trevas. Neste Quarto Dia da Primeira Semana da História da Humanidade, diz-se que, de fato, depois de separar a Luz das Trevas, Deus criou os Céus para separar a Luz das Trevas. O Texto não poderia ser mais direto. O fato de as conclusões que daí se derivam serem fascinantes e, por serem maravilhosas, totalmente opostas à mentalidade do século XX, não significa nada. A opinião do homem moderno sobre a Natureza do Universo não tem importância. Não foi olhando para o homem moderno que Deus redigiu Sua Revelação a Moisés. Quem não tinha

importância para Deus também não pode ter importância para Seus filhos. As conclusões a que chegaram não interessam a este livro, nem as opiniões deles ao autor. Portanto, vamos prosseguir.

206. A estrutura do Universo da Revelação e sua resolução no espelho da Realidade nos revelam, por analogia, o seguinte. A saber: o Universo do Gênesis é a Via Láctea. E é sobre a Criação dessa Via Láctea que se diz: "Deus criou os Céus para separar a Terra do reino das Galáxias". Necessidade física que se depreende do estudo dos Céus, e cujos fenômenos revelam que, do outro lado dos Céus, poderosas correntes e ventos percorrem o Cosmos. Lá estão as imagens astronômicas para falar com o poder de mil palavras por foto. Sua beleza, no entanto, não deve obscurecer a clareza de nossa inteligência na hora de interpretar os acontecimentos que são sua causa. A função física que cumprem os aglomerados estelares que nos cercam é a de uma rede que captura tudo o que a corrente arrasta e impede que as nuvens intergalácticas penetrem no interior do sistema constelacional em torno do qual estão distribuídos. Fundementemos agora, com base científica, a declaração divina de que os Céus foram criados para erguer, entre a Terra e o mundo das galáxias, uma barreira de proteção.

207. A descrição, portanto, do Espaço Cosmológico Geral que herdamos nos apresenta um Universo-Galáxia que se move e interage com os demais corpos por meio de leis gerais. O que se adequa perfeitamente à expansão até o infinito da Matéria sugerida pela Ideia da Criação. A necessidade de compreender por que Deus criou os Céus para proteger a Terra do Movimento Cósmico Geral implica a resposta à relação entre Deus e essa multiplicação da Matéria até o infinito. E a resposta a essa pergunta nos leva diretamente àquela outra pergunta à qual, com sua teoria cosmológica, o gênio do século XX quis responder, a saber: Antes do princípio, o quê? Questão que, por sua vez, nos leva diretamente a nos perguntar qual foi o papel de Deus nesse Princípio dos princípios e o que era Dele antes desse Princípio Cosmológico Geral. Assunto que nos obriga a entrar na Teologia, mas sempre conservando a atitude científica que, até agora, tem se mantido como linguagem de entendimento entre a Criação e nós.

208. Antes da Criação houve a Não-Criação e, antes do Criador, havia Deus. Deus se declara Eterno e, sobre Sua Idade, nada há a dizer. Mas Ele também confessa: "Antes de mim não foi formado nenhum Deus, e nenhum haverá depois de mim". Assim, sabendo que Deus é Eterno e que, portanto, a Formação de que fala não poderia afetar Sua Natureza, deduz-se que essa Formação se referia à Sua Inteligência, que é a parte do Ser que cresce e se desenvolve no tempo. Conclusão lógica que coloca, de um lado, o Conhecimento da Ciência da Criação e, do outro, o Ser que possuía todos os Atributos Naturais de Deus. Quando essas duas coisas se uniram e se tornaram uma única coisa, então Deus tornou-se o Criador e a Realidade, sua Criação.

209. Quando e como ocorreu essa revolução cosmológica, abordei na História de Jesus. Lá, entrei no tema da História da Não-Criação e desenvolvi seus grandes momentos. Creio me lembrar de ter dito que o Criador se tornou porque estava em Deus. Mais ou menos o que quis dizer é que, se a Inteligência sem Poder não é suficiente para transformar a Realidade, tampouco o Poder sem a Inteligência possui essa faculdade. E afirmei ali que o Poder estava em Deus e a Inteligência na Força Incriadora, Origem de todas as coisas. Lembro-me de ter colocado a Eternidade e o Infinito diante de Deus, mas não em oposição a Ele. E de ter relatado essa relação não criada ao falar da Infância do Ser Divino. E essa Infância sob a ótica da revolução que levou Deus a se tornar a Origem de todas as coisas novas. Em relação a esse processo, Ele falou de si mesmo dizendo que foi formado. Processo de Formação que só pode ser compreendido como realizado pelo Infinito e pela Eternidade, na medida em que são realidades não criadas que tinham em Deus a estrela de tudo o que se movia e se fazia. E, uma

vez que o Criador foi formado em Deus, consumou-se a revolução que faria de Deus, do Infinito e da Eternidade uma única coisa. Em linhas gerais.

210. Dessa revolução ontológica que integrou Deus, Espaço, Tempo e Matéria surge o conceito de Princípio Cosmológico Geral, ou seja, o acontecimento que marcou um Antes e um Depois. Pensando nisso, os gênios do século XX falaram de um Big Bang, e eu, na História Divina, parti de uma atividade criadora natural na qual Deus transformou a Realidade a partir da própria estrutura da Realidade. Ou seja, houve a destruição de um cosmos anterior e a transformação desse cosmos em um novo, que, como tudo o que começa, partiu de um acontecimento ou Princípio Cosmológico Geral. Princípio Cosmológico Geral que marcou de forma irreversível o Antes e o Depois. A questão é como Deus deu origem a esse Princípio, do qual o início do nosso Universo, em especial, é um fragmento da sequência histórica que pôs em movimento aquele Acontecimento.

211. A resposta a essa questão exige que se fale das leis fundamentais do Movimento de Multiplicação da Matéria Cósmica, que vinham atuando desde a Eternidade. Só que, ao contrário do Cosmos Não Criado, que envolvia o Infinito nessa Multiplicação, ao ter o Movimento sua Origem em Deus, esse Movimento foi revolucionado e realizado por campos que transformam a matéria em energia cósmica e essa energia cósmica em matéria astrofísica. Para compreender essa fenomenologia, recorramos à natureza quântica da matéria atômica.

212. Tanto no âmbito das observações em laboratório quanto em aceleradores de partículas, a reprodução da matéria tem sua origem no aumento da energia dinâmica que transforma a relação da partícula com o campo no qual ela se move. Desde o próprio surgimento da física quântica, observou-se que o aumento da massa exige o aumento da energia cinética, relação que Einstein tentou expressar em sua célebre equação da energia. Mas se, no átomo em seu meio natural, ao aumento de sua velocidade a partícula responde transformando a diferença em massa — e o mesmo ocorre em um acelerador —, se retirarmos o limite de velocidade da equação e procedermos à extração da partícula de seu meio, conferindo-lhe as características da energia cósmica em voo livre em um espaço sem referência eletromagnética: essa partícula continuará transformando a diferença de velocidade em massa. Supondo que lhe atribuamos uma acumulação de trajetórias até o infinito, já temos o salto da matéria quântica para a astrofísica. Esse era o processo natural não criado.

213. Deus revolucionou esse processo ao concentrar a trajetória em um campo onde o tempo matemático se curva e o espaço físico cai em direção ao centro. Simulando um acelerador em anel de tal forma que, a partir do exterior, crie uma espiral sobre a superfície de uma ampulheta, onde cada fragmento mantém a velocidade de aceleração independentemente da massa: no momento em que o feixe atinge o centro, ou seja, a boca da ampulheta, o feixe salta para o outro lado por meio da explosão na origem das estrelas. Esse é o fenômeno que chamo de Implosão Astrofísica, fenômeno que marca o nascimento das galáxias e das estrelas.

214. Pois, como um astro individual pode dar origem a uma quantidade ilimitada de feixes de energia cósmica, a reprodução da matéria até o infinito é uma realidade que vem desde a Eternidade. O que diferencia essa multiplicação até o infinito é que, antes, ela exigia o Infinito como pista de transformação e, depois, o mesmo processo se reproduz em campos de espaço-tempo desdobrados por Deus nas fronteiras do Cosmos. Isso torna o Cosmos um ente mais massivo e confere ao Espaço Geral uma densidade de matéria mais elevada, razão pela qual o Cosmos nos maravilha com novas criaturas galácticas a cada dia em que o Hubble abre seus olhos. A Criação é contínua e sua expansão, constante.

215. Esse processo de multiplicação da matéria cósmica a partir de um Princípio Geral Cosmológico pode ser comparado a uma reação em cadeia que nunca termina e amplia seu raio de ação e extensão à medida que o tempo avança, do centro em direção às fronteiras. Nossos

olhos telescópicos nos permitem admirar o movimento das galáxias dentro desse Espaço Geral Cósmico em constante expansão. E também ajustar as leis da gravidade às criaturas galácticas, cuja ação nos permite observar como elas se atraem e se acumulam; lei clássica à qual devemos somar a lei das forças eletrodinâmicas, graças à qual a concentração da massa total em um ponto é um impossível físico de se alcançar. Razão extraordinária pela qual o movimento dos átomos de um gás quente dentro de um recipiente é o que corresponde ao Movimento Cosmológico Geral.

CAPÍTULO 23. – O ESPAÇO COSMOLÓGICO GERAL

216. A criação de galáxias como fenomenologia autônoma, ativada por Deus por meio da alimentação constante do campo transformador da energia cósmica em matéria astrofísica, nos leva diretamente a descobrir o Cosmos como um campo de matéria-prima do qual Deus extrai a matéria necessária para erguer Suas Obras. Entre elas, nosso Universo é uma delas. Não foi a primeira, nem será a última. A palavra de Deus a esse respeito é firme: “Em verdade, em verdade vos digo que o Filho não pode fazer nada por si mesmo, a não ser o que vê o Pai fazer; pois o que o Pai faz, o Filho também faz. Pois o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o que Ele faz, e lhe mostrará obras ainda maiores do que estas, de modo que vocês fiquem maravilhados”. As implicações teológicas não poderiam ser mais claras.

217. Mas por que um feixe de energia cósmica não cresce até o infinito uma vez ultrapassado o limite da velocidade da luz? Sendo que a origem da matéria astrofísica está no salto da energia cósmica e esse salto é condicionado pela transformação da energia cinética em massa, por que, uma vez criada uma trajetória que simula o vácuo, a transformação não continua até o infinito? Um projétil disparado no vácuo não tende a atingir velocidade infinita se o tempo que lhe for concedido for eterno? Por que, então, não existe um corpo escuro de massa infinita? Em suma: que tipo de mecanismo de segurança é que impõe limites ao salto da energia cósmica para a matéria astrofísica?

218. A resposta vem da experiência. O salto até o infinito colide com o ponto crítico de crescimento, ou Ponto de Implosão Astrofísica, a partir do qual o corpo estelar transforma a energia que absorve em luz. Dessa forma, mesmo que o sistema matéria-energia tivesse caminho livre, o próprio peso dinâmico do processo criador o conduz a um ponto em que a transformação em massa dá lugar à transformação em luz. E o ciclo continua. Esse ponto crítico, portanto, está na natureza da matéria em geral e se mantém ao longo de todo o percurso do salto, tanto do quântico ao sideral quanto do astrofísico ao cósmico. Outra questão será determinar como esse núcleo duro, o verdadeiro protagonista do salto interdimensional, funciona e em que medida suas revoluções de trabalho se aceleram ou desaceleram. E assim outras perguntas que dizem respeito ao salto criador em si. Como, por exemplo, o que acontece quando a massa galáctica criada consumiu a energia do campo espaço-temporal. E outras coisas mais. Também observamos no Espaço Cósmico Geral como as galáxias seguem o padrão natural de uma corrente que sai pela boca de uma ampulheta em movimento em torno de seu eixo. Ao compararmos os braços espirais com jatos de energia astrofísica lançados por forças centrífugas para o Espaço Cósmico Geral, a gama de galáxias se abre para a quantidade de energia concentrada em um determinado momento por um campo de transformação. Além disso, se compararmos esses campos a redes nas quais a energia cósmica flui em correntes alternadas, a gama anterior se abre em leque diante de nós, e o que vimos até agora não passa de uma amostra do que está por vir. As espécies galácticas crescem na eternidade até o infinito.

219. E, uma vez criadas, como se comportam as galáxias? Como crescem, qual é a regra que dá forma à sua essência, como conservam a energia cinética, qual é sua relação com o campo transformador e qual é a relação entre esse campo e o campo gravitacional astrofísico? Seremos capazes de deduzir, a partir do que vemos, algumas leis que nos ajudem a compreender a natureza dessa árvore de criaturas estelares que é o reino das galáxias? Somos capazes, por meio da combinação das leis físicas locais, de recriar as grandes leis que regem o movimento no Espaço Cósmico Geral? Por que as galáxias não obedecem à famosa lei da gravidade universal? Por que se comportam mais como enxames de criaturas exóticas voando sem direção aparente, tendo como norte a trajetória que o vento lhes traça? A partir do movimento browniano que demonstram possuir, é possível ou não aplicar as leis da eletrodinâmica às galáxias, em virtude das quais elas se repelem, colidem, se misturam, se dividem, se multiplicam e permanecem sempre em movimento? O Movimento Cosmológico Geral não ignora a natureza neutra do campo gravitacional universal? E esse movimento constante dessas criaturas enormes que se deslocam a velocidades fantásticas por um Cosmos de vocação eterna — que tipo de correntes e ventos intergalácticos elas não produzirão? Não são as tempestades nebulosas que arrasam nosso Universo Galáctico em seu caminho uma prova da existência dessas correntes intergalácticas que, impulsionadas pelo Movimento Cosmológico Geral, transportam, de um lado para outro, massas de matéria cósmica, causadas tanto pela combustão de sistemas inteiros quanto por sua existência anterior à criação do Princípio Cosmológico Geral? (Enfim, ao abordar esse tema, as perguntas poderiam se acumular umas sobre as outras até formar uma montanha. O fato de a Cosmologia do século XX ser onisciente e, ao descobrir uma nova galáxia com seu gênio todo-poderoso, já poder atribuir-lhe natureza, idade e distância é uma dessas maravilhas da natureza que devemos submeter à análise, ao exame e ao julgamento crítico. Mas não neste livro).

220. Aqui convém afirmar que a Ideia do Universo veio antes do Universo. Não se trata de dogmatizar nem de filosofar. Não é minha intenção. Trata-se apenas de colocar em evidência uma realidade tão natural quanto o fato de que o estudo do terreno é necessário antes de se erguer qualquer obra de engenharia. E é que, conhecendo Deus as leis de sua Criação, suas dimensões, sua fenomenologia e sua natureza, é lógico e natural que, ao se propôr a erguer uma Obra, Ele trace linhas e faça cálculos pensando na influência do terreno sobre o futuro do edifício, neste caso, astrofísico. Melhor do que eu, quem pode descrever com precisão esse processo de estudo e reflexão anterior ao Ato Criador é o próprio Deus, que inspirou a Salomão estas palavras sobre sua Sabedoria: “Yavé me possuía no início de seus caminhos, antes de suas obras, desde a antiguidade. Desde a eternidade fui estabelecida; desde as origens, antes que a terra existisse. Antes dos abismos, fui gerada; antes que surgissem as fontes de águas abundantes; antes que as montanhas fossem alicerçadas, antes que as colinas, fui concebida. Antes que Ele criasse a terra, nem os campos, nem o pó primitivo da terra. Quando Ele firmou os céus; quando traçou um círculo sobre a face do Abismo. Quando condensou as nuvens nas alturas, quando dava força às fontes do abismo. Quando fixou os limites do mar para que as águas não ultrapassassem seus confins. Quando lançou os alicerces da terra, eu estava com Ele como arquiteta, sendo sempre o seu deleite; regozijando-me diante Dele em todo o tempo”.

221. Com a Ideia na Mente e todos os cálculos resolvidos, Deus dá início à Obra. No caso dos Céus, a primeira coisa que Ele fez foi — segundo Salomão: “traçar um círculo sobre a superfície do abismo”. Ou seja, demarcar o território, indicar o perímetro dentro do qual criaria os Céus. O que significa especificar as dimensões da construção material pelo perímetro que lhe é atribuído no Espaço. O raio e o diâmetro desse círculo, dentro do perímetro do qual Ele planejou criar os Céus, não são números desconhecidos para nós. A razão desse número, a partir do conhecimento da natureza do terreno cósmico, é perfeitamente compreensível; sobretudo tendo diante de nossos olhos o álbum de fotos que o Hubble nos oferece gratuitamente. Não nos esqueçamos de que, embora a foto astronômica se limite a nos oferecer

um instantâneo da matéria no tempo, os fenômenos que ela retrata são tão semelhantes aos fenômenos que observamos no mundo físico local que, por lógica, temos que deduzir do conhecido o que ainda está por conhecer. As nebulosas não se assemelham a tempestades atmosféricas? E não parece que ondas gigantes de energia as levantariam e as lançariam contra os sistemas estelares do nosso Universo?

222. Já entramos no cerne da questão. As galáxias geram, no Espaço Cosmológico Geral, poderosas correntes e ventos. Estes se deslocam e seguem as direções que lhes são marcadas pelas próprias galáxias. Mas não estamos falando apenas de matéria nebulosa. Aqui é preciso combinar a lei da curvatura da luz com o voo da energia cósmica. Melhor colocarmos de outra forma. Partamos de uma imagem mais simples. Transformemos as galáxias em canhões geradores de energia cósmica. Ao mesmo tempo em que a criam, elas a disparam para o Espaço Cosmológico Geral. Não abolimos a velocidade da luz dentro do campo galáctico; pelo contrário, mantemos seu limite. E enquanto segue seu caminho, à medida que gira em busca de sua rota para fora da galáxia, o jato de energia de uma estrela soma-se ao de outra, resultando, no final, na projeção para o Espaço Cosmológico Geral, não de feixes, mas de correntes de energia.

223. Esse fenômeno de multiplicação e concentração da massa de um feixe de partículas, criando uma corrente que se comporta como um núcleo rígido, foi observado em aceleradores de partículas. Verificou-se que a multiplicação quântica da matéria pela aceleração da velocidade do feixe inicial não cria novos feixes dispersos, de modo que cada um segue sua própria trajetória.

224. Fora do campo gravitacional galáctico, a aceleração das correntes de energia liberadas pela galáxia tende a aumentar à medida que se afastam de sua influência e a continuar crescendo à medida que se aproximam da próxima galáxia. Nesse sentido, a fonte de origem, a galáxia, comporta-se como o canhão no qual o feixe recebe sua energia inicial de voo cósmico, e o Espaço Cosmológico Geral como o acelerador no qual o feixe se multiplica e gera os núcleos duros criadores das correntes intergalácticas, na origem dos deslocamentos da matéria cósmica nebulosa de um lado para o outro. Essas correntes se movem no Espaço Cosmológico Geral da mesma forma que os rios traçam seus leitos contornando os sopés das cordilheiras e se lançam em linha reta quando o terreno o permite. A partir de nosso conhecimento hubbliano do Cosmos, podemos deduzir o número e a variedade de correntes que se movem no espaço intergaláctico, a quantidade de energia que transportam e as consequências sobre qualquer sistema que se cruze em seu caminho sem proteção contra sua frente de onda.

225. A Criação de Deus nesta forma dinâmica e estruturada, o Espaço Cosmológico Geral transformado em uma superfície sobre a qual poderosos rios de energia cósmica traçam seus leitos — o destino final dessas correntes é o Oceano! E esse Oceano, o que mais poderia ser senão o campo criador externo, em cujo seio ocorre a transformação da energia cósmica em matéria astrofísica? Mas antes de alcançarem seu destino, durante o trajeto desde suas fontes — as cachoeiras de origem — até o Oceano que transforma as correntes cósmicas em matéria astrofísica, essas correntes cósmicas se comportam como verdadeiros ciclones. Assim como o rio em cuja corrente uma árvore velha cai e é arrastada rio abaixo, da mesma forma as correntes cósmicas movem de um lugar para outro a matéria nebular intergaláctica. E da mesma forma que o vento segue seu curso ao se aproximar da montanha, mas descarrega sobre ela sua carga, assim também os rios de energia cósmica fazem o mesmo sobre as galáxias que contornam. Obviamente, não podemos detectar essas correntes, mas podemos deduzi-las a partir de nosso conhecimento da matéria e do que vemos com os olhos do Hubble.

226. Nosso Universo-Galáxia, a Via Láctea, se relaciona com o restante da Criação seguindo os parâmetros desse Movimento Cosmológico Geral. Visto de fora, nosso universo se comporta como a montanha sobre a qual o cosmos descarrega suas nuvens e de cujas entranhas jorra uma nova fonte de água eletromagnética que estende seu leito sobre o campo cósmico, recebe seus afluentes intergalácticos e avança entre as galáxias até alcançar seu destino. A origem das nebulosas está nesse jogo de interação, diante do qual — e pensando em suas dimensões — Deus conferiu ao nosso Universo as suas próprias dimensões.

CAPÍTULO 24. – ENGENHARIA ASTROFÍSICA DA CRIAÇÃO

227. A Inteligência Criadora se envolveu no jogo de ações e reações ao criar um Universo concebido para resistir ao peso das correntes cosmológicas. Ou seja, Deus ergueu a estrutura universal dotada de todos os mecanismos físicos necessários para superar as consequências do terremoto que sua própria criação viria a provocar. Deus também sabia que, assim como soldados que caem na vanguarda do combate, muitos astros do exterior do nosso Universo sucumbiriam sob o impulso das correntes intergalácticas. O que chamamos de Novas e Supernovas são esses guerreiros que caíram em combate e se desintegram em explosões fabulosas, que, por sua vez, são o berço dos cometas e meteoritos que atravessam os Céus. Paremos, então, por um momento na origem das novas e supernovas. E, a partir da quantidade de energia física que um núcleo denso é capaz de liberar, dada a semelhança entre o espaço cosmológico geral e um acelerador de partículas: se elevarmos o processo à dimensão astrofísica e aplicarmos a lei da influência mútua entre campo e luz, temos que concluir que um campo galáctico reage à ação de curvatura da trajetória das correntes cósmicas, acelerando o ritmo de rotação de seu cinturão estelar externo. Vamos aprofundar esse comportamento.

228. Assim como vemos na Criação de Deus, todos os sistemas de um corpo galáctico somam seus campos e criam um campo geral que reage como um todo diante do exterior. Já comparei anteriormente esse campo geral a um oceano, com base na Revelação. Partindo dessa semelhança e da comparação do campo universal com o volume contido em um copo de água, a ação das correntes cósmicas sobre o campo gravitacional se traduz na reação da água ao movimento da mão que introduz o dedo e o gira. Visto que todo corpo líquido possui um movimento próprio, natural ao corpo que o contém, a aceleração proveniente do exterior deve afetá-lo nas zonas externas, de onde se propaga para o interior, se for o caso.

229. Naturalmente, nem todos os corpos de um sistema reagem da mesma maneira diante de uma força externa. No caso dos sistemas estelares, essa lei simples é algo cotidiano. E como a transformação da gravidade em luz depende da velocidade de rotação do sistema — que é afetada pelo encontro com as correntes cósmicas —, os sistemas estelares externos, ao ficarem expostos à ação do dedo sobre a água, são constantemente acelerados; reação essa que alguns astros suportam perfeitamente, enquanto outros não conseguem suportar além de um limite crítico. Ao atingir esse limite, o freio de segurança sistemológico se rompe e o sistema escapa ao controle interno, rumando para sua destruição. O resultado é a explosão de uma nova. Isso quando se trata de um astro individual. E se o astro desencadear uma reação em cadeia que arraste todo o seu sistema para a destruição devido ao calor gerado pela combustão acelerada da gravidade, falaremos de supernova.

230. É a experiência que fala. A foto que demonstra. E a realidade que convence. Imaginemos que temos uma bola imensa; queremos fazê-la girar empurrando-a, mas não conseguimos; chamamos mais pessoas para nos ajudar e vamos nos unindo até forçá-la a girar. Assim que ela começar a girar, a força necessária para manter sua rotação constante será

menor, de modo que o efeito dessa mesma força sobre a bola será maior à medida que sua velocidade aumentar. Elevamos agora esse jogo simples à relação entre um astro e seu campo gravitacional. E concordamos que a rotação de um campo gravitacional é semelhante à de um corpo sólido no qual o astro ocupa o núcleo. Em seguida, comparamos a ação da corrente cósmica sobre esse corpo com a da força da mão sobre a bola. E já temos o efeito físico na origem das novas. Sempre concordando, antes de mais nada, que a curvatura de uma corrente cósmica, como a da luz, não ocorreria se essa corrente não tivesse massa. Se não tivesse massa, não teria peso; e se não tivesse peso nem massa, o fenômeno da curvatura da luz não poderia existir. Pois, do ponto de vista da óptica, é possível comparar a curvatura da energia cósmica ao entrar em contato com um campo gravitacional com a refração da luz. A trajetória dos cometas ao passarem pelo Sol nos ajuda a descobrir a estrutura óptica da curvatura que a energia cósmica descreve ao passar por um campo gravitacional. Mas, se, ao contrário da energia cósmica, sua curvatura não se altera, no caso dos cometas temos a resposta que transforma o campo gravitacional em uma realidade que se comporta, para efeitos físicos, como um corpo. E, como tal, gira com o astro ao qual pertence.

231. Sabendo-se que a idade das estrelas é medida pelo tempo que levam para consumir a energia de seu campo gravitacional — processo de consumo sujeito à velocidade de trabalho do transformador —, a lógica nos leva a acreditar na existência de uma lei reguladora entre as rotações de trabalho e o tempo de vida do sistema. A questão que aqui nos ocupa é como acelerar as rotações de trabalho do transformador astrofísico até o ponto de reduzir sua vida útil ao mínimo de tempo possível. A lógica nos diz que existe apenas uma maneira, que é fazer com que o campo seja excitado até o infinito, da mesma forma que o líquido contido em um recipiente transborda por ação centrífuga. Não é essa a ação cumulativa das forças diante da grande esfera de que falávamos? Pois estamos falando de correntes que se movem em resposta aos estímulos dos campos galácticos e à excitação desses campos sob tais respostas: o nível de excitação provocado será refletido na intensificação da produção de luz. Quanto maior a excitação, maior a intensidade da produção e menor o tempo de vida do sistema. Os fenômenos de intensificação cíclica e atípica dos sistemas estelares devem ser relacionados a esse comportamento universal.

232. Resumindo: no caso das novas e supernovas, a excitação refere-se ao aumento da velocidade de transformação até o infinito. Fora de controle, os mecanismos naturais de frenagem dos sistemas gravitacionais, a rotação do astro e do campo disparam e interagem até se consumirem, reduzindo milhões de anos a uma questão de segundos. Se falarmos de um sistema astrofísico simples, falaremos de Novas. E se for todo um sistema múltiplo que entra nessa dinâmica, falaremos de Supernovas. Tanto as umas quanto as outras ocorrem nos cinturões constelacionais externos, que são os mais expostos às correntes intergalácticas. Essas novas e supernovas estão na origem dos cometas; os cometas são lançados como projéteis de canhão que aumentam seu poder destrutivo à medida que acumulam espaço percorrido.

233. E, para concluir: tendo em mente essas três frentes de ação — nebulosas, novas e cometas —, Deus estruturou a distribuição constelacional em torno do Sistema Solar, simulando uma rede gravitacional cristalina contra cuja solidez se desintegra o perigo de interrupção da Evolução da Árvore da Vida na Terra. Os maravilhosos resultados positivos à vista não devem obscurecer os olhos de nossa inteligência ao percebermos que, de acordo com as dimensões astronômicas, Deus traçou aquele Círculo sobre a Face do Abismo, do qual Salomão nos falou em sua Sabedoria. O que o rei sábio e pacífico por excelência viu com os olhos de sua Sabedoria, nós, graças a Deus, vemos com os olhos de nosso rosto. Aglomerados e superaglomerados no cinturão externo, e aglomerados abertos e sistemas múltiplos no interno, combinam-se nesta rede gravitacional cristalina e constelacional sobre a qual ainda há muito a ser dito. Comecemos resolvendo o mistério da Origem dos Céus.

CAPÍTULO 25. – ORIGEM E CONSTITUIÇÃO DOS CÉUS

234. Entramos em uma das grandes questões: a origem das estrelas do Firmamento. Acredito que a resposta já tenha sido esboçada nas seções anteriores. A formação de estrelas, na medida em que constitui o objetivo da existência das galáxias, tudo leva à transformação do Cosmos no campo de matéria-prima do qual Deus extrai a matéria com a qual realiza Suas Obras. Como a criação de galáxias é constante, a massa total de matéria-prima que o campo cósmico coloca à disposição de Deus para realizar qualquer Obra não tem limites. Outra questão é como Deus extrai essa matéria estelar e a transporta de suas regiões de origem para o Universo. Nós, sabendo que a maneira de fazer as coisas depende sempre do Poder de quem as faz, e que a imaginação para fazê-las está em relação direta com a Inteligência daquele que se propõe a fazê-las, podemos falar de grandes rios percorrendo as planícies intergalácticas, conforme o Senhor das Galáxias julgar melhor e de acordo com suas necessidades de trabalho. Que outro Nome poderíamos dar àquele que as cria e as governa? Ou como submeteremos ao nosso critério as leis que as regem e as formas de comportamento das galáxias e de seus mares de estrelas diante da ação de seu Criador sobre seus corpos? Imporemos à imaginação Divina os limites naturais da nossa própria imaginação? Como poderíamos ousar comparar nossa maneira de viver, sentir, respirar, pensar, andar, trabalhar, planejar, tocar, amar, tratar, ordenar, rir, calcular... com as desse Ser na Origem do Cosmos? A partir dos limites naturais de sua realidade, como poderia a criatura julgar seu Criador sem demonstrar estar cometendo um ato de loucura? O princípio e o fim da inteligência humana é a admiração; ela nasce da admiração pela Criação para culminar na admiração pelo seu Criador. Tudo o que for dito além disso provém dessa semente que não estava no Homem e foi plantada em seu ser por uma força alheia à Criação de Deus, o que é assunto da Teologia. De qualquer forma, a grande questão da Origem nos leva diretamente à outra grande questão: a Constituição do Universo.

235. Do que foi lido até aqui, deduz-se que o Universo e o Cosmos são duas coisas diferentes. Essas duas coisas, unidas, formam a Criação de Deus, e, dentro dela, uma coisa é o Cosmos e outra coisa é o Universo. O Cosmos é o campo de matéria-prima do qual Deus se serve e, com a liberdade de quem é o Senhor, retira todos os materiais necessários para levar adiante Suas Obras. Quanto ao Universo, o Universo é o campo estelar onde Deus realiza essas Obras. Quando, portanto, Moisés nos fala da Criação do Universo, ele estava se referindo a esse campo estelar. Cuja Origem, como vimos, está nesse campo cosmológico do qual Deus faz jorrar rios de estrelas que percorrem as planícies intergalácticas e desaguam neste oceano universal, em cujas águas a Árvore da Vida lançou suas raízes. Árvore da Vida sobre a qual há muito a dizer, especialmente nesta fase de sua História. Sobre a Constituição do Universo, no entanto, nem tudo foi dito.

236. Obviamente, Moisés fala, em seu Relato da Criação, dos nossos Céus. E, ao fazê-lo, nos apresenta uma Realidade: Deus é seu Criador. Realidade que nos conduz a outra realidade: a Eternidade, essa Eternidade que implica o Infinito. Realidades cujo conjunto tem a humanidade como fruto, mas não o único dessa Árvore da Vida, à qual o Deus do Infinito e da Eternidade concedeu o Universo como campo de Origem e Crescimento. Essa conclusão final nos leva de volta à revelação do Filho desse Criador e Senhor do Cosmos e do Universo: “O Pai mostra ao Filho tudo o que faz e lhe mostrará obras maiores do que estas, de modo que vocês fiquem maravilhados”. Ao empregar o plural ao falar do Passado como reflexo do Futuro, o Filho de Deus nos revela que nossos Céus e nossa Terra — em definitiva, que a Raça Humana — não são a primeira Colheita que a Árvore da Vida produziu. Afirmação essa que encerra o dilema sobre a vida no Universo. Pois o Homem não é o primeiro nem será o último Fruto

dessa Árvore. Antes do Homem, outros mundos já haviam sido criados e, depois do Homem, novos mundos nascerão dos galhos da Árvore da Vida. “Os filhos de Deus”, dos quais fala a Bíblia, são o fruto dessas Obras que o Filho nos declarou que o Pai realiza. Não cabe divagar sobre as regiões de origem desses “filhos de Deus” no Universo. O fato é que o conhecimento de sua existência nos leva a uma nova maneira de encarar a Constituição dos Céus e do Universo em geral.

237. E essa forma tem a ver com a concepção do Universo. Ou seja, quando Deus o concebeu em sua Mente, qual foi a Ideia que lhe deu origem? Ele o criou para ser um campo no qual se ergue uma casa e, quando ela cai por estar velha, é demolida e outra é erguida? Ou o criou para ser construído ao longo do tempo, da mesma forma que quem possui um terreno o cultiva e transforma à medida que o tempo passa? Criou os Céus que circundam a Terra e são o berço da Raça Humana para que fossem varridos do Universo pelo tempo, ou criou os Céus para que permanecessem eternamente?

238. E, considerando essa última alternativa e sabendo que a criação de um Mundo introduz no Universo um conjunto de problemas constitucionais de magnitude astronômica, como vimos nas seções anteriores, o Universo não seria um campo continuamente sujeito a uma definição criadora de suas regiões, em razão da transformação dessas regiões em zonas de Origem de Mundos? Voltemos ao Princípio do Universo para definir melhor essa criação constante da geografia universal.

239. Tendo criado o Cosmos como região produtora de Galáxias — e sendo estas fábricas de estrelas —, Deus pensa na Vida e concebe um oceano estelar que crescerá continuamente, e sob cujas Águas a Vida lançará suas raízes, desdobrará sua Árvore e dará seu Fruto. Assim, Deus inaugura o Princípio das origens dos Mundos, direcionando rios de estrelas de todas as partes do campo cósmico, que atravessam, desde suas fontes nas cordilheiras galácticas, as planícies cosmológicas e desaguam em um espaço concreto, onde criam um Oceano de estrelas: o Universo. Um Universo, a princípio amorfo e de certa forma selvagem, no qual os aglomerados e os superaglomerados se associam e se dissociam, e as correntes estelares se movem sujeitas às forças que se manifestam no interior desse Oceano de estrelas que, em torrente, desaguaram nas margens do Universo. Mas o objetivo desse movimento é semear a Vida e colher seu Fruto; o horizonte que Deus estende ao Universo é o Infinito; e a duração é a Eternidade. Assim, durante cada Ato Criador, Ele estende Sua Mão sobre uma Zona do Universo e lhe dá forma, a esculpe, a identifica, confere-lhe propriedades, dando forma ao amorfo, tornando identificável o que não possuía identidade própria. Dentro desse Processo de Criação contínua do Universo e como resultado desse movimento nasceram nossos Céus. A questão fundamental — se os Céus de nosso Firmamento foram criados para permanecer ou para serem varridos do espaço como um castelo de areia quando a maré sobe — tem uma resposta decisiva e definitiva: ao criá-los e por meio de sua criação, Deus deu forma e identidade a uma região do Universo Geral. Acredito que, em Seu Livro, Ele tenha inserido, de maneira discreta, a expressão: “os Céus dos céus”, onde o Universo é identificado com uns Céus que abrigam muitos céus, cada um deles, à imagem e semelhança do nosso, berço e origem de outros mundos que existiram e de outros que ainda virão, cada um com sua região singular. Esse aspecto nos leva a outra questão: a navegação pelo Universo.

240. A tendência de crescimento até o infinito que Deus conferiu ao Universo pressupõe e implica a necessidade de uma cosmografia universal que permita a navegação interna por meio da identificação à distância das regiões que o compõem. Deus é livre e poderoso para fazer o que a maré faz com o castelo de areia, mas não concebeu o Universo assim. Ele poderia ter reunido em um livro a História e a Constituição celeste de cada Mundo, mas, em Sua Mente, o que Ele concebeu foi que essa História e essa Constituição permanecessem eternamente, tornando-se os Céus as letras desse Livro universal, onde cada Capítulo trata da Criação de um

Mundo e de suas coisas. Não são belas as linhas sobre as quais as estrelas se ordenam para escrever esta mensagem à criatura humana: Infinito + Eternidade = Deus?

FIM DA HISTÓRIA DIVINA DE JESUS CRISTO 2026

DIGITALIZADO POR ***RAÚL PALMA GALLARDO***

(RPI . Z-229-20)

info@cristoraul.org